
MAYARA SILVA
DÉBORA SILPER
UM AMOR INESPERADO
LETÍCIA ARAÚJO
LARISSA EUFRÁZIA

# UM AMOR INESPERADO

Direitos autorais © 2025 Mayara Silva; Débora Silper;  Letícia Araújo e  Larissa Eufrázia

Capa: Adácia Raquel
Revisão: Natália Maia
Diagramação: Débora Silper

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

ISBN-13: 9781234567890
ISBN-10 1477123456

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2018675309

# Índice


Direitos autorais
Dedicatória
Nota das Autoras
Amor Que Floresce
Agradecimentos
Tempo Para Amar
Agradecimentos
Todas as Minhas Cartas de Amor
Agradecimentos
Debaixo do Mesmo Céu
Nota da Autora
Agradecimentos
Sobre o autor
Sobre o autor
Sobre o autor
Sobre o autor
Livros deste autor

# *Dedicatória*

A todos que buscam um amor
*que transcende, Cristo é a resposta.*
*Permitam que Ele os guie nesse caminho,*
*e então o amor verdadeiro se revelará no tempo perfeito.*

# Nota das Autoras

Escrevemos essa nota para expressar completa gratidão a Deus por sua bondade e misericórdia. De fato, foi um desafio para nós concluirmos “Um Amor Inesperado”, passamos por momentos difíceis, mas em tudo o Senhor nos sustentou.

Era uma tarde qualquer de agosto quando Larissa com sua mente brilhante apareceu em nosso grupo e disse “gente, vamos criar uma antologia? Seria uma das ações para nosso projeto ‘Nos Leve Para FEFICC em 2025’.” E como a Débora sempre diz “o pior do doido é andar com alguém mais doido que ele”, todas aceitamos e começamos a escrever.

Nossa antologia surgiu de forma inesperada, assim como nossa amizade e nossas histórias. Mas Deus é especialista em cruzar caminhos e unir propósitos, e o inesperado Dele acontece quando não imaginamos. Realmente não podíamos imaginar que Ele faria além do que imaginávamos.

Queremos que quando você leia, abra seu coração e permita que Deus esteja com você, porque cada palavra escrita foi inspiração Dele.

Que esta história seja um lembrete de que os planos de Deus são sempre perfeitos e que o amor inspirado pelo Espírito Santo, pode acontecer de forma inesperada e transformar qualquer coração.

Mayara, Débora, Letícia e Larissa.

# Amor Que Floresce

# Amor Que Floresce

Mayara Silva

Para aqueles que ainda esperam pelo amor:
Não desistam! O tempo de Deus é perfeito.
Mantenham-se fiéis, orando e cultivando
seu relacionamento com Ele.
O amor verdadeiro chegará
quando menos esperarem.

"Pessoas apaixonadas são destinadas a se encontrar.
Não importa o quão longe você viaje, no final,
vai voltar.” — Pousando no Amor.




# Lisa Alencar

*Como em Pousando no Amor*

É mais um dia de trabalho na floricultura da Dona Rosalinda, e, como sempre, o calor está intenso em nossa cidade, Florália. O mês de julho sempre me faz suar ao extremo, é por isso que prefiro os dias chuvosos e o tempo refrescante.

Ainda assim, me sinto grata por trabalhar em um lugar tão acolhedor, onde o amor transborda e o cheiro das flores inunda cada canto da loja. O nome “Perfume das Flores” faz jus ao ambiente doce e tranquilo, que parece trazer paz à alma de quem entra.

Eu poderia descrever o ambiente com perfeição, mesmo de olhos fechados. Os vasos e arranjos de flores coloridas, espalhados por todos os lados, preenchem o lugar com uma explosão de vida. Do lado de fora, alguns vasos, cuidadosamente dispostos em pequenas mesas e suportes de ferro, parecem convidar as pessoas a entrar, com suas cores vibrantes contrastando com o simples piso de pedra da calçada.

No centro da loja, uma robusta mesa de madeira rouba a cena, com vasos de porcelana exibindo belos arranjos de rosas-vermelhas, margaridas brancas e lírios azuis. Para mim, ela poderia ser considerada o coração da floricultura. Ali, as paredes de um marrom-claro aquecem o ambiente, dando a impressão de que o espaço, apesar de compacto, é aconchegante e cuidadosamente planejado. Acima, uma luminária suspensa lança uma luz suave, espalhando um brilho acolhedor por todo o local. Toda essa decoração é o que cria a harmonia perfeita entre delicadeza e elegância que o lugar emana.

Depois de me formar em Turismo na Universidade Federal de Florália, percebi que minhas oportunidades aqui seriam muito escassas e, como não gostava muito da área, fui atrás de outros empregos. Por sorte, encontrei esse, que se tornou meu segundo lar. O salário pode não ser alto,

mas é o suficiente para viver bem com minha mãe.

Trabalhar aqui é uma dádiva. A Sra. Rosalinda e o Sr. Florêncio são verdadeiros servos de Deus, e a cada dia me sinto mais abençoada por fazer parte deste lugar. Já faz um ano que estou aqui, na Perfume das Flores, e não poderia estar mais grata com a oportunidade.

— Bom dia, Dona Rosalinda — digo, assim que a proprietária da loja entra.

— Bom dia, Lisa. Como está? — Ela me cumprimenta, e, agitada como sempre, deixa a bolsa sobre o balcão de madeira, e vai logo cheirar as flores que estão na mesa do centro da loja.

— Estou bem, e a senhora? — respondo, enquanto pego um vaso e alguns ramos de flores, me preparando para montar um arranjo.

— Também estou, querida.

— O senhor Florêncio não vem hoje?

Rosalinda não me responde de imediato, ao invés disso, vai até a gaveta do balcão e tira um papel kraft para montar um buquê. Depois de alguns minutos, ela olha para mim.

— Não, querida. Hoje ele ficou para cuidar do jardim de casa. — Ela responde, e então sorri. — Como está a Dona Liliane?

— Está bem, graças a Deus. Só amanheceu um tanto… questionadora hoje, nunca a vi assim. — Fixo meu olhar em um ponto específico, ainda pensando sobre o que minha mãe falou. Era certo que suas palavras me atingiram em cheio.

— O que aconteceu?

Respiro fundo, terminado de dar os últimos detalhes no arranjo em que estou trabalhando.

— Hoje de manhã, ela veio com algumas perguntas desconfortáveis, como: "*Já tem algum pretendente, Lisa?", "Você não acha que está na hora de conhecer alguém?*" — digo, um tanto incomodada e desconfortável por ter sido confrontada daquela maneira.

— Ah, querida! — Ela solta uma risadinha divertida, mas logo me encara com um olhar mais sério. — Você acha que ela está errada?

Paro o corte nas flores no mesmo momento em que as palavras surgem e a encaro.

— Dona Rosalinda, eu sei que já passei dos 20 anos, mas não vou sair por aí anunciando "*Olá, sou Lisa Alencar, tenho 26 anos e estou solteira! Que tal nos conhecermos?*". Tenho princípios, e não vou entregar meu

coração ao primeiro que aparecer.

— Está certa de guardar seu coração somente para aquele que será seu futuro marido. Mas como você pretende conhecer alguém se só sai de casa para o trabalho e para a igreja?

As palavras de Rosalinda me atingem como um choque de realidade, mas finjo naturalidade, tentando disfarçar o quanto já estava cansada daquela conversa.

— Sinceramente, prefiro meus livros de ficção cristã. Estou bem sozinha.

— Eu dizia o mesmo antes de conhecer o Florêncio, sabia? Quase o perdi por puro capricho, mas ele foi tão convicto em me conquistar que, no fim, não resisti. Não só por sua gentileza, mas pelo amor que tem por Jesus e pela obra de Deus. — Seus olhos brilham, um brilho que só quem ama de verdade tem.

— Perdoe-me, mas o senhor Florêncio é uma raridade. Não acredito que eu vá encontrar alguém piedoso como ele — digo, desviando o olhar para um vaso de flores enquanto Rosalinda ri.

— Querida Lisa, você é uma mulher virtuosa, cheia de qualidades que ama o Senhor acima de tudo. Tenho certeza de que encontrará um homem piedoso, como o meu Florêncio. Você é uma verdadeira mulher de Provérbios 31:10[1].

Algumas lágrimas traiçoeiras embaçam minha visão. A verdade é que eu queria alguém para amar, e queria ser amada por alguém. Eu ansiava pelo momento em que encontraria um homem piedoso e cheio de Deus, mas não estava tão desesperada assim, aprendi a esperar com paciência no Senhor, e é exatamente o que vou continuar fazendo.

Em meu livro favorito, “Orei por Você”, da Kell Carvalho, tem uma frase que diz: *“Devemos somente esperar no Senhor e eu posso te garantir que Deus é perfeito, te trará o melhor dessa terra”*. E é justamente nisso que eu acredito. Enquanto permanecermos fiéis e obedientes a Deus, Ele sempre nos dará o melhor dessa terra.

Enxugo as lágrimas com o dorso da mão e volto para a conversa.

— Obrigada pelas suas palavras, Dona Rosalinda, mas se sou a mulher de Provérbios, então que o meu futuro marido trate de me encontrar. — Brinco, arrancando uma gargalhada dela. Não consigo conter o riso também.

Depois de alguns momentos de risadas, Rosalinda retoma a conversa:

— Eu amo o seu jeito, menina. — Ela desliza a mão pequena pelos meus cabelos. — Não tive a bênção de ter meus próprios filhos, mas acredito que Deus tinha um propósito ao trazer você para a minha vida. Amo você como se fosse minha filha e sempre pedirei ao Senhor que lhe conceda o melhor desta terra. Quem sabe eu não começo uma campanha de oração para que o seu futuro marido apareça logo? Só espero que ele não seja tão devagar quanto o Mateus.

Ela ri, e eu a acompanho, pois entendo a referência do livro “Três Fatias de Amor", da autora Ana Souza. Quando o personagem principal, Mateus, tenta declarar seus sentimentos por Débora, mas quase a perde pela sua lentidão.

Assim como eu, Rosalinda também é uma leitora assídua. Somos duas apaixonadas por ficção cristã.

A cada dia, agradeço a Deus por ter pessoas tão abençoadas como Rosalinda e Florêncio ao meu lado. Eles foram feitos um para o outro. Ela é linda demais, com seus cabelos curtos que misturam o negro com os fios brancos, levemente prateados, estatura mediana e rosto de pele branquinha, realçado pelos óculos, que transmite serenidade e acolhimento.

Já o Sr. Florêncio, embora seja uma das melhores pessoas que já conheci, possui um ar um pouco mais sério e elegante, sempre marcado pela sabedoria de suas palavras. Sua estatura é a de um homem alto, embora, com a idade, tenha diminuído um pouco. Ainda assim, ao lado de sua esposa, ele continua sendo uma figura imponente.

O Sr. Florêncio sempre foi como um pai para mim e dono dos melhores conselhos, atrás, é claro, de Dona Rosalinda.

Olhando-a, um aperto toma meu peito. Não posso imaginar o dia em que não trabalharia mais com essas duas pessoas maravilhosas. Mas, infelizmente, essa realidade pode estar próxima.

Florêncio e Rosalinda já estão cogitando se aposentar, devido à idade avançada e, sem filhos para darem prosseguimento ao negócio, provavelmente, a Floricultura será colocada à venda. Entendo que eles já são idosos e que precisam de descanso, mas não consigo deixar de ficar triste com esse futuro.

— Vamos ao trabalho? — Rosalinda volta a falar, me tirando de meus pensamentos.

— Vamos! Graças a Deus, hoje parece que será movimentado, como sempre — digo, ao avistar as pessoas se aproximando da loja.



Com o fluxo intenso de clientes, o dia passa rápido na floricultura. E, quando o expediente finalmente acaba, me sinto exausta.

— Até amanhã, Dona Rosalinda — digo, despedindo-me com um sorriso.

— Até amanhã, querida. E nada de ficar lendo até tarde!

Sorrio e me aproximo, deixando um beijo terno na sua bochecha antes de sair da floricultura.

— Pode deixar.

Ao caminhar pelas ruas de Florália, observo o vai e vem das pessoas. A cidade pode não ser grande, mas há algo de especial em sua atmosfera acolhedora, que a faz parecer maior do que realmente é.

As pessoas sempre se encantam com a simplicidade charmosa das ruas, que estão constantemente limpas e bem cuidadas. As lojas, com suas vitrines caprichosamente decoradas, parecem sorrir para quem passa, assim como a cafeteria Doce Aroma, meu refúgio favorito. Adoro me perder ali com uma boa leitura e uma xícara de café. Florália é meu lar, e não a trocaria por outra cidade, estado ou país.

Apesar do cansaço visível no rosto dos moradores, há sempre um sorriso ou um olhar gentil trocado nas esquinas. Algo nesses gestos simples aquece meu coração, fazendo-me sentir em casa, mesmo em meio à rotina agitada da cidade.

Depois de uma caminhada de quinze minutos, passo pelo portão de casa, observando por alguns segundos as paredes em um tom verde-escuro e as janelas amplas de vidro com moldura branca, que contrastam perfeitamente com o jardim cheio das mais variadas espécies de flores de mamãe. Ela é apaixonada pela natureza, assim como eu.

— Mãe, cheguei! — Anuncio, fechando a porta atrás de mim.

— Estou na cozinha, Lisa!

Vou atrás dela e a encontro sentada, com a Bíblia aberta sobre a mesa. Assim que me vê, ela a fecha rapidamente.

— Como foi o dia, Florzinha? — diz, usando o apelido que havia me dado na infância.

— Cansativo, mas muito produtivo.

Puxo uma cadeira, a fim de me sentar e descansar as pernas depois da

longa caminhada até minha casa.

— Lisa… — mamãe chama minha atenção para si, depois de alguns segundos em silêncio. — Me perdoe por hoje de manhã, filha.

Minha mãe e eu temos uma união inabalável e, embora suas palavras tenham martelado na minha cabeça o dia todo, no fundo, eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ela iria me questionar sobre esse assunto.

— Não precisa pedir perdão, mãe.

— Preciso, sim. Sei que minhas perguntas te incomodaram, e a última coisa que quero é te pressionar. Logo, eu, sua própria mãe!

— Está tudo bem, eu juro. — Abraço-a com algumas lágrimas já descendo sobre meu rosto.

— Oh, minha filha, não precisa chorar, se não eu choro junto. — Mamãe diz, já emocionada.

— Queria que papai estivesse aqui — digo, com a cabeça encostada em seu ombro.

— Eu também, querida. — Sua voz falha, embargada pelas lágrimas. — Se ele nos visse nesse estado, provavelmente estaria chorando conosco, sem saber o motivo. — Rimos juntas de sua fala.

Nunca poderia me esquecer de papai. Ele era alto, de cabelos castanhos claros, olhos da cor de mel e um sorriso inigualável… como eu amava aquele sorriso.

Mamãe sempre diz o quanto me pareço com ele. Sou mais baixa que papai, meus cabelos são castanhos claros, longos e ondulados e meus olhos, embora mais escuros que os dele, mantêm o mesmo brilho. Claro, herdei o sorriso de papai, aquele belo sorriso que, ao chegar do trabalho, iluminava a casa com sua alegria.

— Sabe, mãe, sempre admirei sua força e coragem.

Desde que papai faleceu naquele trágico acidente de carro, quando eu tinha apenas 17 anos, minha mãe tem sido meu guia e proteção. Ela dedicou tudo para que nada nos faltasse, e seu exemplo me inspira a cada dia.

— Se tenho essa força e coragem, foi Deus que forjou, minha filha. — Ela suspira, e então abre um sorriso de gratidão em seus lábios. — Eu sofri muito com a perda de seu pai e, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos, decidi confiar e crer que tudo aquilo passaria e que a alegria viria pelo amanhecer.

— Obrigada, mãe — digo emocionada, o que a faz me olhar com a expressão franzida.

— Qual o motivo do agradecimento, Florzinha?

— Por sempre me ensinar que, independente da circunstância, o Senhor é a nossa fortaleza e segurança, e que, nEle, somos mais que vencedores.

Mamãe me olha com lágrimas nos olhos e retorna a falar.

— Sabe Lisa, você sempre será minha menina, não importa o quanto cresça. Estarei sempre aqui, sendo seu porto seguro.

Eu a abraço de novo e ficamos assim por alguns minutos, aproveitando o calor reconfortante do momento.

— Oro ao Senhor, para que lhe conceda um marido tão piedoso quanto seu pai era. Um marido que ame ao Senhor acima de tudo. Que saiba cuidar de seu coração. — Mamãe diz, acariciando meus cabelos.

— Oro por isso também, minha mãe. E creio que o Senhor ouvirá nossas orações.

— Chega de chorar por hoje. — Mamãe se afasta um pouco e começa a limpar as lágrimas do meu rosto. — Você deve estar faminta depois de um dia de trabalho.

— Estou morrendo de fome! — confesso, rindo.

— Fiz o seu prato preferido.

Meus olhos se iluminam ao ouvir isso, já imaginando a delícia que mamãe havia preparado.

— Bife acebolado?

— Sim, bife acebolado.

Dou pulinhos de alegria e mamãe ri ao me ver tão animada. O dia foi cheio de emoções, e o jantar traria um toque de conforto ao fim da noite. Acompanho minha mãe até a cozinha e juntas, fazemos nossa agradável refeição.

Assim que termino de comer, subo para o meu quarto, pronta para tomar um banho e relaxar.

Depois do banho, visto meu pijama cheio de corações, oro e me deito na cama. Olhando para o teto do meu quarto, cheio de estrelas, que, ao apagar das luzes, brilham como vaga-lumes, meus pensamentos começaram a vagar.

— Onde será que você está, futuro marido? — digo para mim mesma, sorrindo. — Não demore muito, ou a mamãe e a Dona Rosalinda vão acabar te encontrando.

Dou uma risada, achando graça de minha piada. Sei que o Senhor tem planos para cada pessoa e que, no momento oportuno, Ele faz acontecer, se

soubermos esperar com paciência.




*De Volta Às Raízes*

Depois de horas de voo, e uma confusão com minha bagagem, que foi pega por outro passageiro, me rendendo uma boa dose de estresse, finalmente cheguei em minha cidade natal.

Chego na casa onde me hospedaria durante três meses, tomo meu banho e então vou direto para a cama, ansiando por um descanso mais do que merecido depois da longa viagem.

Sem aguentar as lamúrias de Appa[2], sobre ter que me casar logo para herdar a empresa por completo, resolvi tirar férias por uns bons meses, para não enlouquecer de vez. Já não estava conseguindo ficar ao lado dele, era sempre a mesma conversa: casamento para cá, casamento para lá. Eu estava à beira de um colapso.

Ele estava ficando cada vez mais velho, e, por eu ser o único filho, Appa acha que só quando me casar estarei apto para ter a empresa em meu nome. Segundo ele, um homem casado é mais bem-visto pela sociedade.

Claro, se Omma[3] ainda estivesse conosco, tudo seria bem mais fácil de suportar, se aquela trágica doença não a tivesse levado… quanta saudade sinto dela.

Escolhi a cidade onde nasci para me reconectar com as raízes de Omma. Após sua morte, me distanciei de tudo o que me lembrava dela, mas, quando a saudade se tornou mais forte do que nunca, percebi que era hora de visitar o lugar que ela sempre amou. Também sabia que precisava encontrar Florêncio, um amigo próximo da família que sempre me ajudou na adolescência. Agora, mais do que nunca, preciso de alguém para conversar, e ele é a pessoa certa.

Florália tem um lugar muito especial em meu coração, pois foi onde passei minha infância e o começo da minha adolescência. Fui embora com

meus pais para a Coreia do Sul, quando tinha 16 anos, devido a uma oportunidade de emprego oferecida para Appa.

Eu adorava a Coreia, realmente adorava, mas sentia falta de minha outra cultura, de ter um pedaço de minha mãe comigo. Pretendo aproveitar ao máximo minha estadia aqui, sem a correria do escritório e suas responsabilidades, sem Appa me importunando, quero ser apenas uma pessoa… normal.

Ouço meu celular tocar, me despertando de meus pensamentos. Olho para o visor e suspiro quando vejo que é Appa me ligando, sei exatamente o porquê. Encaro a tela do celular até que a chamada seja encerrada. Vim para Florália sem comunicar nada à ele, pois sabia que, em hipótese alguma, me permitiria viajar. Estou me sentindo um foragido, mas por enquanto, irei ignorá-lo o máximo que puder.

Depois de muito pensar, decido dormir, já que no dia seguinte iria à procura de Florêncio. Muitos anos se passaram desde a última vez que nos vimos. Prevejo que nossa conversa será bem… intensa. Já que ele não sabe dos últimos acontecimentos…



Depois de uma noite que renovou minhas forças e ânimo, me sinto ótimo. Abro o guarda-roupa de madeira do quarto e pego uma toalha para tomar banho. Minutos depois, abro minha mala para organizar as roupas que trouxe, aproveito e tiro um moletom cinzento para vestir, penteio os cabelos com as próprias mãos, pego minha carteira e saio da casa que aluguei.

Não gosto de me hospedar em hotéis, na verdade, não gosto de estar em lugares lotados de pessoas. Então, pensando em meu sossego, optei por essa casa que fica em um ponto mais tranquilo de Florália.

Enquanto caminho pelas ruas, percebo como a cidade não mudou muito depois de quatorze anos, suas ruas ainda continuam limpas como antes, mas alguns novos estabelecimentos foram construídos, enquanto outros antigos apenas foram reformados, como o supermercado Alvorada, onde eu e mamãe sempre fazíamos compras…

Solto o ar preso em minha garganta ao me lembrar dela. Queria poder ter tido a chance de tê-la comigo nesse momento, mesmo que fosse para brigar por comer besteira demais ou por deixar sua cozinha toda suja, depois

de tentar fazer mais uma receita.

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. A saudade que sinto dela é tão profunda que parece ter se enraizado em minha alma. Cada lembrança dela é uma faca que corta meu coração, lembrando-me do que perdi. A ausência dela é um vazio que não consigo preencher, um silêncio que ecoa em minha mente. Sinto falta do seu sorriso, da sua risada, do seu abraço… sinto falta de tudo nela.

Pergunto-me se algum dia conseguirei superar toda essa dor, que insiste em esmagar meu peito.

Com a visão um pouco embaçada, devido às lágrimas, avisto uma cafeteria de longe, que tem por nome Doce Aroma. Me aproximo, e então vejo como ela é bonita exteriormente.

Paro na porta, limpo os resquícios das lágrimas em meu rosto e entro, com o barulho do sino anunciando minha chegada.

— Bom dia! — A mulher que trabalha no café diz.

Apenas me curvo em forma de cumprimento. Faço meu pedido e então vou em direção a uma mesa de madeira. Sento-me na cadeira e fico observando o interior da cafeteria, com suas paredes de uma cor verde, a vitrine que deixa expostos os vários bolos, doces e pães e a luminária que ilumina o ambiente. A cafeteria deve ter sido construída quando fui embora de Florália, pois não existia nenhuma aqui antes.

Enquanto aguardo o pedido, ouço um sussurro, alguém recitar um dos versículos que sempre ouvi minha mãe falar em suas manhãs devocionais: “*No dia em que eu temer, hei de confiar em ti”*. A voz, que deduzo ser de uma mulher, é suave e mansa.

Quando a ouço falar pela primeira vez, lembro instantaneamente de mamãe e, sem minha permissão, lágrimas turvam minha visão mais uma vez. A voz repete mais duas vezes, e então não consigo mais segurar minhas lágrimas.

Tudo o que vivi com Omma, vem como uma avalanche, deixando meu peito apertado e minha garganta seca. Ainda lembro de nossa última conversa, há quatro meses atrás, quando ela ainda estava no leito do hospital. Ela pegou minhas mãos e as entrelaçou nas suas, que já estavam sem forças, e então recitou as palavras que até hoje vivem em minha memória.

*— Meu precioso, Hyun… Deus sabe o quanto eu o amo. — Omma diz, com um sorriso cansado e lágrimas molhando seu rosto. — Quando você nasceu, louvei ao Senhor pela dádiva de ser mãe… de ser a sua mãe. Você cresceu e hoje é um homem grande, um homem de Deus. Sempre te ensinei que o amor lança fora todo o medo e que nossa confiança em Deus sempre tem que persistir diante de qualquer circunstância. Você deve ser forte nesse momento, meu menino, para, assim, continuar sua vida e… formar uma família.*

*Ela respira, cansada. Sua fragilidade me parte o coração.*

*— Nunca se afaste de Jesus, Hyun. Pois só com Ele você conseguirá superar todas as coisas…. inclusive a minha ausência. Jesus é o nosso viver, então viva para Ele, meu filho… — sua voz enfraquece, e percebo o esforço em cada uma de suas palavras. — Eu te amo até a eternidade… meu Min Min."*

*Essas foram as últimas palavras pronunciadas antes de o monitor cardíaco do quarto emitir seu som monótono e interminável. O bip do aparelho foi como um gatilho que liberou o choro que eu vinha contendo.*

*Lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto enquanto eu me inclino sobre ela, sussurrando seu nome em desespero.*



A verdade é que deixei o medo, a angústia e o vazio me preencherem. Depois de sua morte, eu não conseguia mais me prostrar diante de Deus e clamar pela sua misericórdia. Eu apenas deixei que o tempo passasse e me levasse, como o vento leva a areia do deserto de um lugar para o outro. Me senti sem força nenhuma para me ajoelhar e clamar por ajuda. Durante esses quatro meses, é assim que vivo, pois a única coisa que ouço sem parar é o som daquele monitor.

Me perco tanto em minhas memórias que nem vejo quando a atendente chega com meu pedido e o deixa sobre a mesa. Limpo meus olhos antes de começar a tomar meu café puro e comer meu pão de queijo, tentando não pensar muito nas minhas dores.

Quando finalmente termino minha refeição, me levanto, decidido a ir embora e andar pela cidade. Estou prestes a sair da mesa quando ouço a mesma voz de antes dizer:

— Não acredito que esqueci minha carteira…

Na tentativa de matar minha curiosidade e descobrir de quem é aquela voz, me viro devagar e vejo uma mulher a apenas duas mesas de distância, com cabelos longos e uma blusa roxa, ou seria lilás? Não sei ao certo. Ela está inquieta na cadeira, conversando sozinha, parecendo devastada por esquecer o objeto.

Me levanto e vou até o balcão, sorrindo para a atendente. Pergunto quanto foi meu café e então lhe dou o dinheiro. Me viro uma última vez para a mulher de cabelos longos e a vejo com os cotovelos na mesa e as mãos na cabeça. Ela parece desesperada e, por algum motivo, aquilo me faz rir.

A mulher do café volta com meu troco, mas não percebo sua chegada. Ao me virar, ela franze a testa, rapidamente disfarço meu sorriso.

— Mais alguma coisa? — pergunta, olhando alternadamente para mim e para a mulher que está sentada.

— Pagarei o pedido dela. — Aponto para a mulher de cabelos longos.

— Como?

— Vou pagar o que ela pediu. — Explico lentamente, indicando o local onde a moça se encontra, e nesse momento vejo o perfil de seu rosto. Ela é tão bonita que me faz querer passar o dia aqui, apenas a observando.

— Ah sim! Tudo bem. — A atendente dá um sorrisinho insinuante, e eu detesto aquela atitude.

Para evitar mais perguntas, pago a conta, me despeço da mulher à minha frente e deixo a cafeteria.

Antes de voltar para a casa, aproveito e vou até o supermercado para comprar o famoso macarrão instantâneo apimentado e alguns acompanhamentos.

Eu havia acabado de passar pela porta de vidro do lugar, quando sinto na pele pingos de água. Frustrado, decido voltar para comprar um guarda-chuva, ao invés de me arriscar a ir sem um para casa.

Entro novamente, procuro por guarda-chuvas e depois de muito tempo, finalmente encontro o lugar em que eles ficam. Por sorte, há apenas um azul disponível.

Antes de sair pela porta novamente, vejo uma pessoa agachada em

um canto. Ao me aproximar, percebo ser uma mulher, e coincidentemente, ela está com a mesma cor de blusa da mulher da cafeteria, e seus cabelos são iguais.

Me aproximo dela e fico ao seu lado esquerdo. Pergunto se está tudo bem, mas não recebo resposta. A mulher que antes limpava os tênis agora está estática. Repito a pergunta, mas ela continua em silêncio. Alguns segundos se passam até que ela levanta a cabeça lentamente em minha direção. E é nesse momento que abro os olhos, surpreso: sim, é a mesma mulher da cafeteria.

Ela me encara e então contemplo, por pouco tempo, seus olhos castanhos. Que olhos profundos e brilhantes eram aqueles? Céus…

Enquanto se levanta devagar, sem jeito e um tanto confusa, enfim responde:

— É… está bem… — contenho a vontade de rir da confusão em sua fala. — Quer dizer, estou bem. — Ela reformula.

— Está tudo bem mesmo? Você me parece nervosa. — Ela murmura que sim e se despede rapidamente, tentando ir embora, debaixo da chuva.

A mulher dá alguns passos e, no automático, seguro em seu braço. Percebo seu espanto com aquele gesto, solto-o e peço perdão pelo susto que causei. Olho para o céu e percebo que a chuva aumentou de intensidade. Explico que, se ela sair, provavelmente vai se molhar toda

— Não se preocupe, o lugar onde trabalho é logo ali.

Percebo a mentira pelo jeito confuso e relutante de suas palavras. Iria sugerir que comprasse um guarda-chuva, mas lembro que ela esqueceu sua carteira e que eu comprei.

Obviamente, não iria deixá-la ir debaixo daquele temporal. Ergo minha mão com o guarda-chuva para que ela pegue. Ela alterna seu olhar entre mim e ele, indecisa e espantada. Explico que só fui comprar algumas coisas, mas que ela irá trabalhar, por isso ofereço o objeto. Depois de um tempo relutante, ela enfim pega o guarda-chuva da minha mão.

— Muito obrigada, pela gentileza! — Ela agradece e então me sinto melhor em saber que chegará em segurança, onde quer que o trabalho dela seja.

Olho para ela uma última vez, coloco as sacolas na cabeça e saio no meio da chuva.




# Lisa Alencar

*Faça Chuva ou Faça Sol*

Hoje acordo bem mais cedo do que o habitual, como se o dia estivesse me chamando para uma nova aventura. Após um banho revigorante, aproveito para cuidar da minha pele com minha rotina de skincare, um ritual que me faz sentir renovada e pronta para enfrentar o dia.

Escolho uma calça jeans que se molda confortavelmente às minhas pernas e uma blusa de gola alta na cor roxa, cujas mangas longas dançam suavemente ao meu redor. Completo o look com um par de tênis brancos, práticos e estilosos.

Diferente dos outros dias, o céu amanheceu nublado, uma mudança que, de algum modo, traz uma certa serenidade. O clima fresco é perfeito para deixar meus cabelos longos soltos, permitindo que eles caiam livremente pelos ombros, aproveito e coloco meu lacinho branco.

Ao olhar para o espelho, contemplo como a blusa roxa combinou perfeitamente com o jeans da calça e a maquiagem, que, embora simples, realçava minha beleza natural. É impressionante como um pouco de corretivo, um toque suave de rímel nos cílios e um gloss rosa, que adicionava um brilho discreto aos meus lábios, faziam tanta diferença.

— Obrigada, dia nublado. — Agradeço com um sorriso, terminando de me analisar.

Como uma fã da moda coreana, desde meu primeiro contato com os K-dramas, sempre adquiro peças mais sofisticadas, buscando um equilíbrio entre conforto, estilo e modéstia.

Me vestir como as coreanas me faz sentir como se estivesse em um K-drama, onde a vida é repleta de cores e emoções. No entanto, por um instante, a fantasia se desfaz diante da realidade, onde não há um príncipe encantado para me proteger da chuva, como nas minhas cenas preferidas, em que sempre aparece um herói com um guarda-chuva, trazendo um toque de

romance ao dia a dia.

Enfim termino de me arrumar. Pego minha ecobag atrás da porta do quarto, coloco minha Bíblia, marcador, chaves da floricultura e meu celular. Tudo o que preciso está ali, ao menos, é o que parece.

Desço as escadas, e vou em direção à cozinha, onde encontro mamãe passando o café. Observo seu corpo curvilíneo, seus cabelos pretos e longos, que estão presos em um coque alto, e seu típico pijama de senhora.

— Bom dia, mãe — digo, adentrando a cozinha.

— Bom dia, minha Florzinha. — Mamãe para de passar o café e se vira em minha direção. — Nossa, como você está linda!

— Muito obrigada, mãe.

— Acordou mais cedo hoje, Flor. Algum compromisso antes de ir para a Floricultura? — pergunta, voltando a passar o café.

— Não, mãe. Só quis aproveitar o tempo aprazível, então acordei mais cedo hoje.

— Pelo jeito não vai tomar café aqui, certo?

— Vou aproveitar as horas que tenho para passar na cafeteria. É um ótimo dia para um devocional lá… — beijo sua bochecha, já me despedindo. — Vou indo, mãe, quero aproveitar ao máximo esse dia.

— Certo, Flor! Não está esquecendo nada?

— Não, mãe. Tudo o que preciso está dentro da bolsa.

— Por precaução, leve um guarda-chuva. Como o tempo está encoberto, é melhor prevenir. — Mamãe diz, já procurando algum nas gavetas do armário de madeira da cozinha.

— Não precisa mãe, duvido que vá chover hoje.

Ela para sua procura e se vira rapidamente em minha direção com os braços cruzados e os olhos semicerrados.

— Lisa, nunca duvide do sexto sentido de uma mãe.

Ajeito a ecobag no ombro e caminho em direção à porta.

— Qualquer coisa, pego um na floricultura. Agora eu vou de vez.

— Se você está dizendo… até mais tarde então, Florzinha. Tome cuidado, e que Deus te abençoe.

Ao fechar a porta atrás de mim, observo como o tempo está incrivelmente agradável. Sinto o vento bater em meu rosto e fecho os olhos, aproveitando a sensação. Depois de alguns segundos, abro o portão de casa e saio.

Depois de andar pelas ruas tranquilas de Florália, chego até a cafeteria

Doce Aroma. Ao abrir a porta do estabelecimento, já ouço o barulho do sino, anunciando a minha chegada. Observo que, por sorte, sou a única na cafeteria, o que me dá a liberdade de encontrar o melhor lugar para fazer meu devocional.

A cafeteria é pequena e aconchegante, com mesas de madeira espalhadas pelo espaço. Em cima de cada uma delas há um vaso branco, com flores Lavanda, fazendo o ambiente ficar perfumado, e, junto com o aroma de café fresco, cria uma sensação acolhedora quando se entra. As luzes suaves que refletem no piso de mármore, e o ambiente tranquilo, fazem o lugar ser perfeito para uma pausa.

Depois de passear com os olhos pelo ambiente acolhedor, encontro um refúgio: uma mesa vazia junto a uma janela ampla, que permite o influxo de luz natural.

Dirijo-me até lá e me acomodo em uma cadeira de madeira estofada. Retiro da minha bolsa a Bíblia, um marcador e meu celular. Em seguida, coloco tudo sobre a mesa de madeira. Nesse momento, a barista se aproxima com um sorriso acolhedor.

— Bom dia, Lisa!

— Bom dia, Esmeralda! — Retribuo a saudação da mulher de estatura alta, pele morena e cabelos escuros, que estão amarrados em um coque alto.

— O pedido de sempre, Lisa? — Ela pergunta ao tirar um bloco de notas e uma caneta do bolso, preparada para anotar meu pedido.

— Sim, por favor. O mesmo de sempre, um macchiato e um croissant.

— Certo. Logo trarei seu pedido.

Agradeço e vejo Esmeralda se afastar. Depois de alguns segundos, quando decido pegar minha Bíblia para abri-la, ouço o sino da cafeteria ressoar, anunciando a chegada de alguém.

— Bom dia! — Esmeralda diz, para a pessoa que acabou de entrar, mas não ouço resposta.

Balanço a cabeça, buscando me concentrar em meu devocional. Abro a Bíblia, e procuro pelo meu versículo preferido. Folheio até encontrar o Salmos 56:3, então, leio em um sussurro audível: "*No dia em que eu temer, hei de confiar em ti.*"

Quando eu e minha mãe perdemos o papai, naquela madrugada fria de inverno, tudo pareceu desmoronar. Papai estava trabalhando no Uber, no turno da noite, quando o celular da mamãe tocou. No segundo em que ela atendeu, eu ouvi um grito angustiante vindo de seu quarto.

Levantei o mais rápido possível de minha cama, indo em sua direção. E, quando entrei, a vi de joelhos dobrados no chão frio, com o celular na mão e chorando copiosamente. Comecei a chorar junto, mesmo sem saber o motivo.

Quando seus soluços cessaram, ela me contou, com a voz baixa e hesitante, que papai estava levando um passageiro naquela noite quando, de repente, um carro desgovernado surgiu na pista contrária. E, na tentativa de não bater frontalmente, ele acabou girando o volante, fazendo o carro derrapar e colidir contra um poste, levando sua vida.

Desde o momento em que soubemos do seu falecimento, os temores e a insegurança nos atingiram em cheio, como seguiríamos sem ele, nosso provedor, não apenas do físico, mas também do carinho? Papai nunca nos deixou faltar nada, principalmente o seu amor.

Passado uns dias, peguei minha Bíblia e comecei a folheá-la até encontrar esse versículo. Era o Senhor falando que tínhamos que confiar nEle, de todo nosso coração, e quando fizemos isso, Ele agiu em nosso favor. O Senhor nunca nos deixou faltar nada.

— Seu pedido chegou, Lisa. — Esmeralda diz, me despertando de meus pensamentos e colocando sobre a mesa o que eu havia pedido.

— Obrigada. — Agradeço, enquanto ela retorna ao seu posto.

Termino meu pedido em poucos minutos, com medo de me atrasar para o trabalho. Depois de meia hora na cafeteria, decido que é hora de ir. Reviro minha bolsa para pegar a carteira, mas não a encontro.

— Não acredito que esqueci a carteira… — o nervosismo começa a bater. — O que faço, o que faço? — Intercalo o olhar entre o balcão e a bolsa, tentando pensar em uma solução. — Se voltar para pegá-la, vou chegar atrasada no trabalho…

— Obrigada, e volte sempre!

A voz de Esmeralda soa no ambiente, enquanto tento achar uma solução para o meu problema.

Depois de uns minutos pensando, decido ir em casa pegar minha carteira, mesmo sabendo que irei me atrasar para chegar à Floricultura. Levanto indo em direção ao balcão, querendo me enfiar em um buraco, de tanta vergonha.

— Esmeralda — digo, chamando sua atenção, que se vira de imediato.

— Deseja mais alguma coisa, Lisa? — pergunta, gentilmente.

— Aconteceu um imprevisto…

— O que houve?

— Esqueci minha carteira em casa. — Explico, querendo sumir. — Posso ir pegá-la e voltar para pagar? Prometo não demorar muito. — Sugiro, com o rosto queimando de vergonha por minha falta de atenção.

— Não vai precisar, Lisa. — Esmeralda diz, com um sorrisinho que não consigo entender.

— Como assim, não vai precisar? Preciso pagar o que comi.

— Seu pedido já foi pago, não se preocupe.

Franzo a testa sem entender nada.

— Como assim? Pago por quem?

— Pelo homem que saiu há pouco tempo. — Aponta para a porta.

— Que homem? Eu não o vi!

Viro meu corpo bruscamente na direção que ela aponta, procurando pela figura do homem.

— Acho que você estava tão entretida com a sua leitura, que não o percebeu.

— Como ele é? Talvez, se eu correr, consiga alcançá-lo para agradecer…

— Esmeralda, preciso da sua ajuda, urgente. — Um grito vindo da cozinha chama nossa atenção.

— Preciso ir, Lisa. Obrigada e volte sempre — Ela diz e se retira imediatamente para a cozinha.

— Mas eu preciso saber quem… — corto minha fala, pois Esmeralda já não me ouve.

Olho no celular para conferir as horas, e me dou conta de que falta apenas meia hora para abrir a Floricultura. Decido ir embora, mesmo morrendo de curiosidade para saber quem pagou pelo meu pedido.

Enquanto ando apressada pelas ruas, sinto pingos de chuva começando a cair sobre meu corpo.

— É sério? Logo agora, chuva — reclamo, colocando as mãos sobre minha cabeça, na tentativa de me proteger. — Oh, Senhor, tenha misericórdia da tua filha — clamo, enquanto ando à procura de um local para me abrigar, já que a chuva começa a ficar mais intensa. — Bem que mamãe me avisou, mas eu quis ouvir? Não, não quis, agora estou aqui e chegarei atrasada no trabalho! — resmungo, me abrigando no canto de um supermercado. — Não posso nem comprar um guarda-chuva, porque estou sem dinheiro… que

droga! Fui escolher calçar tênis branco justo hoje, que beleza!

Me abaixo na tentativa de limpar o estrago, mas só parece piorar a situação.

— Bom dia, senhorita.

Ainda de cabeça baixa, ouço uma voz grave, que parece ser de um homem, e paraliso no mesmo instante. Era só o que me faltava…

— Está tudo bem, senhorita? — O homem volta a falar e, de repente, não consigo me mover.

Meu coração acelera ao ouvir a voz do desconhecido. Me sinto totalmente vulnerável, e se ele for um ladrão? Se bem que, se fosse, não seria tão cordial e me roubaria ali mesmo.

Depois de longos segundos, tomo coragem e vou levantando a cabeça aos poucos, até encontrar um par de olhos castanhos escuros e puxados, revelando a descendência coreana, estacionados sobre mim.

Fixo meus olhos nele, admirada com sua beleza. Eu nunca havia visto um coreano pessoalmente em toda a minha vida, o que ele está fazendo em Florália?

— Está tudo bem? — Ele pergunta novamente.

— É… está bem… quer dizer, estou bem — Me levanto devagar, envergonhada. Mal consigo pronunciar uma palavra.

— Está realmente bem, senhorita? Você aparenta estar um pouco… nervosa — O homem me encara, e, dessa vez, percebo o sotaque nas palavras ditas em português.

É claro que estou nervosa, tem um coreano bem na minha frente e meu dia não está como planejei.

— Sim, está tudo bem — respondo, desviando o olhar do seu. Eu precisava ir embora antes que fizesse algo constrangedor. — Bom… já vou indo. — Dou dois passos para trás, em busca de sair daquele lugar, mas ele segura meu braço.

— Desculpe, senhorita, não foi minha intenção lhe assustar. Está chovendo, se sair assim, vai se molhar toda.

Ele olha para o céu chuvoso, e depois para mim. Acompanho seu movimento, olhando para os pingos que caem incessantemente.

— Não se preocupe, o lugar onde trabalho é logo ali.

Na verdade, até chegar à floricultura demoraria uns vinte minutos. Eu não queria ter que mentir, sei que isso é errado, mas eu não o conheço e tenho medo de que me faça algo.

— Aqui, tome. — Ele me estende um guarda-chuva azul e, ao notar meu olhar ainda mais assustado, acrescenta: — Pode aceitar! Você está a caminho do trabalho, e eu só passei no supermercado para comprar algumas coisas — diz, enquanto balança as duas sacolas no antebraço esquerdo.

Olho para o guarda-chuva e para ele, sem saber o que fazer. Eu definitivamente estava vivendo uma cena de dorama, mas de forma muito inesperada, e aquilo me deixava completamente perdida. Eu nem ao menos sabia para onde olhar! Depois de muito pensar, decido aceitar o objeto.

— Muito obrigada pela gentileza!

O coreano se curva rapidamente, como nas novelas. Em seguida, coloca as sacolas sobre a cabeça, tentando se proteger da chuva, e segue seu caminho, andando com naturalidade. Eu apenas o observo e, quando ele desaparece da minha vista, começo meu trajeto até o trabalho.

Enquanto caminho pelas ruas, minha mente se enche de perguntas. Qual era o nome dele? O que o trouxe a Florália? Com o turismo quase inexistente na cidade, parecia improvável que ele estivesse aqui por simples curiosidade. Havia, sem dúvida, uma razão, mas, aparentemente, eu nunca saberia qual.

Depois de uma boa caminhada, enfim chego na floricultura, que permanece fechada. O tempo ainda está chuvoso, e, se não fosse o guarda-chuva oferecido pelo coreano misterioso, eu estaria completamente encharcada.

Fecho o guarda-chuva antes de entrar e o penduro do lado de fora, para não molhar o chão da loja.

Enquanto pego uma toalha na cozinha da floricultura — para limpar meus sapatos molhados — relembro os acontecimentos recentes. Eu não podia negar que aquele homem tinha uma beleza exuberante. Com seu conjunto de moletom cinza, que tinha um caimento perfeito em seu corpo alto e esguio, a pele clara, os cabelos escuros, levemente desarrumados, e os olhos...

Aqueles olhos castanhos escuros eram os mais bonitos que eu já havia visto. Na verdade, talvez ele fosse o homem mais bonito que eu já conheci, tão bonito que parecia até um ator dos doramas que eu tanto admirava.

Percebendo a profundidade dos meus pensamentos, balanço a cabeça na tentativa de dissipá-los. Não podia me deixar levar apenas pela beleza exterior. Mamãe sempre me ensinou que a maior virtude de um homem não está em sua aparência ou em palavras bonitas, mas em suas atitudes, como as

de um verdadeiro cristão.

Volto para loja, decidida a esquecer de vez aquele encontro e me concentrar no trabalho. Quando coloco a placa informando que já estamos funcionando, observo que a chuva cessou.

Estava prestes a me dirigir ao balcão para anotar alguns pedidos de buquês quando Rosalinda chegou, cumprimentando-me com alegria. Logo, pediu minha ajuda para colocar os vasos com flores para fora, para que pudessem ser expostos.

— O tempo está tão cinzento… — Rosalinda dirige seu olhar para o céu. — Acho que vai ser um dia de poucos clientes. Você viu a chuva de mais cedo, Lisa?

— Vi, sim, Rosalinda. Na verdade, eu senti ela na pele. — Solto uma risadinha.

— Como assim menina? Se molhou vindo para cá?

— Se tivesse dado ouvidos à mamãe para trazer um guarda-chuva, não teria me molhado nem um pouquinho, mas, como fui teimosa, acabei me molhando.

— Mas… se não trouxe guarda-chuva, como esse veio parar aqui? — Ela aponta para o guarda-chuva pendurado.

— Isso é uma longa história, Rosalinda…

— Pois eu quero saber dessa longa história!

Ela nem ao menos me dá tempo de terminar de ajeitar os vasos e me carrega para o lado de dentro da loja, me olhando com expectativa. Sem opções, começo a relatar para Rosalinda o que havia me ocorrido naquela manhã, a deixando claramente surpresa com o que aconteceu.

— Então você não viu o homem que pagou seu pedido e não perguntou o nome do coreano?

— Não o vi. E é claro que não iria perguntar o nome do coreano… nossa interação foi muito rápida.

— E como o coreano em questão era, Lisa? Digo, sua aparência.

Me levanto e pego algumas flores, levando-as para a parte lateral do balcão de madeira.

— Ele parecia um ator… — falo olhando para baixo, enquanto preparo o buquê e então sorrio, lembrando da cena. — Seus cabelos estavam um tanto bagunçados… não posso negar, ele tem sua beleza, mas não posso me basear no caráter de uma pessoa apenas pela aparência física ou porque me ofereceu um guarda-chuva.

Antes que Rosalinda pudesse responder, escutamos um som de algo se estilhaçando pelo chão. Nos voltamos rapidamente para a direção do som, nos deparando com um vaso de porcelana quebrado e um homem, já abaixado, juntando os cacos espalhados pelo centro da floricultura.

— Perdoe a minha falta de atenção. — O homem levanta a cabeça rapidamente, me encara por alguns segundos, antes de se voltar para o chão, terminando de recolher os pedaços de porcelana.

O reconheço de imediato. É o coreano de mais cedo. Oh, céus… ele ouviu a nossa conversa? Ele ouviu o que falei a seu respeito? Meu rosto começa a esquentar ao sentir o calor da vergonha subir pelo meu pescoço.

— Tudo bem, querido! Não se preocupe. — Rosalinda diz, indo ajudar.

Não consigo me mover, nem ao menos falar alguma coisa. Estou completamente imóvel, olhando fixamente para o homem, até que Rosalinda chama, me arrancando de meus pensamentos.

— Lisa, pegue uma vassoura e uma caixa na cozinha, rápido! — Sem questionar, vou imediatamente atrás dos objetos e volto para a loja no mesmo segundo. — Obrigada, querida! — Ela agradece, pegando a vassoura de minha mão. — O ajude a colocar os cacos na caixa. — Rosalinda manda, e a vergonha me consome por dentro.

— Me perdoe, senhorita. Não foi minha intenção quebrar nada. — O homem diz, ainda olhando para o chão, sem levantar seu rosto, provavelmente por estar envergonhado.

— Tudo bem, acontece — murmuro, quem queria sumir de vergonha dali era eu.

Durante toda a limpeza, o coreano pedia desculpas pelo que havia acontecido. E, enquanto trabalhávamos, eu percebia, de soslaio, que ele me observava de vez em quando.

— Bom, tudo está limpinho novamente. — Ele diz quando terminamos e Rosalinda lança um sorriso acolhedor. — Qual o valor do vaso, senhora? Pagarei o prejuízo que causei.

— Não se preocupe! Foi um acidente. — Rosalinda diz, assim que o homem faz menção de pegar sua carteira.

— Eu insisto, senhora, deixe-me pagar, assim ficarei menos envergonhado. — Ele a olha suplicante.

Quando ele a olha dessa forma, Rosalinda finalmente cede, percebendo que o coreano não irá desistir até saldar sua dívida. Com um

sorriso triunfante, ele retira sua carteira e, em seguida, entrega o pagamento.

— Agora que nos acertamos. Sou a Rosalinda. — Ela estende a mão para ele. — Sou proprietária da floricultura Perfume das flores. E essa é a Lisa. — Aponta para mim. — Minha funcionária.

— Prazer em conhecê-la, senhora Rosalinda. — Ele cumprimenta, olhando para ela, e então gira o corpo em minha direção. Respiro fundo. — Prazer, senhorita Lisa. Sou o Hyun Min, mas podem me chamar apenas de Hyun.

Ele abre um sorriso gentil, me fazendo ficar ainda mais deslumbrada.

— Acredito que não veio aqui apenas para quebrar um vaso, certo, meu jovem? — Rosalinda pergunta, de forma divertida.

— Certo, senhora Rosalinda! Na verdade, estou à procura de uma pessoa…

De repente, Hyun é interrompido pelo barulho da porta. Olhamos para ela no mesmo segundo, observando o senhor Florêncio entrar com um grande sorriso no rosto.

— Bom dia, bom dia! — Ele vem em nossa direção.

— Bom dia, senhor Florêncio — digo, e então o coreano se vira quase que imediatamente para mim.

— Florêncio?

— Eu mesmo. E você rapaz? — Florêncio pergunta, o analisando como se já o conhecesse. — Tenho a leve impressão de que já lhe conheço…

— O senhor não deve se lembrar tão bem de mim, já que fui embora para Coreia bem novo. Sou o Hyun Min, filho da Margarida e do Parker. O senhor se lembra deles?

— Espera, Hyun? — Florêncio parece desacreditado, olhando com atenção para o coreano.

— Sim, senhor.

— Que alegria te rever, Hyun! — Sem perder mais nenhum segundo, Florêncio abraça o coreano. — Pensei que nunca teria a oportunidade de lhe ver novamente, menino.

— Eu também! Fico feliz que ainda o encontrei nessa cidade. Temi que não morasse mais aqui.

— E como poderia me mudar desse lugar? Nasci aqui… — ele abre um sorriso. — Já conheceu as damas, Hyun? — Florêncio pergunta, se aproximando dele e segurando seu ombro.

— Já sim. — Ele responde, olhando para Rosalinda, e para mim. —

Então a Rosalinda é sua… esposa?

— Esqueci desse detalhe maravilhoso. Sim, é minha esposa.

Senhor Florêncio abre um grande sorriso e se aproxima de Rosalinda, a abraça e deixa um beijo em sua testa. Como admiro esse gesto.

— É claro, como não percebi isso antes. — Dona Rosalinda diz, encarando o rapaz com mais afinco. — Então esse é o filho do homem que te deu o emprego há alguns anos? — O senhor Florêncio confirma, encarando a esposa. — Florêncio sempre lembra do homem que lhe ajudou, e sou grata a Deus por tudo o que ofereceram a ele.

Ela se aproxima do homem e, sem receio, o envolve em um abraço. O pegando de surpresa.

— Florêncio falou muito bem de você quando nos conhecemos. Disse até que, se tivéssemos uma filha, iria ser muito agraciado em te ter como genro… infelizmente não tivemos a dádiva de ter filhos. — Ela olha amorosamente para seu esposo. — Mas, apesar dessa circunstância, acreditamos que Deus sabe de todas as coisas.

— É verdade, o Senhor sabe o que é melhor para nós. — Florêncio declara.

— Deus foi tão bom, que apesar de não termos filhos, Ele enviou a Lisa, que é como nossa filha

Sinto meu rosto esquentar, pois o dono dos olhos castanhos escuros me encara, e dessa vez, ele sorri.

— Eu que agradeço, por todo o carinho — digo, enquanto pressinto o olhar de Hyun sobre mim.

— Que tal tomarmos um café, Hyun? Assim conversaremos melhor. — Florêncio sugere.

— Eu iria pedir o mesmo, senhor. Tenho muito o que lhe contar.

Eles se despedem e saem da floricultura. Dado a partida dos dois, Rosalinda começa a me contar sobre a família de Hyun. Relatando sua proximidade com Florêncio que, quando não estava conseguindo emprego, ganhou uma vaga na empresa do pai de Hyun. Desde então eles formaram uma linda amizade, que acabou tendo o vínculo cortado quando a família se mudou para a Coreia do Sul.

Deu para perceber que o Sr. Florêncio tem grande afeto por Hyun, pois quando o viu ficou extremamente emocionado, como se tivesse acabado de reencontrar uma parte feliz de seu passado.




*Um Novo Amanhã*

— Então… Margarida faleceu há quatro meses de câncer de mama? — Florêncio me olha, surpreso e desacreditado com a notícia. Suspiro, controlando minhas emoções, ainda era difícil falar sobre isso.

— Sim, senhor Florêncio. Infelizmente, quando descobrimos, o câncer já estava em estado avançado.

— Sinto muito, menino! Não sou capaz de imaginar tudo o que você e o senhor Parker enfrentaram nesses meses.

Abaixo a cabeça, fixando os olhos em minhas mãos, que estão unidas sobre a mesa. Me sinto exausto de tudo.

— É… ainda estamos, na verdade… — relembrar aqueles momentos me trazem profunda angústia.

— Hyun… — Florêncio chama minha atenção para si, colocando suas mãos sobre as minhas. — O que fez você vir à minha procura?

Respiro fundo, tentando me preparar para essa conversa. A verdade é que enxerguei em Florêncio o apoio de que tanto preciso. Sei que ele não pode resolver todos os meus problemas, mas conversar com ele certamente me ajudará a enfrentar este momento difícil.

— Preciso de ajuda… — fito seus olhos. — Eu… preciso de ajuda, senhor Florêncio. Eu…

Minha respiração começa a ficar descompensada, meu peito encolhe, minha garganta seca. Sinto vontade de gritar. Gritar até que não haja mais força em mim. Dizer que não estou conseguindo suportar todo esse fardo.

As lágrimas caem por meu rosto como um regador molhando flores. Dessa vez, não prendo o choro, e ele sai entre soluços.

— Doí, senhor Florêncio… doí profundamente — sussurro, batendo

em meu peito, como se quisesse aliviar a dor que ecoa em minha alma.

Ele não interrompe. Apenas me ouve chorar por longos minutos, até que eu me recupere, e se mantém ao meu lado. Uma presença constante em meio a grande solidão que senti durante todo esse tempo.

— Está melhor, menino? — Ele pergunta, empurrando um copo de água e um lenço em minha direção.

— Um pouco… — respondo, enxugando meu rosto com o lenço.

— Hyun, não posso aliviar o fardo que você tem carregado. — Me olha com compaixão e lança um sorriso acolhedor. — Mas posso te levar em um lugar onde as almas mais feridas encontram repouso. Sei que Ele — Florêncio aponta para cima —, pode te ajudar… quero lhe fazer um convite, Hyun. Vamos à igreja hoje?

Ele me olha com expectativa, parecendo torcer para que eu aceite. Uma igreja… tá aí um lugar que não vou desde a morte da Omma.

— Vamos... eu preciso desse momento — confesso, e Florêncio balança a cabeça em concordância.



Visto um suéter branco de mangas compridas e gola alta, uma calça bege e tênis branco. Penteio os cabelos, pego minha Bíblia, carteira e celular, e então sigo em direção à igreja.

Perguntei a Florêncio sobre o endereço, se ainda era a mesma igreja de antes, onde eu e Omma frequentávamos. Ele disse que sim, mas que eu me surpreenderia com o local, pois ela havia sido reformada recentemente. Quando chego, vejo que Florêncio me aguardando.

— Boa noite, Hyun! — Ele me recebe com um sorriso.

— Boa noite, senhor Florêncio

— Vamos entrar? O culto já vai começar.

Eu o acompanho e entro no templo. Fico encantada com a beleza da igreja, agora mais espaçosa e iluminada do que antes. Pelos instrumentos no altar, deduzo que há uma banda.

Sigo Florêncio pela igreja e vejo que sua esposa acena para nós. Ao me aproximar, percebo que Lisa também está lá, conversando com uma mulher ao seu lado.

Dona Rosalinda vem em nossa direção.

— Boa noite, querido. — Rosalinda me cumprimenta.

— Boa noite, senhora. — Me curvo rapidamente, e então me viro para a jovem ao lado. — Olá, boa noite, Lisa

Lisa se levanta. Nossa como ela está linda e… radiante. Quase não consigo disfarçar meus pensamentos.

— Olá Hyun. Boa noite. — Ela dá um sorriso.

É a primeira vez que a vejo sorrir, e, por isso, contenho a vontade de suspirar ao ver aquela imagem. Meu Deus… ela é tão bonita.

Me sento ao lado de Florêncio, ainda com o sorriso de Lisa em minha mente. Apenas duas cadeiras nos separam, e isso é ótimo, pois, se sentasse ao seu lado, tenho certeza de que ficaria nervoso.

Um homem, que presumo ser o pastor da igreja, pega o microfone e inicia o culto com um clamor. Depois da oração inicial, ele chama algumas irmãs para louvarem os hinos da harpa, e, logo em seguida, começa a leitura da palavra de Deus.

O pastor começa a distribuir as oportunidade da noite, e me surpreendo quando ouço chamarem por Lisa. Ela se levanta com uma postura de se admirar, parece não estar nervosa ou ansiosa, e caminha até o altar.

— A paz de Cristo, irmãos! — Ela diz com um leve sorriso. — Convido que abram suas bíblias em Jonas 2:7.

Ela faz uma pausa para procurarmos, e antes que ela pudesse ler, as palavras saltam em minha visão: **“***Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade***.”**

Ler aquele versículo foi como se Jesus tivesse descido de seu trono e me dado um tapa na alma. Durante meses de sofrimento, eu havia me afastado Dele, negligenciando a verdade mais simples: só Ele poderia sanar minha dor.

— Irmãos, não importa a profundidade do seu sofrimento. Não importa o peso do seu fardo. Lembre-se de que Deus está ao seu lado, Ele é o seu refúgio, o seu consolo, a sua força. — Cada palavra de Lisa era como um espinho que penetrava fundo na minha alma. — Nunca se esqueçam, temos uma arma poderosa em nossas mãos, a oração! E ela não é apenas uma palavra, é um grito de fé. É o meio pelo qual nos conectamos com o Coração de Deus, recebendo sua cura, seu apoio, sua misericórdia e seu amor.

O peso da culpa por ter deixado que as minhas dores falassem mais alto que a voz de Deus esmagava meu peito. Eu nem sequer murmurei um

“Olá, Senhor", durante esses últimos meses. Esquecendo-me de que Ele é o meu Refúgio, o meu Consolo, e o único que poderia realmente me ajudar. Lágrimas de arrependimento inundaram meu rosto, enquanto eu reconhecia minha cegueira espiritual.

— Vamos ouvir a banda com seu louvor. — A voz do pastor preencheu o ambiente.

Eu estava tão imerso em meus sentimentos, que nem vi quando Lisa retornou e o pastor tomou sua posição, chamando a banda. Um dos solistas se preparou, e, logo em seguida, a melodia ecoou, não só pela igreja, mas também por toda a minha alma.

*Hoje Eu fui te procurar naquele lugar*
*Onde você Me chamava de Pai*
*Esperei com tudo o que Me pediu*
*Mas você não foi*
*Onde é que você está?*

*Já não ouço mais a sua voz*
*Você não tem mais tempo para vir aqui*
*Tá tão ocupado com as suas coisas*
*Que se esqueceu de Mim*
*Mas se precisar de um ombro pra chorar*
*Ainda vou estar naquele lugar*
*Onde você buscava e Eu ia te encontrar, meu filho!*

*No santo lugar, Eu quero te encontrar*
*Sarar suas feridas e te perdoar*
*Lá naquela cruz, morri em seu lugar*
*Filho, nada irá Me impedir de te amar.*[4]

Enquanto o louvor é entoado, vejo várias pessoas se ajoelhando no altar. Sinto Florêncio afagar minha costa com sua mão, me dando forças para fazer o mesmo.

Sem pensar duas vezes, caminho até o altar, me ajoelho, e ali choro copiosamente, pedindo perdão ao Senhor. Pedindo para que Ele me sustente nos dias maus. Diante do altar de Cristo, eu lanço meus medos e ansiedades.

Ao final do louvor, Florêncio se aproxima e me envolve em um abraço caloroso, e, por um momento, é como se o Espírito Santo estivesse me

envolvendo em seus braços de misericórdia.



Ao chegar em casa, a primeira coisa que faço é orar, algo que não fazia há muitos meses. Abro meu coração a Deus, compartilhando todos os meus anseios e dores. Ao terminar, mesmo com o rosto banhado em lágrimas, sinto-me em paz, como se um grande peso tivesse sido retirado das minhas costas. É um fato, a oração cura almas feridas.

Deito na cama, depois de um banho revigorante, e me pego pensando no dia mais agitado da minha vida. Primeiro, o ocorrido na cafeteria, depois, o guarda-chuva e a floricultura. Nossa, como eu queria correr da floricultura e nunca mais voltar ali, foi vergonhoso demais.

Nunca sou desastrado nesse extremo, mas ouvir Lisa dizer que eu era bonito, e que não poderia se basear no caráter de uma pessoa apenas pela aparência, me deixou nervoso e… curioso, afinal, mulheres com essa visão são raras de encontrar.

Se quisesse descobrir mais sobre ela, eu teria que abrir mão da promessa de dois anos atrás, depois… de toda aquela decepção. Mas Lisa tem algo de diferente, e confesso que isso me atrai a quebrar a promessa.



Eu não dormi quase nada na noite passada, e, quando acordo, parece que um caminhão passou por cima do meu corpo. Não queria ter que desmarcar meu compromisso com Florêncio. Combinamos de passear por Florália naquela manhã, mas meu estado físico não me permitia sair.

Pego o celular e mando uma mensagem para ele desmarcando nosso encontro. Ele visualiza a mensagem e me liga logo em seguida.

— Bom dia, Hyun!

— Bom dia, senhor Florêncio — respondo com a voz fraca.

— O que você está sentindo? — Ele questiona, preocupado.

— Estou com dor de cabeça e levemente febril. Acho que, devido à chuva de ontem, acabei pegando um resfriado.

— Já tomou café da manhã, algum remédio? — Dou uma risada

silenciosa, Florêncio parece meu pai falando.

— Ainda não tomei café da manhã… havia programado ir à cafeteria e depois passaria no supermercado para fazer compras, não tenho ingredientes para fazer nada em casa. Mas, devido ao meu estado, acho que não consigo. Também não tenho remédios aqui. — Explico, e pelo silêncio que se faz do outro lado da linha, Florêncio parece pensar.

— Tudo bem, não se preocupe. Darei um jeito de levar algo para você comer e alguns remédios também.

— Não precisa se incomodar, senhor. Logo estarei melhor. — Tento lhe convencer, não queria dar todo esse trabalho para Florêncio.

— Incomodar? Não é incômodo nenhum, menino! Logo chego aí, até depois.

Dito isso, ele encerra a chamada, sem me dar a chance de tentar convencê-lo mais um pouco.

Quinze minutos se passaram quando ouço alguém bater na porta. Me levanto para abri-la, imaginando ser Florêncio.

— Não precisava se…

Corto minha fala, pois quem está na porta não é Florêncio, mas sim Lisa, a dona do sorriso mais lindo que já vi. Me surpreendo, pois em hipótese alguma imaginaria que ela viesse em seu lugar.

— Lisa? — A surpresa é notável em minha voz, por isso Lisa começa a se explicar.

— Oi, Hyun. Desculpe vir assim, é que o senhor Florêncio teve que ir ao banco de última hora resolver algumas coisas, e me pediu para vir em seu lugar. — Ela sorri sem jeito. — Espero que não se importe.

— É claro que não… por favor, entre.

Ela passa por mim e meu coração acelera de uma forma que não consigo controlá-lo. Ora, o que é isso, coração?

— Essa casa é muito bonita, parece ser confortável. — Ela diz, analisando o local.

— Obrigado. É linda mesmo — respondo, mas eu não estava falando da casa, na verdade, meus olhos estavam fixos na mulher à minha frente.

Ela se vira para mim e rapidamente volto meu olhar para outro

lugar.

— Hyun…

— Sim?

— Da última vez, não tive a oportunidade de te agradecer o suficiente por ter me dado seu guarda-chuva. Graças a você, não me molhei. Mas acho que você acabou ficando doente… por minha causa. — Seus olhos castanhos me fitam, cheios de uma mistura de gratidão e culpa.

— Não precisa agradecer, Lisa. E não foi sua culpa eu ficar doente. Na verdade, sou eu que agradeço por vir até aqui.

A tensão que antes a rodeava parece ter desaparecido com minhas palavras, pois um sorriso se forma em seu rosto. Eu faria qualquer coisa para que ela continuasse sorrindo.

— Florêncio me pediu para trazer algo que pudesse comer. Acredito que está com fome. — Ela sacode as bolsas que estão em sua mão direita. Eu nem havia percebido que ela as segurava.

— Disse para Florêncio que não precisava se incomodar, e não estou com tanta fome.

Minha barriga ronca assim que termino de falar, discordando de mim. Coloco minhas mãos sobre ela. Que vergonha, Senhor…

— Seu estômago não parece concordar com você. — Ela ri, o que me arranca uma risada também. Estou encantado com seu sorriso.

— Onde é a cozinha?

Guio Lisa pela casa e me sento na cadeira, enquanto observo ela colocar a sopa que trouxe em uma panela, para esquentar.

— Enquanto esquento a sua sopa… — ela mexe na bolsa, tirando uma embalagem prateada. — Pegue essa cartela de comprimido que Florêncio mandou. Tome um agora, e outro daqui a cinco horas. Se você não melhorar, sugiro que vá a um médico.

Ela me entrega os comprimidos, junto com um copo d'água e retorna para o fogão. Lisa tinha algo dentro de si que eu não sabia explicar. Mas, pelo pouquíssimo tempo que a conheço, percebo que ela é uma mulher virtuosa.

— Hyun? — Lisa chama minha atenção.

— Sim? — Ergo meu rosto para ela, que levanta as sobrancelhas, olhando para a cartela de comprimidos e depois para mim.

— Não vai tomar o remédio?

— Ah… vou sim, vou tomar agora mesmo.

O nervosismo é evidente até mesmo em meu tom de voz. Preciso

controlar esses sentimentos, afinal, o que está acontecendo comigo? Por que, sempre que Lisa me olha, meu coração bate tão forte e rápido? Tenho a sensação de que vai sair do meu peito… preciso orar, isso sim.

Lisa me observa atentamente enquanto tomo o comprimido. Depois, ela se vira para o fogão, onde a sopa começa a borbulhar.

— Está pronto, pode se sentar. — Ela passa a sopa da panela para o prato de vidro, tomando muito cuidado para não se queimar. — Aproveite sua refeição. — Pega sua bolsa, dando a entender que irá embora. — Vou te deixar à vontade.

— Você já vai, Lisa?

— Sim... — ela confere as horas no celular. — Eu... não acho conveniente um homem e uma mulher, que não são casados, ficarem sozinhos em uma casa sem mais ninguém.

Uma pontada de decepção fere meu peito, achei que teria mais tempo com ela, que iria conhecê-la melhor, mas, ao mesmo tempo, sua resposta me deixa aliviado, pois tenho a mesma opinião.

Me levanto para acompanhá-la até a porta, quando o som de uma notificação soa em seu celular.

— É o senhor Florêncio. — Sacode o aparelho em sua mão e fixa os olhos na tela, lendo a mensagem. — Ele pediu para avisar que, se você estiver melhor pela tarde, o convite continua de pé.

— Ótimo! Obrigado por vir até aqui. — Ela apenas assente e anda em direção à porta. — Tome cuidado na rua! — Praticamente grito, expressando uma certa preocupação.

— Pode deixar! — Ela se vira, mas logo se volta novamente para mim, como se tivesse acabado de lembrar algo. — Não se esqueça de tomar o comprimido.

— Não esquecerei. — Dou risada. — Vou seguir a recomendação da doutora.

Ela sorri, balançando a cabeça negativamente, se vira e vai embora. Meu coração novamente acelera e, na tentativa de acalmá-lo, coloco as mãos sobre o peito.

— Senhor, me ajude a guardar meu coração, não posso me deixar dominar por certos sentimentos. Preciso estar com a minha mente e coração firmados em Ti, não me deixe ser confundido, Jesus.

Em Jeremias 17:9 diz: *“Enganoso é o coração, mais que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?”*

Essa passagem é um lembrete poderoso de nossa necessidade de Deus. Ao reconhecer a natureza pecaminosa do coração, somos motivados a buscar uma relação mais profunda com Ele e permitir que Ele transforme nossas vidas. O coração é um mar tempestuoso e pode nos levar a naufragar, mas a graça divina é a âncora que nos mantém firmes.



# Lisa Alencar

*Paixão Imprevista*

Por que Florêncio teve que me pedir para ir até Hyun? Justo eu, que já vivi momentos tão constrangedores na frente daquele homem... se não fosse um pedido dele, provavelmente eu não teria ido. Rever o dono daqueles olhos castanhos me deixava... nervosa.

E quando ele pediu que eu ficasse e lhe fizesse companhia? Meu Deus, pensei que meu coração fosse parar. Não aceitei, pois não considero adequado um homem e uma mulher ficarem sozinhos, especialmente dentro da casa de um deles. Além disso, eu ainda precisava voltar para a floricultura. Rosalinda estava sozinha hoje.

Espero o táxi que pedi pelo aplicativo ainda na calçada da casa de Hyun. Eu poderia ir andando, mas precisava voltar logo para o trabalho, ainda é manhã, e o dia está apenas começando.

Quando o carro finalmente chega, cumprimento o motorista e abro a porta, me ajeitando no banco logo em seguida. Coloco meus fones de ouvido, selecionando minha playlist favorita no mesmo segundo.

Pego um livro na minha ecobag para ler, mas meus pensamentos voam para Hyun na igreja. Fico extremamente feliz por tudo o que o Senhor Jesus fez em sua vida. Ali, quando ele e os outros estavam de joelhos, senti a graça de Deus nos envolver. O mover do Espírito Santo foi lindo, e, com toda certeza, inesquecível. A presença de Jesus sempre será o suficiente. Nele, encontramos a plenitude da vida; Ele é o nosso tudo.

Finalmente, o táxi para de balançar e chega à Floricultura. Pago pela corrida e saio do carro.

— Cheguei, Rosalinda — digo enquanto guardo os fones na bolsa, no exato momento em que entro pela porta.

— Glória a Deus, você chegou, menina. — Rosalinda exclama, correndo em minha direção com uma expressão desesperada, enquanto olha

ao redor para a Floricultura lotada de clientes. — Preciso que você monte dez buquês, o papel com a instrução da mistura das flores está no balcão. — Ela manda, com tom de urgência.

— Sim, senhora! — Faço uma continência, e Rosalinda ri antes de voltar a atender seus clientes.



Já é mais de meio dia e eu ainda preparo os buquês de flores. Meus dedos doem, mas ainda faltam três. Não vejo a hora de me jogar na cama e dormir até tarde. Dou graças a Deus que amanhã é sábado, assim, durmo sem precisar ser acordada pelo despertador do celular.

As horas passam como um relâmpago na floricultura. Atendi alguns clientes rabugentos e insatisfeitos que, apesar de os buquês estarem lindos e bem montados, ainda tinham a audácia de criticar os arranjos. Ouvir aquelas palavras despertava em mim o espírito de Pedro, aquele lado impulsivo que eu lutava diariamente para conter dentro da minha alma. Trabalhar com o público exige resistência e paciência, e, às vezes, eu não tinha nenhum dos dois.

Faltam apenas três horas, e um buquê de rosas-vermelhas, para o fim do expediente. Assim que o dono das flores chegasse, eu estaria livre para voltar para casa.

— Boa tarde! — Uma voz inesperada surge, o que me faz dar um salto.

Me viro rapidamente, me deparando com um homem de estatura imponente, vestido com um terno preto sofisticado e completamente concentrado no celular.

— Vim buscar o buquê de rosas-vermelhas. — O homem afirma, sua voz como um trovão que ressoa em minha espinha, me deixando arrepiada.

— Aqui está. — Deixo as flores sobre o balcão com cuidado, olhando com expectativa para o arranjo. Com certeza era o mais bonito do dia.

O homem levanta o rosto pela primeira vez e seu olhar é como um raio que me perfura. Ele encara o buquê e, em seguida, me fixa com as sobrancelhas erguidas.

— Isso aqui é o buquê? — pergunta, sua voz carregada de incredulidade.

— Sim, senhor — respondo, tentando em vão aliviar a tensão do ambiente. — Está lindo, não é? — Adiciono, buscando um tom mais amigável, mas sua expressão permanece impassível.

— Você considera essa porcaria linda? É sério? — Ele agarra o buquê com desdém e sacode violentamente na minha frente.

Meu coração dispara em um ritmo descontrolado, minhas pernas tremem e um nervosismo crescente toma conta de mim. Não consigo formular uma palavra. Meu Deus, o que faço? Florêncio e Rosalinda saíram para ir à feira e estou sozinha na floricultura, não há ninguém aqui para me ajudar.

— Além de não fazer um trabalho direito ainda é muda? — O homem, que mais parece um lobo raivoso, continua me insultando.

— O buquê… está lindo. — Minha voz treme, surpresa com a ousadia que encontrei para responder. — O senhor que está acabando com ele, segurando desse jeito… bruto. — A última palavra sai em um sussurro, junto com o último resquício de coragem que preenchia meu peito.

— Me chamou de quê? Sua… serviçal incompetente. — Ele se inclina sobre o balcão e dou alguns passos para trás. — Sua megera!

O homem levanta a mão com o buquê. No automático, e na tentativa de me proteger, fecho os olhos e coloco as mãos cobrindo meu rosto.

Ouço o buquê bater em algo, mas não é em mim. Abro os olhos lentamente e, para a minha surpresa, Hyun está na minha frente, com o rosto virado para o lado.

— Hyun… — minha voz sai fraca e ele se vira de imediato.

— Você está bem, Lisa? — Ele segura meus ombros.

Não tenho resposta, ainda estou em choque com o que aconteceu. Meus olhos embaçam pelas lágrimas, que estão prestes a cair. Ele fecha os olhos, como se estivesse se preparando, e os abre rapidamente, se voltando para o brutamontes.

— Quem você pensa que é para entrar em um lugar de respeito, fazer essa baixaria e ainda tentar agredir uma mulher?

— Quer saber, se lasquem! — O homem aponta para Hyun e depois para, gritando de raiva. — Você e essa sua namoradinha incompetente.

Ouvir aquilo me deixou ainda mais nervosa, mas não tenho estrutura

para falar. O homem larga o buquê, completamente destruído, no balcão e se vira em direção à porta, dando as costas para nós.

— Você pensa que vai ficar por isso mesmo? — A voz de Hyun sai firme e autoritária. — Prepare-se para as consequências de seus atos! — O homem dá uma gargalhada e depois olha sério para Hyun.

— Pois tente alguma coisa e vai ver do que sou capaz. — O brutamontes abre um sorriso malicioso. — Faço isso aqui. — Ele estala os dedos. — E essa espelunca fecha.

Não, não, não... a floricultura, não. Aquilo não podia acontecer. Já seria difícil quando Florêncio e Rosalinda deixassem a gerência. Pensar no fechamento definitivo do lugar era algo que eu simplesmente não conseguia suportar.

— Pois vá em frente! — Hyun diz.

— Hyun, o que está fazendo? — digo, desesperada. Ele vira sua cabeça em minha direção.

— Confie em mim, Lisa. Apenas confie em mim — sussurra

— Acabou o papinho? — A voz daquele homem assustador nos interrompe.

— Saia daqui! — Hyun grita. — Saia e nunca mais volte!

— Eu vou, e pode ter certeza de que não volto mais aqui. Aliás, acho que ninguém mais vai. — Ele lança um sorriso maligno e caminha em direção à porta. Nesse momento, Rosalinda e Florêncio entram.

— O que está acontecendo? — Florêncio pergunta.

— Vocês nem imaginam o que vai acontecer com esse lugar… — o brutamontes sai da floricultura, deixando claro seu desejo.

De repente, sinto uma tontura, e os braços de Hyun me seguram, guiando-me até uma cadeira. Sentada, coloco as mãos no peito e respiro lenta e profundamente, tentando normalizar minha frequência cardíaca. Minhas mãos ainda tremem. Ao olhar para o lado, vejo Hyun cerrando os punhos. Ele se vira para o lado oposto e leva as mãos à cabeça, claramente perturbado.

— Tome querida, beba. — Rosalinda aparece com um copo de água nas mãos e me entrega.

Tento me acalmar, mas, por algum motivo, as palavras daquele homem continuam ecoando em minha mente.

Passado todo aquele alvoroço, e me sentindo melhor, relato tudo o que aconteceu para os donos da floricultura. Estamos sentados enquanto Rosalinda nos serve um chá, para acalmar as coisas.

— Se não fosse por Hyun. — Olho para ele, que está sentado em uma cadeira na minha frente, com os cotovelos apoiados em seus joelhos e a cabeça baixa. — Não sei o que teria acontecido.

— Graças a Deus, você veio aqui, menino. — Florêncio agradece.

— Obrigada por proteger a Lisa, Hyun. — Rosalinda se manifesta.

— Fico feliz por chegar a tempo.

Ele levanta a cabeça ao proferir as palavras e me encara tão profundamente, que preciso desfazer o contato.

— Bom... — Florêncio levanta. — Você pode ir para a casa, Lisa. Passou por muita coisa hoje.

— Mas ainda preciso arrumar as coisas da loja, senhor.

— Não se preocupe, minha linda, você pode ir para a casa. Fechamos a floricultura. — Rosalinda diz, acariciando meu cabelo.

— Hyun, pode acompanhar a Lisa? — Florêncio pede.

Meus olhos se arregalam para o lado de Rosalinda, que apenas dá uma piscadela.

— Não precisa, Hyun. Estou bem, posso ir sozinha.

Ele balança a cabeça negativamente, e olha para Florêncio.

— Pode deixar, senhor! Vou acompanhá-la. — Florêncio solta uma lufada de ar, parecendo mais despreocupado. — Vamos, Lisa? — Hyun estende a mão para mim e, sem muitas opções, aceito.




*Na Direção do Amor*

Desde menino, aprendi que a violência não resolve nada. Foi essa lição, junto ao fato de ser cristão, que me ajudou a manter o controle quando vi aquele homem ameaçar bater em Lisa. Mas, Deus... como eu queria acertar um soco naquela cara medíocre dele.

Faz alguns minutos que Lisa e eu saímos da floricultura, estamos andando um ao lado do outro, em um silêncio confortável.

— Estou com medo. — Ela diz, quebrando o silêncio e me deixando preocupado.

Olho em sua direção, aguardando uma explicação. Ela suspira profundamente antes de voltar o rosto para mim. Seus olhos brilham, cheios de lágrimas, e, quando finalmente decide falar, sua voz sai trêmula.

— Aquele homem… ele afirmou que vai fechar a floricultura, Hyun.

— Lisa... — paro de andar e seguro seus ombros, virando-a de frente para mim. — Lembra quando eu te disse para confiar em mim? — Ela assente com a cabeça. — Então, estou pedindo novamente. Confie em mim. Vou resolver isso, prometo.

— É uma promessa? — pergunta. Aceno com a cabeça, de forma confiante. — Se você não cumprir, vai se ver comigo.

Ela limpa uma lágrima e dá uma risada. Deus… era aquele sorriso de novo. Retribuo e, dando o assunto por encerrado, voltamos a andar pela calçada.

— Com todo esse tumulto, não consegui perguntar… como você está? Se sente melhor? — A dona de meus pensamentos pergunta.

— Sim, com os comprimidos que me receitou, estou muito melhor.

— Fico feliz em saber.

— Só não consegui dar meu passeio por Florália. — Ponho as mãos no bolso da calça. Lisa fica em silêncio por um momento, e me surpreende quando volta a falar.

— Tive uma ideia — diz, me olhando como uma criança que acabou de ganhar um doce. — Que tal eu ser a sua guia turística? Amanhã eu não trabalho, então vou estar disponível. — Lisa para por alguns segundos, parecendo pensar. — Também seria uma forma de agradecer pelo que fez por mim hoje.

— Bom… não precisa me recompensar pelo que fiz — digo, sentindo meu coração acelerar com a ideia de passar um dia inteiro com ela.

— Eu insisto, Hyun.

Hesito por um momento, avaliando se seria adequado aceitar o convite. Até que decido.

— Tudo bem, eu aceito.

— Vou te levar aos melhores lugares de Florália! — Lisa fala, empolgada, e com um sorriso vitorioso, diferente de mim.

Não que eu não estivesse empolgado também, mas… passar algum tempo com ela, fora da floricultura ou da igreja, me deixava ansioso e, ao mesmo tempo, nervoso. Preciso orar por esse passeio, e pelo meu coração.

— Sei que você já morou aqui, mas preciso te mostrar os novos pontos turísticos de Florália. O parque, a sorveteria, a ponte do rio Kaelos… tem tantos lugares.

A espontaneidade e a alegria de Lisa me encantam. De alguma forma, ela desperta em mim algo que eu não sinto há muito tempo. Sua doçura, seu jeito leve, seu sorriso cativante, sua essência... tudo nela me faz suspirar profundamente.

— Chegamos. — Ela diz, interrompendo meus pensamentos e parando em frente à sua casa. — Muito obriga…

— Minha filha, está tudo bem? Rosalinda me ligou falando do ocorrido. — Uma mulher diz, saindo pela porta e correndo até a moça ao meu lado.

A mulher, que presumo ser sua mãe, a analisa da cabeça aos pés, parecendo procurar por algo de errado.

— Oi, mãe. — Lisa a abraça com carinho e acaricia seus cabelos. — Está tudo bem comigo. Não se preocupe. A propósito… — ela afasta a mulher e se vira em minha direção. — Esse aqui é o Hyun. — Ela aponta

para mim. — E essa é minha mãe, Hyun, a Liliane.

— Olá, Dona Liliane. Prazer em conhecê-la. — Me curvo diante da mulher.

— Que bom te conhecer, Hyun. — Ela me abraça, me pegando de surpresa. — Quero te agradecer por proteger a Lisa hoje. Rosalinda me falou de sua bravura.

— Não precisa agradecer. Fiz o que era certo — respondo, envergonhado.

— Preciso, sim, menino. E, como forma de gratidão, quero lhe convidar para jantar conosco. O que acha?

Hesito e olho para Lisa, que balança a cabeça em concordância, me incentivando a aceitar o convite. Quando concordo, dando um sorriso para Dona Liliane, automaticamente sou guiado para entrar dentro da casa. Meu Deus… o que acabei de fazer? Conseguia sentir meu coração praticamente sair pela boca.

A casa de Lisa era um oásis de conforto, com uma decoração única e um ambiente acolhedor, exalando elegância. Na verdade, o lugar era exatamente a cara dela.

Seguimos até a cozinha, e, assim que chegamos, sou instruído a me sentar à mesa. Logo em seguida, a mãe de Lisa nos serve o jantar.

— O que está achando da lasanha, Hyun? — Lisa pergunta, depois de um tempo.

— Está maravilhosa. Fazia tempo que não comia uma lasanha tão boa. — Reprimo a emoção ao me lembrar da comida de Omma, a saudade voltando a queimar em meu peito. — Obrigado mais uma vez pelo convite, Dona Liliane.

Ela sorri, e então conversamos um pouco sobre o dia exaustivo, detalhando o ocorrido. Em certo momento, Dona Liliane pergunta sobre minha estadia no Brasil, e eu explico que decidi passar as férias em Florália, omitindo alguns detalhes. A partir daí, mãe e filha começam a me fazer perguntas sobre minha cultura, às quais respondo com prazer.

— E seus pais, querido? Como eles são? — Dona Liliane lança a pergunta.

Engulo a comida e tomo um pouco de suco antes de tentar responder. Não sabia como lidar com aquela pergunta e, além disso, não queria falar sobre Omma. A lembrança dela era dolorosa, ainda mais estando na casa de duas mulheres que me transmitiam o mesmo cuidado que ela.

— Bom… — coço a garganta. — Meu pai é coreano e minha mãe brasileira.

— Sua mãe é brasileira! — Dona Liliane expressa, com certa surpresa.

— Appa está… — reformulo, me lembrando que, talvez, elas não conhecessem as palavras coreanas. — Meu pai está na Coreia, trabalhando, e minha mãe… — tomo coragem para falar de Omma, eu não queria que o clima do jantar mudasse, mas não podia omitir sobre sua morte, o assunto viria à tona em algum momento. — Minha mãe faleceu há quatro meses — digo de uma vez.

Bebo mais um pouco de suco, para disfarçar meu desconforto sobre aquele assunto. Em poucos segundos, Dona Liliane muda sua expressão, agora completamente compadecida.

— Oh, querido. Sinto muito pela sua perda.

— Sinto muito, Hyun.

A voz de Lisa ecoa, expressando suas condolências. E então volta seus olhos para a mesa. Por um segundo, imagino que ela esteja constrangida com o assunto, sem saber o que dizer, mas então, vejo algumas lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Antes que eu tenha a chance de perguntar, Liliane explica.

— Também perdemos o homem das nossas vidas há alguns anos. — Dona Liliane despeja as palavras de uma vez, me fazendo entender o olhar perdido de Lisa. — Meu marido se foi quando Lisa tinha apenas dezessete anos. Já faz um bom tempo, mas nunca o esqueceremos.

— Lamento muito, senhora. — Olho para a dona do sorriso mais lindo que já vi, e que ainda está com a cabeça baixa, e seguro sua mão. O movimento traz sua atenção para mim. — Sinto muito pela sua perda, Lisa.

— Obrigada, Hyun.

Ela fica em silêncio, sem entrar em muitos detalhes sobre seus sentimentos ou sobre seu pai. Sinto que esse é um tema difícil para ambos, tanto para mim quanto para ela.

Finjo olhar as horas no relógio, sem saber como quebrar o clima desconfortável. Por fim, decido que é hora de ir, ou o assunto em questão nos deixaria mais desconfortáveis.

— Bom… depois de um jantar maravilhoso, acho que é hora de ir. — Me levanto, e as donas da casa fazem o mesmo.

— Fico feliz que gostou, menino. Pode voltar quando quiser. —

Dona Liliane diz com um meio sorriso.

— Obrigado mais uma vez. — Me curvo.

— Filha, acompanhe o Hyun até o portão.

Sem dizer uma palavra, Lisa começa a caminhar em direção à saída, e eu a sigo. Caminhamos devagar pelo pequeno jardim em frente à sua casa, e, quando chegamos ao portão, eu o abro, pronto para ir embora e acabar com aquela tensão.

— "Você sabe por que o passado é importante para nós? É porque precisamos aprender com ele."

A voz de Lisa é suave mas, de alguma forma, aquelas palavras me atingem com força. Ela me olha, tão profundamente, que posso jurar que está buscando em meu olhar alguma informação. De uma expressão séria, um sorriso se faz em seus lábios.

— É uma frase de um dorama. — Lisa dá de ombros. — Sou uma apaixonada pelas novelas coreanas. — Seu rosto volta a tomar uma expressão séria. — Por muito tempo, eu não entendi o porquê de Deus levar meu pai, o homem da minha vida… — ela suspira, e lágrimas surgem em seus olhos. — Mas hoje entendo que a vontade dEle não é a nossa. E nem a nossa, a dEle… passei longos anos chorando pela falta de meu pai, questionando Deus sobre o que tinha acontecido. Mas então, o tempo foi passando, a dor diminuindo, até que apenas a saudade ficou.

Sem que eu permita, meus olhos são inundados por lágrimas, deixando minha visão embaçada. E, quando suas próximas palavras surgem, preciso controlar a respiração para não soluçar.

— Por mais difícil que esse momento seja para você, sem sua mãe aqui, se agarre a Jesus, Hyun. Chore quantas vezes forem necessárias, se permita sentir a falta dela. — Abaixo minha cabeça, não conseguindo controlar o choro que inundava minha garganta. — Acredite, você vai ficar bem, Deus está com você, te confortando sempre que necessário, mas, por hora… apenas se permita chorar quantas vezes forem necessárias.

Quando Lisa termina, meus soluços vêm com força. Ela permanece ao meu lado, me observando chorar, e acaricia minhas costas com a mão. Suas palavras me fazem lembrar da última conversa que tive com Omma.

Embora eu estivesse mais firme na fé desde que cheguei em Florália, a ausência de minha mãe ainda doía profundamente. Mesmo sem querer, eu ainda questionava Jesus sobre o que aconteceu, e as palavras de Lisa atingiram o ponto exato que eu precisava para enfrentar esse momento difícil.

Depois de uns minutos, volto meu olhar para ela, que já está com seu rosto molhado de lágrimas.

— Não chore, Lisa… me desculpa por isso… eu… — levo minha mão até seu rosto e o limpo.

— “Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram.” — Ela recita o versículo. — Somos irmãos em Cristo, Hyun. E que tipo de irmã eu seria se não chorasse com você?

Seu sorriso volta ao seu rosto, deixando o ambiente leve.

— Obrigado por isso. — Agradeço.

— Lembre-se Hyun: Jesus é o curador das almas feridas e o restaurador dos corações partidos.

Balanço a cabeça em confirmação e respiro fundo, limpando minhas lágrimas.

— Nos vemos amanhã? — pergunta, com a mão estendida.

— Sim, nos vemos amanhã. — Aperto delicadamente sua mão.

— Em frente à floricultura às nove.

— Certo.

Me despeço e enfio as mãos no bolso, indo embora com um sorriso de orelha a orelha. Lisa conseguia me fazer chorar e rir em menos de cinco minutos.

Deus! Ela era realmente uma pessoa incrível.

Se eu estava ansioso para ver Lisa mais uma vez? Sim, a resposta era sim. Estava tão nervoso que minhas mãos suavam frio. Eu estava orando a cada momento por aquele dia, para o Senhor controlar meu coração.

Para aquele dia… especial, escolhi uma calça chino de cor azul-escuro, camisa polo branca e tênis branco. Algo confortável, pois não sabia exatamente o que esse dia planejava para nós.

Estou em frente à floricultura esperando por ela, Lisa está alguns minutos atrasada. Ando de um lado para o outro, enxugando as mãos na calça. Céus, esse nervosismo vai me matar.

Quando me viro, meu olhar é atraído para Lisa, que se aproxima com uma beleza deslumbrante. Seus cabelos castanhos estão presos em uma trança lateral elegante, com fios soltos que dançam ao redor de seu rosto. O vestido

de manga, azul-claro, realça a cor suave de sua pele. Ao chegar mais perto, contemplo seu rosto com uma maquiagem sutil, que acentua sua beleza natural. Ela está linda e a ponto de fazer meu coração errar as batidas.

— Bom dia, Hyun. — Ela para à minha frente, sorrindo, e eu sinto o adocicado de seu perfume.

— Bom dia, senhorita. — Coloco as mãos no bolso da calça, para disfarçar meu nervosismo. — Você está…

Seus olhos estão grudados nos meus, e isso me desconcerta tanto que preciso pegar fôlego para continuar.

— Você está linda, Lisa.

Ela abre um sorriso maravilhosamente encantador, olha para sua roupa e depois se volta para mim.

— Muito obrigada, Hyun. Você também está… encantador. — Desvio meu olhar dos seus e coço minha garganta. — Então, vamos?

— Sim, claro! Na verdade… — paro de andar e olho para ela. — Onde vamos primeiro?

— Não sufoque a artista, Hyun. Apenas me siga — diz, com um sorriso contagiante. Jogo minha cabeça para trás, gargalhando.

Andamos um ao lado do outro, a rua está bem movimentada, por isso, passo Lisa para o outro lado da calçada, a deixando longe do trânsito intenso. Ela para de andar e me olha.

— Tudo bem? — pergunto.

— Ah… tá…. tudo sim. — Ela volta a sorrir, e olha para baixo, parecendo envergonhada.

Em um impulso de coragem, seguro sua mão e voltamos a caminhar.

— Vem, Hyun! Quero te levar ao meu lugar favorito do parque.

Lisa me puxa, me guiando até o lugar que deseja. Enquanto andamos, observo nosso primeiro ponto turístico, um imenso parque ecológico.

— Esse é o Jardim Botânico.

Olho ao redor, absorvendo toda a beleza do imenso jardim. Ele tem vários tipos de flores, tantas que mal consigo contar, árvores, e um lago em seu centro. Lisa sorri enquanto caminhamos pelo caminho sinuoso do jardim botânico. O sol brilha sobre as flores, fazendo-as parecer ainda mais

vibrantes. O ar está repleto do perfume doce das rosas e do som suave das águas do lago.

— É incrível, não é? — diz, seus olhos brilhando de entusiasmo. — Eu adoro vir aqui para relaxar e me conectar com a natureza.

— Quantos tipos de flores você acha que tem aqui? — pergunto, curioso, e Lisa ri.

— Não sei, mas devem ser centenas! O jardim botânico do Parque Bom Sossego é famoso por sua diversidade. — Informa, cheirando uma flor, que não sei o nome.

— Qual é a sua flor favorita, Lisa?

— Rosa lavanda. Eu amo todos os tipos, mas a lavanda tem meu coração. — Ela aponta para a flor ao seu lado. Preciso concordar, é realmente muito bonita.

— E qual o significado dela?

— Não sei. — Ela  ri. — Sei o significado de poucas, nunca parei para pesquisar o da rosa lavanda.

Lisa vai em direção a sua flor favorita, se inclinando para inalar o cheiro. Ela faz aquilo por um tempo, então sem conseguir pensar muito, pego meu celular do bolso e tiro uma foto, sem que ela perceba. Encaro a imagem de Lisa, agora na tela do meu celular, e um sorriso se forma em meu rosto.

— Ei! A graça do parque é exatamente não mexer no celular — reclama. Quando a encaro, ela sorri novamente, satisfeita, então volta a falar. — Que tal fazer uma caminhada?

— É uma ótima ideia.

Enquanto caminhamos, Lisa desvia o olhar para mim várias vezes. Sinto que ela quer me perguntar algo, mas se contém.

— Pode perguntar, Lisa. Sou todo ouvidos.

Ela ri, mas não olha em minha direção quando pergunta.

— Você vai ficar quanto tempo aqui mesmo?

Então era isso. Por que ela estava curiosa sobre minha estadia? Meu coração acelera ao cogitar que, talvez, ela também goste de passar um tempo comigo.

— Parto daqui a três meses. — Ela balança a cabeça parecendo digerir a informação. — Porquê a pergunta?

— Por nada, só queria saber.

Ao nos aproximarmos de um banco de pedra, Lisa para a caminhada e se senta. Imito seu movimento, me sentando ao seu lado.

— Agora eu posso te fazer uma pergunta? Não querendo ser intrometido ou invasivo. — Olho para ela, depois para o lago cheio de patos a nossa frente. — Durante esses dias aqui em Florália, nunca te vi conversando com alguém sem ser Florêncio e Rosalinda…

Ela me encara.

— Deve ser porque não tenho amigos... — sorri, de um jeito forçado – Sempre tive dificuldade em fazer amizades, até mesmo na faculdade. As únicas pessoas que tenho um laço verdadeiramente íntimo para conversar são mamãe, Florêncio, Rosalinda, a mulher do pastor… — ela abre um sorriso. — E agora você.

Engulo em seco, tentando não pular de felicidade com a informação. Uma pergunta se forma em minha mente, mas hesito antes de falar. A resposta poderia ser o que definitivamente eu não estava esperando. Mas… eu a encaro. Quero saber absolutamente tudo sobre Lisa, tenho essa necessidade de conhecê-la realmente a fundo.

Aperto a mandíbula, soltando um suspiro enquanto tomo coragem de proferir aquelas palavras.

— Bom… e você nunca… — coço a garganta. — Quer dizer, já que sempre teve dificuldade em fazer amizade, eu imagino que deve ter sido difícil para… — aperto meus lábios. — Você sabe… — pigarreio mais uma vez.

Lisa me encara, com as sobrancelhas perfeitamente arqueadas.

— Quer me perguntar se foi difícil encontrar um namorado? É isso? – Ela ri, mas suas bochechas estão vermelhas, denunciando sua vergonha.

— Sim, é isso.

Sinto meu rosto esquentar com a afirmação. Meu Deus… o que estava acontecendo comigo?

— Quer saber a verdade? — Lisa me encara, fazendo meu corpo estremecer com a resposta que seguiria. — Não tenho namorado, na verdade, nunca tive.

Solto o ar, que nem ao menos percebi que estava segurando, aliviando com a resposta.

— Posso saber o porquê? — pergunto, querendo matar minha curiosidade. Ela balança a cabeça em afirmação.

— Sempre busquei preservar meu coração para o homem com quem me casaria. Vez ou outra, apareciam uns lobos em pele de ovelha. — Ela ri. — Mas eu sempre busquei os conselhos da minha mãe, e, quando passei a

trabalhar na floricultura, comecei a conversar com Rosalinda também. Por isso não tenho namorado, estou esperando aquele cujo coração está sendo guardado para mim. Sei que, uma hora, o Senhor fará acontecer.

De repente sinto uma imensa vontade de ser aquele homem. Desejo ser o alguém que Deus está preparando para ela.

— Isso é impressionante, Lisa. Poucas são as mulheres com esse pensamento.

— E você, Hyun? — Balança os pés devagar. — Você… tem alguém?

— Não tenho namorada… — sei que ela perguntará o porquê, como fiz, então continuo falando. — Mas, diferente de você, que nunca se envolveu com ninguém, infelizmente, tive uma namorada há dois anos.

— Por quê, infelizmente?

— Há dois anos eu… estava noivo.

— Uau, eu não esperava por isso. — Ela arregala os olhos e sorri, sem jeito. — Não precisa continuar, sei que assuntos como esse são difíceis de falar.

— Não, tudo bem… — respiro fundo, buscando coragem para desenvolver o assunto. — Há dois anos, eu conheci a Soo-Young em uma programação na igreja. Nesse dia, a mãe dela fez amizade com a minha e, depois disso, nossas famílias começaram a estar mais juntas.

Coloco meus cotovelos sobre meus joelhos, suspirando. Eu detestava falar sobre esse assunto, era extremamente desconfortável.

— Fui conhecendo a Soo-Young aos poucos, e acabamos começando um relacionamento. Mas fomos rápidos demais; com dois meses de namoro, já estávamos noivos. O pior não foi o noivado, mas o fato de eu achar que ela tinha o mesmo caráter cristão que eu. Eu a amava, e ela me amava também… ou, pelo menos, foi o que eu pensei… até descobrir que ela me traía com meu melhor amigo.

A boca de Lisa se abre na mesma velocidade que se fecha, provavelmente desacreditada com meu relato. Ela fica muda por um momento, e provavelmente ficaria ainda mais assustada se realmente conhecesse Soo-Young de verdade. Se soubesse que o único interesse que aquela mulher tinha em mim era o meu dinheiro.

— Nossa, Hyun… que difícil. Sinto muito.

— Não sinta. — Abro um pequeno sorriso, a encarando. — Isso já faz um bom tempo. Diferente de antes, hoje esse assunto não me dói. O tempo

foi passando e o sentimento que eu nutria por ela também.

Lisa me olha com profundidade, como se visse além das minhas palavras.

— Então, depois dela, você meio que… não se relacionou com mais ninguém, por conta da falta de confiança?

Assenti lentamente, surpreso com sua percepção.

— Sim… acho que sim. Depois disso, busquei me concentrar em outras coisas, como o trabalho, por exemplo.

— E você trabalha com o quê?

— Respondo essa sua pergunta, se você aceitar um convite. — Dou um sorriso. E ela me olha com o cenho franzido.

— Isso não se faz com uma pessoa curiosa, Hyun. — Solta uma gargalhada. — Mas, me diz, qual é o convite?

Me levanto, acompanhado por ela, e ficamos de frente um para o outro. Estendo minha mãe para ela.

— Aceita jantar comigo essa noite?

— Hum… — Ela coloca as mãos no queixo, como se estivesse pensando. — Aceito seu convite, mas lembre-se, Hyun. — Aponta o dedo para mim. — Você prometeu me contar.

Balanço a cabeça confirmando enquanto um sorriso escapa de mim. Lisa pega minha mão e a levanto, dando continuidade ao nosso passeio.

Depois do parque, Lisa me leva a uma sorveteria bem famosa de Florália, onde há uma grande variedade de sabores. Compramos nossa sobremesa e ficamos conversando sobre várias coisas. A cada instante eu me encantava mais por ela, e meu coração, que há tempos estava adormecido para o amor, começava a bater mais forte.

Depois de um longo dia cheio de aventuras e revelações. Decidimos que é hora de retornar.

— Venho te buscar às 19 horas, Lisa. — Informo e, após me despedir, começo meu caminho de volta para casa.

Enquanto caminho, pego meu celular para olhar mais uma vez a foto que tirei da Lisa. Eu poderia ficar horas admirando sua beleza mas, além dela, Lisa tinha um brilho diferente, o mesmo do Espírito Santo.

Enquanto ainda olho para a foto dela, o celular toca. É Appa me ligando. Sei que, se atender, ele vai pedir para eu voltar imediatamente, então decido apenas enviar uma mensagem dizendo que estou bem e que ele não precisa se preocupar comigo.

Hoje, eu me concentraria apenas em meu encontro com Lisa, e faria de tudo para que fosse perfeito.



# Lisa Alencar

## *A Sua Beleza Verdadeira*

Ai, meu Deus, o que vou vestir? Onde estava com a cabeça para aceitar esse convite?

— Filha, posso entrar? — Mamãe pergunta, batendo na porta. Murmuro uma resposta, sem desviar os olhos do armário à minha frente. — Ué, o que houve? Por que essa cara? O passeio com o Hyun não foi bom? — Ela se senta na cama, me olhando com preocupação.

— Foi ótimo, mãe. Mas… — suspiro e me sento ao seu lado. — Ele me chamou para jantar — relato, com certo desespero. Ela ri.

— Você aceitou? — Balanço a cabeça, confirmando. — Então por que esse desespero todo? Hyun é um homem bom, tenho certeza de que será respeitador. Além do mais, agora é tarde para desistir.

Ela tinha razão, eu não podia desmarcar. Além disso, queria muito saber mais sobre o trabalho dele e, talvez… bom, talvez eu realmente quisesse ir.

— Quando é o jantar?

— Daqui a pouco.

Me jogo na cama novamente. Ela levanta e abre meu guarda-roupa.

— O que está fazendo?

— Te ajudando a escolher a roupa para o jantar. Vamos, levante! Vá tomar um banho. — Mamãe manda e, chocada com sua atitude, apenas obedeço e vou até o banheiro.



Me olho no grande espelho do quarto, avaliando minha escolha para o jantar. Um vestido midi vermelho de mangas justas até os cotovelos,

combinado com um salto alto branco surpreendentemente confortável. Prendo parte do cabelo, deixando o restante solto, caindo em ondas suaves sobre os ombros, com duas longas mechas enquadrando o rosto. Como de costume, a maquiagem é leve e natural.

— Nossa, meu amor. Você está deslumbrante.

Mamãe me olha com admiração, me analisando cuidadosamente. Dou uma rodadinha, para que ela me veja de todos os ângulos, o que a faz rir.

— Estou mesmo, mãe?

— Você está parecendo uma princesa — diz, com as mãos sobre o peito.

— Estou nervosa.

— Não se preocupe, minha linda. Acalme seu coração, tudo vai correr bem.

Do lado de fora, escutamos o som de um carro. Dona Liliane corre para a janela e eu sinto meu estômago revirar com o nervosismo.

— Ele chegou, querida. Não o deixe esperando.

— Diga para ele entrar, já irei descer.

Mamãe sai do quarto, indo recepcionar Hyun. Pego minha bolsa de mão e respiro fundo antes de descer as escadas. Quando Hyun me vê descer, se levanta do sofá e, oh, céus, ele está de terno e… Deus! Aquele homem estava simplesmente lindo.

Sinto meu rosto esquentar e minha respiração querer ficar descompensada, respiro fundo antes de chegar perto dele.

— Boa noite, senhorita. — Cumprimenta, se curvando elegantemente. Sinto minhas pernas tremerem sobre os saltos.

— Boa noite, senhor — respondo com um sorriso, tentando ocultar a emoção dentro de mim.

— Você está belíssima, Lisa.

Ele diz, me olhando com admiração. Suas palavras fazem todo o meu corpo estremecer.

— Você também está encantador, Hyun. E obrigada pelo elogio.

— Cuide bem da minha filha, ouviu, Hyun? — A voz de mamãe ecoa. Eu nem havia percebido que ela estava na sala.

— Pode deixar, Dona Liliane.

Hyun abre o caminho e eu o acompanho até estarmos do lado de fora, diante de um dos carros mais caros que já vi em toda a minha vida.

— Não acredito que você alugou um carro só para irmos a um

único jantar.

— Você achou que eu te deixaria ir andando? — Olha para baixo, na direção de meus sapatos. — Com esses saltos?

— É… obrigada — murmuro, sem jeito. — Não sabia que era tão… observador e cuidadoso.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, Lisa.

Seus olhos castanhos me fitam intensamente, fazendo meu estômago revirar mais uma vez. Ele me oferece a mão e abre a porta, me ajudando a entrar no automóvel. Sinto novamente aquela emoção familiar e meu coração acelera.

Vamos em direção ao restaurante, que eu não faço ideia qual. Estranho todo esse mistério; afinal, qual a necessidade de tanto suspense para falar sobre o emprego dele? Espero que, no mínimo, ele seja CEO de uma empresa famosa na Coreia.

Sorrio com aquele pensamento, o fazendo me olhar rapidamente.

— Qual a graça?

— Não é nada — digo, olhando para a rua movimentada da cidade. — Florália é tão linda, não concorda, Hyun?

Espero por sua resposta, que não chega. Olho para ele e o encontro me observando, mas rapidamente desvia o olhar para frente.

— Sim, é muito linda… — ele abre um sorriso. — Lisa, qual seu passatempo preferido?

— Livros de ficção cristã e doramas — digo, sem pensar na resposta.

— Você já tinha mencionado sobre sua paixão por essas novelas… então gosta mesmo desse tipo de programa?

— Sim, muito! — exclamo. — E você, Hyun? Gosta das novelas coreanas? — Ele franze o cenho.

— Então… eu nunca assisti.

— Como assim? Como é possível um coreano nunca ter visto novelas do seu próprio país? — pergunto, chocada. Hyun dá uma gargalhada.

— É isso mesmo. Eu nunca assisti a nenhuma.

Ele continua rindo. Balanço a cabeça negativamente, perplexa com essa informação.

— Não sabe o que está perdendo…

— Me conta mais sobre os livros que já leu.

Espera, ele pediu isso mesmo? A conversa só melhora.

— Tem certeza? Quando começo a falar sobre meus livros, sou uma

verdadeira tagarela.

— Sou todo ouvidos. — Ele sorri, me fazendo o admirar ainda mais. — Pode começar pelo seu favorito.

Hyun me ouve tagarelar sobre meus livros, até chegarmos no restaurante. Ele foi muito guerreiro, porque não deixei nenhuma informação de fora, nem mesmo um detalhe sequer.

Ao pararmos em frente ao restaurante, meu nervosismo volta com tudo. Nunca havia estado em um lugar tão luxuoso.

Hyun sai do carro, me pedindo para esperar. Ele abre a porta e estende sua mão para me ajudar a sair. Ele oferece seu braço para que eu me apoie. Hesito, o olhando.

— Pode se apoiar em mim — diz, ainda com o braço estendido. — Por segurança.

Olho para meus saltos, nem um pouco baixos, então entrelaço meu braço ao dele. Por que, quando estou próximo demais de Hyun, meu estômago revira?

Ao olhar para dentro daquele restaurante, me sinto pequena. O ambiente é elegante, com paredes de mármore, lustres de cristal e excessivamente decorado.

— Por aqui, senhores. — Um garçom de postura ereta e elegante nos direciona até nossa mesa. Hyun puxa a cadeira para mim e logo depois se senta.

Ele parece aqueles personagens dos doramas. Mas, diferente deles, Hyun é real, e os sentimentos que ele me causa também.

— Nossa, que lugar lindo — digo, admirando aquele luxo todo. — Parece um palácio de tão elegante.

— Então acertei na escolha. — Ele sorri. — Um palácio para uma princesa.

Olho para ele lentamente e sinto meu rosto esquentar. Hyun percebe meu constrangimento, então muda rapidamente de assunto, como se eu não tivesse ouvido suas palavras.

— Vamos pedir?

Olho para o cardápio que ele segura e levo a mão à boca, tentando conter uma risada.

— O que houve? — pergunta, me olhando.

— É… — aponto para as mãos dele. — O cardápio está de cabeça para baixo.

Uma risadinha escapa de mim e Hyun apenas abaixa a cabeça, claramente envergonhado.

Alguns segundos depois, o garçom se aproxima, pronto para anotar nossos pedidos.

— O que você irá pedir, Lisa? — Hyun pergunta.

Analiso o cardápio e meus olhos se arregalam ao ver os preços em negrito. No mínimo, era todo o meu salário em um único prato daquele restaurante. Decidi pedir o que estava mais em conta. Fui convidada para jantar, mas isso não significa que iria empobrecer o Hyun.

— Vou pedir esse risoto de legumes. — Olho para o garçom, que assente.

— Vou querer o mesmo. — Hyun fecha o cardápio e o devolve para o garçom.

O homem anota nossos pedidos e se afasta, deixando-nos a sós novamente. Acompanho seu movimento até desaparecer de vista, então me viro para Hyun, decidida a tocar no assunto que realmente me trouxe a este jantar.

— Que tal começar a me contar sobre esse misterioso emprego? — Olho para ele, abrindo um sorriso. — Ah, você não achou que eu me esqueceria, não é mesmo? — Ergo minha sobrancelha de forma brincalhona. Ele ri.

— Sei que não se esqueceu, senhorita curiosa, mas pode ser depois?

Solto uma lufada de ar e ele ri novamente, se divertindo com minha frustração.

— Tudo bem, senhor misterioso — resmungo.

Depois de um tempo, o garçom se aproxima com nossos pratos e nos serve. Ao provar a comida, entendo o motivo daqueles valores. É tudo uma delícia.

Enquanto degustamos nossa refeição, Hyun e eu conversamos sobre o nosso passeio e outros assuntos de nossas vidas.

— Você é uma ótima guia turística, Lisa. — Ele elogia, um tempo depois.

— Deve ser porque sou formada nessa área. — Revelo, dando de ombros. — Mas nunca gostei muito, sempre quis ter meu próprio negócio.

— É sério? — Confirmo com a cabeça. — Então está explicado suas habilidades

— Já que estamos nesse assunto… — dou um sorriso intimidador

para Hyun. — Pode revelar o mistério de não ter me contado sobre o seu emprego antes?

O sorriso que havia em seu rosto se dissipa como fumaça, dando lugar a uma expressão séria.

— Lisa… eu queria ser honesto com você hoje, no parque. Eu quis muito te contar, mas não achei que o momento era certo para isso. — Meu coração acelera com o que estava por vir. — Não queria que você se afastasse de mim.

Por Deus, por que ele não diz de uma vez? Toda aquela curiosidade estava me matando! Olho fixamente para ele, tentando encorajá-lo a continuar.

— Lisa… — ele dá uma pausa e respira fundo, antes de continuar: — Sou filho de Parker Sung-Ho, fundador da TechNew Solutions, a maior empresa de tecnologia da Coreia do Sul.

Meus olhos se arregalaram e minha boca se abre, chocada com a revelação.

— Trabalho na área administrativa da empresa e, consequentemente, sou o vice-diretor. Talvez… — ele coça a cabeça, como se a informação a seguir não fosse boa. — Seja uma das empresas mais famosas do mundo. Não queria que isso influenciasse nossa conversa inicial. — Ele junta as mãos sobre a mesa. — Te conheço há pouco tempo, Lisa. Mas, nesse pouco tempo, descobri o enorme coração que você tem…

Hyun conseguiu me deixar sem nenhuma palavra, estou completamente atônita com a enxurrada de informações. Uau, então, ele…

— Então, você é rico?

As palavras fogem da minha boca, sem que eu tenha a chance de freá-las. Hyun pega o copo d'água em sua frente, ainda me encarando.

— Na verdade, milionário seria a palavra exata, mas acho que me encaixo no rico também.

Ele dá um gole na água logo em seguida, me encarando. Fico alguns segundos paralisada e olhando fixamente para ele, enquanto balanço a cabeça, parecendo uma maluca.

— Por favor, Lisa. Diz alguma coisa ou irei infartar.

— É… bom… — não acho palavras. — Quantas revelações para um dia, não é?

É a única coisa que consigo dizer, minha cabeça está praticamente zonza com tudo aquilo. Pego o copo e bebo toda a água que havia

apressadamente. Eu não estava chateada com a omissão, na verdade, a imagem de Hyun não mudou para mim. Mas era… esquisito. Eu nunca havia conhecido um milionário antes, o que se conversa com esse tipo de pessoa?

— Entendo que pode ser algo assustador. Me desculpe por só ter dito agora.

— Assustador? Imagina, senhor Hyun. Está tudo bem. — Respiro fundo, sentindo a necessidade de chamá-lo formalmente. Eu não sabia como me portar.

— Por favor, não… faça isso, Lisa. Não precisa me tratar formalmente.

— Mas…

— Sem, mas, por favor. Uma das coisas que me fez me aproximar de você foi exatamente o jeito como me trata. Como se eu fosse alguém qualquer. Gosto disso. — Balanço a cabeça, concordando, ainda sem graça. — E sobre o meu término com a Soo-Young… — ele continua, sinto que não sairei viva desse jantar com todas essas revelações.

— Espera aí, Hyun. Ainda tem mais?

— Essa é a última, prometo. — Ele ri de um jeito descontraído, fazendo as borboletas em meu estômago levantarem voo. — Tem mais um motivo, além da traição, por trás do meu término com ela.

Respiro fundo, me preparando para a próxima revelação.

— Pode falar.

— Depois de ter descoberto sobre a traição, também descobri que a Soo-Young queria se casar comigo apenas pelo meu dinheiro. — Hyun termina de relatar, bebendo o restante de sua água, visivelmente nervoso.

Naquele momento, olhando em seus olhos castanhos, vejo quanta coisa Hyun teve que suportar. Quando o vi na igreja, chorando, percebi que ele carregava muitas feridas em sua alma, mas que só Jesus poderia curá-lo.

— Sinto muito, Hyun… por tudo o que teve que passar — digo, com verdade, tendo seus olhos fixos em mim. — Mas… por que hesitou em me contar isso no parque?

— Por medo — confessou. — Sempre que eu estava prestes a fazer amizades e contava sobre quem sou, as pessoas começavam a me ver como uma oportunidade, não como uma amizade. Como se, ao invés de me enxergarem como uma pessoa, me vissem apenas como uma mina de ouro — diz, visivelmente frustrado.

— Nossa, imagino como deve ter sido chato. Até mesmo solitário. —

Ele levanta seu rosto, espantado. — Mas não se preocupe. Para mim, você é apenas o Hyun.

Apoio minhas mãos sobre as dele, que estão sobre a mesa. Ele parece estático diante das minhas palavras.

— O Hyun, que cedeu seu guarda-chuva para que eu não me molhasse. O Hyun que me protegeu daquele brutamontes… — ele ri, fazendo seu rosto voltar para aquela expressão alegre de antes.

— Fico muito feliz em ouvir essas palavras, Lisa.

— Sabe… quando você me deu seu guarda-chuva, fiquei extremamente grata. Você simplesmente poderia ir embora, sem olhar para mim. Mas não, você me ajudou. E isso mostra a humildade do seu coração. — Percebo uns resquícios de lágrimas em seus olhos. — O seu valor não está no seu dinheiro, ou na sua empresa, Hyun. Mas bem aqui. — Coloco a mão sobre meu peito. — No seu coração. E isso ninguém tira de você.

Ele abaixa a cabeça, respirando fundo.

— Obrigado, Lisa. — Seu olhar encontra o meu. — Essas foram as palavras mais lindas que já foram ditas ao meu respeito.

Lanço um sorriso para ele e, segundos depois, me toco de que ainda estamos de mãos dadas. Sinto a vermelhidão subir pelo meu rosto. Coço a garganta antes de me afastar. Hyun percebe, mas decide não dizer nada.

— Você poderia ter revelado sobre sua situação financeira antes, não é, Hyun?

Cruzo os braços em forma de protesto, enquanto mudo de assunto. Ele apenas franze o cenho, claramente em dúvida. Solto uma risada.

— Eu não teria pedido isso aqui. — Aponto para a minha comida. — Você pode pagar por todos os pratos desse restaurante. — Hyun gargalha, fazendo as pessoas à nossa volta olharem.

No mesmo segundo, o garçom retorna à nossa mesa, com um novo cardápio em mãos.

— Me desculpe por interrompê-los, mas queria sugerir nosso novo cardápio de sobremesas para casais. Como é novidade, ainda estamos recebendo os feedbacks.

Se antes eu havia sentido meu rosto esquentar, agora eu tinha certeza de que estava mais vermelha do que um tomate. Muito, muito, mais vermelha.

Encaro Hyun, completamente sem graça, ao contrário dele, que me encara com um riso contido. Logo em seguida, encara o garçom com um

sorriso aberto.

— Não somos um casal. — Hyun explica, voltando seu olhar para mim. — Mas seria uma honra ser o cavalheiro dessa dama. — Ele sorri de um jeito que faz meu coração acelerar. Pigarreio, desviando meu olhar. — Vamos aceitar o cardápio.

— Volto em cinco minutos para anotar. — O garçom diz, indo embora logo em seguida.

Fico em silêncio por alguns segundos, tentando digerir o comentário do garçom. Fiquei mais chocada com a fala de Hyun, quando ele disse que seria uma honra ser meu… Deus! Pelo menos ele deixou claro que não éramos nada. Dissipando qualquer pensamento do garçom.

— E então, o que vamos escolher? — Hyun pergunta, me tirando de meus pensamentos.

— Hum… "Amor que floresce" me parece uma boa mistura. — digo, olhando para o cardápio em suas mãos. Tentando disfarçar o quanto sua fala mexeu comigo.

— "Uma sinfonia de sabores para o paladar. Esfera de chocolate negro com ganache de maracujá e geleia de rosas, servida sobre um leito de crumble de castanhas…" — Hyun lê a descrição da sobremesa. — Amor que floresce… é, parece uma ótima opção.

Ele chama o garçom com um gesto discreto e faz o pedido. Pouco depois, o homem retorna com a bandeja, trazendo duas porções do doce.

Comemos nossa sobremesa em silêncio, diferente de antes. E, eu confesso, preciso daquele silêncio para organizar meus pensamentos.

Depois desse jantar cheio de revelações que quase me fizeram partir para a glória, decidimos ir embora. Estou tão exausta que nem percebo quando adormeço no carro.



# Lisa Alencar

*Apaixonados na Cidade*

Desperto com o veículo estacionando. Abro meus olhos, e vejo o terno de Hyun sobre mim, me aquecendo.

— Chegamos, bela adormecida — diz com um sorriso.

— Perdão, estava tão exausta que não percebi quando dormi.

— Tudo bem, não me importo.

Hyun sorri para mim e, sem saber o que fazer, apenas devolvo seu terno. Ele abre a porta do carro e sai, dando a volta para me ajudar. Seu olhar caloroso me envolve enquanto ele estende a mão para me auxiliar.

— Obrigado por hoje, Lisa. Você é uma ótima companhia.

Ele ajeita seus cabelos sobre a testa e coloca as mãos no bolso. Sorrio para ele, sentindo meu rosto esquentar novamente.

— Eu que agradeço, Hyun. Foi um dia muito divertido e um tanto… impactante.

— Me desculpe, mais uma vez, por jogar essas informações como um balde de água em você. — Ele ri e eu nego com a cabeça.

— Obrigada por sua sinceridade.

— Bom… vou deixar você descansar, seus olhos estão mais fechados do que abertos.

— É verdade, estou bem cansada… você vai à igreja, certo?

— Vou, sim, Florêncio me convidou para ir.

— Então nos encontramos lá. Boa noite, Hyun.

— Boa noite, senhorita. — Ele se curva.

— Volte com cuidado! — Me despeço.

Me afasto dele, fecho a porta atrás de mim, e então ouço o som do carro sumindo aos poucos.

Tomo um banho de quase uma hora. E enquanto me visto, meu pensamento inevitavelmente voltam para Hyun. Não quero criar falsas

expectativas sobre ele, até porque nos conhecemos há pouco tempo, e todo o seu cavalheirismo não significa que ele esteja interessado em mim… preciso orar a respeito do meu pobre coração enganoso.

— Senhor, de joelhos dobrados, venho buscar refúgio em Ti. Protege meu coração de ilusões e expectativas precipitadas sobre Hyun. Conheço Teu tempo perfeito e desejo seguir Teu plano. Sei que para tudo à seu momento e eu desejo viver o Seu tempo, Senhor. Ajude-me a esperar pacientemente pelo homem que escolheste para mim. Não permita que eu faça escolhas sem a sua orientação. Amém!



Levanto mais cedo do que o habitual e reprimo um resmungo, o culto só começaria daqui a duas horas. Decido me arrumar para passar o tempo e, de banho tomado, vou em direção ao meu guarda-roupa para escolher meu look do culto de domingo.

Opto por um vestido roxo com detalhes nas mangas e tênis branco. Penteio meus cabelos em um coque alto, deixando algumas mechas finas soltas. Enquanto passo o perfume, meu celular toca. Pego e vejo que o número é desconhecido.

— Bom dia, quem fala?

— Bom dia, senhorita. — A voz de Hyun ecoa em meus ouvidos.

— Bom dia, senhor Hyun — digo, contendo uma risadinha, pois lembro quando ele me pediu para não lhe chamar assim.

— Lisa… — ele me repreende do outro lado.

— Só estou brincando, Hyun. — Dou ênfase em seu nome. Ele ri.

— Liguei para saber, se… — ele dá uma pausa, parecendo hesitante. — Se você e sua mãe aceitam uma carona para ir à igreja? Florêncio e Rosalinda também vão juntos.

Penso um pouco no convite e decido aceitar. Seria uma boa não precisar realizar a longa caminhada até a igreja.

— Tudo bem, vamos te esperar.

— Certo, daqui a pouco chego.

— Espera!

— O que foi?

— Onde conseguiu meu número? Não lembro de ter lhe passado.

— Liguei para Florêncio, para saber se iriam comigo, e então pedi seu número para ele — explica. — Espero que não se importe.

— Claro que não! Não tem problema nenhum.

— Ótimo, então.

— Não se atrase, Hyun — digo, com um tom mandão.

— Tudo bem, senhorita. — Ele ri. — Até daqui a pouco.

Enquanto esperamos Hyun chegar, mamãe e eu tomamos café. Aproveito e conto para ela tudo o que houve no restaurante, a deixando tão perplexa quanto eu.

— Quanta informação, Lisa! — Ela apoia a mão no queixo.

— Nem me fale. — Suspiro.

— Lisa, você não acha que o Hyun está…

— Está o quê, mãe? — Franzo a testa, esperando que ela continue.

— Nada, deixa para lá.

Quando estou prestes a questioná-la, ouvimos a buzina de um carro. Olho pela janela e, ao reconhecer o veículo da noite passada, pego minha bolsa e saímos.

Quando Hyun nos vê chegar perto do carro, sai de dentro dele.

— Bom dia, Dona Liliane. — Ele diz, se curvando para minha mãe.

— Bom dia, querido. — Mamãe retribui a gentileza, o cumprimentando com um sorriso.

— Por aqui, senhora. — Ele abre a porta do carro para ela, a ajudando a entrar.

Observo por um momento o jeito de Hyun. Ele é sempre tão cavalheiro e atencioso.

— Por aqui, senhorita. — Com um sorriso em seu rosto, ele me dá passagem para o outro lado e então abre a porta para mim. — Pode entrar.

Entro no carro, me ajeitando no banco, e cumprimento Rosalinda e Florêncio. Hyun logo entra, se sentando no lugar do motorista, e dá partida no carro.

Durante o trajeto, conversamos sobre vários assuntos, com tanta familiaridade que mal vejo o tempo passar. Quando finalmente chegamos, Hyun nos orienta a descer do carro enquanto ele estaciona.

Os três logo entram, me mandando esperar Hyun, fazendo meu coração começar a bater um pouco descompensado.

— Por que não entrou? — Hyun pergunta, assim que chega na

porta da igreja.

— Me mandaram te esperar — respondo, um pouco sem jeito. — Vamos entrar? — Sem esperar por sua resposta, me viro em direção ao prédio.

— Espera, Lisa. — Hyun me chama. Respiro devagar e então me volto novamente para ele. Esperando que continue. — Esqueci de dizer que você está… linda. Como sempre está, na verdade.

Suas palavras me deixam envergonhada e sinto minhas mãos começarem a suar. O que estava acontecendo comigo?

— É… — não consigo formular nenhuma palavra. — Obrigada.

Me viro novamente e, com rapidez, começo a andar apressada para dentro da igreja.

Olho para dentro do templo e ele está lotado. Vasculho o ambiente, procurando um lugar vazio para sentar, quando vejo mamãe acenando para mim.

— Guardei esses lugares para você e Hyun.

Ela aponta para as duas cadeiras atrás dela. Por que tem que ser tão perto uma da outra? E por que mamãe não se sentou ao meu lado, como sempre faz?

Ainda me questionando, sento-me na cadeira. Logo depois, Hyun chega e se acomoda ao meu lado. Fecho meus olhos, pedindo que o Senhor me auxilie a me concentrar no culto, pois com Hyun ali, aquilo parecia impossível.

O culto começa e os louvores iniciais são entoados, depois, fazemos a leitura da palavra e, em seguida, as oportunidades são distribuídas. Uma irmã é chamada para louvar e, com a permissão do pastor, ela nos convida a ficar de pé.

— Pegue a mão do irmão ou da irmã que está ao seu lado. — Ela pede, fazendo meu coração disparar com a ideia de pegar na mão de Hyun. — Vamos entoar juntos esse louvor.

Hyun percebe minha demora em entregar minha mão para ele, e então ergue a sua em minha direção. Lentamente, levanto meu rosto, mas percebo que ele está de olhos fechados, o que me deixa mais à vontade para aceitar seu toque.

Devagar, encosto minha mão na dele, até estarem totalmente juntas. Respiro fundo, buscando me concentrar. E, quando menos espero, estou cantando o hino com a igreja.

O louvor acaba e, quando abro os meus olhos, Hyun está me encarando tão profundamente que posso jurar estar olhando a minha alma. Coço a garganta, ele percebe e volta seu olhar para frente, como se nada tivesse acontecido.

Ao fim do culto, Rosalinda e Florêncio pegam carona com um casal de irmãos, que iam na mesma direção de sua casa. Por isso, apenas eu e mamãe retornamos com Hyun, o que me deixa ainda mais nervosa. Oh, céus, por que fico assim desde o jantar com Hyun? Por que fico tão nervosa ao seu lado?

— Bom, chegamos. — Ele anuncia, me fazendo despertar de meus pensamentos.

Hyun sai do carro e abre novamente a porta para mim e mamãe.

— Agradeço sua gentileza, querido. — Com um sorriso, ele assente. — Como forma de agradecimento… aceita almoçar conosco? — Ela lança o convite, fazendo meu estômago revirar. Olho para Hyun, que me encara, como se quisesse saber o que eu estava pensando.

— Isso Hyun, aceite. — Minha voz sai calorosa, mas só eu sabia o nervosismo que percorria minha espinha.

— Então… eu aceito. — Ele fala, fazendo mamãe dar palminhas de felicidade.

Diferente dos meus pensamentos, o almoço foi agradável, mas Hyun me olhando de vez em quando, me deixava nervosa. Mamãe revelou quase todos os meus segredos para ele. E, para meu desespero, ela tocou no assunto que eu mais queria evitar: minha vida amorosa.

— Lisa sempre foi uma ótima filha e amiga. Oro ao Senhor para que ela encontre uma pessoa que ame a Jesus, como ela O ama. — Mamãe me olha, me deixando emocionada. — Eu só desejo que a minha Florzinha seja feliz. — Ela acaricia minha mão. — Quem sabe o Senhor já não respondeu às minhas orações.

Mamãe olha profundamente para Hyun, o deixando levemente corado. Pego o copo com água, buscando me acalmar mas, quando bebo, acabo me afogando de tão nervosa que fiquei. Começo a tossir várias vezes, até que minha respiração volta ao normal.

— Tudo bem, Florzinha? — Mamãe pergunta e eu concordo com a cabeça, indicando que estou bem.

Hyun, percebendo meu desconforto, decide se levantar, indicando que iria embora.

— Obrigado pela refeição, Dona Liliane. Tudo estava uma maravilha. — Ele se curva diante dela.

— Não precisa agradecer, querido. Volte sempre que quiser. — Sua voz transborda tanto carinho que, por um instante, me pego pensando se ela está tentando agir como cupido.

Nos despedimos, e Hyun vai embora. Não queria admitir, mas algo mudou em mim desde que o conheci. Talvez… eu estivesse começando a gostar dele. Ainda assim, é cedo para afirmar qualquer coisa, até porque não sei o que ele sente. Se Hyun realmente estiver interessado, terá que provar, não apenas com atitudes, mas, acima de tudo, com palavras.




*O Seu Sorriso Real*

Dois meses e meio em Florália voaram. Agora, a perspectiva de deixar para trás amizades verdadeiras, especialmente Lisa, é quase insuportável. Ela se tornou a resposta das minhas orações, o amor que eu buscava. Meu coração bate forte ao admitir: estou profundamente apaixonado por ela.

Não houve um dia em que eu deixei de orar sobre o que sinto por ela. Orei intensamente, mas agora é hora de resolver algumas coisas antes de partir.

Todos os momentos que passamos juntos nesses meses foram suficientes para eu saber qual passo dar a seguir. Confesso que estou nervoso, pois a resposta que espero não depende apenas de Lisa.

Respiro fundo, tomando coragem para sair de dentro do carro, gotas de suor brilham em meu rosto, minhas mãos estão frias como uma geladeira e minhas pernas insistem em não querer se mover. Oh, Senhor, me ajude. Respiro fundo mais uma vez. É agora ou nunca.

Dou três batidas na porta da casa de Lisa. Minhas pernas tremem tanto que mal consigo ficar parado no mesmo lugar.

— Olá, querido. Que surpresa boa… — A mãe de Lisa me recebe, com um sorriso hospitaleiro.

— Olá, Dona Liliane. — Busco ar em meus pulmões, tentando agir com tranquilidade. — A senhora tem um momento? — Ela assente e pede para que eu entre.

Sento no sofá da sala, limpando a testa com as mãos inúmeras vezes. Oh, Senhor, por que tenho que ficar tão nervoso?

— Aceita um suco ou…

— Dona Liliane, preciso dizer o que vim fazer aqui logo, ou sinto

que não sairei vivo… — ela franze o cenho com a interrupção, e logo depois dá um sorriso.

— Tudo bem, querido. Pode começar.

Ela se senta ao meu lado. Busco acalmar minha respiração para começar.

— Dona Liliane… — começo. — Desde minha chegada em Florália, fui recebido com muito amor por vocês. Já se passaram quase três meses, e minha partida se aproxima. — Engulo em seco. — Fui muito abençoado por conhecer cada um de vocês… Lisa em especial. — Ela me ouve, atenta. — Conhecer a Lisa foi uma das surpresas mais lindas que já me ocorreram. Ela me mostrou que o amor floresce quando menos esperamos.

Olho para ela, que mantém os olhos fixos em mim. Respiro fundo, tentando organizar o discurso que ensaiei tantas vezes em minha mente.

— Passar esses meses ao lado dela me fez perceber que quero tê-la ao meu lado pelo resto de minha vida. Lisa é o amor inesperado que floresceu em meu coração. Quero cultivar essa flor para sempre, mas, para isso… — respiro fundo. — Para isso acontecer, tive que vir aqui, falar primeiro com a senhora e saber a sua posição quanto a esse assunto.

Dona Liliane me olha, como se tentasse encontrar algo em meu interior. Sua expressão séria é tomada por um sorriso.

— Até que enfim, querido. Já estava na hora… na verdade, estava passando da hora. — Dou um suspiro aliviado. — Durante esses meses, percebi seu interesse em Lisa. Seu olhar para ela, seu sorriso quando ela sorria… confesso, Hyun, orei para que você tomasse essa decisão. — Seus olhos começam a brilhar com lágrimas. — Lisa é o bem mais precioso que tenho, Hyun. A herança que o Senhor me concedeu.

— Eu sei, e por isso vim conversar primeiramente com a senhora. Não queria falar com a Lisa antes de saber sua posição.

— E eu agradeço por isso, Hyun. — Ela enxuga uma lágrima. — Promete fazer a minha Florzinha feliz?

— Prometo, Dona Liliane. Se preciso, darei a minha vida por ela — digo emocionado.

— Como Cristo deu a sua vida pela igreja? — Ela se levanta e eu a acompanho.

— Sim, como Cristo deu a sua vida pela igreja, assim amarei Lisa. — Dona Liliane me dá um abraço de mãe, o que me faz ficar mais emocionado. Gostaria que Omma também estivesse aqui para conhecê-las.



Dona Liliane já foi, agora faltam Florêncio e Rosalinda. Sim, eles consideram Lisa como uma filha, então, nada mais justo do que conversar com eles também.

Mas como faria sem levantar suspeitas de Lisa? Eu precisaria ir até a floricultura, era um risco a correr, mas eu estava disposto, não aguentaria esperar nem mais um segundo.

Finalmente estaciono o carro em frente à floricultura e, sem demora, entro no estabelecimento.

— Hyun, que surpresa maravilhosa! — Rosalinda vem em minha direção e me dá um abraço.

— Oi, Dona Rosalinda. — Cumprimento-a com um sorriso. — Preciso conversar com a senhora e com o Florêncio. Ele está?

— Sim, querido. Ele está na cozinha. — Ela me olha com uma expressão confusa, franzindo a testa. — Mas, qual o motivo da conversa?

— A Lisa está aqui? — pergunto, com a voz baixa.

— Ela foi à papelaria comprar algumas coisas, por quê?

— Ótimo. Preciso conversar com a senhora e Florêncio sobre Lisa. — Rosalinda parece entender a urgência, e me direciona rapidamente para a cozinha da floricultura.

O nervosismo de antes volta com tudo. Rosalinda e Florêncio estão sentados à minha frente, deixando-me com o sentimento de estar sendo intimado por algo gravíssimo.

— O que te trouxe aqui, menino? — Florêncio pergunta, sua voz carregada de curiosidade.

Coço a garganta antes de começar. Decido dizer tudo de uma vez, para acabar logo com a tensão.

— Bom, acredito que não seja novidade para vocês meus sentimentos pela Lisa. Sei o quanto vocês a amam como uma filha, e, antes de falar com ela, conversei com a Dona Liliane. Agora estou aqui para saber o que vocês pensam sobre eu iniciar um relacionamento com ela.

Florêncio olha para Rosalinda e depois para mim. Ele levanta e, no automático, faço o mesmo, me preparando para seja lá o que for.

— Você acha que consegue proteger a Lisa com sua própria vida, Hyun?

— Sim, senhor! Não só acho, como prometo amá-la e protegê-la, dando minha vida, se necessário. — Florêncio me olha sério, mas rapidamente um sorriso grandioso toma conta de seu rosto, me deixando aliviado. Ele estende a mão.

— Então tem minha aprovação, garoto. — Aperto firmemente sua mão, com um sorriso gigante no rosto.

— Finalmente nossa Lisa conheceu alguém precioso, Florêncio! — Rosalinda diz, emocionada, me abraçando logo em seguida. — Como fará para contar a ela? — Rosalinda pergunta, assim que me solta.

— Tenho algo em mente, mas irei precisar da ajuda de vocês. Na verdade… da sua ajuda, Dona Rosalinda.

— Estamos prontos para ajudá-lo, querido. — Ela declara, parecendo mais animada que eu.

Pego meu celular e envio uma mensagem para Lisa, dizendo precisar encontrá-la na ponte do rio Kaelos, ao pôr do sol. Ela responde a mensagem no mesmo segundo, confirmando sua presença.

Agora, eu só preciso falar com a própria Lisa sobre meus sentimentos por ela.



Antes de sair de casa, dobro meus joelhos mais uma vez, pedindo a direção de Deus para que tudo corra bem. Mais cedo, falei para Rosalinda fazer um buquê com as flores favoritas da Lisa, então, após acomodá-lo com cuidado no carro, olho para o banco do passageiro, me certificando de que não esqueci de nada.

Assim que chego ao local combinado, estaciono o veículo e vou em direção à ponte. À medida que chego mais perto, meu coração acelera mais e mais, fazendo o nervosismo subir pela minha espinha.

Me aproximo silenciosamente da ponte do rio Kaelos, onde Lisa me espera, envolta pelo crepúsculo dourado. O pôr do sol pinta o céu com cores vibrantes, e o vento acaricia seu cabelo enquanto contempla o rio. Eu poderia ficar admirando-a por horas, sem me cansar. Respirando fundo, seguro o buquê de rosas lavadas firmemente em minha mão.

Me aproximo, sentindo meu coração querer pular para fora do

peito. Ao chegar perto, escondo o buquê atrás de mim.

— Lisa… — chamo sua atenção.

Ela se vira lentamente, com aquele sorriso que aprendi a ser completamente apaixonado.

— Hyun! — Ela diz, animada, ao encontrar meus olhos.

Tiro o buquê lentamente de trás das minhas costas e o estendo para ela. Lisa o pega, surpresa, e olha alternadamente para as flores em suas mãos e para mim. Seus olhos começam a brilhar, já cheios de lágrimas.

— Lisa… — pego sua mão, mal dando tempo a ela para processar o significado do gesto. — A primeira vez que te vi foi na cafeteria. — Ela arqueia as sobrancelhas em surpresa. — Fui eu quem pagou pelo seu pedido. — Dou um sorriso e ela fica claramente surpresa com a revelação. — Desde aquele dia, nossas vidas se encontraram de várias formas inexplicáveis e nosso destino começou a se entrelaçar. Quase três meses se passaram, e esse tempo foi suficiente para me fazer querer cuidar de você pelo resto da minha vida.

Minha voz treme de emoção. Preciso respirar fundo para me conter e continuar.

— Lembra quando perguntei sobre o significado das suas flores favoritas? — Ela balança a cabeça, indicando que sim. Afago o dorso de sua mão, abrindo um sorriso. — Então… eu descobri que significa amor à primeira vista… E foi exatamente isso que aconteceu comigo. — Vejo lágrimas descerem pelo seu rosto. — Me apaixonei assim que te vi pela primeira vez, sem perceber. Mas, ao te conhecer, meu amor floresceu, e passei a te amar. Você é a flor mais bela do meu jardim, Lisa. Quero cuidar de você em cada estação, em cada momento, quero cuidar de você para sempre.

Ela me encara, os olhos nublados de emoção. Percebo que este é o momento que eu estava esperando. Com as mãos trêmulas, tiro de dentro do bolso da calça a caixinha aveludada.

— Lisa Alencar. — Começo a me ajoelhar. — Por meses orei por você, orei por nós, então, estou aqui. — Abro a caixinha, revelando um anel delicado, com uma pequena pedra branca brilhante. — Você aceita ser minha namorada, Lisa?

Ela hesita por um momento, parecendo não acreditar no que estava acontecendo, mas logo em seguida balança a cabeça.

— Eu aceito, Hyun. Deus! É claro que eu aceito. — Responde

nervosa, e então me levanto, pego sua mão delicadamente e coloco o anel.

— Obrigada por ser você, Hyun. — Lisa me abraça emocionada e com um lindo sorriso. Essa é a primeira vez que a abraço. — Você foi a oração mais linda que já fiz.

— Saranghae, Lisa… eu te amo. — Proclamo as palavras que estavam guardadas em meu coração. Lisa me encara surpresa, e então me abraça, mais uma vez.

— Saranghae, Hyun.



Decidimos sentar na ponte e ver o sol se pôr por completo. As ondas batem nas rochas, fazendo o ambiente produzir um som suave e contínuo.

— Sua partida se aproxima, certo? — Ela pergunta, encarando o rio à nossa frente. Eu sabia exatamente o temor que ela sentia.

— Sim. Parto daqui a alguns dias… mas não se preocupe, Florzinha, retorno o mais breve possível. Eu prometo — digo, olhando seus olhos ainda vermelhos, tentando deixá-la aliviada.

— Espera, você me chamou do quê?

— Florzinha. — Pego em sua mão e ela abre um grande sorriso. — É assim que te vejo, Lisa. Uma flor rara e insubstituível. — Seu sorriso se alarga ainda mais.

— Acho que mamãe não vai gostar nada de saber que um certo alguém roubou o apelido que ela criou — diz, olhando para o anel em seu dedo.

— Eu e a Dona Liliane somos chingus[5], agora. — Lisa gargalha com minha afirmação. — Entre nós, não há esse tipo de intriga. — Coloco uma mecha do seu cabelo, atrás da orelha. — Então se acostume, Florzinha, pois te chamarei assim de agora em diante.

— Amo ser chamada de Florzinha. — Lisa pega o buquê, cheira as flores e põe de volta no mesmo lugar. — Vou pensar em um apelido para você também. — Ela me lança um olhar sugestivo. — Hum… — coloca a mão no queixo, pensando. — Já sei! Vou te chamar de Min Min.

Ao ouvir aquelas palavras, uma onda de saudade preenche meu corpo. O apelido que minha mãe me deu soa ainda mais bonito em sua voz.

— Esse apelido não é novo, sabia?

— Jura? Quem te chama assim?

— Omma me chamava assim. — Olho para o rio, tentando conter as lágrimas. — Ela criou esse apelido, e fazia gracinhas quando estava perto de outras pessoas… eu ficava todo sem jeito, mas me divertia com ela.

— Sua mãe deve ter sido uma mulher maravilhosa. Você fala dela com um brilho nos olhos. — Balanço a cabeça, concordando.

— Omma é a principal responsável pelo que me tornei. — Agora é Lisa quem acaricia o dorso da minha mão.

— E ela te criou muito bem, Min Min. — Rio tanto que meus olhos lacrimejam. — Posso te chamar assim, não é?

— Só não me chame assim na frente das pessoas, me sinto uma criança. — A dona do meu coração ri.

— Tudo bem, Min Min — diz, se divertindo. Seu rosto é tomado por uma expressão séria dessa vez. — E o seu pai, Hyun? Você fala bem pouco dele.

Suspiro. Falar de Appa era um pouco mais difícil. Mas chegou a hora de revelar toda a verdade para ela, principalmente sobre minha fuga.

— Tem algo que não te contei sobre a minha vinda para Florália.

— Se quiser desabafar, sou toda ouvidos, Min Min. — Dou um mini sorriso para ela, mas, no fundo, busco as palavras certas para falar…

— Depois que minha mãe morreu, Appa começou a me pressionar para me casar logo. Todos os dias era a mesma conversa, o que me deixava cansado. Ouvir as lamúrias dele era cansativo demais… por isso decidi vir para Florália, para tentar organizar meus pensamentos. — Olho para ela, que assente. — Lisa… — respiro fundo, me preparando para revelar. — Eu fugi do meu pai, sai escondido da Coreia.

Ela encara o mar à nossa frente sem dizer uma palavra. Lisa parece pensar antes de falar.

— Você sabe que ele também está sofrendo, não é, Hyun? — Sua voz sai suave.

— É, eu sei. — Solto uma respiração pesada.

No fundo, eu sei que me concentrei apenas na minha dor, deixando de lado o sofrimento de Appa. Não fui o suporte que ele tanto precisou.

— Posso te dar um conselho, Hyun? — Lisa me olha como se estivesse prestes a me dar um sermão. Aceno, indicando que sim. — Você perdeu sua mãe, mas seu pai perdeu a mulher da vida dele. — Desvio meu olhar para baixo, envergonhado demais para olhar Lisa nos olhos. — Sei o que vocês enfrentaram, pois também perdi meu pai. Mas não deixe a dor da

perda te afastar dele. Sei que ele te ama e que você também o ama. Então, Hyun. — Ela dá uma pausa. — Quando você voltar para a Coreia, exponha seus sentimentos, se abra com seu pai e tente entendê-lo Sei que ele anseia por isso, tanto quanto você. Tente entender que ele também está sofrendo com a ausência dela.

Um sentimento de culpa começa a se formar em meu peito, me fazendo chorar em silêncio. Como sempre, Lisa me consola, afagando minhas costas com sua mão.

— Obrigado, Lisa. — Ela assente, com seu olhar cheio de compaixão.

— Hyun… voltando ao assunto da sua partida… vou sentir saudades.

Seus olhos se fixam em mim, me fazendo querer beijá-lá. Desvio meu olhar para a frente, tentando dissipar aqueles pensamentos. Não era o momento.

— Eu também. Na verdade, irei sofrer de saudades — confesso e ela ri. — Mas não se preocupe, Florzinha, volto daqui a um mês.

— É sério? — Ela pergunta, visivelmente feliz.

— Sim, minha flor. Não posso ficar muito tempo longe do sol que ilumina minha vida.

Lisa bate palmas, e eu tenho a certeza de que fiz a escolha certa. No entanto, a felicidade que ela transmitia momentos antes começa a desaparecer, dando lugar a uma expressão triste. Vejo-a murchar, exatamente como uma flor.

— Um mês ainda é muito tempo. — Ela respira pesadamente. Entrelaço minha mão na sua. — Mas entendo que seu retorno é essencial.

— Obrigado por entender, Florzinha. Prometo voltar o quanto antes. — Tento tranquilizá-la, olhando em seus olhos.

Nosso olhar é interrompido por uma notificação em seu celular. Ela lê a mensagem com um sorriso aberto.

— Mamãe mandou te convidar para ir lá em casa hoje à noite, Rosalinda e Florêncio também vão. É um jantar de comemoração. — Ela franze a testa. — Ué, comemoração por quê? Se eles não sabem que… — Lisa se vira para mim, como se começasse a entender o motivo do jantar.

— Sim, eles já sabem. — Confirmo.

— Agora você vai ter que me contar detalhe por detalhe. — Ela exige, cruzando os braços. — Como isso aconteceu?

Durante a volta para a casa de Lisa, relato cada detalhe de como foi minha conversa com eles. Lisa gargalhou quando contei que estava prestes a desmaiar ao conversar com eles. Suas bochechas ficaram vermelhas de tanto que ela riu.

Essa mulher ainda faria meu coração saltar do peito.



Meus últimos dias em Florália chegaram ao fim. Hoje é o dia que eu menos esperava, e acredito que Lisa também. Todos insistiram em me acompanhar até o aeroporto. Deus, como eu queria ficar ao lado de Lisa para sempre… infelizmente, as responsabilidades de CEO me chamam. Passar um mês longe dela será uma tortura, mas terei que suportar.

— Vamos orar para que sua viagem seja tranquila, querido. — Dona Liliane me abraça.

— Iremos sentir saudades, menino. — Florêncio diz, também me dando um abraço.

— Querido, Hyun. Que você tenha uma boa viagem. — Rosalinda se aproxima. — Não demore muito para voltar, ouviu? Ou um certo alguém… — Rosalinda olha de soslaio para Lisa, que ri. — Irá chorar.

— Bom, vamos deixar vocês se despedirem. — A mãe de Lisa fala e logo eles se afastam.

— Então chegou o dia mais temido, não é? — Lisa diz, se aproximando.

— Espero que um mês passe voando…

— Oraremos por isso…

— Antes de ir, quero te entregar algo.

— Você e as suas surpresas, Min min…

— Feche seus olhos. — Peço. Ela os semicerra, mas logo os fecha.

Tiro do bolso um colar delicado, com um pingente em forma de rosa lavanda, feito sob medida para ela. Coloco-o com cuidado em seu pescoço, sentindo o momento se carregar de significado.

— Pode abrir.

Lisa observa o colar em seu pescoço, e, quando me encara novamente, vislumbro seus olhos cheios de lágrimas.

— Nossa, Hyun! Que colar lindo. Eu amei!

— É para que nunca se esqueça o quanto eu sou completamente

apaixonado por você, Lisa. — Seguro suas mãos.

— Hyun… — ela começa a falar, mas logo o choro a interrompe.

A puxo com delicadeza e a abraço, desejando, mais do que tudo, que esse momento nunca acabe.

— Estarei sempre orando por nós, Lisa. — Beijo o topo de sua cabeça. — Espere por mim.

— Esperarei por você o tempo que for necessário, Hyun. — Ela me abraça mais forte. Por Deus, como eu queria poder ficar ao lado dela, mas nosso abraço é interrompido pela voz que anuncia que em breve meu avião partirá.

— Preciso ir — digo, tentando controlar a respiração.

— Boa viagem, Min Min. Estarei em oração por você. — Lisa limpa seu rosto, molhado por lágrimas. Seguro suas mãos uma última vez.

— Até daqui a um mês, Florzinha. — ela assente, tentando segurar o choro

— Até, meu Hyun.

Deixo um beijo no topo de sua cabeça, e me afasto dela aos poucos.

— Eu te amo, Lisa. — Ela sorri, de um jeito tão lindo que quase desisto de voltar pra Coreia.

— Eu também te amo — responde de volta.

Me viro, seguindo em direção ao meu destino. Antes, eu diria que estava indo para casa, mas depois de Lisa, percebi que meu lugar é ao lado dela. E a prova disso é que, mesmo depois de embarcar no avião, sinto meu coração permanecer em Florália.




# Lisa Alencar

*Nosso Destino*

Fazem exatos quinze dias desde que Hyun partiu. A distância é difícil, mas nossa comunicação diária me dá forças. Trocamos mensagens, fazemos ligações e, mesmo com a diferença de horário, nosso devocional juntos é um momento inegociável.

Acordo para mais um dia de trabalho. Queria muito poder ir até a cafeteria, mas tenho que chegar cedo na Floricultura.

Quando Hyun revelou que a primeira vez que me viu foi lá, fiquei completamente surpresa. E pensar que o homem misterioso que me salvou naquele dia, hoje é meu namorado... Hyun sempre me surpreende.

Sigo meu caminho até o trabalho, refletindo sobre como Deus faz infinitamente mais do que imaginamos. Afinal, nunca esteve nos meus planos me apaixonar por um coreano. Hyun foi um amor inesperado. Ele chegou com seu jeito único e, sem que eu percebesse, conquistou meu coração.

Ao chegar em frente à floricultura, leio mais uma vez a placa de "Vende-se" na porta. Sim, a floricultura foi colocada à venda. Rosalinda e Florêncio finalmente decidiram se aposentar. Fiquei um pouco triste com a notícia que recebi dos donos da loja, embora eles tenham me garantido que eu continuaria trabalhando lá. A floricultura, sem Rosalinda e Florêncio, não será a mesma. A Perfume das Flores tem um lugar muito especial em meu coração, principalmente por causa dos seus donos.

Como a vida tem que continuar, abro a floricultura e já começo a anotar alguns pedidos feitos pelo telefone. Pelo visto, o dia seria intenso, com muito trabalho pela frente.

Eu estava organizando os vasos em fileira, para fazer reposição das flores, quando ouço uma pessoa entrar.

— Bom dia, moça.

— Bom dia… — minha voz simplesmente some ao contemplar o

mesmo brutamontes de meses atrás. Fico estática sem mexer um músculo sequer, minha respiração extremamente pesada. — O que… o que você quer aqui? Disse para nunca mais voltar. — Meu estômago revira ao relembrar do homem levantando sua mão com o buquê para me bater.

— Se acalme, moça. — Ele levanta suas mãos, parecendo ser outra pessoa. — Vim aqui pois quero me desculpar por minha atitude de meses atrás. — O homem relaxa os ombros. — Fui totalmente impulsivo e inconsequente. Não queria ter feito aquilo. Me desculpe.

— É… é… — por que não consigo formular uma palavra? Deus, me ajude. — Tá tudo bem.

— Me perdoe de verdade, moça. — O homem abaixa a cabeça, repetindo mais uma vez suas desculpas.

— Não se preocupe, isso é passado, o importante é que você voltou para… — coço a garganta. — Se redimir. — Ele apenas assente e, quando hesita, percebo que ele tem mais a dizer. — O senhor quer me falar mais alguma coisa?

— Sim. Quero lhe pedir algo, na verdade. — Ele aperta a bolsa em sua mão, com tanta força que suas veias saltam. — Será que… será que você pode pedir para seu namorado retirar a queixa na delegacia e me deixar em paz? — Agora entendo o porquê de seu comportamento. O homem parece se controlar como pode para não surtar como antes. — Seu namorado registrou um boletim de ocorrência e deixou claro que era para eu vir aqui e me desculpar com você.

— Pode deixar, senhor, vou falar com ele. — Reprimo uma risada e o homem parece ficar aliviado.

— Obrigado, moça. Pode até não parecer, mas eu realmente sinto muito por antes. — Agora, sim, sinto verdade em suas palavras. — Mil perdões por causar toda aquela confusão. Havia acontecido algo em minha família e acabei descontando a minha raiva em você.

— Espero que tudo esteja bem agora. — Desejo, realmente sendo honesta em minhas palavras. — Pode ir em paz, irei conversar com Hyun sobre o boletim de ocorrência.

— Por favor, faça isso. — Ele pede, suplicante. — Tenho que ir, obrigado pela sua atenção, moça. — Ele se vira e começa a caminhar, mas, de repente, para, se volta para mim e diz: — Você tem sorte de ter um namorado tão cuidadoso como aquele rapaz. — Com isso, ele sai pela porta.

Fico ali, boquiaberta com a atitude do homem, e ainda mais chocada

ao saber que Hyun foi até a delegacia para prestar queixa contra ele. Pego meu celular e envio uma mensagem para Hyun, mesmo sabendo que ele provavelmente está dormindo.

Lisa

**Oi, Min Min. Que história é essa de você ter ido à delegacia prestar queixa contra aquele homem? Assim que possível, me ligue.**

Assim que termino de digitar, volto para os meus afazeres, deixando meu celular no avental.

Um tempo depois, Rosalinda chega com dois copos de café na mão.

— Bom dia, minha menina. — Ela deixa os copos sobre o balcão e me abraça.

— Bom dia, Dona Rosalinda.

— O dia está incrivelmente belo, não é? — Me oferece um dos copo de café.

— Sim, está lindo. — Pego o copo de suas mãos e bebo um gole do líquido quente. — Tenho algo para lhe contar. — Rosalinda semicerra os olhos.

— O que aconteceu?

— Lembra daquele homem que fez um escândalo na floricultura e o Hyun me protegeu?

— O que tem ele? — Rosalinda diz, franzindo o cenho.

— Ele esteve aqui.

— O que esse homem aprontou dessa vez, Lisa? — Rosalinda pergunta, um pouco alterada.

— Se acalme, ele não veio brigar. — Ela põe a mão sobre o peito, aliviada.

— Então… veio fazer o quê?

— Se desculpar pela última vez.

— Se desculpar? Aquele brutamontes veio fazer isso? — Ela arregala os olhos e eu gargalho com o jeito que ela fala.

— Isso mesmo. E a senhora não sabe da melhor.

Rosalinda puxa uma cadeira e se senta, me olhando com expectativa.

— Pois me conte tudo.

Quando revelo que Hyun prestou queixa contra o homem, Rosalinda

não expressa nem uma reação.

— Dona Rosalinda. — A encaro com um olhar desconfiado. — A senhora sabia sobre isso?

— Bom… — ela volta seu olhar para mim. — Eu sabia, na verdade. — Dá um sorriso forçado. — Só não contei antes porque Hyun me pediu. Ele não queria te preocupar com esse assunto. — Assenti, balançando a cabeça lentamente. — Por favor, querida, não fique chateada com ele por conta disso. Ele apenas quis resolver esse assunto sem te deixar preocupada.

— Tudo bem, eu entendo... — lhe ofereço um sorriso. — Acho que foi até melhor. — Ela concorda.

— Mudando de assunto. — Rosalinda fala, se levantando. — Como anda seu coração? Está com saudades do Hyun?

— Com certeza. — Solto um suspiro, desabafando. — Estou com muita saudade dele. Conto os dias para nos encontrarmos novamente.

— Ver você assim me lembra de quando conheci o Florêncio. Contava as horas para o final de semana chegar, para passearmos juntos por Florália. — Seu olhar transborda um brilho sem igual. — São tempos que não voltam mais… — assinto, admirando o jeito que ela fala da sua juventude. — Mas chega de sentimentalismo! — Rosalinda fala rindo, quebrando aquele momento. — Vamos trabalhar!

Passamos a tarde inteira limpando o lugar, deixando o estabelecimento pronto para a venda. Quando finalmente fechamos a loja, eu reclamava de dores na costa de um lado e Rosalinda do outro. Graças a Deus, o Sr. Florêncio chegou para nos ajudar, então conseguimos acabar no horário.

De banho tomado e cabelo lavado, mamãe e eu fomos para a sala. Munidas de pipoca e brigadeiro, assistimos Garota do Século XX. Mamãe chorou tanto, mas tanto com o final, que não consegui segurar a risada. Falou que nunca mais iria assistir nada que eu escolhesse, que o diretor do filme era um atribulado, que não tinha necessidade de ter colocado um final daqueles, eu apenas assistia seus chiliques, comendo o restante da pipoca.

Fui para o meu quarto dormir e, ao pegar meu celular, vi que havia três chamadas perdidas de Hyun e pelo menos dez mensagens.

Retorno para ele.

— Oi, Min Min! — digo alegre, assim que ouço sua voz do outro lado da linha.

— Oi, Florzinha. Pensei que tivesse acontecido algo de ruim, liguei várias vezes e você não atendeu.

— Estava assistindo um filme com a mamãe. Não percebi que as horas voaram. Me perdoe.

— Tudo bem, minha flor. Você me mandou uma mensagem, então fiquei preocupado. O que… — Hyun dá uma pausa. — O que aquele homem foi fazer na floricultura?

— Ué, foi fazer o que você mandou. — Contenho uma risada. Ouço ele coçar a garganta.

— Então… ele pediu desculpas?

— Sim. — Dessa vez, não contenho o riso. — Por Deus, Hyun, pensei que você tivesse esquecido aquele assunto.

— E como eu ia esquecer do homem que quase te bateu? Falei para você confiar em mim e tomei as devidas medidas.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer, minha flor. Fiz o que era certo.

— Você sempre me surpreende, não é, Min Min? — Ele gargalha.

— Você sabe o quanto eu te amo, Lisa. Nunca vou tolerar que alguém lhe desrespeite. — Suas palavras fazem a saudade em meu peito aumentar.

— Estou com saudades… — digo, apenas ouço a respiração pesada de Hyun.

— Eu também, Florzinha, morrendo de saudades. Estou contando os dias para te reencontrar novamente.

— Estou aguardando ansiosamente por esse dia, Oppa[6]. — Hyun ri novamente.

— Mas você está bem?

— Bom, estou um pouco triste… Rosalinda e Florêncio decidiram que vão vender a Floricultura. — Suspiro. — Eu entendo que isso é para o bem deles, para descansarem. Mas… saber que não vou ver eles dois todos os dias me deixa um pouco triste.

— Sinto muito, Florzinha. Mas vamos crer que Deus está no controle de tudo, a vontade dEle será feita. — Balanço a cabeça, como se Hyun pudesse me ver.

— É verdade, Hyun. A vontade de Deus será feita.

Conversamos por mais algum tempo e, em seguida, desligamos. Já era manhã para Hyun, que precisava voltar ao trabalho, enquanto eu, por outro lado, só desejava uma longa noite de sono.



Os dias seguintes passaram rapidamente, e consequentemente a volta de Hyun se aproxima. Meu coração anseia por esse momento, só não fico totalmente feliz porque faz quase dois dias que não tenho notícias dele. Tentei mandar mensagens, ligar e nada. Estou começando a ficar preocupada.

Hoje é domingo, dia de ir à igreja. Queria estar tranquila, mas pensar que algo pode ter acontecido com Hyun me deixa angustiada. Ao sair do meu quarto, vou em direção ao de mamãe. Ela diz que não está se sentindo bem, então falo que vou ficar em casa, para cuidar dela. Obviamente ela não deixa, mesmo eu insistindo.

O culto foi lindo; cada palavra, louvor e testemunho fizeram meu coração transbordar de alegria com a presença do Espírito Santo. Lá, minha angústia havia diminuído, mas, ao chegar em casa, ela retorna com força total. Avisto um carro desconhecido, parado em frente à minha casa e meu coração acelera com medo de algo ter acontecido com mamãe. Apresso meus passos.

— Mãe, cheguei! — chamo, com certa urgência. Ela sai da cozinha com um belo sorriso no rosto. — Por Deus, mãe! — exclamo. — Pensei que tivesse acontecido algo com a senhora.

— Nada aconteceu, filha! Estou bem. — Ela vem em minha direção e acaricia meu rosto.

— Então, o que aquele carro está fazendo na frente da nossa casa?

— Oi, minha Florzinha. — Ouço a voz mais inconfundível do mundo.

Mamãe sai da minha frente devagar, dando lugar ao homem que eu amo. Hyun está bem ali, sorrindo para mim.

— Oppa… — falo, com a voz trêmula, deixando o choro tomar conta de mim. O sorriso que antes estava no rosto de Hyun desaparece ao ver minha reação.

— Está tudo bem, Florzinha? — Ele se aproxima, segurando minhas mãos, visivelmente preocupado. — Por que está chorando, meu amor?

— Pensei que… — o choro interrompe minha fala. — Fiquei preocupada, achei que algo ruim tinha acontecido com você. — Hyun me olha com compaixão e me abraça.

— Me perdoe, Florzinha. Não foi minha intenção te deixar preocupada. — Ele se afasta lentamente e enxuga minhas lágrimas. — Queria fazer uma surpresa, mas acho que devia ter avisado.

— Você quase fez meu coração parar de bater…— digo, em meio a risadas e lágrimas. Ele sorri e deposita um beijo suave em minha mão.

— Senti muita saudade de você, minha flor.

— Eu também, Min Min. — Expresso, e ele cai na gargalhada por conta do apelido.

— Então, essa é a mulher que fisgou o coração do meu menino? — Uma voz masculina ecoou, saindo de dentro da cozinha.

Olho para o homem e me deparo com uma versão mais velha de Hyun. Os mesmo olhos, o mesmo cabelo… se não fosse pela diferença de idade, eles seriam praticamente iguais.

— Lisa... — Hyun vai em direção ao homem e segura em seu ombro. — Esse é o meu pai, senhor Parker.

— Olá, querida. — O pai de Hyun se curva. — Finalmente tive a oportunidade de conhecer a namorada do meu filho. — Sr. Parker sorri amplamente. — Hyun tem falado muito de você desde sua chegada à Coreia.

— Muito prazer, senhor Parker. É ótimo finalmente lhe conhecer.

— Que tal continuarmos a conversa enquanto almoçamos? — Mamãe sugere. — Só mais uma coisa, Lisa… eu sabia que Hyun chegaria hoje. — Ela revela e rapidamente sai para a cozinha, me deixando boquiaberta.

Hyun levanta as mãos, com a expressão franzida, em forma de rendição. O Sr. Parker também se retira para a cozinha, rindo.

— Você e as suas surpresas, hein, Min Min. — Cruzo os braços, como se estivesse indignada.

— Não posso prometer que irei parar elas, Florzinha. — Ele põe as mãos no bolso da calça.

— Você é literalmente uma caixinha de surpresas, Hyun — digo, balançando a cabeça negativamente e ele solta uma risada.

O almoço com o Sr. Parker é marcado por um ambiente alegre e divertido, revelando uma personalidade surpreendente e um senso de humor contagioso. Agora sei de quem Hyun herdou toda aquela personalidade. Pela união dos dois, creio que se acertaram, e eu fico muito feliz com isso.

Depois do almoço, Hyun e seu pai vão para a casa que haviam alugado para descansar. Havíamos combinado de sair, mas Hyun preferiu não revelar para onde iríamos.

Algumas horas depois, ele retorna para me buscar.

— Para onde vamos, Hyun? Não pode mesmo me contar?

— Não sufoque o artista, Lisa. Apenas espere. — Ele fala em um tom divertido, me fazendo cair na gargalhada.

— Tudo bem, senhor misterioso.

Alguns minutos se passam, até que Hyun estaciona o carro em frente ao maior parque de diversões de Florália. Nunca tive a oportunidade de vir aqui. Seria minha primeira vez, e, ainda por cima, com a melhor companhia.

— Hyun, que maravilhoso — digo, olhando para o parque e para ele. Bato palminhas de felicidade.

— Sabia que você iria gostar de vir aqui. — Ele entrelaça a sua mão na minha. — Vamos criar memórias juntos, Florzinha?

— Vamos, Min Min.

Corremos de mãos dadas até a primeira atração: a Montanha-Russa. Grito de emoção enquanto Hyun ri ao meu lado. Depois, seguimos para o "Túnel do Terror" e nos assustamos com os efeitos especiais. Ao sair, saboreamos o famoso algodão-doce do parque. Competimos no jogo de tiros, e, mesmo com Hyun vencendo, recebo um urso gigante como prêmio de consolação. No carrinho bate-bate, rimos sem parar enquanto colidimos várias vezes. Aquele dia, sem dúvida, ficará marcado em nossas vidas.

— Que dia incrível! Amei cada segundo — digo, saindo de dentro do carro com a ajuda de Hyun. Eu estava tão feliz que não conseguia parar de sorrir.

— Florzinha, tem uma última coisa que quero te mostrar. — Ele arruma os cabelos com a mão, me olhando com expectativa.

— Uma última coisa?

— Sim, uma última coisa. Mas para isso, preciso que me acompanhe em uma rápida caminhada.

— Não vai me revelar o que é né? — pergunto, já sabendo a resposta. Ele faz que não com a cabeça e abre um sorriso. — É... então vamos.

De mãos dadas, caminhamos em silêncio pelas ruas de Florália até chegarmos a um lugar muito familiar para mim: a Perfume das Flores.

— Por Deus, alguém comprou a floricultura! — falo com as mãos na boca, surpresa, por não ver a placa de venda. — Tomara que essa pessoa tome conta tão bem quanto Rosalinda e Florêncio…. — Hyun coloca a mão sobre a maçaneta da porta, fazendo-a se abrir.

— Hyun! — Tiro as mãos dele da porta, olhando para os lados, com medo de alguém nos ver. — Não podemos entrar aqui, não conhecemos quem comprou. — Ele ri com meu desespero.

— Uma olhada não vai fazer mal, Florzinha. — Ele dá uma piscadela, penso um pouco e solto sua mão.

— Tudo bem, mas é rápido.

Hyun entra primeiro e, quando ele acende a luz, coloco as mãos na boca, espantada com o que estou vendo.

A floricultura estava completamente transformada por dentro. As paredes agora eram roxas, e as prateleiras brancas faziam as flores se destacarem ainda mais. A mesa central havia ganhado um tom rosado, igual ao balcão, criando um ambiente acolhedor. O local estava repleto de vasos de cristal que, ao captarem a luz do lustre, iluminavam o espaço de maneira encantadora. Cada vaso trazia uma flor diferente, e eu não conseguia deixar de me maravilhar. Meu Deus, a floricultura estava deslumbrante.

— Vamos ver a cozinha, Lisa? — Apenas concordo sem olhá-lo, estou perplexa demais com o que vejo.

Entramos no ambiente que antes era a cozinha, agora transformada em um escritório. Havia uma mesa, uma cadeira confortável e uma televisão. As paredes, pintadas em um tom suave de laranja, criavam um clima acolhedor, enquanto uma estante repleta de livros capturava minha atenção. Embora eu não pudesse ver meus próprios olhos, sabia que eles se iluminaram ao avistar a estante cheia. Aproximo-me e deslizo minha mão pelos livros. Alguns eram desconhecidos para mim, enquanto outros já haviam sido lidos.

— Hyun. — Olho para ele, que tem um sorriso enorme. — Que lindo! Estou encantada!

— Gostou, Florzinha?

— Por Deus… eu amei!

— Que bom, porque ela é sua. — O sorriso que havia em meu rosto, se dissipa ao ouvir as palavras de Hyun. Olho para ele lentamente, ainda tentando entender suas palavras.

— Como assim, Hyun?

— A Floricultura agora é sua, Lisa. — Repete mais uma vez, em uma tentativa de fazer a minha ficha cair. Balanço a cabeça negativamente várias vezes e ele se aproxima.

— Não, não, não. Eu não posso aceitar, Hyun. Não posso aceitar.

— Lisa. — Hyun segura minhas mãos com firmeza, olhando profundamente em meus olhos. — Quando te pedi em namoro e fiz todas aquelas promessas, não eram apenas palavras. Eu pretendo cumprir cada uma delas, sem exceção. Sei que um relacionamento não é só sobre momentos bons, então, mesmo nos momentos difíceis, estarei ao seu lado, segurando sua mão com toda a força que eu tenho. Você é a pessoa que escolhi para cuidar, agora e para sempre. E o que eu mais quero é realizar todos os seus sonhos. — Sua voz se quebra por um instante. — Eu te amei ontem, te amo hoje, e te amarei pelo resto da minha vida.

— Você não existe, sabia? Primeiro isso, essa floricultura linda, logo depois essa declaração… — olho o lugar a nossa volta, tentando enxergar em meio as lágrimas que embaçaram minha visão. — Estou começando a achar que você é um personagem de um livro de romance, Min Min.

— Então somos os protagonistas. — Ele sorri. — Espero que tenha gostado do lugar, Florzinha.

— Eu amei, Hyun. — Eu o abraço. — Mas acho que não aguento mais surpresas hoje. — Solto uma gargalhada, encarando meu amado com carinho. — Eu também te amo. Quero poder repetir isso por muito tempo.

Hyun suspira aliviado e, em seguida, se afasta de mim com passos pequenos. Meus olhos se arregalam ao vê-lo se ajoelhar à minha frente e tirar uma caixinha vermelha do bolso.

— Fico feliz em ouvir isso, Lisa, porque… — ele abre a caixinha, revelando um anel de noivado delicado e brilhante. — Além de vir para ficar permanentemente no Brasil, quero torná-la minha esposa. Quero cuidar de você Florzinha, como se fossemos um só, exatamente como a palavra de Deus diz. — Hyun abre um sorriso — Lisa Alencar, dona dos meus suspiros e palpitações, quer se casar comigo?

Abro e fecho a boca diversas vezes, parecendo uma boba. Encaro Hyun ainda ajoelhado diante de mim, perplexa. Uma única resposta deixa meus lábios,

— Oh, Deus… sim! — Balanço a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas. — Mil vezes sim, Hyun!

Ele levanta e coloca o anel em meu dedo. O abraço entre soluços, Hyun também parece uma criança chorando.

— Espera. — Nos afastamos. — Você vai ficar no Brasil? — Ele balança a cabeça, confirmando. — Mas e o seu trabalho, Hyun? — Ele me

lança um sorriso e volta a me abraçar.

— Vou trabalhar à distância, Florzinha. Quando minha presença for necessária lá, retorno, e assim que tudo estiver resolvido, volto para você de vez. — Ele se afasta e limpa meu rosto com cuidado. — E, claro, em algumas ou até em todas as viagens, você vai comigo. O que acha?

— Então… eu finalmente vou conhecer a Coreia do Sul? — Ele assente, e deixa um beijo em minha mão.

Conhecer Hyun foi, sem dúvida, um plano divino. Nossas vidas não se cruzaram por acaso ou coincidência, mas por um plano perfeito do Criador dos céus e da terra. Cada detalhe, cada momento, cada sorriso compartilhado, foi meticulosamente orquestrado por Ele. Nossa conexão ultrapassou fronteiras, culturas e distâncias, provando que o amor verdadeiro não tem limites. Agora, olhando para trás, percebo que o amor floresce nas situações mais inesperadas. E eu sou grata por ter encontrado o meu amor inesperado.



# Agradecimentos

Com muita gratidão em meu coração, venho agradecer ao meu Criador por ter finalmente terminado esse conto. Jesus, eu te amo ardentemente.

As minhas meninas, Letícia, Débora e Larissa. A amizade de vocês é como a calmaria em meio à tempestade. Obrigada por cada experiência trocada durante as várias madrugadas de escrita, por cada risada, por cada oração. Amo vocês!

As minhas leitoras, Nathally, Ludmilla, Mariza, Karolynne e Emanuele. Obrigada por cada surto e por todo o incentivo que me deram. Vocês são especiais.

As minhas betas, Verônica, Ana, Poliana e Sarah, vocês foram de grande importância nesse conto, obrigada pela ajuda de vocês!

Ao meu chefe, Natan. Obrigada pelos dias de folga que me possibilitaram escrever esse conto.

A minha revisora, Natália. Você é uma bênção na minha vida, obrigada por tudo.

A minha família, vocês são o bem mais precioso que tenho. Eu os amo muito.

E por último, a vocês leitores, que leram esse conto. Obrigada por darem uma oportunidade para esse livro. Amo vocês.

# Tempo Para Amar



# Tempo Para Amar

## Débora Silper

*Para aqueles que se acham indignos de amor:*
*Não desesperem, seu tempo de amar chegará.*

*“No amor, não há temor; antes,*
*o perfeito amor lança fora o temor; [...]”*
*1 João 4:18*




*Deus tem um Roteiro Perfeito*

"Não há problema em dormir, o
problema está em não ser prudente.
[...] Poderíamos ter descansado um pouco
desde que não nos permitíssemos nos acomodar"
**Roteiro Perfeito - Vi Carvalho**

***Dezembro de 2021***

Quando entro no meu quarto, consigo ver os últimos feixes de luz clareando o local, indicando que o sol estava se pondo e em breve a noite chegaria.

Me observo no espelho da penteadeira e um sorriso largo e contagiante logo aparece no meu reflexo. Meus olhos castanhos brilham por trás das lentes do óculos. Ajusto meu cabelo levemente ondulado, admirando o novo corte, que agora chega até os ombros. Eu adorava como ele e meus olhos tinham a mesma cor.

Não conseguia esconder minha alegria por estar de volta em casa. Finalmente poderia aproveitar o aconchego que tanto senti falta. Porém, se tudo saísse como o planejado, logo estaria retornando para algum campus universitário.

Deito no chão, soltando um suspiro de alívio ao perceber que finalmente tinha conseguido. Como a mais velha de três irmãos, sempre me esforcei para ser um exemplo para eles. Até cheguei a me formar no ensino médio aos 17 anos! Mas nunca imaginei que, a partir dali, as cobranças só aumentariam.

Pouco depois da morte do meu avô, meu pai passou a exigir de mim o mesmo nível de perfeição profissional que ele seguia. Quando chegou a hora de decidir para qual universidade eu iria, nos deparamos com um grande impasse sobre o curso que eu deveria escolher.

Ele queria que eu ingressasse na Universidade de Harvard e cursasse Administração, dando continuidade aos negócios da família. Eu, por outro lado, sempre sonhei em fazer Medicina Veterinária na Universidade de Cornell. No entanto, para alcançar meu objetivo, teria que começar com um curso superior em Ciências.

Após muita pesquisa, descobri um programa de estudos integrados na Universidade de Harvard que permitia cursar Biologia e Administração simultaneamente. Decidi me inscrever e, com esforço, consegui a vaga desejada. A ideia era que, depois disso, eu convenceria meu pai a me apoiar na realização do meu sonho: estudar Medicina Veterinária.

E aqui estou eu, de volta ao aconchego do meu lar após quatro anos intensos de estudos.

Enquanto a grande maioria dos jovens da minha idade estão em busca da sua independência, eu retornei para casa. Não com o intuito de exercer os negócios da família, como meu pai queria, mas para convencê-lo a me deixar cursar Medicina Veterinária. Depois de tantos anos, o amor pelos animais ainda arde intensamente em meu coração, crescendo mais a cada dia que passa.

Essa paixão surgiu quando eu ainda era criança e passava as minhas férias de verão na fazenda do meu avô Joseph e minha avó Florence, os fundadores da Evans CampoPro, a empresa da família destinada à produção e venda de equipamentos agrícolas.

Solto enfim o ar que parecia estar há anos preso em meus pulmões e observo as estrelas fluorescentes coladas no teto por alguns minutos. Eu amava aquilo. Lembro bem do dia em que meu pai e eu as colamos.

Bom, considerando que já tenho 21 anos, isso já tinha mais de uma década, no entanto, eu gostava delas, amava as lembranças boas que me traziam. Fico por mais alguns minutos as admirando, até ouvir batidas na porta.

Segundos depois, meu pai coloca a cabeça para dentro, me observando no chão. O semblante carrancudo de sempre estava escondido por um sorriso largo que iluminava seu rosto. Esse seria o momento perfeito.

Analiso ele por alguns segundos, observando as rugas já estavam aparecendo em sua testa e sua barba e cabelo, que já começaram a ficar esbranquiçados.

— Espero não estar atrapalhando nada — disse enquanto entrava no cômodo. — Posso me juntar a você?

Aceno com a cabeça e ele se deita no chão ao meu lado. Perdemos alguns minutos olhando para o teto juntos. Começo a criar coragem para fazer o pedido.

Viro meu rosto para o contemplar. Seus olhos estão fixos nas estrelinhas e um sorriso quase imperceptível ocupa lugar em seus lábios. O admiro e lembro de que já faz algum tempo que não passamos alguns momentos juntos. Quando criança, éramos inseparáveis, mas, na medida em que as cobranças foram chegando, acabei me distanciando dele. Os anos como diretor-geral da Evans CampoPro na filial da nossa cidade o tornaram um homem rígido, sério e dedicado mais ao trabalho do que à família.

Meu pai não queria apenas ser bom em sua carreira; ele queria ser excelente. No entanto, para alcançar isso, acabou deixando algumas coisas pelo caminho. Nossa boa convivência foi uma delas, mas o mais doloroso foi o distanciamento dele com o Pai Celestial. Ele dizia que não via motivos para perder seu tempo se dedicando a um Deus invisível que nem o respondia quando ele precisava.

Nunca entendi o motivo de meu pai se afastar bruscamente de Deus, mas, ao fazer isso, acabou me levando junto. Não que eu estivesse afastada dos caminhos do Senhor, só não congregava mais. E esse é o meu grande problema, porque, ao me distanciar, deixei minha comunhão de lado e isso acabou se tornando uma grande avalanche de comodismo espiritual do qual eu não fazia ideia de como sair.

Sempre fazia leituras bíblicas e orações, porém de maneira rasa. Sei que isso não é o suficiente, sinto uma necessidade de me aprofundar no meu relacionamento com o Senhor, só não tenho tempo.

Minha mãe e meus irmãos continuaram congregando, eu, por outro lado, me vi presa no campus de Harvard, sempre estudando alguma coisa. Poucas vezes visitei uma igreja em Cambridge.

Volto a olhar para cima e vejo as estrelinhas começando a brilhar ainda mais, enquanto a noite vem chegando.

— Melanie, fico feliz que você tenha retornado para casa. E mais feliz ainda em saber que agora poderá fazer parte dos negócios da família.

Apenas fito o teto e tento absorver aquelas palavras. Agora, eu faria parte dos negócios da família, mas isso não era nem um pouco animador para mim. Então decido que aquela é a hora perfeita.

— Pai.

— Sim? — Seus olhos estão fixos no meu e então me sinto

encorajada para tentar.

— Posso me inscrever em Medicina Veterinária na Cornell? — pergunto, sentindo minhas mãos começarem a suar.

— Está ficando louca? — Seu olhar está sério e bravo ao mesmo tempo, sinto meu coração ser esmagado por aqueles olhos. — Acabou de se formar em Administração e está pronta para seguir na empresa, o que mais você quer?

— Mas, pai… eu quero ser veterinária. — Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, que começam a escorrer pelo meu rosto. — É o que eu desejo, por favor.

— Minha resposta é não, e esqueça essa história! — Se levanta rapidamente. — Agora, pare de chorar, preciso que você desça, tenho algo importante para dizer a todos vocês. — Pediu já parado na porta.

— Posso tomar banho antes? — Peço, também me levantando e secando minhas lágrimas.

— Não demore, esperamos você na sala. — Assentiu, saindo logo em seguida.

Vou para o banheiro e, quando a água começa a cair do chuveiro, se mistura com as minhas lágrimas. Sinto cada parte do meu coração se quebrar ao recordar suas palavras?

— *Por que o Senhor permitiu que isso acontecesse comigo?* — pergunto com o olhar para o teto, esperando uma resposta. — *O Senhor sabe como eu sempre quis cursar Medicina Veterinária e nem ao menos tocou no coração do meu pai para permitir isso!* — Como nenhuma resposta vem, deixo escorrer minhas últimas lágrimas, junto com o restante da esperança que ainda permanecia em mim.

Só me resta aceitar, essa é minha vida e eu estou fadada a viver isso, querendo ou não. Saio do banho e vou para a sala, jamais imaginaria que, ao descer as escadas, receberia a notícia que mudaria minha vida para sempre.



***Janeiro de 2022***

Acordo mais cedo do que o habitual naquela manhã, na verdade, eu quase nem consegui dormir direito. A ansiedade em saber que iríamos morar

com minha avó me deixou totalmente elétrica. Me levanto e, ao abrir a janela, vejo nuvens escuras dominando o céu, abafando a luz do sol, algo típico em Kansas City após uma noite de chuvas e trovões.

Passo mais alguns minutos admirando aquela vista, mas logo trato de ir me aprontar. Começo a andar e emito um gemido de dor assim que tropeço em uma das muitas caixas que estão ali.

Levanto a cabeça, olhando toda a área. Tudo estava vazio, sem vida, enquanto as caixas amontoadas guardavam todos os meus pertences que outrora ocupavam aquele espaço. Decido deixar esses pensamentos de lado e ir me aprontar, logo enfrentaremos uma viagem de mais ou menos nove horas de estrada.

— Animada?

Quando escuto alguém perguntar atrás de mim, rompendo o silêncio instalado, dou um grito tão alto que é bem capaz de ter acordado metade do nosso bairro. Ponho a mão no peito, tentando controlar as batidas do meu coração que disparou freneticamente. Viro para ver quem é e não tenho surpresa alguma, claro que é Anthony, meu irmão do meio que adora me assustar.

Apesar de ter 20 anos e ser considerado “sério” por algumas pessoas, a essência das brincadeiras infantis nunca sairia dele. Na verdade, Anthony era um palhaço quando estava conosco, sempre pregando peças e sendo extremamente carinhoso — para não dizer grudento.

— Thony, você não cresce não? — Um sorriso estampa seu rosto, é impossível alguém olhar e não dizer que somos irmãos.

Nossas aparências são a cópia fiel de nossa mãe, puxando o mesmo tom castanho dos olhos e cabelos, que, a propósito estavam bagunçados, denunciando que ele havia acabado de acordar.

— Pensei que você já estaria pronta com seu *look* de camponesa, fico espantado que continue com esse pijama ridículo.

Apenas rio de seu afronte. Anthony odiava meu pijama cinza do Ió[7], ele achava ridículo por causa da blusa estampada pelo rosto do burrinho com as orelhas caídas e a calça com um rabinho pendurado com um laço rosa.

Nossa mãe entra em silêncio no quarto, com um sorriso amável no rosto.

— Bom dia, queridos! — diz enquanto dá um beijo saudoso em nossos rostos — Anthony, pode ir acordar sua irmã? Preciso conversar com Melanie.

Anthony obedece seu pedido e vai até o quarto de Emma. Minha mãe senta na ponta da cama e sinaliza com a mão para que eu me sente ao seu lado. Obedeço no mesmo instante.

— Filha… eu sei que você passou um período muito focada na universidade e acabou se distanciando um pouco da congregação e comunhão com os irmãos, mas gostaria de lhe pedir algo. — Sinto seu toque em minhas mãos e seu olhar fita meu rosto. — Você me deixaria muito feliz se tentasse se envolver mais em alguns serviços comunitários ou até mesmo em algum cargo na igreja.

Seu olhar estava suplicando por aquilo, o que me faz cogitar essa possibilidade. Solto o ar, frustrada, e penso em alguma resposta.

— Ah, mãe… não é tão fácil assim. — Desvio de seu olhar e observo meus pés. — Depois de ter meu sonho frustrado, nem ao menos sei se quero voltar a congregar.

— Eu não acredito que você está dizendo isso! — Suas mãos tocam as minhas bochechas e viram meu rosto para o seu. — Filha, eu lhe peço… não siga o mesmo caminho que seu pai. Existem coisas mais importantes do que o trabalho, e Deus deve ser a coisa mais importante das nossas vidas. Nos nossos corações, o primeiro lugar sempre deve ser dEle. Sei que você ainda deve estar magoada por seu pai ter negado o seu pedido, mas deve se lembrar de que Deus tem o controle de tudo. Se seu pai não permitiu, talvez seja porque Deus tem algo diferente daquilo que você deseja.

— Mas mãe, é o meu sonho… — meus olhos começam a lacrimejar.

— Sei que é o seu sonho, filha, mas lembre-se de que Deus muitas vezes frustra os nossos sonhos para não nos perder. O tempo que você passou em Harvard praticamente a afastou do Senhor, será que, se você cursasse Medicina Veterinária, seria diferente?

Sua pergunta faz eu abaixar minha cabeça e refletir sobre aquilo. Tudo o que minha mãe falou é verdade e começo a sentir vergonha da pessoa que me tornei.

— Meu amor, Ele prefere ver nossos sonhos frustrados do que nos perder, lembre sempre disso. Não seja uma filha mimada que só serve a Deus porque quer que ele realize seus sonhos. Você era tão ativa na congregação antes, não lembra? Sempre foi um exemplo de fé para seus irmãos… não deixe que seus sonhos seculares tirem seu foco daquilo que é eterno. Agora, com essa mudança, você tem a chance de recomeçar, aproveite a oportunidade que Deus está te concedendo.

Suas palavras são como uma flecha que atingem meu coração.

— Tudo bem, a senhora tem razão... — suspiro profundamente. — Prometo tentar me reconectar e descobrir o que Deus realmente deseja de mim.

— Essa é a Melanie que eu conheço. — Mamãe me abraça. — Agora vamos, precisamos nos preparar. Temos uma longa jornada pela frente.



Minha perna estava doendo de tanto pressionar o acelerador do carro. Estou dirigindo há muitas horas seguidas, minha cabeça dói por conta da música alta que toca, e nem mesmo meus óculos conseguem relaxar minha vista cansada. Eu estava acabada, por que Fort Collins tinha que ser tão longe?

Olhando pelo retrovisor, posso ver o carro de meu pai vindo logo atrás. Por um instante, desejo a calmaria que deve estar lá dentro, já que os barulhentos da família vinham junto comigo.

Anthony está ao meu lado, trocando constantemente as músicas que não gosta, por não serem do seu estilo. Enquanto isso, Emma, no banco de trás, reclama sempre que suas músicas são puladas.

Ela já tinha perdido a paciência com Anthony, e eu, com os dois.

— Emma, será que você pode se calar por alguns minutos? Minha cabeça dói e tenho certeza de que minha perna está inchada. Thony, desligue esse som, por favor. — Peço calmamente, não estava com animação para discutir com nenhum deles, por mais que certas atitudes me incomodassem.

— Eu até pararia, se esse chato não trocasse as músicas nas melhores partes!

Assim que Emma termina de falar, joga uma almofada, tentando acertar o braço de nosso irmão, mas, por uma mira mal calculada, dá na cabeça de Anthony, o que gera uma mini guerra no carro.

Para intervir, aciono o pisca alerta e diminuo a velocidade, parando o carro no acostamento

— O que está fazendo? — Anthony pergunta quando percebe que o carro está parado.

— Estou muito cansada, não vou conseguir continuar dirigindo assim.

Você já tirou sua carteira de motorista, pode muito bem assumir o meu lugar agora. — Engato o freio de mão e saio.

Nosso pai para o carro próximo de nós e abaixa a janela. Ele me olha, tentando saber o que está acontecendo. Informo que estou cansada e que iria trocar de lugar com Anthony. Ele apenas assente e passa à nossa frente, continuando a viajem.

Desligo o som e não o ligo novamente pelo resto do trajeto, para os protestos da minha irmã, eu só precisava descansar um pouco.

Começo a refletir sobre como a vida pode mudar em segundos. Depois que meu pai negou meu pedido, chamou a todos nós para descer, dizendo que tinha algo importante a nos contar. Nunca imaginei, no entanto, que ele nos informaria sobre o falecimento do Sr. Charles e nossa mudança para a fazenda de minha avó no Colorado.

Sr. Charles era um grande amigo da família, ele e meu avô Joseph cresceram juntos, já que desde pequenos moravam em fazendas próximas e tinham basicamente a mesma idade. Ele foi um dos maiores apoiadores para o nascimento da Evans CampoPro.

Quando o vovô morreu, deixou o cargo de diretor-geral para ele na empresa sede. Agora, com sua morte, algum membro da família precisaria assumir a missão e, como papai era o único herdeiro com as competências necessárias, ficaria a cargo dele. Como ambas as cidades ficavam um pouco distantes, ele achou por bem nos mudarmos para a fazenda de vovó Florence.

Agora, meu pai estaria à frente da liderança, e eu ficaria responsável pela parte administrativa. Não era exatamente empolgante, mas ao menos teria a chance de morar com minha avó. E isso sim era animador, até mesmo a realização de um sonho. Viver na calmaria do interior, rodeada de pastos verdes e animais… eu me sentia tão bem naquele lugar.

Não sei o que Deus tem reservado para mim, mas sei que Ele tem em mãos o roteiro perfeito de nossas vidas. Essa é uma nova chance de recomeçar e fazer tudo novo. Falhei bastante com Cristo ultimamente e, talvez, esse seja o momento de mudar o quadro em que eu me encontro. Depois da conversa com minha mãe hoje cedo, percebi que tudo podia ser reconstruído ali. Só depende de mim.

— É estranho vir para cá e saber que o vovô não estará lá. — Emma interrompe o silêncio.

— Não vai ser o mesmo, com certeza, mas é uma ótima oportunidade de ficar mais tempo com a vovó. — Anthony respondeu, com o olhar fixo na

estrada.

— De fato, essa é uma ótima oportunidade para todos nós, vamos ficar com ela e também iremos rever todos os outros. — Tento transpassar conforto, quando, na verdade, meu coração pesa ao lembrar de vovô.

— Mal posso esperar para rever Nala. — Emma diz, animada. — Coitada, deve ter sofrido tanto quando o senhor Charles faleceu.

— Ainda bem que podemos vir para cá e passar algum conforto para ela, quando vovô morreu, ela e o irmão estiveram ao nosso lado. Mel, você não chegou a conhecer o irmão dela, não é? — Anthony pergunta.

— Não, Thony. Não lembra que ela nem chegou a vir para o enterro porque estava preocupada demais, tentando pular mais um ano do ensino médio? — Minha irmã diz em tom de deboche, o que me faz ficar um pouco irritada. Eles nem sequer sabiam o que havia acontecido comigo naquela época.

— Olha aqui, Emma, não fale coisas que você não sabe. — Tento não transparecer o incômodo que sinto e a tristeza que acomete meu coração.

Meus irmãos não sabiam o real motivo de eu não ter ido ao funeral do meu avô, a verdade é que ninguém sabia, nem mesmo minha mãe.

— Não seja hipócrita. Mel. Não está nítido? Todos já perceberam que você está ficando igual ao papai, só pensa em se destacar como a filha exemplar e abandona todos. Nem mesmo se despediu do vovô Joseph.

Aquelas palavras acertam em cheio o meu coração, não podia acreditar no que estava ouvindo. Eu sei que me afastei um pouco dos meus irmãos, mas jamais imaginei que isso tivesse afetado tanto nossa relação. Penso em responder Emma à altura, mas meu coração está machucado e sinto um nó se formar em minha garganta.

— Emma, pega leve. Você sabe que todos passamos por momentos difíceis e enfrentamos do nosso próprio jeito. Você mesma teve seu momento de dor quando soube que teria que deixar o time de vôlei. — Olho pelo canto do olho e vejo minha irmã mais nova cabisbaixa e envergonhada.

Meu coração se aperta ao ver Emma daquele jeito, eu sei que me afastei dela, mas doía saber a imagem que ela tinha de mim. Eu queria pedir perdão, mas também estava magoada e não queria tocar nesse assunto.

Emma era um furacão, tão enérgica quanto o senhor Robert Evans, nosso pai. Seus cabelos eram loiros escuros e seus olhos, verdes. Já Anthony e eu éramos mais parecidos com a Dona Margareth, a nossa mãe.

Ao virar meu rosto para a janela, sou tomada pela visão das altas

montanhas e pelos cercados que delimitam os campos de gado. Olho para frente e vejo o carro de nosso pai sinalizando para virar. Anthony faz o mesmo movimento. Estávamos entrando na estrada que levava direto à casa de minha avó. Meu coração disparou de alegria; já fazem cerca de 6 anos que não venho aqui e, agora, estava voltando para ficar.

Não demorou muito para passarmos pelo celeiro e logo vemos Dona Florence em pé nos esperando. Vovó sempre foi pequenininha, mas com o corpo forte. Um sorriso de orelha a orelha complementa seu olhar doce e acolhedor que estava debaixo do óculos redondo que usa.

Assim que meu irmão estacionou e puxou o freio de mão, saí correndo em direção à minha avó. Subo os quatro degraus da escada rapidamente e a abraço com força, como não fazia há anos.

— Meu bem, calma. Assim você sufoca a velhinha aqui, já não tenho o mesmo vigor de antes.

— Senti tanto a sua falta — digo, acariciando seus cabelos brancos.

— Eu também, meu bem, mas agora teremos tempo de sobra para matar a saudade. — Ela responde, passando a mão em meu rosto.

Dou espaço para que todos possam cumprimentá-la, alguns minutos depois, o carro da mudança chega. Enquanto os trabalhadores descarregam o caminhão e os dois carros, dou um giro completo, admirando cada canto da fazenda. Era uma fazenda linda, com cercas de madeira e muito, muito, verde.

A casa é de dois andares e de madeira, com uma pintura amarela nas paredes. Os pilares são brancos, assim como os cartéis das janelas, a mini cerca de madeira e as cadeiras de balanço que estavam sobre a varanda.

O chão era revestido apenas com verniz, realçando o marrom natural das tábuas. A porta de entrada, posicionada no centro da casa, é azul, no mesmo tom das duas janelas em bay window, localizadas à esquerda e à direita. O telhado também tem um tom de azul, mas um pouco mais escuro, contrastando com a lareira de tijolos que divide o ambiente. Olhando para frente, percebo que a grande árvore ainda está ali, com o balanço que vovô colocou para brincarmos quando crianças.

Essa lembrança me traz uma nostalgia imensa, e o aperto no meu peito só aumenta. Ainda sinto falta dele e lamentava não ter tido a chance de me despedir. Vovô foi um grande exemplo para mim, e, em minhas orações, sempre pedia a Deus que me concedesse um homem tão piedoso quanto ele foi para minha vó.

— Vem, Melanie, vamos entrar e comer um pouco. — Minha mãe toca em meu ombro, me tirando daqueles pensamentos.

Após algumas horas colocando a conversa em dia e saboreando bolo com café, enquanto os homens contratados levavam nossa mudança para os respectivos cômodos, fomos conduzidos até nossos quartos.

O meu e de meus irmãos estavam localizados no segundo andar, enquanto o da minha avó e dos meus pais estavam no primeiro. Quando entro, solto um suspiro de desânimo ao ver todas aquelas caixas ali. Eu teria que tirar tudo de dentro delas e decorar o lugar, mas estava cansada demais. Então, decido apenas procurar meu pijama e tomar um banho, amanhã eu faria isso.

— Como pretende decorar? — pergunta meu irmão, aparecendo atrás de mim e me fazendo dar um salto de susto.

— Garoto! Você quer me matar do coração? — Coloco a mão em meu peito,  tentando controlar minha respiração.

— Claro que não, irmãzinha, ainda quero ter sobrinhos. — Reviro os olhos com a resposta. — E então, já tem ideia de como vai decorar?

— Para ser sincera, não faço ideia, sou péssima nessas coisas… mas estou pensando em pintar as paredes, estou cansada de branco.

— É uma boa ideia. Pode aproveitar e comprar a tinta quando for trabalhar.

— Tem razão, talvez eu faça isso.

Meu irmão se despede, desejando uma boa noite, e vai embora. Depois de achar meu pijama, vou ao banheiro e, enquanto sinto a água quente escorrendo pelo meu corpo, noto o quão cansada eu estou.

Retornando para o quarto, me deparo com Emma em minha porta, me olhando com culpa.

— Me desculpe, Mel. Eu não deveria ter sido grossa com você.

Posso sentir a sinceridade em suas palavras e, quando ela abaixa seu rosto, vejo algumas lágrimas escorrendo por sua face. Eu não deixaria aquilo nos afetar, além disso, eu também tinha uma grande parcela de culpa.

— Ei! — chamo sua atenção, tocando suas mãos. — Está tudo bem. Eu sei e reconheço que, durante esses anos, acabei me consumindo demais com a universidade e deixando vocês um pouco de lado. Prometo que não serei mais assim a partir de agora. Me perdoe por ter falhado com você.

Vejo um sorriso gigantesco surgir em seus lábios. Minha irmã podia ser dura em alguns momentos, mas meu amor por ela superava nossas

indiferenças. Eu sabia que ela sentia minha falta, assim como eu sentia a dela.

Nos abraçamos e sinto uma pequena lágrima escorrer sobre minha bochecha.

— Quer dormir aqui? — pergunto assim que o abraço é desfeito.

— Quero, sim, vou buscar minhas coisas!

Quando ela sai correndo, solto um leve sorriso e balanço a cabeça, lembrando que passamos a maior parte da nossa infância dormindo juntas, e ela sempre tinha a mesma reação.

Emma retorna e deitamos uma ao lado da outra. Como o dia foi cansativo, não demorou nada para que pegássemos no sono.




*Em meio aos nossos erros, Ele nos concede Amor e Graça*

“Além disso, nós muitas vezes seremos
levados ao deserto sozinhos para
aprendermos sobre Ele”
**Amor e Graça - Dulci Veríssimo**

***Janeiro de 2022***

Olho pela janela e vejo que o sol está nascendo. Emma ainda se encontra no mundo dos sonhos, por isso, vou até o banheiro tomar um bom banho com muito cuidado, para não acordá-la.

Ainda de roupão e touca na cabeça, me sento na poltrona de frente para a janela para começar a minha leitura Bíblica matinal. Oro, pedindo que o Espírito Santo fale comigo naquele momento. Depois de tanto tempo negligenciando momentos como aquele, algo em mim sentia que eu precisava daquilo.

Abro meu exemplar sagrado no Salmo 105 e, ao iniciar o devocional, uma sensação diferente toma conta de mim. Sinto um peso no coração ao ler sobre o salmista nos convidando a adorar ao Senhor por Sua grandiosidade em nossas vidas, mostrando como Deus cumpre Seus feitos desde a antiguidade, jamais nos desamparando em nenhum momento.

Quando termino de ler, fico parada olhando para um ponto fixo, tentando absorver os primeiros versos. Questionamentos começaram a surgir em minha mente, será que eu estava espalhando os feitos do Senhor? Será que eu o louvava verdadeiramente? Eu estava relatando as maravilhas que Deus fazia na minha vida? E, o mais importante, eu estava buscando a sua presença? Claramente a resposta para todas essas perguntas era não. Aqueles pensamentos estremeceram uma muralha que estava crescendo no meu coração.

Um passarinho pousou sobre a janela, tomando minha atenção. Olho

o sol nascendo nos mais lindos tons, como se estivessem sendo pintados em aquarela pelas próprias mãos do Criador.

Sinto que lágrimas estão se formando em meus olhos. Quem eu queria enganar? O Senhor estava ali, me chamando para mergulhar mais fundo com Ele. Inúmeras foram às vezes que aquela paz invadiu o meu ser, e como um ímã puxa o metal para perto de si, eu sentia que o Senhor me queria ao seu lado.

Durante anos, tentei me entregar totalmente, mas nunca consegui ser constante. Minhas falhas eram a única constância em minha vida; raramente encontrava tempo para orar e meditar em Sua Palavra.

Mas, mesmo com todos esses erros, Ele sempre esteve lá, me chamando e me consolando, concedendo seu amor e graça. Quando eu tirava alguma nota baixa, era no seu colo que eu me debruçava para chorar. Ele sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida. Eu deveria me dedicar mais a Ele, eu precisava.

Tendo minhas falhas expostas mais uma vez, decido que devo atender àquele doce chamado. Quando fecho meus olhos, pronta para começar a orar, o despertador toca, me dando um baita de um susto. Isso significava que eu teria que deixar esse momento para depois ou levaria uma bela bronca por me atrasar.

Levanto depressa e vou me arrumar. Pego a primeira roupa que vejo, uma calça social verde musgo de cintura alta e uma blusa preta de mangas até o cotovelo, acompanhada de um saltinho básico. Removo a touca e escovo meus cabelos, os deixando soltos.

Logo que desço as escadas e chego na sala, o cheiro de café fresquinho atinge minhas narinas.

— Bom dia, vó. — Adentro o cômodo e vou até a pia onde ela está, dou um beijo saudoso em seu rosto. — Quer ajuda?

— Não se preocupe, pode deixar que cuido de tudo sozinha. Agora, sente-se e tome seu café. Seu pai logo estará pronto para te levar ao trabalho, e você precisa estar bem alimentada. — Seus olhos descem, analisando minhas roupas. — A propósito, você está muito linda nesta manhã.

— Obrigada. Ah, e a propósito, pretendo melhorar meus dotes culinários e espero que a senhora me ajude. — Peço, me apoiando no balcão e olhando para aquela doce senhora.

— Pode ficar tranquila que ajudo sim e ainda passo algumas receitinhas novas para você. Agora, vá se alimentar. — Aponta para a mesa, e

trato de ir me servir.

Esse com certeza é um dos meus lugares preferidos na casa, os armários brancos com as grandes janelas deixavam o lugar bem iluminado e bastante aconchegante.

Depois de alguns minutos em um silêncio confortável, Anthony entra na cozinha nos dando bom dia e já se acomodando na mesa para degustar seu desjejum. Logo depois que ele se serve, nossa avó se vira e fica nos encarando por cima dos óculos.

Quando percebo, encaro meu irmão, desconfiada daquela situação.

— Aproveitando que ambos os bonitinhos estão aqui, podem me dizer quando irão me dar bisnetos?

Aquelas palavras foram suficientes para a torrada ficar entalada em minha garganta e Anthony se queima com o café na mesma hora. É claro que não esperávamos um questionamento daqueles logo cedo. Enquanto eu ainda tentava me recompor, meu irmão aproveitou a deixa para se safar.

— Nossa, acabei de lembrar que esqueci minhas coisas no quarto e, pelo visto, papai deve estar quase descendo, tenho que me apressar. — Olhando para seu relógio imaginário no pulso e pegando o seu café com a outra mão, ele levanta, pronto para partir.

— Anthony, você não se atreva a me deixar aqui sozinha! — Sussurro entre dentes, tentando, em vão, ameaçá-lo.

— Sinto muito, irmã, mas você vai ter que passar por essa sozinha, quem manda ser a mais velha. — Ele dá uma piscada cúmplice para mim e sai assobiando.

— Não pense que eu não escutei, mocinho! Posso ser velha, mas não sou surda, logo, logo, pego você. — Vovó diz, em tom ameaçador, antes que ele saia do cômodo.

Quando seu rosto volta para mim, só consigo arregalar meus olhos e tentar me esconder naquela minúscula caneca de café.

— Parece que restou só você, querida. Me diga, o que está esperando para casar?

— Bom… — pigarreio e, depois de alguns segundos, continuo. — A senhora sabe, homens piedosos andam em extinção ultimamente.

— Você diz como se estivesse atrás de algum, só estuda e estuda, ao menos já tentou dar uma chance para o amor?

Eu com certeza não entraria naquele assunto com minha avó, não depois de anos conseguindo driblá-lo.

— Na verdade, estava pensando em orar para que Deus me conceda o dom do celibato, não cairia nada mal, não acha? — pergunto e tomo um gole demorado de café, pensando que iria ouvir uma mensagem de incentivo, mas apenas escuto uma risada alta. — Do que a senhora está rindo?

— De você. Seu sonho desde pequena sempre foi casar nessa fazenda ao pôr do sol. Você perturbava a todos falando isso toda vez que iam até o balanço. Até mesmo seu avô já estava cansado de ouvir isso. E agora vem me dizer que deseja ter o dom do celibato? Não minta, Melanie. — De repente, seu semblante fica sério, me analisando. — Você pensa que me engana, não é? Sei que está escondendo alguma coisa. Desembucha, o que aconteceu para você não querer se casar mais?

A mudança de humor da vovó às vezes me assustava. Passei alguns minutos a encarando e então soube que aquele era o momento de falar a verdade, eu jamais conseguiria me livrar dela.

— Conheci um rapaz no ensino médio — confesso, enquanto me junto a ela para lavar minha louça.'

— E o que aconteceu? — pergunta depois de alguns segundos, viro com um olhar cabisbaixo e vejo um vinco se formar entre suas sobrancelhas. — Meu bem, ele defraudou você? Não me diga que ele tentou algo…

Posso perceber seu tom de voz preocupado, vovó sempre nos orientou a guardar nossos corações no Senhor.

— Calma, vó. — Peço, olhando em seus olhos e tocando seu ombro. — Vamos nos sentar que a história é um pouco longa.

Guio ela até a mesa e, assim que nos sentamos, começo a contar a história que por muito tempo guardei apenas para mim.

— Quando eu estava no meio do meu último ano letivo, um garoto chamado Christopher foi transferido para a escola e, como eu fazia parte da equipe de apoio, fiquei encarregada de apresentar o lugar e auxiliá-lo na adaptação. Aparentemente, ele era um jovem exemplar e de bom caráter. Acabamos criando uma intimidade profunda em poucos dias de convivência.

Vovó me olha com atenção, ouvindo cada detalhe, respiro fundo e continuou.

— Mas ele tinha algumas atitudes estranhas e não respeitava certos limites. Com um pouco mais de um mês, ele deduziu que eu estava caindo de amores por ele e que estava apenas me fazendo de difícil, e então tentou me agarrar à força. — Suspiro pesado ao me lembrar do pânico que senti naquele dia. Fecho minhas mãos com força, tentando concentrar minha atenção em

outra coisa. — Graças a Deus, consegui sair dos seus braços e acertei um soco no meio do olho daquele idiota, foi o bastante para ele se afastar e eu conseguir correr.

Os olhos dela se arregalam, é nítido o seu espanto. Meu coração ainda se entristece ao lembrar daquilo, mesmo assim, me sinto aliviada em contar tudo para alguém. Mas conhecendo bem minha avó, agora eu ouviria uma bronca.

— Não sei se consigo acreditar que você fez isso. O que aconteceu depois?

— Depois disso, minha vida se tornou um filme de terror. Mesmo com pouco tempo de adaptação, Christopher já era famoso nos corredores daquela escola e, quando todos souberam o que aconteceu, começaram a fazer bullying comigo. — Não consigo evitar e algumas lágrimas escorrem por minha bochecha. — Minhas "amigas" daquela época disseram que eu era extremista demais com esse negócio de me guardar para meu marido no altar e que eu deveria experimentar beijar outras pessoas para saber se eu ia gostar ou não. Fui rejeitada por todos e ninguém chegava perto de mim porque diziam serem impuros e eu "santa".

Não consigo segurar mais, e as lágrimas descem sem freio.

— O que aconteceu com o garoto?

— Um tempo depois, descobri que uma das minhas amigas estava grávida dele. — Encaro um ponto fixo à minha frente. — Eu estava gostando dele no começo, mas quando fui colocada à prova… eu estava convicta naquilo que aprendi na palavra de Deus, aquela atitude estava longe da que vocês nos ensinaram. Não era um rosto de beleza mediana que mudaria meus princípios. Pena que, depois disso, eu não imaginava o que viria. — Sinto mais lágrimas descerem por minha bochecha.

— Meu bem, você passou por uma situação muito delicada, lamento por isso, mas quero entender uma coisa… se você notou algumas atitudes estranhas, por que se permitiu continuar se aproximando desse rapaz? — perguntou com o cenho franzido. — Você deveria ter se afastado imediatamente.

— Ah, vó… — solto o ar dos pulmões. — Eu estava passando por um momento difícil, tentando conciliar os estudos e estava começando a me sentir sozinha… foi quando o conheci. No começo, ele se mostrou presente e compreensivo. O pior erro de uma garota é se deixar levar por qualquer um que aparece e quer ocupar o lugar que devia ser de Cristo em seu coração. Eu

estava fraca na fé, esse foi o meu maior erro.

Minhas lágrimas se tornam um choro compulsivo.

— Hoje falo da rejeição como algo simples, mas aquilo acabou comigo e com o meu emocional, fiquei sozinha e sem ninguém, não conseguia falar sobre isso e acabei me afundando naquela tristeza, me afastei da congregação e só saía de casa para a escola. Quando chegava, me debruçava em minha cama chorando por horas, culpando Deus por permitir que aquilo tivesse acontecido comigo. Mesmo tendo me livrado das mãos dele há tempos, me sentia suja e impura, sentia vergonha de mim mesma e pensei que, se alguém soubesse, iria sentir o mesmo. Quando vovô morreu, o resto do meu mundo desmoronou. Eu havia perdido uma das pessoas que mais me aconselhou a guardar meu coração.

Cubro meu rosto com as minhas mãos e deixo sair o choro que por anos mantive dentro de mim. Sinto o toque das mãos de minha avó em meus cabelos e costas, tentando me consolar.

— Sei que foi errado da minha parte culpar Deus por algo que eu mesma me meti, mas eu estava tão triste e desde então não consegui manter uma intimidade tão firme como antes. Pouco a pouco fui me afundando e me perdendo no caminho, e agora não sei como retornar — digo, entre soluços.

— Meu bem, olhe para mim. — Quando levanto meu rosto, ela segura minhas bochechas e seca minhas lágrimas. — Você viveu isso porque as pessoas lá de fora e algumas na igreja, mesmo hoje em dia, não entendem a gravidade de deixar partes do seu coração por aí e acabam não se guardando para seus maridos e esposas. Você agiu certo em ter fugido, mas errou ao se deixar levar por aqueles sentimentos e culpar a Deus por isso. E errou muito mais ao pensar que estava sozinha quando, na verdade, quem você culpou esteve e está ao seu lado. — Fico reflexiva com suas palavras. — Fico triste por você não ter se livrado dele antes, deveria ter se afastado assim que notou as atitudes estranhas, espero que isso não volte a acontecer, deve estar atenta. Lobos, quando chegam perto de ovelhas, não conseguem se manter calmos por muito tempo e decidem atacar imediatamente. É seu dever notar os sinais enquanto pode. Não entre mais em situações assim, entendeu?

Aceno um sim com a cabeça, com arrependimento no coração.

— Agora, o que você deve fazer é se abrir para Cristo. Ele não rejeita um coração quebrantado. Você precisa se voltar para Ele, antes de tudo. Joseph não sentiria vergonha de você, pelo contrário, a aconselharia a não se deixar levar por sentimentos e jamais se afastar de Cristo. Ele se orgulharia

de ver você defendendo seus princípios. — Ela solta meu rosto e se senta. — Mas ainda não entendi uma coisa, por que você não quer sair do celibato?

— Ah, vó. Depois disso, comecei a viver sozinha… acredito que orar para Deus me proporcionar o dom do celibato, não seria nada grave, muito pelo contrário. Eu não quero me envolver com ninguém. — Reflito nas minhas próprias palavras.

— Não pense que, só porque alguém te magoou, não vale a pena tentar o amor novamente. Muitas pessoas já sofreram com corações partidos e, em vez de desistirem, buscaram a cura em Deus, abrindo espaço para o amor surgir novamente. Isso é o que você precisa fazer agora.

Vovó segura em minhas mãos, me olhando com intensidade.

— Meu bem, o casamento é uma dádiva, um dom, igualmente o dom do celibato e muitas pessoas não o valorizam como ele deveria porque a imagem dele é deturpada. Não ache que ele é uma maldição porque não é. Ah, Melanie… se você soubesse o quanto o casamento é uma bênção, quando nos casamos com a pessoa certa, não pensaria assim. Se eu tivesse mil vidas, em todas eu escolheria Joseph para ser meu esposo. Casar com seu avô foi a segunda melhor decisão de toda minha vida.

— E qual foi a primeira?

— Cristo, minha querida neta, Ele foi, é e sempre será a melhor escolha que fiz. Se pude me casar com seu avô, foi porque amei Cristo antes de amar Joseph. Se encontrei um homem piedoso, foi porque decidi ser uma mulher piedosa. Você também deve seguir esse caminho. Se quer se casar com alguém temente a Deus, torne-se primeiro alguém com quem você mesma se casaria. E mais, você precisa se reconectar com o Pai, orar e buscar o discernimento d'Ele para saber onde Ele deseja que você O honre: no celibato ou no casamento. Não feche seu coração, ao contrário, abra-se para realizar a vontade do Criador. Mel, não deixe que os erros do passado impeçam você de receber o amor agora. Talvez Deus queira usar tudo o que você viveu como um testemunho para outros jovens.

Ela levanta, deixando um beijo sobre minha cabeça, e volta aos seus afazeres, mal sabendo o impacto que suas palavras causaram em mim.

— A propósito, se você quiser dar uma chance para o amor, eu posso lhe ajudar. Talvez o seu homem piedoso não esteja extinto, pode ser que você ainda não esteja pronta para encontrá-lo. Mas, quando estiver pronta e quiser encontrá-lo, eu mesma posso usar meios para que você consiga. Ativarei o modo… como é mesmo o nome daquela senhora casamenteira daquele filme

que você assiste?

Ela para por alguns segundos com um vinco entre a testa

— Ah, lembrei! Ativarei o modo senhora Bennet[8].

Acabo soltando uma risada diante daquilo, ela estava certa, eu deveria orar e descobrir em que dom Deus queria que eu o honrasse, mas jamais permitiria que ela virasse a senhora Bennet.

Depois de mais alguns minutos a sós, julgo não estar mais com a aparência de choro, já que Emma adentra o cômodo acompanhada de nosso pai e não diz nada.

Como a nova escola de minha irmã estava no período de férias de inverno, ela ficaria em casa. Anthony também desfrutava de suas férias, mas precisaria ir até a CSU[9] para terminar de realizar sua transferência.



— Ansiosa para o primeiro dia? — Meu pai pergunta, depois de deixarmos Anthony.

— Mais ou menos, nunca trabalhei antes, tenho medo de fazer alguma besteira — respondo mordendo os lábios, eu realmente estava morrendo de medo.

— Sabe que isso não é opção, não é? Os Evans não podem cometer besteira alguma. Creio que você irá se sair bem, você sempre consegue.

Encosto minha cabeça no vidro do carro e observo as ruas da cidade. Algumas pessoas passavam de bicicleta, enquanto outras caminhavam pela calçada. As casas com seus quintais bem cuidados davam um charme a mais à cidade. Papai tinha razão; eu sempre me dedicava ao máximo para orgulhá-lo, talvez por isso me sentisse tão esgotada.

Quando chegamos à garagem da empresa, o gerente vem nos receber e apresentar o local. Como meu pai tinha estado ali algumas vezes, já estava familiarizado, ao contrário de mim, que me encontrava totalmente perdida.

A empresa é gigante, tendo sua ala de produções, de vendas e a administrativa. Depois de passar pela parte das produções das máquinas agrícolas, vamos para a ala dos escritórios.

Assim que adentramos o corredor, posso ver várias salas separadas por paredes de vidro. Os móveis são idênticos em todas, criando um ambiente

harmonioso. Porém, o que realmente chama minha atenção é uma placa em uma das portas, onde está escrito "Administradora Melanie Evans". Aquilo me causa um nó no estômago.

— Ora, se não é o nome da minha primogênita. — Meu pai diz, com um sorriso no rosto. — Em breve, o seu estará ali. — Aponta para a porta no fim do corredor onde está a placa “diretor-geral Robert Evans”, rio fraco e algo murcha dentro de mim.

— Que tal irmos para sala de reuniões? — O gerente pergunta, chegando ao nosso lado e olhando as horas em seu relógio.

Somos conduzidos até a sala, e, quando o gerente abre a porta, posso ver uma mesa oval extensa no centro, com várias cadeiras ao redor. Em uma das paredes, há um telão grande exibindo a logo da empresa. Todos os membros dos diferentes setores já estão ali, aguardando o início da reunião.

— Nossa, acabei de perceber que deixei a pasta com o planejamento no carro. Melanie, você pode buscar para mim, por favor?

— Claro!

Assim que papai me dá as chaves do carro, levanto da cadeira e estou prestes a tocar na maçaneta da porta quando, de repente, ela se abre bruscamente, vindo em minha direção e me derrubando no chão com o impacto.



# 3
# Noah Thompson

*Eu apenas Orei Por Você*

“Pode ser que ele ainda não esteja pronto para
você nesse exato momento, mas através
da sua oração, coisas maravilhosas
podem acontecer.”
**Orei Por Você - Kell Carvalho**

***Janeiro de 2022***

Fico paralisado assim que sinto a porta esbarrar em algo, ou melhor, em alguém. Quando vejo uma moça caída no chão, me arrependo no mesmo momento de ter sido tão bruto ao abri-la com tanta rapidez e força.

— Você está bem? — Me abaixo para socorrê-la, realmente preocupado com seu estado. — Me perdoe por ter te machucado, eu estava com pressa e não sabia que iriam tentar abrir a porta, pensei que a reunião já havia começado.

— Está tudo bem. Você não teve culpa. — Quando sua cabeça se ergue, me vejo preso na dimensão daquele olhar.

Um pigarro ecoa pela sala, me forçando a desviar minha atenção. Levanto a cabeça e percebo que todos nos encaram, principalmente Robert Evans, o novo diretor. Volto meu olhar para a garota que ainda está no chão e estendo a mão para levantá-la.

— Você está bem, filha? — Sr. Evans pergunta, o que faz meus olhos se arregalarem. Se os boatos de severo e rígido fossem reais, eu estaria encrencado.

— Estou, pai, foi apenas um susto. — Ela responde e passa a mão na cabeça, onde a porta a atingiu. Sinto meu coração se apertar.

— Desculpe ter lhe derrubado, normalmente eu não recepciono as pessoas assim. Achei que estava atrasado e a reunião já estivesse começando. — Tento me justificar mais uma vez.

— Bom, a parte do atraso você acertou, mas na parte de já ter começado não — responde um pouco acanhada. — Vou buscar a pasta, pai, volto em um segundo.

— Não precisa mais, Melanie. Você está machucada, sente-se enquanto o senhor Thompson vai atrás de gelo. — Assinto e saio, envergonhado.

Quando retorno, o homem não está mais lá. Entrego o gelo para sua filha, me desculpo mais uma vez e vou me sentar, bem longe dela.

Sr. Evans retorna e vai para o seu lugar. Ele se apresenta a todos como novo diretor-geral, cargo que era ocupado por meu avô, e confessa estar com alguns planos de mudança. Algumas pessoas não ficam muito satisfeitas, mas não se manifestam.

A reunião termina e o Sr. Evans dispensa a todos. Vou imediatamente para minha sala, precisava organizar alguns relatórios.

Já estava concentrado quando uma garota passou no corredor, atraindo minha atenção. A acompanho com o olhar, como as paredes de vidros não tem películas, consigo observá-la quando entra no escritório ao lado e fica admirando o cômodo. A antiga sala de Andrew, o ex-administrador que havia sido demitido por algumas negligências. Pelo visto, ela é quem ocuparia esse cargo.

Retorno minha atenção para meu serviço até que vejo o novo diretor vindo em minha direção.

— Olá, senhor Thompson. Pode me acompanhar? — Fico de pé e o sigo no mesmo segundo. — Filha, esse é Noah Thompson, contador da empresa… e o rapaz que derrubou você — diz, quando entramos na sala ao lado, lanço um sorriso envergonhado para ela. — Noah, como já sabe, essa é a minha filha, Melanie, e também a nova administradora. Espero que você possa ajudar com algumas dúvidas. — Concordo com a cabeça. — Bom, já podemos começar o trabalho. A propósito, diga para seu pai que espero uma visita dele na fazenda.

— Tenho certeza de que ele irá, sim, senhor Evans. — Meu pai sempre me contou que ele e o homem à minha frente eram bons amigos na infância, já que moravam em fazendas próximas. Ele sorri fraco e sai. Observo quando entra em sua sala e então me volto para Melanie. — É um prazer conhecê-la, espero que possamos trabalhar bem juntos. Mais uma vez, me desculpe por ter lhe machucado.

— Não se preocupe com isso, já parou de doer. Também espero que possamos nos dar bem. — Um sorriso vergonhoso acompanhado de um par de bochechas vermelhas completam o rosto dela.

— Preciso voltar ao trabalho, caso queira ajuda, não hesite em ir à sala ao lado. — Ela me agradece e logo saio, voltando para o meu posto.

A manhã foi produtiva e, quando percebi, já estávamos na hora do almoço. Eu precisava ir até uma loja de material de construções comprar lâmpadas novas para a calçada da igreja, então aproveito o horário.

Como ela fica do outro lado da rua, vou primeiro lá. Depois de alguns minutos perdidos naquela imensa loja, que pelo visto tinha de tudo, desde materiais de construções a itens de decoração, encontro o que eu estou procurando.

Estou prestes a sair quando minha atenção é levada até uma garota familiar que falava sozinha e olhava alguns baldes de tinta.

— Precisa de ajuda? — Minha pergunta parece pegá-la de surpresa, pois ela dá um pequeno salto. — Perdão, não foi minha intenção assustá-la.

— Não se preocupe, eu estava distraída. — Melanie responde. — E respondendo sua pergunta, na verdade, preciso de uma opinião. Sei que nos conhecemos há poucas horas, mas estou muito indecisa e não sei qual cor escolher para meu novo quarto. Se não estiver com pressa, é claro.

— Na verdade, não estou, já encontrei o que queria. — Levanto as lâmpadas, deixando-as em sua linha de visão, — Bom, em quais cores você está na dúvida?

— Entre essas duas. — Ela apontou para um rosa-claro e um tom de azul que eu nunca havia visto antes.

— Bom… — coço minha barba recém-feita, também em dúvida. — As duas cores são ótimas, mas acho o rosa tão previsível e sem graça… acredito que esse tom de azul combine melhor com você.

— Foi exatamente o que eu disse para o meu pai! Ele disse para comprar qualquer uma rosa, mas gostei do azul grisáceo. — Assim que termina de falar, um sorriso de orelha a orelha preenche seu rosto e vejo seus olhos brilharem.

— Tenho certeza que ficará incrível, posso carregar para você, se quiser.

— Eu aceito, sim, posso levar as lâmpadas para não correr o risco de quebrarem. — Entrego para ela e carrego o balde para o balcão.

Após pagar por nossas compras, a acompanho até a frente da loja.

— Se você quiser posso levar até… — sou interrompido por um rapaz que reconheço imediatamente do funeral do Sr. Joseph, é Anthony Evans.

— Mel, pensei que estava trabalhando, não sabia que já ia comprar… uou, não acredito! Noah Thompson, é você mesmo? — Aceno com a cabeça e ele me cumprimenta com um toque de mão e um abraço.

Fico conversando por alguns minutos até que lembro que ainda preciso deixar as lâmpadas em algum lugar antes de acabar o horário do almoço. Depois de me despedir, pego meu carro na garagem da empresa e vou para casa.

Passo pela porta e encontro minha irmã, Nala, deitada no sofá assistindo TV.

— Oi, Noah. Que bom que chegou. Papai saiu, mas pediu para perguntar se você comprou o que ele pediu.

— Comprei, sim, aqui está. — Entrego-lhe a sacola com as lâmpadas — Para onde ele foi?

— Saiu com mamãe para visitar alguns irmãos e não retornaram ainda, já almoçou? — Nego com a cabeça, sentindo meu estômago roncar. — Tem comida no forno.

Estou quase na porta da cozinha quando ligo a tela do celular e vejo que já estou atrasado. Como o mais rápido possível e saio rumo ao trabalho. Nala já está cochilando quando passo pela sala. Como a empresa fica a apenas cinco minutos de casa, o trajeto é rápido.

Quando retorno para minha sala, vejo Melanie no ambiente ao lado junto com o irmão, que olha alguma coisa no notebook enquanto ela mexe em alguns papéis. Apenas os cumprimento e recomeço meus serviços.

As horas passam voando e, quando percebo, já estou prestes a acabar o expediente. Então, lembro de fazer um convite para os irmãos.

— Desculpe atrapalhar vocês — digo, com a cabeça para dentro da sala. — Mas hoje à noite teremos um culto de louvor e adoração com jovens, caso vocês queiram, será um prazer recebê-los.

— Pode ter certeza de que iremos, Emma vai adorar rever Nala. — Anthony diz com o rosto voltado para a irmã, que fica pensativa por alguns segundos.

— Agradecemos o convite, talvez eu apareça por lá. — Ela responde séria e se volta aos papéis. Apenas concordo com a cabeça e saio, estranhando sua atitude.



Estou na frente da igreja com minha irmã, recepcionando os outros para o culto, quando um carro diferente estaciona e os irmãos Evans saem do veículo. Nala corre em direção à Evans mais nova, cumprimentando-a como amigas próximas que não se veem há anos. Depois disso, os três são direcionados para dentro da congregação e logo se acomodam em seus lugares.

Melanie está com um comportamento estranho, como se algo a incomodasse. Mas eu não posso perguntar o que ela tem, já que não somos próximos.

Então, apenas faço a única coisa que está em meu alcance, oro por ela.




*Quando vamos Do Deserto Ao Jardim*

“Ao ouvir aquelas palavras,
minha alma atendeu ao
chamado de Cristo.”
**Do Deserto Ao Jardim - Aline Moretho**

***Janeiro de 2022***

Meu coração está disparado, eu não deveria estar aqui, esse com certeza não é o meu lugar, eu nem ao menos sei cumprimentar as pessoas direito!

Por mais que eu tentasse me levantar e ir embora, não conseguia. Algo me fazia estar naquela pequena igreja, alguma coisa me atraiu até ali e não me permitia ir embora.

Não! Claro que não foi o rapaz que acertou com a porta na minha cara, ele podia ter ajudado, mas não era a razão. Minhas mãos estão suando, e, por mais que eu as enxugue na barra do meu vestido, não consigo deixá-las secas.

Depois de alguns minutos observando minhas pernas, que balançam freneticamente, levanto o olhar. Ele está ali, um pouco mais adiante, com um violão marrom nos braços.

Desvio o rosto rapidamente quando ele me olha. O culto ainda não começou e algumas pessoas transitam pelo corredor, então aproveito para olhar para Noah sem que ele perceba. O preto de seus cabelos fica ainda mais escuro quando ele está de camisa social da mesma cor e as mangas dobradas até o cotovelo dão um ar despojado.

Quando ele começa a tocar algumas notas no violão, fecha os olhos conforme a melodia é entoada. Seu maxilar fica ainda mais marcado naquela posição... raios, eu precisava parar de pensar nisso.

O culto começa. Balanço minha cabeça para afastar aqueles

pensamentos, já que estava ali, deveria ao menos prestar atenção. Alguns louvores são entoados por Nala e Emma, que foi convidada pelo pastor da igreja, o pai de Nala e Noah, para cantar junto.

Começo a sentir uma sensação ainda mais forte do que a de hoje pela manhã na leitura bíblica, quando o pastor James, um homem alto e barbudo de cabelos levemente grisalhos, lê o versículo de Lucas 15. Meu coração começa a ficar apertado dentro do meu peito.

— O bom Pastor não descansa enquanto não encontra a ovelha que se perdeu, ele a procura por dias e, se duvidar, até por anos.

Meus olhos se inundam, igual quando eu era criança e vovó ouvia o louvor "conversão"'. Mas agora as circunstâncias mudaram, eu não era a pecadora redimida e sim a ovelhinha que sabia o caminho de volta, mas estava com medo de retornar.

— Você pode até tentar fugir, mas Cristo te chama hoje e continuará te procurando até que você atenda ao chamado d'Ele. Às vezes, temos medo de aceitar esse chamado e ter que renunciar algumas coisas. Mas entenda que renunciar não significa perder, mas sim perceber que, ao abrir mão de seus próprios planos, você descobrirá que Deus tem algo muito maior e melhor para você. Você pode até ter alguns sonhos frustrados, mas isso faz parte da vida como ovelha de Cristo, que requer renúncias para que ela possa estar com Cristo e viver em comunhão com Ele. Pergunte-se: o que preciso renunciar para permitir que o Bom Pastor me traga de volta?

A mim mesma, essa era a resposta.

Por anos culpei Deus, Christopher, minha faculdade e até mesmo meu pai, mas a verdade é que a culpa sempre foi minha. Eu me distanciei. Não lia a Bíblia como devia, não orava e nem congregava. A culpa era minha e eu tentei jogar isso para as pessoas, quando, na verdade, o problema sou eu. Enquanto eu deveria me apoiar em Cristo, eu fugi.

Ali, naquela noite, eu soube que não foi meu pai quem impediu minha formação em Medicina Veterinária, mas sim o meu Senhor, porque fiz disso um tesouro no meu coração e me afastaria ainda mais dele se tivesse conseguido.

Como pude fazer isso? Larguei o bem mais precioso que eu tinha na minha vida porque fui rejeitada e, com isso, eu mesma rejeitei a Cristo, o meu melhor amigo.

A vergonha tomou conta de mim e chorei de arrependimento por abandonar aquele por quem a minha alma clama. Eu queria sumir, entrar no

meu quarto e desaparecer entre os lençóis. Mas, antes de levantar e ir embora, Emma e Nala começaram a entoar uma canção.

*Deus*
*Ainda não desista de mim*
*Sei que não sou Sua melhor aposta*
*Mas estou tentando, então ainda não desista de mim*

*E, Deus*
*Não me deixe aqui sozinha*
*Sei que preciso continuar crescendo*
*E estou tentando, mas não me deixe aqui sozinha*

*Sei que já cheguei muito longe, mas ainda tenho muito a percorrer*
*E com essas novas cicatrizes e este coração partido*
*É difícil saber de fato*
*Se há um motivo e se algum dia eu o verei*
*Mas quero acreditar nisso*
*Então, ainda não desista de mim*
**Yet - The King Will Come**

Quando meu irmão viu que eu não conseguia parar de chorar, me envolveu em seus braços enquanto eu soluçava igual uma criança machucada. Não conseguia dizer uma palavra sequer, mas, interiormente, eu pedia perdão ao meu Abba. Não era sentimentalismo, mas sim a minha alma clamando a Jesus para me receber de volta em casa.

Escorrego pelo banco de madeira e me debruço ali mesmo, fazendo a oração mais sincera de toda a minha vida. Mãos fortes pousam sobre minha cabeça e ouço pessoas orando por mim.

*"Pai… ainda posso lhe chamar assim? Sei que falhei, que o larguei por pura amargura do meu coração. O Senhor sempre esteve aqui por mim, mas eu não estava mais aqui pelo Senhor. Mas, Deus, eu te peço, não solte a minha mão. Estou cansada, a minha alma está sobrecarregada, mas eu me lanço aos Teus pés. Me receba de volta, eu não consigo viver sem Ti, a minha alma clama pelo Senhor."*

Não conseguia dizer mais nada, estava me quebrando de todas as maneiras diante d'Ele. A única coisa que podia fazer era chorar e clamar por Seu perdão, entregando meu coração partido nas Suas mãos.

Por anos falhei com Cristo, nem sequer indo até sua casa para manter a comunhão com os irmãos. Esse foi meu maior erro, minha vida espiritual só sobreviveria se eu estivesse orando, meditando na palavra e congregando. Em todos os sentidos, eu falhei. Quando me vi rejeitada, a primeira coisa que fiz foi abandonar aquele que me amou com amor eterno.

Começo a sentir um peso saindo das minhas costas e, por fim, sinto seu abraço acolhedor. O Bom Pastor me trouxe de volta.

Respiro, aliviada e emocionada, eu estava de volta em casa.

Após alguns minutos, levanto e sou recebida por um forte abraço de Anthony. Dois minutos depois, Emma também está ali. Quando o abraço é desfeito, vejo que os olhos deles também estão vermelhos, eles estavam chorando junto comigo.

— Você está bem? — Uma voz grave soa atrás de mim. Ao me virar, vejo Noah.

— Agora sim — respondo com um sorriso no rosto. — Melhor do que nunca.



— Temos vagas no asilo MacKenzie Place e também no orfanato Casa de Larimer County, mas devo dizer que, atualmente, o asilo precisa de mais pessoas. — Pastor James explica, detalhando o trabalho voluntário da igreja com algumas organizações. — Emma, Nala está servindo no asilo com o irmão. Caso queira uma parceira experiente, tenho certeza de que ela ficaria feliz em lhe ajudar.

— Será uma honra, pastor James. Pode ter certeza de que ficarei com ela. — Um sorriso brota no rosto de Emma.

— Também ficarei servindo no asilo, não estou acostumado a lidar com crianças. E você, Mel? — O rosto do meu irmão volta para mim.

— Gostaria de ficar no orfanato se possível.

— É possível, sim, querida. Tenho certeza de que você irá gostar muito, pode vir sábado aqui, minha esposa irá lhe orientar.

Aquele seria um grande passo, mas eu estava disposta a encarar.




*Eu encontrei o Rei da Luz*

"O Rei da Luz sempre encontrava os seus,
não importando a distância na qual
eles estavam, não havia barreiras
para seu amor redentor."
**Rei da Luz - Rebeca Ferreira**

***Janeiro de 2022***

Na hora em que acordo, o sol ainda não deu as caras. Tomo um banho rápido, coloco um suéter azul e uma saia branca com flores, também azuis, calço um All Star, pego minha Bíblia e vou até o balanço que vovô construiu para nós há anos atrás.

O sol está começando aparecer quando desço. Faço minha leitura matinal e oro agradecendo a Cristo por sua infinita graça que tem me alcançado a cada dia. Sua misericórdia é infinita, nos resgata do pior deserto e nos traz para um jardim regado por Ele mesmo.

O dia está lindo e há uma leveza sobre mim. Eu me sinto tão feliz que não consigo conter meu sorriso bobo.

Chego na empresa cumprimentando a todos e começo meus serviços. O dia passou tão rápido que quase nem noto que já está na hora do almoço. Uma pessoa na minha frente tira minha atenção dos relatórios que estão sobre a mesa.

— Ah, oi. — Tento disfarçar o susto que levei. — Precisa de alguma coisa?

— Na verdade, vim perguntar se você não quer ir almoçar. — Noah diz, com um lindo sorriso no seu rosto.

Me repreendo assim que percebo que estou admirando a beleza dele. Não posso ficar reparando nisso e nem ir com ele. Devo ser cautelosa, nem ao menos sei que tipo de pessoa ele é. Vovó disse para eu reparar os sinais,

não devo cometer o mesmo erro que cometi com Christopher.

— Então… sobre isso, eu… — antes que eu termine de falar, Anthony entra na sala.

— Ainda bem que vocês continuam aqui. Mel, espero que não se importe, mas tive um problema com minha transferência e acabei pegando seu carro para ir até a CSU. Demorei tanto lá que nem tive tempo de almoçar e agora estou faminto.

— Bom, você chegou na hora exata, acabei de convidar a Mel para almoçar.

— Então vamos logo, minha barriga está roncando. — Anthony se apressa, disparando para fora da sala.

Vamos todos até o refeitório da empresa e logo pegamos nossa comida. Já estávamos servidos e sentados juntos em uma só mesa, conversando amenidades e rindo de histórias contadas, quando Noah volta sua atenção para mim.

— Você já pintou seu quarto?

— Ainda não. Ontem não tive muito tempo, mas, como papai disse que a empresa fechará mais cedo hoje, vou aproveitar a oportunidade.

— Se quiser, posso convidar minha irmã para irmos ajudá-la. Depois daqui não tenho muitas coisas para fazer mesmo.

— Tive uma ideia, nos reunimos mais tarde para ajudar Mel a pintar o quarto, e, à noite, podemos sair e ir em alguma sorveteria, o que vocês acham? — Anthony sugeriu, acabando completamente com meu plano de me manter afastada do homem ao meu lado.



Meu irmão me ajuda a retirar todas as coisas do quarto e deixá-lo vazio. Como a tarde está quente, opto por amarrar meu cabelo em um rabo de cavalo com meu lenço rosa, coloco uma camiseta branca que encontro em uma das caixas e uma jardineira confortável.

Estou quase terminando de forrar o chão com jornal quando a campainha toca. Alguns minutos depois, meus irmãos entram no quarto acompanhados dos Thompson. Nos cumprimentamos e logo começamos a pintura.

Pintamos enquanto conversamos sobre diversos assuntos, desde livros de teologia até relacionamentos à luz da Palavra de Deus. Longe de me sentir incomodada, anoto algumas indicações para ler depois, desejando me aprofundar mais na Bíblia. Durante a conversa, descubro que Noah e Nala foram doutrinados de forma semelhante a nós sobre relacionamentos com propósito de casamento para glorificar a Deus.

— Sabe, por anos andei ansioso acerca disso. — Noah diz. — Mas, quando entendi que eu poderia usar da minha solteirice para glorificar a Deus, deixei de me preocupar. Não adianta querermos adiantar os planos de Deus, isso sempre dá errado, mas, se esperarmos que tudo se realize no seu tempo e vontade, dá certo. E se não der, tudo bem, continuarei servindo ao meu Deus com todo amor.

— O problema de muitos jovens hoje em dia é que priorizam tanto um relacionamento conjugal que esquecem do mais importante: ter um relacionamento com Deus. — Entro na conversa. — Por anos, minhas prioridades estavam em outras coisas. Meu coração estava longe de Cristo, mesmo sabendo o quanto eu precisava dEle. Afinal, a única coisa que pode preencher verdadeiramente nossas almas é o Espírito Santo. Desde ontem, sinto que meu coração encontrou o que realmente faltava. No momento, quero me aprofundar no meu relacionamento com Jesus. Já perdi muito tempo longe dEle. Se Ele me abençoar com um relacionamento no futuro, amém; e, se não, amém também. Afinal, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam.

— É isso aí! — Noah responde com um sorriso de canto. — Como eu sempre digo: devemos procurar caráter ao invés de beleza, o traço mais lindo em alguém é se parecer com Jesus. — Ele termina de falar, com os olhos fixos em mim.

Minhas mãos suam e minhas bochechas ficam quentes, então, desfaço o contato visual.

— Mel. — Emma me chama. — Você é mais velha do que eu e Nala, e possivelmente já passou por situações que colocaram seus valores em risco, pode nos dar alguns conselhos?

— Bom… não sou a pessoa mais indicada para falar sobre isso. Acho melhor vocês perguntarem para alguém mais experiente. Mas, uma vez, li algo bem interessante. — Pauso por alguns segundos, organizando meus pensamentos. — Era o texto de uma garota que dizia: somos tesouros. A Bíblia nos ensina que o nosso valor excede o de rubis. Tesouros não ficam

expostos, nem são encontrados em qualquer lugar. Para achar um tesouro, é preciso buscar, mergulhar fundo e seguir um mapa que leve até ele. Nós, como tesouros, devemos nos esconder debaixo das asas dEle, esperando que, no tempo certo, aquele que Ele preparou para nós nos encontre. Não cabe a nós buscar, mas sim esperar ser encontradas.

— O segredo é buscar a satisfação que vem dEle, sempre estar completo nEle e entender que a nossa verdadeira felicidade é Cristo que proporciona. — Noah completa.

— Isso mesmo! — Retribuo o sorriso que ele me deu minutos antes. — Sabem de uma coisa? Jesus jamais nos proporcionará algo enquanto não estivermos completos nEle. Eu, por exemplo, passei anos me afastando de Cristo, mas agora reencontrei o Rei da Luz e tenho a chance de me reconectar com o Pai. Um relacionamento, neste momento, não seria prudente; poderia atrapalhar minha comunhão. Nem sei se é isso que Cristo deseja para mim. Afinal, a Bíblia nos ensina a buscar primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e as demais coisas nos serão acrescentadas. Sei que esse versículo não fala diretamente de relacionamentos, mas nossa prioridade deve ser o Reino. Se for da vontade dEle, um relacionamento será acrescentado em nossas vidas. Mas, no final das contas, nossa prioridade sempre será o Reino... e o resto é apenas resto.

— Não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. — Noah continuou, recitando os versos de Mateus 6. — Descansem no Senhor e foquem nos seus estudos, basta a cada dia o seu mal.

Terminada a pintura, nos sentamos para conversar um pouco mais. Anthony, com aquele brilho travesso nos olhos, decide balançar o pincel, espalhando tinta em todos. É claro que ninguém ia deixar barato, e, em segundos, estávamos envolvidos em uma mini guerra de tinta, rindo como crianças e fazendo uma sujeira maior do que a planejada.

Quando mamãe chega e nos encontra no meio da confusão, balança a cabeça e diz que estamos fazendo uma bagunça. Mas já era tarde demais. Todos estavam com os rostos e cabelos cheios de tinta.

Pegamos panos molhados e começamos a limpar o chão onde a tinta havia transpassado do jornal, abrindo as janelas em seguida para ajudar na secagem. Quando terminamos, vovó nos chama para lanchar.

Descemos a escada e vamos para a cozinha, sentindo o cheiro de bolo assado inundar nossas narinas.

— Fico feliz que estejam aqui. — Vovó diz para Nala e Noah. — Faz tempo desde a última visita, senti saudade de vocês.

— Nos perdoe, Dona Florence, prometemos vir mais vezes ver a senhora. — Noah responde depois de tomar um gole de suco.

— Dona nada, já falei para me chamar de vó. — Ela finge estar zangada, mas realmente odiava quando alguém a chamava assim. Mamãe sempre era repreendida. — Ainda mais agora que minha neta está aqui, quem sabe você não entra na família de vez.

Me engasgo com o suco na mesma hora, o que me faz tossir freneticamente e sair da mesa para me recompor. Não consigo nem olhar para ele, estou com muita vergonha e não quero mais ficar ali. Saio e sento no balanço do jardim.

Vou para trás para pegar impulso e, quando tiro meus pés do chão, a corda arrebenta e eu caio de costas.

— Ai, meu Deus, você está bem? — Noah pergunta, preocupado e assustado, mas, quando percebe que estou rindo, seu rosto se suaviza. — Não se machucou?

Quando nego com a cabeça, ele estende sua mão para me tirar do chão.

— Se toda vez que nos encontrarmos você cair ou eu derrubar você, será difícil sermos amigos — diz, enquanto sorri.

— Não se preocupe quanto a isso, eu sou um pouco desastrada e essa corda já estava velha. Hoje mesmo estava aqui e não arrebentou, uma pena, era meu lugar preferido. — Limpo minha roupa, evitando seu olhar, sentindo minhas bochechas esquentarem só de lembrar da cena da cozinha. — Ah, e desculpe pela minha vó, ela é meio casamenteira às vezes.

— Está tudo bem, minha mãe também tem isso no currículo, já estou acostumado. — Ele ri.

Sem mais nada a dizer, observamos o pôr do sol em um silêncio nada constrangedor por alguns minutos, até que Emma e Nala chegam e começam a conversar conosco.

Depois de um tempo ali, Anthony nos chama, informando que a tinta já havia secado. Ele e Noah se juntam para montar a mesinha de cabeceira, minha penteadeira e a estante. Eu, Emma e Nala ficamos responsáveis pela decoração. Organizo meus livros por ordem de gênero enquanto as meninas colocam minha tapeçaria escrita “Orgulho e Preconceito” e alguns quadros retrôs de flores na parede.

Encontro as caixas com minhas roupas e as levo para o closet, planejando arrumá-lo em breve. Quando retorno para o quarto, vejo Noah folheando minha antiga Bíblia rosa, aquela que eu costumava usar diariamente na adolescência.

— Nossa, quantas marcações! — diz assim que chego perto.

— Eu anotava apenas o necessário. — Dou de ombros e ele arregala levemente os olhos, o que nos faz rir.

Como todos estavam cansados, decidimos adiar a ida até a sorveteria. Nos despedimos e agradecemos a ajuda e o companheirismo dos Thompson, apesar das brincadeiras de vovó, eu realmente estava gostando de Noah, mas não como ela queria, eu acho.



A semana foi agitada, mas enfim chegou o dia de ir ao orfanato, estava um pouco nervosa, porém feliz. Coloco uma blusa branca de mangas compridas e, por cima, um vestido azul de alças. Amarro meu cabelo com um lenço da mesma cor do vestido.

Enquanto dirijo até lá, faço uma oração agradecendo ao Senhor por tudo o que tem feito em minha vida. Quando vim para Fort Collins, não imaginava que me sentiria tão feliz por ter pessoas especiais ao meu lado.

Noah e Nala estiveram muito presentes em nossas vidas durante aquela semana, e até saímos juntos para conhecer novos lugares. Agora, eu entendia muito bem o quão importante é ter amizades que nos aproximam de Deus.

Desço do carro e percebo uma grande casa terracota atrás de um pequeno cercado. Empurro a grade de ferro, que range à medida em que é esticada. Uma mulher sorridente de cabelos pretos vem me receber.

— Mel, querida. É um prazer revê-la, fiquei tão feliz quando James disse que você queria vir para cá. — A reconheço imediatamente, aquela é a esposa do Pastor James, Dona Chloe, mãe de Noah e Nala.

— O prazer é todo meu, fico feliz em saber que serei útil.

— Venha, vou lhe apresentar a todos. — Ela me abraça, cruza nossos braços e me leva para dentro.

Dona Chloe me mostra todos os cômodos e os voluntários que

trabalham lá, e que me recebem com muita alegria e cordialidade.

Quando chegamos ao parquinho nos fundos da casa, observo várias crianças brincando. Algumas estão em grupo, fazendo pinturas em telas em branco, outras se balançam e algumas descem pelo escorrega.

— Crianças, venham conhecer a nova integrante da família Larimer County. — Dona Chloe diz em voz alta, chamando a atenção de todas.

Uma garotinha vem em minha direção com os olhos arregalados.

— Tia Chloe, como a Bela saiu da televisão e veio parar aqui?

# 6
# Noah Thompson

*Talvez isso seja Providência Do Amor*

"[...] O Senhor sempre envia sua
providência de amor na hora
e do modo que deseja.[...]"
**Providência do Amor - Aline Moretho**

***Março de 2022***

A primavera já estava chegando e, como de costume em Fort Collins, as organizações comunitárias decidiram fazer um festival cultural. Os preparativos estavam a mil por hora, todos se dedicando para apresentarem desde peças teatrais até exposições de arte.

Os idosos do asilo onde faço serviço comunitário estão todos animados. Alguns participarão da parte gastronômica, enquanto outros irão expor os artesanatos que sempre fazem por lá.

Como o festival é no final de semana, corro contra o tempo para organizar o stand gastronômico. Estou terminando de arrumar uma das mesas quando recebo uma ligação do Sr. William, o caseiro da fazenda do meu falecido avô.

— Noah, filho, eu estou ligando para seu pai há horas e ele não me atende!

— Ele precisou sair da cidade para resolver um problema, senhor William. Aconteceu alguma coisa?

— Menino, a porca do teu avô tá tendo complicações para parir, já liguei para o doutor, mas ele ainda não chegou aqui. Acho que a Dona Fifi não vai aguentar não.

— Não se preocupe, já, já chego aí.

E agora? A Dona Fifi era a porca preferida do vovô, não posso deixar ela morrer. Sem nem pensar, deixo tudo de lado, entro no carro e vou para a fazenda.

Infelizmente, já é tarde quando chego lá. Dona Fifi conseguiu dar à luz apenas uma pequena leitoa rosa, mas, não resistiu ao restante do parto.

— Sinto muito, filho. Eu tentei de tudo, mas o coração dela não aguentou... — Sr. William me olha, e consigo ver seu desapontamento.

— Está tudo bem, ela já estava velha, não podemos fazer nada além de enterrá-la.

— Noah? — Viro na direção da voz e me deparo com Melanie atrás de mim. — O que faz aqui?

— Vim ver Dona Fifi que estava parindo, mas, infelizmente, acabou morrendo. Ainda conseguiu parir uma porquinha. E você?

— Vovó pediu para eu trazer um pouco de sopa quente para o senhor William, já que ele está se recuperando de um resfriado.

— Oh, filha, muito obrigada. — Sr. William, passa por mim e pega o recipiente das mãos de Melanie. — Quer ver a porquinha que sobreviveu?

Melanie assente e, assim que vê a porquinha rosa recém-nascida, seus olhos brilham com admiração.

— Você quer ela? — pergunto quando percebo que está encantada.

— Ah, não precisa, eu nem saberia cuidar.

— Você fará uma grande desfeita se não ficar com ela. Tome, é sua. — Pego a porquinha no colo e entrego para ela, que a pega sem jeito nos braços.

— Não precisa. — Tenta negar, mas seus olhos denunciam que quer aceitar.

— Estou te dando porque quero que fique com ela, é um presente para você. — Os olhos castanhos de Melanie brilham por debaixo dos óculos e um sorriso inunda seu rosto.

— Obrigada, Noah. — Ela me abraça de lado, e aquele simples toque faz meu coração acelerar.

A observo voltar para a fazenda de sua avó.

— Você gosta dela, não é? — Sr. William pergunta, com os olhos semicerrados.

— Acho que estou confuso, na verdade… pode me ajudar?

Ele sorri e concorda com a cabeça. Sr. William é um dos presbíteros de nossa igreja, e um grande conselheiro.

— Sabe, filho, um dos nossos maiores erros é sermos apressados e queremos adiantar os planos de Deus — diz, depois de alguns minutos de conversa. — Você mesmo disse que não era ansioso, mas está se tornando, o

que aconteceu para ficar assim?

— Para lhe dizer a verdade, eu não sei também, acho que a convivência com Melanie tem me deixado assim.

— O problema é que você está deixando seus sentimentos se envolverem, filho. Você deve agir com a razão e não com a emoção. Se ela não estiver pronta para um relacionamento, isso só irá prejudicar vocês dois.



O evento já começou, e a cidade inteira está presente. Durante a manhã, acontecem as exposições dos stands, enquanto à noite estão programadas as apresentações teatrais.

Eu estava conversando com um senhor do asilo quando uma garota de blusa amarela e calça jeans bordada com flores, usando mochila rosa de brilho nas costas  e com uma porquinha nos braços, chama minha atenção. Assim que me vê, ela sorri, e meu coração quase para quando chego perto dela.

— Ah, você trouxe sua porquinha. — Tento não transparecer minha agitação. Eu sempre ficava nervoso quando Melanie sorria, e ela fazia isso o tempo todo.

— O nome dela é Brigita, não achou fofo? Eu e vovó fizemos essa saia de tule rosa, para combinar com a cor dela, gostou? — Concordo com a cabeça e sorrio para ela.

Melanie está... diferente. Um novo brilho ilumina seu rosto. Os meses em Fort Collins têm lhe feito bem. Ela nos convida com frequência para devocionais e é extremamente falante quando nos reunimos com os jovens da igreja.

Meu coração dispara quando ela sorri de volta, não vou conseguir aguentar isso dentro de mim, preciso dizer os meus sentimentos para ela o mais rápido possível.

— Melanie, eu… — antes que eu seja imprudente, alguns gritinhos atrás de mim interrompem nossa conversa.

— Tia Bela, tia Bela! — Várias crianças vieram correndo até Melanie, a chamando.

— Oi, meus amorzinhos. Querem conhecer minha amiguinha Brigita?

— Melanie entrega Brigita para uma garotinha de cabelos castanhos. — Cuidado, Poliana, ela ainda é um bebê.

— Eles te chamaram de quê? — pergunto curioso.

— Ah, você não vai acreditar! Na primeira vez que fui até o orfanato, eu estava vestida com uma blusa de mangas compridas brancas e um vestido azul de alças. Eles falaram que eu era parecida com a Bela. Sabe, a Bela, de “A Bela e a Fera"? — Quando ela termina de falar, noto a semelhança. Melanie realmente parece com a Bela, até mesmo seu cabelo já estava da mesma altura do da princesa.

Mas havia uma diferença, a minha Bela era muito mais linda que qualquer outra.

— Tia, quem é esse? — Um garotinho pergunta..

— Crianças, esse é o tio Noah.

Algumas crianças sorriem para mim, enquanto outras estão entretidas com Brigita.

— Tente adivinhar qual peça vamos apresentar mais tarde. — Melanie diz e se vira para mim. Penso por alguns minutos.

— Os três porquinhos?

— Não! — Sorri, negando com a cabeça. — Vai ser a Bela e a Fera, as crianças insistiram tanto que não conseguimos recusar.

— Posso ser sua fera? — As palavras escapam tão rápido que só percebo a besteira que falei quando vejo Melanie arregalar os olhos.

— O que você disse? — Ela pergunta, assustada. Nossa, por que fui falar uma coisa dessas?

— Se você… na verdade, se quem… calma, espera. — Tento me recompor. — Quem vai ser sua fera? — Enfim, consigo dizer.

— Ah… é sobre isso, pensei ter escutado errado. Na verdade, ninguém, eu não vou me apresentar, apenas assistir. Os meninos virão com máscaras de fera e as meninas com tiaras de princesas.

— Ah, sim, entendi. Então, eu já vou, acho que meu pai está me chamando. — Saio apressado em busca do Sr. William, quando o encontro, aviso que preciso conversar em particular.

— Sabe aquela conversa que tivemos recentemente? Quase fiz besteira.

— Filho… — ele pega nos meus ombros e me encara, aquele gesto faz minhas pernas tremerem. — Ainda não é o momento apropriado, você não falou com os pais dela e nem com os seus. Você tentou se declarar e foi

interrompido, não é? — Era uma pergunta retórica, ele já sabia pelo meu olhar que eu havia tentado. Quando concordo com a cabeça, vejo a decepção em seus rosto.

— Está vendo? Se quer fazer as coisas certas, ore pedindo paciência e espere mais um pouco. Talvez Melanie ainda não esteja pronta. A interrupção pode ter sido  uma providência do amor. E lembre-se, filho, de quem é o Amor.



Ao chegar em casa, trato logo de conversar com minha família, não iria me declarar para Melanie, mas precisava que meus pais estivessem a par da situação. Meu pai falou as mesmas coisas que o Sr. William , pedindo para esperar e ser prudente quanto a isso. Também me informou que naquele dia iria jantar com o Sr. e a Sra. Evans, e, se eu quisesse, poderia falar com eles para contar logo sobre minhas intenções. Mesmo que ainda não seja capaz de falar com ela, eu precisaria da bênção deles para saber se poderia seguir com esses sentimentos.

Minha perna balançava sem parar, estava tão nervoso que minhas mãos suavam, eu mal conseguia respirar. Quando o carro do Sr. Evans estaciona em frente ao restaurante e ele sai acompanhado da esposa, meu coração estava quase saltando do peito, mas não tinha jeito, eu preciso fazer aquilo.

— Boa tarde, Sr. e Sra. Evans. — Enxugo minhas mãos na calça e os cumprimento. — Sei que vocês pretendem jantar com meus pais, mas preciso falar com os dois antes.

Eles parecem desconfiados com minha presença, mas concordam em me ouvir. Eu os acompanho e nos sentamos à mesa.

— É um prazer revê-lo, querido. —  Dona Margareth responde com seu jeito suave, ela me lembra sua filha. — Tem aparecido tão pouco, sentimos sua falta.

— Pretendo mudar isso a partir de hoje, por isso que…

— Boa tarde a todos, o que desejam pedir? — O garçom do local me interrompe, meus pais aproveitam e fazem seus pedidos. Como após a conversa eu iria embora, não peço nada.

— O que você ia dizer, Noah? — Sr. Evans pergunta.

Eu sabia que não tinha um jeito fácil de abordar o assunto, então respiro fundo, antes de ir direto ao ponto.

— Eu gostaria da bênção de vocês para pedir a mão de Melanie em namoro e consequentemente, é claro, em casamento. — Vou direto ao assunto antes que uma parada cardíaca me impeça. — Mas não agora, tem pouco tempo que nos conhecemos e talvez ela ainda não esteja pronta… mas gostaria de saber se posso seguir com esse sentimento.

Os olhos de Dona Margareth brilham em surpresa e admiração, já o rosto do Sr. Evans fica ainda mais sério.

— Quais são as suas intenções com minha filha, garoto? — pergunta, cruzando os braços e me lançando um olhar ameaçador.

Coço a garganta, tentando não parecer tão nervoso.

— As melhores possíveis, senhor. Durante toda a minha vida, nunca encontrei nenhuma garota como Melanie, ela desperta o melhor em mim. As virtudes dela são únicas e não me vejo casando com outra garota que não seja ela — confesso. — Acho que me apaixonei por Melanie desde a primeira vez que a vi, só que apenas agora notei meus sentimentos. — Sorrio ao lembrar. — Pretendo me casar com ela e amá-la como Cristo amou a sua igreja, e se necessário, dar a minha vida por ela.

Dona Margareth e minha mãe enxugam algumas lágrimas. Estava tão nervoso que nem mesmo percebi o momento em que elas haviam começado a chorar.

— Minha alma engrandece ao Senhor por enviar alguém como você para Melanie. Dona Florence ficará tão feliz. — Dona Margareth sorri em meio a algumas lágrimas. — Mas, como você disse, eu também acredito que ela ainda não esteja totalmente pronta para um relacionamento, pretende esperá-la?

— Até mil anos, se for necessário.

Ela sorri, emocionada.

— Acha que ela corresponde a esse sentimento? — Sr. Evan pergunta, me encarando.

— Não sei, ainda não disse nada a ela e pretendo continuar assim até o momento certo.

— Então também tem minha permissão, mas, até que nada esteja devidamente esclarecido, espero que você seja cauteloso e respeitoso. — Assinto com a cabeça e sinto um alívio preencher meu coração.

Escolho não me preocupar agora, afinal, eu estava dando apenas pequenos passos para conseguir o que mais desejava.




*Acho que me apaixonei Durante a Dança*

“Sem abóboras, anões e beijo de amor verdadeiro
dessa vez, apenas… uma dança.”
**Durante a Dança – Ludmila Wendy**

***Março de 2022***

— Tia, dance conosco, por favor! — Poliana pede com um olhar suplicante. Hoje é o último dia do festival e, assim como ela, as outras crianças estão animadas para a apresentação.

— Oh, minha florzinha, a apresentação é de vocês. Eu não sei os passos direito e nem tenho uma fera. — Tento me esquivar.

— Posso ser sua fera, se quiser. Garanto que solto bem menos pelos do que a original. — Viro e deparo com Noah atrás de mim, com a mão direita estendendo uma coroa de plástico e um sorriso amável no rosto.

— Você está louco? Nós não sabemos os passos, será um desastre. — Tento convencê-lo a desistir daquela ideia maluca.

— Será um risco que iremos correr.

Ele põe uma máscara de fera em seu rosto e a coroa sobre minha cabeça, enquanto as crianças se posicionam no meio do palco. Noah nos conduz para a lateral, atrás da cortina vermelha, onde ficamos escondidos do público.

Quando a música tema do filme começa a tocar, Noah põe sua mão direita sobre minha cintura, enquanto a minha esquerda é depositada sobre seu pescoço. Aquele gesto me traz a lembrança do pesadelo que passei com Christopher, começo a sentir minha respiração ficar ofegante, mas, quando Noah une nossas mãos livres, formando um perfeito encaixe, sinto todo o medo ser lançado fora e me perco na profundidade do seu olhar.

Nos movimentamos conforme a melodia manda, de maneira lenta e calma. Em nenhum momento nossos olhares se desviam um do outro.

Consigo ouvir as batidas do meu coração disparado desde o momento em que a coroa foi posta em minha cabeça. Ficamos ali, com os olhares presos um no outro, e nem mesmo o trovão que ecoou no céu, anunciando uma grande chuva, é capaz de quebrar esse contato.

A maneira como seus olhos brilham neste momento me faz sentir completamente segura e protegida. O toque de sua mão ainda está ali, firme, como se só ele fosse capaz de me manter inteiramente ligada a ele.

Tudo em torno de nós parece um grande borrão, como se não estivéssemos em lugar nenhum, porém, em todos os lugares ao mesmo tempo. Nem mesmo a forte chuva que começou a cair foi capaz de tirar sua atenção de mim, e pensar nisso me traz um sentimento completamente novo e estranho.

Sinto meu coração dar um salto de pelo menos cem metros quando Noah abre um sorriso para mim enquanto dançamos. É como se ele fosse capaz de ler meus pensamentos sobre ele, na verdade, é como se ele até… sentisse o mesmo.

Tudo parece tão confuso dentro de mim agora. Quando eu comecei a gostar dele? Como isso aconteceu?

— Melanie, nos ajude a levar as crianças de volta antes que elas peguem um resfriado. — Uma das auxiliares do orfanato me chama, fazendo-me pular de susto e, consequentemente, quebrar o contato com Noah.

— Preciso ir. — Me afasto bruscamente e seu olhar confuso me cerca.

— Você está bem? Fiz algo de errado?

— A-ah, n-não… — coço a garganta tentando controlar esse nervosismo estranho. — É que eu realmente preciso ir.

Noah balança a cabeça lentamente, ainda me encarando.

— Tudo bem — diz, compreensivo. — Também preciso ir auxiliar os idosos. Vejo você depois, Bela? — Um sorriso surge em seu rosto, e na mesma hora sinto um formigamento em meu estômago.

Balanço a cabeça, concordando, incapaz de pronunciar algo coerente. Quando Noah começa a se afastar, solto o ar que estava preso em minha garganta. Meu rosto esquenta ao recordar como ele conseguiu me deixar, mas, imediatamente, fecho os olhos com força, voltando a mim mesma.

Eu estava me apaixonando por Noah Thompson.

— *Ah, não! Tudo culpa daquela dança*! — Resmungo para mim mesma.

Depois de deixar as crianças no orfanato, a chuva cessa, mas o

caminho me deixou completamente encharcada. Decido então retornar para a praça em busca dos meus irmãos e voltar para casa. Como estava perto, já era possível ver as luzes brilhantes do local.

— Até que enfim você voltou! — Minha irmã aparece, me puxando pelo punho. — Vem, vamos à roda gigante!

— O quê? Está ficando louca? Sabe que tenho medo de altura. — Protesto. — E, além disso, eu estou ensopada, preciso voltar para casa.

Olho em volta, me deparando com Anthony ao lado de Nala e… travo meus movimentos ao ver Noah me encarar ao lado da sua irmã. Sinto um rubor subir pelo meu pescoço.

— Anthony, convença a Mel a ir conosco até a roda gigante. — Emma pede, se dirigindo ao meu irmão.

— Eu já disse que não vou, tenho medo de altura e vocês sabem!

— E em qual você quer ir? — Anthony pergunta. — No bate-bate por acaso? — Ri, como se aquilo fosse engraçado.

— Na verdade, o que quero é ir para casa antes de pegar um resfriado, engraçadinho. — Bufo. — E o carrinho bate-bate é muito melhor do que essa roda gigante.

— Vem, eu vou com você no bate-bate. — Noah diz, já me conduzindo até a entrada da pista dos carrinhos. Não reclamo, na verdade, eu nem seria capaz agora. Apenas me calo e o deixo me conduzir.

A pista está vazia. Como havia chovido, a maioria das pessoas já havia retornado para suas casas. Depois de entregar os ingressos ao funcionário do parque, Noah entra em um carrinho e eu em outro.

— Prometo pegar leve com você, princesa Bela. — Grita do outro lado enquanto sorri.

— Não posso dizer o mesmo. Te aconselho a pôr o cinto ou será arremessado para fora. — Lanço um olhar competitivo, Noah solta uma gargalhada alta.

Começamos a acertar um no outro com os carrinhos e, depois de alguns minutos nos divertindo, somos levados a um nível de diversão que talvez eu nunca tenha chegado antes. Mas então, meu olhar é atraído para um homem em pé na entrada do brinquedo. Meu pai está me olhando.

Desço do carrinho e vou em sua direção.

— Oi, pai — digo, um pouco envergonhada. — O que o senhor está fazendo aqui?

— Vim buscá-los, já esta tarde. Onde estão seus irmãos? — pergunta

olhando para os lados.

— Foram à roda gigante, já devem estar voltando.

— Olá, senhor Evans. Tudo bem? — Noah aparece atrás de mim e o cumprimenta de forma amigável.

— Tudo, sim, Noah. Se não se importa, preciso levar Melanie agora. — Meu pai responde um pouco estranho, nunca tinha o visto assim antes. Ele volta seu olhar para mim. — Vamos, Melanie. Já está tarde.

Quando ele sai um pouco mais adiante, viro meu rosto para Noah, lançando um sorriso fraco. Mas ele já tinha sumido do meu campo de visão. Meu pai se volta para mim, com um ar sério.

— Você não está apaixonada por ele, não é?

— O quê? Pai, do que está…

— Não minta para mim, Melanie! — Solta uma respiração, parecendo preocupado com aquilo. — Só lhe peço uma coisa. — Mira meus olhos. — Se afaste dele. Me prometa que, se esse garoto se declarar para você, irá recusar.

— Mas, pai… — seu olhar está sério e preocupado, me deixando totalmente confusa. — Eu não estou entendendo. Do que o senhor está falando?

— Escute, vou ser bem claro com você. Se quiser, pode continuar fazendo suas atividades na igreja e orfanato, mas precisa se afastar dele, você tem que fazer isso, está entendendo? Deixe ele para lá, se preocupe apenas com seu futuro. Afaste-se de Noah Thompson, entendeu?

Sua voz brava me faz sentir um medo terrível e concordar com a cabeça, sinto uma lágrima sorrateira escorrer pela minha bochecha.

— Mais uma coisa, não diga nada à sua mãe sobre essa conversa, ok?

— Ok — respondo e sinto meu coração se quebrar em vários cacos. Não entendo os motivos dele ter pedido isso, e muito menos o porquê de ter começado a sofrer com aquilo.

Enquanto meu pai vai buscar meus irmãos, ando em direção ao meu carro e volto para a fazenda o mais rápido possível. Precisava dobrar meus joelhos no aconchego do meu quarto e orar. Eu estava muito confusa.

Depois de muito orar e pensar, acho melhor me distanciar de Noah. Talvez papai tenha razão, eu deveria deixar tudo isso de lado. Não só pelo bem do meu futuro, mas pela minha vida espiritual. Eu tinha que me firmar mais em Cristo e, como Noah disse uma vez: não devemos tentar adiantar os planos de Deus em nossas vidas.

Entrego tudo nas mãos de Deus e decido confiar.



***Junho de 2022***

Dois meses se passaram desde que aconteceu o festival. Quebrar a aproximação com Noah estava sendo fácil, aparentemente, ele também não queria manter contato. Minha teoria estava certa, ele não estava interessado em mim, eu não precisava mais alimentar esse sentimento bobo.

Eu mal conversei com ele naquelas semanas, como a Evans CampoPro estava se expandindo e uma negociação estava sendo feita para abrir uma filial na cidade vizinha, o trabalho se intensificou gradativamente. O escritório estava uma loucura.

Apesar de tudo isso, consegui tirar o dia de folga para preparar as coisas para o aniversário de Brigita. Eu seria a responsável pelo bolo, enquanto mamãe e vovó enrolavam alguns docinhos, a comemoração seria a noite. Noah tinha sido convidado por cordialidade e, como papai estava saindo tarde da empresa, não vi problema algum. Além disso, não tinha nenhum sentimento envolvido, não é?

Passamos a tarde jogando conversa fora e na produção de doces. Vovó me ajudou a fazer o bolo e decoramos ele com chantilly rosa e muito glitter.

Emma e Nala decoraram a sala com bandeirolas que estampam fotos de Brigita e a mesa com plumas e doces. Subo para arrumar minha porquinha que está dormindo entre os lençóis.

— Está na hora da aniversariante acordar. — Afino minha voz e vou até ela. — Hoje você faz mais um mês, meu bebê milagre, precisamos comemorar!

Quando ela acorda, a pego em meu colo. Nem conseguia acreditar que já estava fazendo dois meses que tinha pegado minha filha no colo pela primeira vez. Tento não me emocionar, Brigita tinha se tornado muito especial para mim.

Começo a arrumar-lá para aquele dia especial. Visto sua saia rosa pink de tule com lantejoulas, ponho um laço rosa em sua cabeça e um óculos de sol com a armação também rosa. Ela estava linda.

Amarro meu cabelo com um lenço verde e me visto com um vestido verde decorado com tulipinhas rosas e desço com Brigita no colo.

A noite foi muito agradável. Nala e seus pais também estavam ali, desfrutando desse momento muito especial. Noah não compareceu, tento me convencer de que isso é bom, mas, na verdade, me sinto triste por ele não estar aqui.

Depois que tudo acabou, arrumamos a casa e deixamos cada coisa em seu devido lugar. Meu pai chegou e logo vai para o quarto, junto com minha mãe, enquanto vovó fica conversando com meus irmãos. Quando tudo já está limpo, subo com Brigita para nos prepararmos para dormir.

Já tinha tomado banho e colocado meu pijama do Ió quando dobrei meus joelhos para orar e apresentar minha vida sentimental diante do Senhor. Não entendia o motivo de estar tão triste por Noah não ter comparecido.

A verdade é que eu não conseguia esquecer ele e sentia falta de sua companhia. Noah era um bom amigo, e estava tomando um grande espaço no meu coração. Mesmo distantes um do outro, meus sentimentos por ele ainda cresciam.

— Mel, você precisa descer. E traga Brigita. — Anthony aparece na porta assim que termino de orar e sai sem dizer mais nada.

Eu o sigo, com minha porquinha nos braços. Quando começo a descer as escadas, meu corpo paralisa ao ver Noah em pé, com um carrinho de boneca rosa envolto em uma fita de presente.

— O-o-oi, não sabia que você estava aqui.

— Não poderia perder o mesversário dela, trouxe até um presente. — Um sorriso brota em seu rosto, o que faz meu estômago formigar novamente, não, isso de novo não.

Brigita solta um ronquinho e começa a balançar o rabo.

— Ai que fofinho, ela reconhece o pai. — Minha bochecha parece pegar fogo quando Emma acaba de falar. Noah me olha sorrindo, fingindo não se importar.

— Você quer bolo? Tem na cozinha, eu mesma fiz e… — lembro que eu não devia ter dito isso, se papai aparecer aqui, vou ouvir bronca.

— Tem docinhos também, querido. Venha, vamos até a cozinha comer um pouquinho. — Vovó diz, levantando-se junto com Emma, rumo aos doces. Como elas já estavam indo, me sinto mais tranquila e guio Noah até lá.

— Gostei do rabinho.

Me viro com o olhar franzino para entender o que ele disse. Seu rosto tem um sorriso contido, e é aí que percebo que ele está se referindo ao meu pijama. Tento ficar séria, mas não resisto. A gargalhada que Noah solta quebra todas as minhas barreiras.

Eu e Noah éramos amigos, tentar mudar nosso status seria negligenciar essa parte da nossa história. Ainda bem que percebi a tempo, antes de levar isso para frente, ele com certeza só me via como amiga.

Depois que paramos de rir e fomos para a cozinha, observo como ele é bondoso e atencioso com todos ao nosso redor, tratando Thony e Emma como se fossem seus próprios irmãos e vovó como se fosse sua própria avó.

A garota que se casasse com ele seria sortuda, e, por um momento, eu desejei ser essa garota.

# 8
# Noah Thompson

*Seria esse Um Amor de Passageiro?*

“Quando nos encaramos, li em
sua feição a mesma indagação
que naquele momento surgiu dentro de mim.
O interesse era mútuo? [...]”
**Um Amor de Passageiro - Maina Mattos**

***Julho de 2022***

Não é fácil me afastar de Melanie quando tudo o que mais desejo é estar ao seu lado, mas Deus diz que conhece os planos que tem para nós, e eu preciso confiar que Ele está conduzindo a nossa história.

Percebi que, se não me afastasse dela, um dos dois acabaria se defraudando. Eu queria chamar aquela garota de minha esposa, mas tenho que confiar no Criador e, se for da Sua vontade, acontecerá.

Graças a Deus, o trabalho na empresa aumentou e não tínhamos tanto tempo para ficarmos juntos.

Já estávamos na metade de julho, o Sr. Evans ainda não havia fechado o negócio para a abertura de uma nova empresa e ele estava começando a ficar frustrado com isso. Seu rosto cansado, marcado por olheiras e a barba por fazer, revelavam seu descontentamento.

— Noah, meu pai está nos chamando em sua sala. — Melanie diz. Quando levanto a cabeça e a observo, meu coração dispara.

— Estou indo. — Ela apenas concorda com a cabeça e sai rumo à sala do pai.

Alguns segundos depois, sigo o mesmo caminho que ela e, ao chegar na sala, bato na porta cuidadosamente e a abro em seguida.

— Sente-se, Noah. — Sr. Evans diz assim que me vê. Sento em uma cadeira ao lado de Melanie, de frente para sua mesa. — Vou direto ao assunto, preciso que ambos viagem até Denver amanhã para fazer o acordo

do contrato.

— O quê? — perguntamos em uníssono.

— Também não estou satisfeito em fazer isso, mas já estamos há mais de um mês tentando fechar negócio e, como tivemos sérios problemas nas máquinas de produção da filial de Kansas City, preciso ir até lá resolver tudo pessoalmente enquanto vocês fecham negócio.

— Mas, pai… talvez tenha outra pessoa mais qualificada para ir em nosso lugar. Não acho adequado nós dois irmos, somos inexperientes ainda. — Melanie protesta.

— Sei disso, e você tem razão. Mas estou confiante de que essa será uma grande oportunidade para vocês aprenderem mais sobre os negócios. Um dia, Melanie assumirá o meu posto e precisa começar a treinar. Além disso, com Noah como contador, ele será uma grande ajuda para você. Conto com a capacidade dos dois. — Seu olhar cansado reflete claramente o motivo de não ir: ele está inseguro consigo mesmo. — Sairão amanhã bem cedo, então hoje serão liberados a partir da hora do almoço para se prepararem. Ah, e convidem Anthony para ir com vocês. Estão dispensados.

Deus, nos ajude!



Estou há alguns minutos em frente à fazenda de Dona Florence esperando Mel e Emma. Anthony estava fazendo algumas atividades extracurriculares e não poderia ir conosco, então Melanie resolveu convidar Emma e Nala para nos acompanhar.

Meu campo de visão é preenchido por uma pequena garota que vem em direção ao carro vestida com uma blusa social branca, uma calça preta, e um All Star nos pés. Ao perceber estarmos parecidos sem ter combinado, penso que aquilo pode ter sido uma cristocidência. Um sorriso de canto escapa de mim. Saio do carro para abrir a porta para ela.

Emma passa em sua frente, abre a porta de trás e se senta ao lado de Nala. Melanie me observa quando estamos de frente um para o outro. Ficamos nos encarando por alguns segundos.

— Se querem chegar cedo em Denver, acho melhor irem logo. — Dona Florence grita atrás de Melanie, o que causa um rubor em suas

bochechas.

Ajudo Melanie a entrar no carro e noto Dona Florence com um sorriso divertido no rosto. Cumprimento-a rapidamente antes de me acomodar no banco. Emma e Nala estão escoradas uma na outra, dividindo fones de ouvido. Fazia tempo que eu não conversava com Melanie, então decido puxar assunto.

— Está nervosa?

— Um pouco, nunca fiz isso antes e não tenho ideia de por onde começar — responde séria, olhando para frente.

— Fique calma, está tudo nas mãos de Deus, Ele estará direcionando tudo. Sei que o medo às vezes quer nos parar, mas o terceiro verso de Salmos 56 diz que…

— Quando eu ficar com medo, hei de confiar em Ti. — Completa, me interrompendo. Ela vira para mim e dá um sorriso que faz minhas mãos suarem. — Sou apaixonada pelo livro de Salmos, principalmente os de Davi, o homem segundo o coração de Deus.

— O pecador que reconhecia que não era nada sem Deus… Davi, é um exemplo de que nossos erros do passado não nos definem no agora. Cristo é capaz de reescrever nossa história. — Ao terminar, vejo Melanie ficar pensativa e imóvel. — Está bem?

— Ah, sim — diz ao sair daquele transe. — Só estava refletindo em algumas coisas depois do que você disse.

— Posso saber sobre o que era?

— Na verdade, estava pensando em minha história, como Cristo está reescrevendo tudo. No mesmo dia em que retornei para casa, estava convicta de que iria para a Universidade de Cornell estudar Medicina Veterinária, mas meu pai não permitiu e, minutos depois, descobri que viria morar aqui. Nunca imaginaria que minha vida teria uma mudança como essa. Recebi um não para o meu sonho, mas um sim para meu recomeço.

— Algumas pessoas dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, mas isso não é verdade, não é mesmo? — Ela concorda. — Ele sempre sabe o melhor para nós, o problema é que, muitas vezes, não queremos aceitar sua vontade. Então… você queria fazer Medicina Veterinária na Cornell?

— Era o meu sonho, para falar a verdade. Eu sempre tive um amor imenso por animais desde pequena e isso só se intensificava toda vez que eu vinha passar as férias aqui na fazenda. Uma das coisas do meu avô que ficou marcada em mim foi a paixão pelos animais.

— O senhor Joseph realmente era incrível, ele que me ensinou a andar a cavalo — digo, nostálgico. Eu também sentia falta dele.

— Você o conhecia?

— Conhecia, sim, ele e meu avô eram muito próximos, como deve saber. Passei uma boa parte da minha adolescência com eles dois.

— Não entendo… se você passou tanto tempo com meu avô, então, por que eu nunca tinha te visto antes?

— Deve ser porque, quando vocês passavam as férias aqui, eu nunca estava. O senhor Joseph sempre pediu que, nas férias, eu ficasse para conhecer o restante da sua família, mas eu sempre ia para a casa da minha avó materna, no Nebraska. Infelizmente, ela faleceu alguns meses antes do seu avô.

— Lamento muito.

— Não se preocupe, já passou. Mas, não lembro de vê-la no funeral do seu avô.

— É porque eu não vim… — Ela sussurra.

— O que te impediu de vir?

— Estava passando por uma fase delicada, não conseguiria… não conseguiria passar por aquilo.

Percebo que Melanie fica um pouco calada e recolhida. Me estico para trás e pego uma das almofadas que Nala trouxe de casa.

— Tome, descanse um pouco. — Estendo o objeto para ela.

— Obrigada. — Aceita a almofada e se escora na janela para descansar.



— Não sei se esses gráficos me deixam totalmente satisfeito. — Sr. Simon analisa os papéis em suas mãos.

Já estamos há cerca de uma hora tentando fechar o contrato e não tem dado muito certo.

— Tenho certeza de que, com sua visibilidade e com o ponto estratégico para vendas, esses gráficos irão aumentar bruscamente. — Melanie o responde, já nervosa por não estarmos tendo nenhum resultado positivo.

— Não pretendo ofendê-la, senhorita, mas sei muito bem o público que tenho aqui em Denver e acredito que a Evans CampoPro não seja tão adequada assim para garantir meu investimento. Lamento muito, mas já tenho minha resposta, peço desculpas por ter tomado o tempo de vocês. — Ele deixa o papel na mesa e se levanta para sair, consigo ver a frustração estampada no rosto de Melanie.

— O senhor não irá saber se não tentar — digo, atraindo sua atenção.

— Do que está falando, meu jovem?

— Sobre a Evans CampoPro. Quando o senhor Joseph pensou em construir a empresa, alguns o chamaram de louco, mas meu avô Charles o apoiou e foi seu ombro direito. Hoje, a empresa CampoPro não é apenas uma área de vendas de produtos agrícolas, como também de produção. Mas isso só foi possível porque o senhor Joseph investiu e meu avô o apoiou. — Sr. Simon, volta sua atenção totalmente para mim. — O senhor só saberá se realmente vale a pena investir na CampoPro se tentar, precisa acreditar em nós.

Aquele homem me encara por alguns segundos, fazendo meu coração acelerar. Será que fui muito ousado?

— Bom… — diz depois de mais alguns segundos. — Você tem razão. Diga ao diretor Evans que semana que vem estou indo em Fort Collins fechar negócio. Agora tenho que ir, mas obrigada pela dica, espero não me arrepender.

— Tenho certeza que não vai. — Afirmo olhando em seus olhos. Ele aperta minha mão e sai rumo a saída.

Quando retorno meu rosto para Melanie, seu olhar está transbordando espanto e admiração.

— Você conseguiu! Tem noção disso? Você conseguiu!

— Não, Melanie, nós conseguimos! — Vejo um grande sorriso surgir em seu rosto e, quando menos percebo, ela já está me abraçando.

— Se não fosse você, eu jamais conseguiria. — Ela desfaz o abraço e me encara.

— Parece que formamos uma boa dupla.

— É, parece que sim. — Suas bochechas se ruborizam com sua própria afirmação.

— Agora vamos preparar uma cesta para fazermos um pequeno piquenique no Washington Park. — Pego em sua mão e a conduzo até a vitrine de doces da cafeteria em que estamos.

Depois de escolhermos alguns doces, vamos até o parque acompanhados de Emma e Nala. Nos sentamos de frente para o lago e aproveitamos cada segundo proporcionado pelo Criador.

Passamos o dia conversando e, quando chega a hora de retornar para casa, a olho com muita admiração. Melanie não era mais a mesma garota que vi chorando como criança no banco da igreja, ela estava diferente, totalmente diferente. Ao perceber isso, soube que já não podia mais guardar meus sentimentos para mim.

— Melanie… — chamo quando a vejo concentrada pondo o cinto de segurança. Quando tenho sua atenção em mim, continuo. — Você vai fazer alguma coisa mais tarde?

— Acho que vou ler algum livro e talvez assistir algum filme, por quê?

— É que…

— Cara, se você quer chamar ela para sair, diz logo. — Emma me interrompe.

— Emma, não seja inconveniente, por favor. — Mel pigarreia um pouco. — Ela disse isso só porque não quer que eu participe da noite das garotas.

— Estou curioso, o que acontece em uma noite de garotas e por que ela não quer que você participe?

— Bom, nós assistimos filmes românticos, comemos besteiras e fazemos skincare e ela não quer que eu participe porque o último filme que assistimos foi indicação minha e os protagonistas morreram.

— Que filme vocês assistiram? — pergunto curioso.

— O menino de pijama listrado. — Agora entendo a reação de Emma.

A maneira que Melanie me olha me faz pensar na possibilidade de ela gostar de mim. Eu queria saber se isso realmente é real ou fruto da minha imaginação fértil e completamente apaixonada.

Eu só precisava de uma pergunta…

— Se você está com planos de aparecer mais tarde, desista. — Emma volta a falar, quebrando nosso contato e fazendo-me retornar ao mundo real. — Vovó Florence não deixa nem sequer Anthony chegar perto, a noite é exclusiva das ga.ro.ta. — fala pausadamente.

— Ah, não se preocupe. Eu tenho outros planos.

Olho para ela novamente e giro a chave na ignição. Por mais que a viagem tenha sido ótima, precisava chegar a Fort Collins o quanto antes para

organizar algumas coisas e, enfim, poder me declarar.

# 9
# Noah Thompson

*Por você eu fiz, Uma Oração de Amor*

“ Nós nos preocupamos com tantas coisas e esquecemos
que existe um tempo exato para cada acontecimento,
e, ansiá-lo ou não, não mudará nada.”
**Uma Oração de Amor - Lyta Racielly**

***Agosto de 2022***

Quando termino de orar, percebo que aquele é o momento certo para fazer o que o meu ser tanto anseia. Até que uma notificação no meu computador chama minha atenção. Quando abro o e-mail que acabou de chegar, sinto minhas mãos suarem.

Um grande questionamento surge dentro de mim. Até onde somos capazes de ir em busca dos nossos sonhos? Quando eu era criança, imaginava todo o caminho da minha vida trilhado por Deus da seguinte maneira: eu me formaria em contabilidade, me casaria, iria morar em Londres e trabalharia lá em alguma empresa de grande porte.

Por anos, cheguei a estagnar minha vida por não seguir os planos que desejava, e isso me afetou de muitas maneiras. Mas, agora, ao olhar para o e-mail da Langford Financial Services, uma das maiores empresas de Londres, me convidando para integrar sua equipe, sinto meu corpo paralisar.

Eu havia mandado meu currículo dias depois da morte do meu avô. Naquela época, eu só queria ir embora, recomeçar em outro lugar. Mas a vontade de Deus é diferente da nossa, e, agora que fui chamado, só quero continuar aqui.

Não por algo, mas por uma pessoa. Somente esse alguém seria capaz de mudar minha decisão. Já tinha a bênção dos seus pais e dos meus, agora só restava a decisão dela.

Nesta tarde as garotas me avisaram que fariam um piquenique em uma colina no final da fazenda, decidi aproveitar a ocasião e acabar com esse

tormento que a tempos não tem me deixado dormir.

Ainda faltava cerca de duas horas para o sol se pôr. Entro em meu carro e vou para a fazenda do meu avô Charles. Alguns minutos depois, já estava no local. Desço do carro, me aproximando da enorme varanda e avisto o Sr. William.

— Olá, senhor William, boa tarde.

— Ah, filho! — responde assim que me vê. — Está precisando de algo?

— Na verdade, sim. O Trovão continua bem para galopar?

— Claro que sim, aquele cavalo está firme e forte.

Vou até o estábulo e pego o antigo cavalo de vovô. Coloco uma cela nele e vou atrás da minha garota. Depois de passar a divisa da fazenda de Dona Florence e Vovô Charles, já consigo avistar as meninas.

Trovão relincha assim que chegamos mais perto delas, o que chama a atenção de Melanie. Ela levanta, com o olhar confuso e, céus, como ela está linda. Seus cabelos balançam com a força do vento e sua blusa rosa destaca perfeitamente sua pele, refletindo seu jeito fofo e meigo.

— O que faz aqui? — pergunta assim que desço e amarro Trovão na árvore onde elas estão.

— Pensei que poderia vir aqui e passar a tarde com vocês, fiz mal? — Tento disfarçar o real motivo por estar ali.

— Ah, não, imagina. Sabe que sempre é bem-vindo… fiz brownie e alguns biscoitos, quer?

— Aceito sim. — Ela sorri, me entregando um dos doces de chocolate. — Disse que foi você quem fez?

— Sim, a convivência com minha avó aprimorou meus dotes culinários. — Um sorriso meigo estampa seu rosto.

Ao admirá-la por alguns segundos, me lembro do que vim fazer aqui e um nervoso percorre minha espinha. Mas, antes que eu possa dizer alguma coisa, Emma me atrapalha.

— Minha irmã é uma moça prendada, Noah. Até ouso dizer que já está pronta para casar. — Emma levanta as sobrancelhas sugestivamente e Melanie repreende a irmã com o olhar, que apenas dá de ombros, sem se importar com o que havia feito.

— Você quer andar a cavalo? — pergunto, atraindo sua atenção.

— Não sei não… já faz tanto tempo que não sei se consigo. Da última vez, o cavalo do meu avô me derrubou.

— Venha, eu ajudo você. — Levanto e estendo a mão para ela, que aceita.

Quando ela se levanta e nossos olhos se cruzam, o resto do mundo para e até mesmo Nala e Emma ficam caladas.

A conduzo até onde Trovão está e a ajudo a montar com cuidado nele, mas opto por ficar no chão, seria mais prudente manter uma distância dela. Melanie apenas fica em silêncio e obedece tudo o que digo. O cavalo começa a andar assim que puxo sua guia cuidadosamente.

— Vamos dar uma volta.

Trovão começa a me acompanhar e Mel fica apenas observando o pôr do sol de cima do cavalo. Quando já estamos longe o suficiente para as garotas não ouvirem, começo a falar.

— É lindo, não é mesmo? — Ela me lança um olhar confuso. — A despedida do sol. Uma vez li que o pôr do sol é a natureza nos mostrando que tudo tem o seu tempo, com alguns anos, comecei a entender melhor isso.

Ela fica calada, apenas ouvindo.

— A Bíblia diz que há um tempo certo para todas as coisas debaixo dos céus: tempo para viver e morrer, tempo para plantar e colher, tempo para odiar e também para amar. — Seu rosto encontra o meu, e, por alguns segundos, ficamos apenas nos olhando. — Durante toda a minha vida, esperei pelo momento certo, mas não sei se consigo continuar lutando contra isso. Não consigo fechar os olhos e simplesmente esquecer que você está aqui, tentar fingir que não sinto nada, quando, na verdade, sinto tudo. Desde que vi você pela primeira vez, é como se esse sentimento crescesse a cada dia, algo novo e intenso. — Suspiro, ainda a encarando. — Conviver com você me fez perceber mais do que nunca o quanto eu te amo. — Balanço a cabeça, sentindo um turbilhão de emoções. — Essa é a verdade: eu amo você. Penso nisso muito mais do que deveria. E a única coisa que desejo... é me casar com você.

— Noah, eu… — antes que ela possa terminar de falar, começo a me ajoelhar ao lado de Trovão e retiro do bolso a caixinha vermelha onde eu tinha guardado a aliança dourada. — O que está fazendo?

— Melanie Evans, você aceita…

— Noah, você tem que parar com isso agora, por favor. — Interrompe desesperadamente e desce do cavalo, desajeitadamente, logo em seguida, parando de frente para mim. — Me desculpe, mas eu não posso. — Seus olhos brilham tristemente. — Se dei falsas esperanças para você, por favor,

me perdoe, mas eu realmente não posso, Noah.

Meu coração é esmagado a cada palavra sua.

— Melanie, por favor… — tento me aproximar, mas ela se afasta bruscamente. Sinto algo dentro de mim se quebrar.

— Me desculpa. — Pede mais uma vez, enquanto balança a cabeça, parecendo confusa. — Isso tudo foi um erro. Nem deveríamos estar aqui.

Passo longos e torturantes segundos a encarando, tentando entender o que de fato estava errado, mas tudo que vejo é uma muralha invisível que Melanie levantou para se proteger.

— Eu não entendo. — Tento me aproximar mais uma vez. — Foi algo que eu disse? Fiz alguma coisa errada? Só… por favor, Melanie, me tire desse tormento. Que parte foi um erro? Meus sentimentos? Minha sinceridade? Me desculpe, mas não consigo mais guardar isso comigo.

— Tudo, Noah! Absolutamente tudo! Seus sentimentos, tudo o que me disse... — seu rosto é uma confusão de conflitos e sentimentos indecifráveis. — Eu não posso ser carregada por nada disso agora, não posso ser quem você quer que eu seja… — suspira pesadamente. — Se eu aceitasse isso, estaríamos assinando uma loucura para o resto das nossas vidas.

Suas palavras são confusas, assim como seus sentimentos. Eu não consigo entender, não consigo nem ao menos ser um pouco compreensível depois de ter tido todos os sinais de que Melanie sente o mesmo por mim. Por que ela está fazendo isso agora?

Dou alguns passos em sua direção, diminuindo nossa distância. Melanie não recua dessa vez, então, delicadamente, seguro seus ombros, fazendo-a me encarar de perto.

— Amo você — recito as palavras, sentindo alívio. — E isso não vai mudar. Então, a não ser que não sinta o mesmo, eu…

— Eu não sinto. — Ela declara, me interrompendo. Porém, as expressões de dor em seu rosto são completamente diferentes das palavras pronunciadas por sua boca, mas, ainda assim, dói. Na verdade, dói como nunca.

— O quê? — pergunto, completamente estagnado enquanto a encaro.

— Eu não sinto o mesmo. — Ela repete aquelas palavras assustadoras.

Minhas sobrancelhas se unem em confusão, dor e tormento.

— Você está mentindo! — Dessa vez, sou eu quem me afasto,

tentando encará-la a uma distância adequada. Vislumbro uma lágrima descendo em seu rosto, mas, ainda assim, Melanie sustenta seu olhar em mim.

— Essa é a verdade, Noah — diz com a voz embargada. — Eu nunca senti nada por você, e já me desculpei por ter te dado falsas esperanças. — Ela limpa o rosto de forma rápida. — Então, por favor, esqueça tudo o que disse, tudo o que acha que sente, e só… eu não sei, apenas esqueça.

Eu não consigo reconhecer essa Melanie na minha frente. Ela se parece com a minha Melanie, fala como ela, gesticula igual, mas não é a mesma. Abaixo a cabeça, me dando conta das lágrimas molhando meu rosto.

— Você diz como se não fosse nada — desabafo, sentindo meu coração em cacos. — Como se fosse simples anular tudo. Eu… — arfo, sentindo uma dor no peito — Eu não posso fazer isso, não posso esquecer. Acha mesmo que eu seria capaz de não ter esperança? — Balanço a cabeça. — Isso é real, Melanie.

— Não é, Noah. — Sua voz está fraca. — Me desculpa, mas você viveu essa realidade sozinho. — Coloca ambas as mãos no rosto, tampando a boca. É nesse momento que ouço um soluço abafado surgir, ela está chorando.

Melanie vira de costas, começando a caminhar de volta à pequena trilha que nos levava até a casa de sua avó.

— Me perdoa, Noah — diz entre soluços, enquanto caminha para longe, deixando entre nós todos os pedaços partidos do meu coração.

Subo em Trovão e vou deixá-lo no estábulo. Algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas trato de enxugá-las assim que vejo o Sr. William.

— Noah, você está bem?

— Eu pedi ela em casamento. — Um sorriso brota no rosto daquele senhor.

— E como foi?

— Ela não aceitou, disse que não podia e que tudo isso foi um erro. — Ajeito Trovão em sua baía dentro do estábulo e me sento em um banquinho próximo. — Não entendo, eu fiz tudo certo. Falei com meus pais e com os dela. Esperei o momento certo e me declarei… daqui a um mês, estarei me mudando para Londres e a perderei para sempre, eu nem ao menos tive tempo para dizer isso.

— Para sempre é muito tempo, sabe disso, não é? — Assinto com a

cabeça. — Sabe, filho, estamos acostumados a largar as coisas para trás quando elas não dão certo. A mágoa e o rancor nos fazem perder pessoas que amamos porque fomos machucados… mas lembre-se, todos somos responsáveis por nossos pecados e ainda assim, Deus não desistiu de nós. Melanie deve estar confusa e perdida dentro de seus próprios sentimentos. Deixe-a tirar os próximos dias para pensar, apenas ore e entregue tudo nas mãos de Deus.

Observo meus pés, pensando em suas palavras.

— Não fique ansioso, filho. — Ele dá tapinhas em minha costa. — Faça por ela as mais lindas orações de amor e, se for da vontade de Deus, tudo dará certo no fim.




*Em busca do meu Amor Real*

“Nem sempre os finais são felizes, nem sempre
a vida segue o rumo desejado por nós,
nos dando a vitória tão sonhada.”
**Amor Real: Despertar - Maina Mattos**

***Agosto de 2022***

De todas as coisas possíveis que poderiam acontecer comigo quando vim para Fort Collins, jamais imaginei que me apaixonar estaria entre elas. Noah Thompson entrou na minha vida e, com toda sua amizade e coração inigualável, laçou meu coração.

Ouvir da boca dele que me amava fez o meu coração saltar de todas as maneiras possíveis. Mas ter que rejeitá-lo, doeu de uma forma que eu nunca imaginei ser possível. Quando meu pai pediu para eu recusar qualquer pedido de Noah, jamais imaginei que sofreria tanto. Enquanto minha boca soava um não para ele, todo o meu ser gritava um único sim.

Ninguém me avisou que deixar para trás não significava estar ausente da dor. Eu estava um caco, por dentro e fora. Ao menos Brigita estava aqui comigo e não julgaria meu estado.

O sol já tinha se posto e a escuridão da noite entrou no quarto. Eu não conseguia nem ao menos levantar para ligar a lâmpada, só queria ficar ali, sozinha, enquanto reprimia tudo que existia dentro de mim.

Brigita já estava dormindo em meu colo quando ouvi uma batida na porta.

— Mel, posso entrar? — Emma pergunta do outro lado.

— Eu não quero ver ninguém — respondo com o coração apertado.

— Eu só quero conversar e entender. Abre a porta, por favor. — Pede, um pouco ressentida, com certeza ela já sabia o que tinha acontecido.

— Eu já disse que não quero falar com ninguém, vai embora!

Quando vi pela fresta do chão que a sombra dela desapareceu, me permiti chorar mais uma vez. Aparentemente, esse seria meu estado pelos próximos dias.



Duas semanas já haviam se passado, e elas foram as piores da minha vida. Evitar minha família estava sendo tão difícil quanto evitar Noah, era torturante fingir que estava tudo bem quando, na verdade, um caos ocupava um lugar permanente dentro do meu ser.

Graças a Deus, mamãe e vovó estavam ocupadas demais na organização da associação de mulheres de Fort Collins. O que me permitia escapar delas livremente. Mas a pior parte era precisar trabalhar com Noah.

Não imaginava que seu olhar cabisbaixo partiria ainda mais meu coração. Restava apenas orar para que Deus cuidasse dele. Eu queria correr e dizer a ele toda verdade, que eu o amava e o queria para mim, mas eu não podia fazer aquilo.

Quando retorno do horário do almoço, vejo de soslaio que Noah está arrumando suas coisas em uma caixa. Uma grande curiosidade toma conta de mim, por que  ele estava fazendo isso? Ele não iria pedir demissão por minha causa… ou ia?

Ajusto-me na cadeira, e o barulho do meu celular me desperta de meus pensamentos.

**Pai** agora

Preciso falar com você, venha agora até a minha sala.

— Aí está você, ainda bem que veio logo, preciso que me ajude — diz assim que me vê. —  Então, como provavelmente já sabe, Noah conseguiu uma vaga em uma empresa em Londres e partirá daqui a duas semanas. Como ele serviu na Evans CampoPro por anos, os funcionários se reuniram para uma despedida. Gostaria que você lesse os agradecimentos.

Aquilo é como um soco no meu estômago. Noah estava indo embora para outro país. Eu nunca mais o veria, nunca mais o veria!

— Está chorando? — Meu pai pergunta, franzindo o cenho enquanto se aproxima. Eu o encaro confusa por segundos, e então, logo em seguida, levo minha mão ao rosto, me dando conta de que lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto. — Melanie, já tivemos essa conversa. Você prometeu que se afastaria dele, por que está assim?

— Porque eu o amo, pai! — Sinto as lágrimas incessantes caindo e, com elas, a ficha de que eu realmente perderia Noah.

— Melanie, mas… — ele vem em minha direção, com um envelope da empresa em suas mãos. Me afasto imediatamente.

— Eu não posso. — Dou um passo para trás e sacudo negativamente minha cabeça, tomando coragem de dizer um "não" ao meu pai.

Ele me encara por alguns segundos, e então suas sobrancelhas se erguem em minha direção, em surpresa pela resposta.

— O que está acontecendo com você? — Respiro fundo, sustentando seu olhar.

— Eu não posso fazer isso. O senhor me pediu para rejeitá-lo e eu fiz, agora eu lhe peço, por favor, não faça eu me despedir da única pessoa que já amei.

Mais lágrimas começam a rolar por meu rosto, um soluço alto escapa da minha garganta. Aquilo doía tanto, de tantas formas, que não tinha mais espaço em mim para guardar tudo.

— Por que está assim? Você realmente o ama?

— Amo como nunca amei antes, e ter que me afastar porque o senhor pediu está me destruindo de todas as maneiras possíveis.

Quando sinto meu autocontrole começar a se dissipar, saio imediatamente deixando meu pai para trás, extremamente confuso. Vou até à minha sala e arrumo as minhas coisas o mais rápido que posso. Eu precisava ir embora, precisava sair de lá. Não consigo lidar com mais nada hoje.

Quando viro para ir embora, em meio ao nevoeiro de lágrimas, vejo Noah em pé na saída. Seu olhar triste esmaga os cacos restantes do meu coração.

— Isso aqui é para você. — Estende uma carta para mim. — Leia quando estiver sozinha.

Pego o envelope e o encaro.

— Melanie, eu…

— Pare, por favor. Não torne as coisas mais difíceis do que já estão.

Estou prestes a passar pelo pequeno espaço entre ele e a porta quando

sinto Noah segurar minha mão, fazendo-me encará-lo. Nossos olhares se cruzam, e uma lágrima sorrateira escapa, escorrendo pela minha bochecha. Agora, de perto, percebo a vermelhidão em seus olhos, como se, antes, ele também tivesse chorado.

Expulso aquele pensamento involuntariamente, e sinto sua mão em meu rosto. Noah estava secando minhas lágrimas.

— Não sei o que se passa em sua cabeça, mas sei que sabe dos meus sentimentos por você e eu sei perfeitamente os seus por mim, então, não finja que não aconteceu nada entre nós. — Ele me encara duramente, como se sentisse a mesma dor que perfura meu peito. — Eu só preciso de uma palavra, apenas uma palavra sua será o suficiente para me fazer desistir de Londres e ficar aqui. Só depende de você.

— Não me faça escolher, isso não depende de mim, é a sua vida, Noah.

— Eu não ligo, Melanie. Ainda não entendeu? — Suas sobrancelhas se juntam enquanto balança a cabeça. — Eu mudaria tudo agora se me pedisse. Absolutamente tudo. A empresa, Londres… tudo!

— Não é o certo — sussurro, desviando do seu olhar.

Sinto novamente o toque de Noah em meu rosto, erguendo meu queixo e me fazendo encará-lo.

— Sentimos o mesmo. Como isso não seria o certo?

— Eu não sinto. — Minto mais uma vez, balançando a cabeça.

— Você não acredita nisso, não é verdade e você sabe, Melanie. Então, só… para, por favor.

Por um momento, sinto minha mente, desejos e sentimentos vacilarem. Penso na possibilidade de aceitar aquilo, de viver algo que um dia sonhei com Noah, de simplesmente começar a viver em prol de mim mesma, e não mais do meu pai. Mas… não tenho como ignorar meu próprio pai, suas vontades e seus próprios sonhos para realizar em mim. Então, pensando nisso e em tudo o que eu arriscaria, eu me afasto do toque de Noah, sentindo falta do contato logo em seguida.

Vislumbro dor em seu olhar, e eu reconheço aquilo de imediato, porque é o mesmo que eu sinto nesse exato momento.

Minha visão embaça mais uma vez com as lágrimas que, agora, deixo cair livremente pelo meu rosto. Abaixo a cabeça, tentando disfarçar toda aquela dor que sai pelos meus olhos, e então respiro fundo, sentindo uma bomba prestes a explodir em meu peito.

— Me desculpe... — viro as costas para ele, deixando Noah para trás.

Chego em casa minutos depois, com meu coração quebrado em vários pedaços. Tentei passar pela sala o mais rápido possível sem que alguém me visse e até achei que tivesse funcionado, mas agora, ouvindo as batidas da minha mãe na porta, vejo que não fui tão silenciosa quanto pensei.

— Oi, filha! Posso entrar?

— Ah, oi, mãe. — Tento parecer indiferente. — Só um segundo.

Seco meu rosto imediatamente, ponho meu óculos para disfarçar o inchaço nos olhos e me levanto para abrir a porta.

Vejo o sorriso dela se desfazer assim que me encara. Não imaginei que estivesse tão péssima assim.

— Pode me dizer o que está acontecendo com você? — pergunta preocupada, entrando no quarto e fechando a porta em seguida. — O que aconteceu, meu bem?

Engulo a seco várias vezes, sentindo o aperto no peito se aproximar de novo. Minha mãe me encara de um jeito tão preocupado que não consigo frear minhas lágrimas, muito menos o que sai da minha boca. É como se eu finalmente me sentisse à vontade o suficiente para quebrar minhas barreiras.

— Quando vim para cá, imaginei que as coisas seriam mais fáceis e estavam sendo, mas, mãe, eu estou com tanto medo… — minha voz é quase inaudível. Me jogo em seus braços como uma garota de cinco anos.

— Filha, o que aconteceu? — Acaricia meus cabelos e me conduz a sentar na cama, ainda abraçada a mim. — Você está tão distante ultimamente, só sai para ir até a igreja e fica sempre nesse quarto. Por que está assim? É por causa de Noah?

Apenas concordo com a cabeça e choro ainda mais. Ela me abraça apertado e espera até que eu me acalme. Depois de alguns minutos em seu colo, decido que tenho que falar para ela toda a verdade que está me consumindo.

— Ele me pediu em namoro e casamento, mas eu recusei.

— Isso eu sei, ele me contou. — Ergo meu olhar espantado para ela. — Antes dele falar com você, já tinha pedido autorização para mim e seu pai, nós aceitamos de bom grado, é claro. Quando você o rejeitou, ele também falou conosco e pediu para não falarmos nada porque achou que você precisava de tempo. Ele nos informou sobre Londres e seu pai o incentivou a ir. — Ela alisa meu rosto. — Agora pode me dizer o porquê de tê-lo

rejeitado? — Hesito por alguns segundos, tentando decidir entre falar ou não. — Melanie, eu sou sua mãe! Pode me contar qualquer coisa, sabe disso, não sabe? — Respiro fundo, balançando a cabeça.

— Papai disse para recusar o pedido — confesso, abaixando a cabeça.

— O quê? — Mamãe pergunta, incrédula, e então levanta meu rosto. — Por que o seu pai faria uma coisa dessas?

— Eu não sei, mas quando percebeu minha proximidade com Noah, disse para me afastar dele e focar no meu futuro. Ele me pediu para recusar caso algum pedido fosse feito, e foi o que fiz. — Algumas lágrimas escorrerem por minha bochecha. — Eu apenas o obedeci, mãe, sempre foi assim. Mas não imaginei que doeria tanto.

— Não acredito que Robert foi capaz disso…

— O que aconteceu com ele, mãe? Papai não era assim, quando ele se tornou apenas o senhor Robert Evans, louco por trabalho? Não consigo entender. — Abaixo a cabeça, decepcionada. Meu pai já havia deixado de ser o homem que admirei no passado.

— Seu pai foi um bom marido por anos… No dia em que você e seus irmãos nasceram, eu o vi chorar da mesma forma que no nosso casamento. Mas, com o tempo, o trabalho e as responsabilidades o consumiram totalmente, como você sabe. Robert amava o senhor Joseph como ninguém e, depois que ele faleceu, quis a todo custo manter o legado do pai, tentando, de alguma forma, orgulhá-lo. — Seu olhar se fixa em um ponto invisível à frente. — Uma pena que ele esqueceu tudo o que Joseph lhe ensinou e não conseguiu manter o que realmente importava. Ele se tornou um homem diferente. — Sua voz estava fraca e o olhar triste. — Eu tampei os olhos e não quis enxergar o que ele estava se tornando. Apenas orei incansavelmente para que ele melhorasse, mas não tomei nenhuma atitude, e as coisas acabaram saindo do controle. Me perdoe por não ter impedido tudo isso.

— Você não deve se culpar, mãe. A decisão de se afastar foi dele. — Seguro em sua mão.

— Preciso, sim, meu amor. Fui cega em pontos importantes, não cumpri perfeitamente meu papel de ajudadora e deixei Robert se afundar.

Ela acaricia minha bochecha, secando minhas lágrimas. Me deito em seu colo por alguns minutos em silêncio. Eu me sinto mais leve de alguma forma.

— Melanie. — Ela me chama, então olho para cima, em direção ao seu rosto. — Sabe a conversa que tivemos no último dia em Kansas City? —

Aceno com a cabeça. — Preciso ter a mesma com o seu pai. Tenho que entender as verdadeiras razões dele, o motivo de ter feito isso.

— E se ele ficar zangado comigo?

— Mel, seu pai ama você. Sei que isso pode parecer um pouco improvável por conta de tudo que você tem passado, mas ele a ama. Apenas peço que ore. Debaixo da muralha que ele construiu ainda existe o Robert por quem me apaixonei há anos atrás. Pode fazer isso?

Concordo, acenando com a cabeça, e então ela se levanta, deixando um beijo suave em minha testa.

— Não se preocupe, meu bem, ore e confie nos planos do Criador.



Quão avassaladora pode ser a dor de perder alguém? Para mim, a partida de Noah estava sendo como um luto. Mesmo não sabendo o dia exato da sua viagem, tudo em mim já sofria em antecipação. A julgar que duas semanas já haviam se passado desde que ele saiu da empresa, sua partida para Londres seria em breve.

Ainda tento me adaptar ao escritório sem ele, agora, eu ando sozinha pelos corredores da empresa, em parte esperando encontrá-lo, mesmo sabendo que aquilo não vai acontecer. Tirar qualquer resquício dele da minha vida estava sendo tão difícil quanto imaginei que seria.

A igreja ainda é o único lugar onde vamos juntos e, ao mesmo tempo, separados, como dois desconhecidos que, em um dia distante, se amaram, mas agora seguem suas vidas.

Uma vez, li sobre a teoria das cinco fases do luto. A primeira é a negação; eu não queria aceitar que estava perdendo-o. A segunda é a raiva; por dias, fiquei relembrando o que meu pai fez, até chegarmos em um impasse por causa disso. A terceira é a barganha; por inúmeros dias, tentei acreditar que aquilo era apenas um pesadelo que logo passaria. A quarta é a depressão; talvez eu ainda esteja nessa fase, e sigo rumo à quinta, que é a aceitação.

Ele estava quase indo embora, e então tudo seria mais fácil, ao menos era o que eu esperava.

— Chegamos. — Anthony me tira dos meus pensamentos assim que

estacionamos em frente a casa de minha avó, depois de mais um dia de trabalho vencido. — Quer conversar? — pergunta, assim que estou prestes a sair do veículo, apenas nego com a cabeça e vou rumo ao meu quarto.

Passando pelo corredor, paro em frente a porta do quarto de Emma, escutando sua voz enquanto conversa com alguém.

— Mas ele está bem? — Ela pergunta, e ouço outra pessoa suspirar.

— Ele diz que sim, mas não acreditamos. Ainda bem que ele já viaja amanhã, com certeza terá uma adaptação melhor longe dela. — Nala faz uma pausa. — E como ela está?

— Não sei dizer ao certo, não conversamos desde o dia do pedido. Ela se isolou de todos, nem parece mais a mesma Mel, sinto que estou perdendo minha irmã mais uma vez… — a voz de Emma embarga. — Eu não entendo, Nala. Podíamos jurar que eles se amavam, não sei porque ela fez isso.

— Falei o mesmo para Noah, ele apenas me disse que alguns finais foram feitos para não serem felizes.

Uma angústia toma conta de mim. Ele estava indo embora amanhã? Sinto uma pressão apertar meu peito. Eu sabia que não demoraria, mas ter a noção de que seria amanhã era completamente desesperador.

Se ao menos Emma e Nala soubessem o quanto eu o amava e o quanto eu queria contar a verdade a todos... mas eu não podia, Emma jamais perdoaria nosso pai.

Então, mesmo sentindo vontade de colocar tudo para fora, sigo em direção ao meu quarto silenciosamente. Quando entro no cômodo, sou recebida pela única coisa que me lembra Noah e que eu ainda me recusava a desapegar, minha doce e amada Brigita. Faço carinho em sua barriga e nos deitamos na cama.

Ele estava indo embora.

Meus pensamentos me assombram com aquela ideia realista. Noah está indo embora para sempre, levando tudo que há em mim, qualquer coisa que carregamos um pelo outro. Minha vida voltaria a ser a mesma, ainda seria a filha a dar orgulho ao meu pai a qualquer custo, a irmã ausente, a neta que não deu trabalho, a Melanie perfeita que sempre faz questão de preservar o bem-estar de todos… menos o dela.

Por um momento, sinto medo de voltar a ser a antiga Melanie que se afastou de todos para conseguir elogios e admiração. Dobro meus joelhos e peço ajuda do único que poderia me socorrer verdadeiramente.

Passo vários minutos orando, entregando tudo nas mãos de Deus. O

controle estava com Ele, afinal. Deito novamente na cama e coloco Brigita em meu colo.

Olho para o teto e suspiro pesadamente. Estava tudo bem, não estava? Quer dizer… tinha que estar.

Eu estava bem, é isso!

Repito aquela mesma frase em minha mente por exatas quarenta e duas vezes, sem hesitar, até sentir meu coração se apertar, e só percebo que estou chorando quando um soluço alto e doloroso rompe meu peito.



Sinto cócegas em meu rosto e então decido abrir os olhos. Os raios solares invadem o local, fazendo minha visão embaçar um pouco. Brigita, que havia cheirado meu rosto, agora está ao meu lado, abanando seu rabinho de forma engraçada.

A pego no colo e faço carinho, tentando entender como adormeci tão rápido e por tanto tempo. Devia ser consequência das semanas mal dormidas. Levanto-me, decidida a me preparar adequadamente e voltar para a cama.

Prendo meus cabelos em um rabo de cavalo, visto uma blusa azul confortável e uma jardineira clara com flores coloridas. Já estou deitada quando escuto um barulho de papel sendo rasgado, levanto e vejo Brigita com a carta de Noah em sua boca.

Duas semanas haviam se passado e eu nem mesmo havia conseguido abri-la para ler. Quando a pego da boca de Brigita, um arrepio percorre toda a minha espinha assim que, sem querer, leio o verso da carta.

***“Para a única garota que já amei”***

Meu coração dispara quando leio aquilo, não poderia mais adiar aquele momento. Arranco o lacre e abro aquela folha para começar a ler todos os versos que estão escritos. Eu estava disposta a arriscar, mesmo que aquilo me destruísse ainda mais.

***"Melanie Evans,***

***Deixo esta carta para que você possa me ouvir sem a chance de escapar. Não a escrevo com rancor, nem nada parecido. Rancor é algo que***

***nunca senti por você, e que jamais pretendo sentir.***

***Apenas quero que saiba que, durante esses meses ao seu lado, fui apaixonado por você. Suas virtudes entrelaçaram meu coração.***

***Eu a amei perdidamente, Mel.***

***Nas minhas orações apaixonadas eu a amei, pensei que seria apenas uma fase, mas, quando vi você, ah, garota… você arrebatou meu coração, Melanie Evans. Você faz meu coração disparar quando me olha e seus olhos são como um oceano que faço questão de me afogar.***

***Posso não entender o que te impede de verdade de nos dar uma chance, mas quero que saiba que, se mudar de ideia, ainda estarei aqui, esperando por você o tempo que for necessário. Mas, se tiver certeza de que não me ama, acabe com esse tormento em que me encontro, porque te amar e não ter a chance de pelo menos saber a verdade me dói de formas que você não imagina. Mas ainda prefiro acreditar que sente o mesmo, porque, na verdade, eu sei que sente. Eu sei!***

***Em breve, partirei para Londres, mas levarei comigo tudo o que sinto. Talvez demore para esquecê-la, talvez aconteça mais rápido do que imagino, mas tenho certeza de que você está marcada em mim de forma permanente, e isso ninguém jamais conseguirá apagar.***

***Então, se um dia você se sentir pronta para se permitir amar, saiba que estarei aqui, aguardando ser a sua escolha para um futuro.***

***Com amor e para sempre seu, Noah Thompson."***

Aquelas palavras rasgam a minha alma, lágrimas quentes escorrem por minha face. Por que tinha que ser assim? Por que não podíamos ficar juntos?

Soluços altos escapam enquanto me deito, com a carta ainda na mão. Me agarro em Brigita e choro como uma criança desolada.

— Melanie, preciso que abra a porta. — Ouço meu pai pedir do outro lado. Levanto e a destranco sem pensar, não me importando com minha aparência.

Ele me observa por alguns segundos e consigo ver seus olhos vermelhos.

— Me perdoe por ser um tolo com você! — Começa a dizer, com o olhar arrependido. — Se você está assim, a culpa é minha, totalmente minha. Mas eu senti tanto medo de te perder, filha.

Indo contra todos os protocolos do Robert Evans dos últimos anos, ele

me dá um abraço e começa a chorar em meu ombro, me deixando completamente confusa. Depois de alguns minutos, ele se afasta e toca em meus ombros.

— Quando Noah pediu sua mão, eu aceitei na hora, por causa de sua mãe — diz, percebendo meu olhar confuso. — Eu permiti, mas, quando vi você sorrindo ao lado dele, percebi que iria perder você, assim como perdi seu avô. — Lágrimas escorrem por seu rosto, intensificando minha confusão. — Quando seu avô sofreu o AVC isquêmico, orei incansavelmente todos os dias, pedindo que Deus o curasse porque não suportaria perdê-lo. Quando ele morreu, senti uma parte de mim partir junto com ele, e minha fé se perdeu nesse processo. Quando fomos decidir qual curso você faria na universidade, insisti em administração porque sabia que isso a manteria perto de mim, e foi por isso que neguei Medicina Veterinária para você. Os quatro anos que você passou em Harvard, longe de mim, foram os piores da minha vida.

— Mas, pai, não entendo… por que fez isso comigo?

— Porque você me lembra ele, Melanie. Quando olho para você, eu consigo enxergar o meu pai. Sua fé, seu jeito de ser, toda a sua personalidade me lembram ele. No momento em que vi Noah com você, pensei que ele a levaria de mim, tal como Deus levou o seu avô. Aquilo me assombrou de um jeito que você jamais imaginaria. Por isso, eu pedi para rejeitá-lo.

Tendo aquela verdade exposta diante de mim, olho para meu pai e percebo traços meus nele, como quando culpei Deus por não me livrar de toda rejeição, enquanto ele o culpava por não ter mais o vovô ao seu lado. Meu coração se parte por ele, porque sei perfeitamente o que ele sente.

— Por causa de todo o meu egoísmo, eu abandonei tudo, você, seus irmãos, sua mãe… e até mesmo Cristo. — Ele lamenta. — E sabe o que consegui com isso? — Faz uma pausa, ainda me encarando. — Nada, Melanie. Absolutamente nada!

— Pai… — sussurro, atraindo sua atenção para mim. — Eu já passei por isso e entendo muito bem, a única maneira que achei de me livrar disso foi deixando tudo aos pés da Cruz. Coisas ruins sempre irão acontecer conosco, cabe a nós decidirmos como iremos nos livrar delas. Cristo é o melhor socorro. Encontrei minha verdadeira identidade nEle e, quando o senhor negou meu sonho, era Deus te usando. Eu estava longe dele, e Ele jamais permitiria que eu me perdesse por completo.

— Depois que te vi chorar no escritório e sua mãe conversou comigo, percebi o quão estúpido eu estava sendo — responde olhando em meus olhos.

— Passei duas semanas tentando aceitar essa verdade e me redimir com você, achei que ainda não estava pronto, mas, ao ouvi-la chorar hoje, tive certeza de que não poderia mais adiar esse momento. Me perdoe, filha, me perdoe por ser um péssimo pai, e, consequentemente, um fardo para você carregar.

Seguro as lágrimas que ameaçam inundar meu rosto.

— Está tudo bem, pai. Eu lhe perdoo.

Quando o encaro, vejo uma lágrima solitária escorrer por suas bochechas. Ele abaixa a cabeça, apoiando as mãos na cintura como se não soubesse mais o que fazer, e então, logo em seguida, vem em minha direção sem avisos, me embalando em mais um abraço. Ouço ele suspirar, como se estivesse aliviado.

— Sei que não mereço seu perdão, mas obrigada. — Seu abraço dura mais alguns segundos, até que ele se afasta e olha o relógio que está sobre seu pulso. — Se sairmos agora, conseguiremos alcançar Noah.

Uma fagulha de esperança percorre meu corpo, mas, junto com ela, também sinto medo.

— Não sei se devo. E se ele não me quiser mais? — Meu pai sacode a cabeça.

— Acha mesmo que ele desistirá de você assim tão fácil? Quando você o rejeitou eu o vi chorar como uma criança, acha mesmo que os sentimentos dele mudaram?

— Mas o senhor disse que…

— Filha, não importa o que eu disse, nós vamos atrás dele, minha querida. É o que você quer, não é? — Respiro aliviada, e então concordo com a cabeça. — Então, é o que quero também.

Abro um sorriso, e então corremos para o carro. Assim que entramos, ele dá a partida e seguimos em direção ao aeroporto de Denver. Vamos conversando durante o caminho e, pela primeira vez em muito tempo, eu começo a me sentir tranquila ao seu lado

Na verdade, eu estou feliz. Feliz por olhar para ele e ver o Robert de antigamente retornando aos poucos.

Quando chegamos em frente ao aeroporto, ele estaciona o carro em uma vaga perto da entrada. Saio do veículo, com meu pai logo atrás, e passo pelas enormes portas de vidro. Corro, passando meus olhos por todo o lugar, procurando por uma pessoa específica.

Vejo de longe Nala abraçando seus pais, sozinha. Um frio percorre minha espinha dolorosamente. Ele foi embora.

Diminuo meus passos quando chego perto o suficiente da família de Noah. A primeira a me ver é Nala, que me encara surpresa, mas logo em seguida abre um sorriso.

— Melanie! — Ela diz animada, e então todos me encaram.

— Cheguei atrasada, não foi? — Suspiro cansada, sentindo meu pai atrás de mim — Ele… ele foi embora, e eu não consegui nem ao menos ser sincera antes de ele ir para outro lado do país. — A essa altura eu já não ligava para a presença das pessoas ali, e me importo menos ainda quando sinto um mar de lágrimas querer romper pelos meus olhos. Mas, antes que eu desmorone, sinto os braços do meu pai em volta de mim. — Ele foi embora, pai… — digo, com a voz embargada. — E eu nem pude dizer que também o amava. — Perco as últimas forçar do meu corpo, e o abraço do meu pai é a única coisa que me mantém de pé agora.

— Você ainda pode dizer, Melanie. Quero ouvir tudo. Na verdade, eu preciso ouvir.

Ao ouvir aquela voz, me viro rapidamente, sem nem me importar com o quão feia eu estou agora, com o rosto inchado. Ele ainda está ali. Meu coração salta tão alto que sinto medo. Abro um sorriso desacreditado em meio ao choro, e então o vejo sorrir de volta.

Me aproximo de Noah, sentindo uma necessidade absurda de tocá-lo. Queria conferir se era mesmo real. Encaro seu braço, tocando-o logo em seguida com urgência, e, quando constato que ele está mesmo ali, volto meus olhos aos dele novamente, com um sorriso.

— Você continua aqui…

— Por você, eu sempre estarei.

Quando olho em volta, percebo que estamos sozinhos. Canalizo toda a coragem que tenho e começo a falar.

— Tá… agora preciso que você escute o que tenho para dizer. — Solto o ar, que estava preso em meus pulmões, e enxugo minhas lágrimas. — Antes de tudo, quero que saiba que minha intenção nunca foi rejeitar seu pedido, muito pelo contrário, mas meu pai não queria que ficássemos juntos e eu o obedeci. Mais uma vez, fui contra meus sentimentos e quase perdi você, e isso quase acabou comigo.

Respiro por alguns minutos, e então continuo.

— Mas essa sou eu, Noah, essa é a Melanie por quem você se apaixonou. — Aponto para mim mesma. — Totalmente insegura e com medo de decepcionar os outros ao meu redor. Mas agora que descobri minha

identidade em Cristo, me sinto completa e cheia do Seu amor. Estou aqui na sua frente para lhe dizer que essa garota imperfeita, cheia de falhas e medos, te ama — confesso. — Preciso dizer isso porque essa verdade está explícita diante de mim, e eu tentei fugir dela, Noah. — Balanço a cabeça. — Sei que posso ter te magoado de algum jeito, mas quero que me perdoe e me compreenda. Preciso confessar que te amei no momento em que vi paixão em suas palavras enquanto conversávamos sobre Jesus. Foi ali que percebi que você era o amor real que sempre almejei.

Enfim, solto para fora toda a verdade que estava me corroendo por dentro. Abaixo minha cabeça, deixando que lágrimas sorrateiras escorram por minhas bochechas. As mãos de Noah tocam meu queixo e eu o encaro, percebendo em seu olhar castanho um brilho sem igual.

— Jamais pense que eu desistiria de você facilmente, isso nunca passou pela minha cabeça, Mel. Você é a mulher por quem passei anos orando. Vejo em você virtudes que jamais vi em alguém, quero que você seja minha parceira de vida e mãe de todos os meus filhos. Não pense que sou perfeito, assim como você, sou falho e pecador, mas busco a cada dia me parecer com Cristo para honrar ao meu Senhor e a você, se essa ainda for sua vontade. — Ele fala, me dando esperanças fortíssimas sobre nós.

— Eu…

— Passageiros do voo 1427, por favor, compareçam ao portão 3 para começar o seu embarque. — Uma voz ecoa pelo aeroporto.

— É o meu voo. — Ele diz, e então sinto um desespero crescer dentro de mim. — Se você quiser, desisto de Londres e fico aqui.

Penso em diversas possibilidades. A primeira é dizer um sim gigante, um sim que sei que o fará ficar. Mas eu não posso fazer isso. Sei o quão importante essa vaga é para a sua carreira, independente do tamanho das saudades que eu irei sentir. Então, eu o encaro, com um lampejo de esperança brilhando em meu olhar. Torcendo para que ele enxergasse minhas emoções através dele.

— Não, Noah. — Minha resposta o surpreende, então continuo. — Não posso impedir que faça isso, esse é o seu sonho, quero que o realize. Não se preocupe comigo, eu vou ficar bem. — Abro um sorriso sincero, me lembrando de algo. — Em Coríntios, está escrito que o amor é paciente e bondoso. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. E eu tenho fé nisso, em nós. Então vamos esperar, tudo bem? Porque é exatamente o que vou fazer. Firmo hoje meu compromisso com você, e somente com você.

Noah se aproxima e então fecho os olhos ao sentir o toque suave e carinhoso de suas mãos em meus cabelos, segundos depois, ele beija minha testa.

— A esperarei até por mil anos, se necessário — sussurra sobre minha cabeça. — Eu a amo, minha futura esposa.



***6 meses depois…***

Quando eu era pequena, sonhava com o momento em que acharia um marido fiel ao Senhor e que serviria a Cristo fervorosamente junto comigo. Quando Christopher defraudou meu coração, achei que jamais encontraria alguém que se encaixasse em meus padrões desejados.

Como consequência do meu pecado, deixei de ser a pessoa que eu mesma um dia sonhei em ser. Porém, há um tempo, reencontrei alguém que me ensinou a amar e me mostrou o verdadeiro caminho a seguir. Cristo me resgatou do lamaçal em que eu mesma me coloquei e trouxe-me para sua maravilhosa luz.

Desde que o reencontrei, minha vida foi marcada por altos e baixos, e tive a companhia de várias pessoas importantes, uma delas é Noah. A cada dia que passa, Noah se mostra um homem mais íntegro e fiel ao Senhor.

Já estávamos há alguns meses sem nos vermos pessoalmente, ele em Londres, trabalhando em uma das maiores empresas de contabilidade da cidade, e eu em Fort Collins, servindo fervorosamente a Cristo na igreja local, nos serviços comunitários e até mesmo na ONG de resgate a animais que abri.

Se alguém contasse isso para a antiga Melanie, eu com certeza riria incrédula e falaria: *"Está ficando louco? Isso é impossível e meu pai jamais permitiria!*". Claro que ela ficaria ainda mais incrédula ao saber que o Sr. Robert Evans estava tendo uma mudança extraordinária, da água para o vinho. O trabalho já não era mais sua prioridade, apenas Cristo e a família.

A Melanie de hoje em dia sabe muito bem que o impossível é a especialidade do Deus que ela serve.

A verdade é que Cristo mudou completamente o cenário em que

vivíamos e agora tínhamos liberdade de O adorar verdadeiramente. Não poderia estar mais grata por tudo o que aconteceu em minha vida.

Ao ouvir o latido de alguns cães, trato logo de destrancar o portão da ONG e ir alimentá-los. Despejo ração para todos e pego um cãozinho que havia sido resgatado de maus tratos e faço carinho em sua barriga. Estava tão concentrada que não percebi que alguém estava se aproximando.

— Se Brigita visse isso, com certeza morreria de ciúmes. — A voz grave soou atrás de mim, fazendo-me levantar imediatamente, assustada. Quando viro em sua direção, o vejo com um sorriso de canto estampado no rosto.

— Noah? — Um vinco se forma em minhas sobrancelhas — O que está fazendo aqui?

— Vim começar a organizar o nosso casamento, é claro.

— Mas e Londres? O seu sonho…

— Melanie, em breve seremos uma só carne. Sim, em breve — continua a dizer ao ver minha bochecha ruborizar. — Não quero namoro recreativo, quero me casar com você. E então meus sonhos serão os seus, e os seus serão os meus. Não faz sentido eu me mudar para o outro lado do mundo quando tudo o que quero está aqui, em Fort Collins, e bem aqui, na minha frente. — Ele me encara, dá um sorriso largo e abre os braços. — Então, não está feliz em me ver?

— Claro que estou! — Sinto meu coração saltar do peito, enquanto abro um sorriso e corro em sua direção para abraçá-lo. Noah me agarra, dando um giro completo e fazendo meu coração disparar.

Quando o resto do mundo desapareceu, eu soube perfeitamente que aquele era, definitivamente, o meu tempo para amar.



# Agradecimentos

Ao Deus que salvou a minha alma e me deu forças para suportar os dias sombrios, que nunca soltou minha mão e sempre me manteve perto de sua presença. Sem Você, meu amado Jesus, eu não teria escrito uma só palavra.

À Larissa, por ter tido a ideia mais mirabolante do mundo. Que o Criador te conceda força e graça, você merece.

À Letícia, por ter me instruindo a não me cobrar tanto e ter me ensinado os primeiros passos na escrita. Que tirou todas as minhas dúvidas e me arrancou as melhores risadas quando queria desistir. Você foi um presente enviado do céu.

À Mayara, por estar presente comigo em todos os meus surtos repentinos e passar horas de ligação junto comigo só para escrevermos juntas. Sua calma e serenidade me inspiram. Que seu tempo para amar chegue logo.

À minha revisora, Natália Maia, que me instruiu da melhor maneira possível, obrigada por tudo, você é incrível.

À minha família, que me apoiou e foi minha fortaleza, eu os amo infinitamente.

À Poliana, que esteve comigo desde o início, me dando seus feedbacks e me instruindo a prosseguir com graça e sabedoria. Você foi essencial para concluir essa história, amo sua vida. Espero que um dia você possa ler todos os livros que deseja.

Às minhas leitoras betas, Lady do Cortejo, Ketlyn Pires, Emanuele Moura, Sarah Cristina, Carol Silva e Laís Bockorni, que me ajudaram em todos os pontos possíveis. A vida de vocês é preciosa, que Cristo as abençoe grandemente.

À toda a literatura de cortejo, que abriu meus olhos para uma verdade Bíblica que estava sendo deturpada e ridicularizada.

À minhas parceiras, Diovana Faramili, Ana Caroline e Raquel Martins, obrigada por todo companheirismo e amizade, vocês são incríveis.

E a você, amado leitor, por ter dado uma chance a essa história,

espero que Cristo tenha falado com você.

Com amor, Débora Silper.

# Todas as Minhas Cartas de Amor



# Todas as Minhas Cartas de Amor

Letícia Araújo

“Para os leitores fiéis, assim como eu,
da trope Enemies to lovers.

É sobre quem fica, mesmo sabendo o caos que você é, quem conhece o seu pior e, mesmo assim,
escolhe enfrentar tudo ao seu lado.”

## *Aviso*

Este livro aborda o Transtorno Explosivo Intermitente (TEI), mas, por ser um conto, muitas coisas referente a ele não foram aprofundadas. Vocês verão apenas uma parcela do que ele é, mas saibam que todas as características mencionadas são verdadeiras e foram feitas com base em pesquisas.

Lembre-se que isso é uma história fictícia, as informações contidas aqui não podem ser usadas para fins diagnósticos. Caso você se identifique com as atitudes ou comportamentos apresentados pela personagem, é importante procurar ajuda profissional de um psicólogo ou psiquiatra, que poderá orientar e oferecer o suporte adequado.

**Aviso de Gatilho: Esta obra contém cenas de agressão e menções a relacionamentos abusivos que podem ser sensíveis para alguns leitores.**



# Emília Fisher

## *Cartas para Blue*

***"Querida Red,***

***Essa semana, eu quase peguei meu laptop e pesquisei sobre você nas redes sociais. Eu sei, seria trapaça, saiba que desisti assim que esses pensamentos surgiram. Mas confesso que, especialmente hoje, a vontade foi ainda maior.***

***Sabe… hoje foi um daqueles dias em que geralmente eu só quero algo para preencher meus pensamentos. Sei que concordamos com essa coisa de mantermos nossas identidades ocultas, mas você é a única pessoa em quem confio no momento.***

***É, eu sei o que vai dizer, que estou parecendo algum dos seus personagens favoritos e grudentos desses livros chatos que costuma ler. Mas, em minha defesa, toda essa convivência com você durante esses cinco anos me deixaram assim.***

***Você é a culpada disso, mais uma vez.***

***Mas se pararmos para pensar, você é culpada de muita coisa desde que nos conhecemos. Me tornar uma pessoa ansiosa por essas correspondências bobas é uma delas, então… culpada, culpada e culpada.***

***Enfim, na última carta, você mencionou o quanto estava ansiosa para terminar o ensino médio. Sinceramente, ainda não entendo o porquê, aposto que você é uma das meninas mais populares da escola, tenho certeza de que nem seríamos amigos se estivéssemos na mesma classe. Aposto que você nem iria me notar. Na verdade, tenho certeza.***

***E sobre aquela série horrível e de mulherzinha que você me fez maratonar toda a primeira temporada… eu tinha razão desde o primeiro episódio sobre quem realmente era a Garota do Blog[10].***

***Tá, tá. É meio cedo para dizer com tanta certa, mas é meio óbvio, aparentemente, e tenho certeza de que até a última temporada vou estar certo. Tive minhas dúvidas quanto à Blair, porém, percebi que ela seria muito mais inteligente do que aqueles blogs meia boca.***

***Mas eu te conheço, sei que vai querer sustentar essa farsa até o fim, então vou escolher não dizer agora quem realmente é a Garota do Blog.***

***Bom, preciso ir. Mas sim, respondendo à sua pergunta, admito ter gostado da primeira temporada. Não se gabe muito.***

***Boa noite, bom trabalho e bons estudos.***

***Blue."***

Eu estava relendo aquela carta pela terceira vez, uma mania terrível desde que me dei conta dos meus sentimentos por Blue. Eu o conhecia há exatos cinco anos, mas nossa comunicação era exclusivamente dessa forma, através de correspondências.

Tudo isso começou na quinta série, quando foi pedido que escrevêssemos um para o outro como parte de um trabalho da escola. Várias duplas haviam sido formadas com alunos da sua turma e da minha e, por sorte, nós havíamos sido sorteados para ficarmos juntos.

Porém, depois do fim das aulas daquele ano, nós não paramos. Apesar de morarmos provavelmente a menos de vinte quilômetros de distância e existir uma boa chance de já nos conhecermos pessoalmente, até mesmo de já termos nos esbarrado nos corredores do colégio, decidimos continuar com as cartas. Era o que tornava tudo aquilo especial, o que nos tornava especiais. Éramos Blue e Red, apelidos infantis e sem nenhuma criatividade que havíamos criado e que, na época, achávamos divertidos.

A sensação de não sabermos quem realmente era a outra pessoa nos dava a liberdade de dizer o que queríamos, o que sentíamos e o que pensávamos um para o outro. Blue me entendia como ninguém, e por muito tempo, ele foi essencial para uma garota como eu.

Bom, ainda existiam algumas coisas mal contadas entre a gente. Como o fato dele sempre me imaginar como a garota mais popular da escola. Eu definitivamente não era a garota mais popular, na verdade, estava longe disso.

Enquanto elas andavam pelo colégio feito abelhas-rainhas, eu estava com meu nariz enfiado em livros de romance, sonhando com mil personagens fictícios ao mesmo tempo. Sempre foi assim, essa era a

verdadeira Red. Quer dizer, essa era a verdadeira Emília Fisher.

Blue admirava tanto a Red que às vezes eu me sentia ela. Confiante, bonita, alta, loira, magra… bom, de todas essas coisas, a única coisa que se encaixava era a cor do meu cabelo, que de fato era loiro natural, com as pontas onduladas em um tom mais claro. Mas o resto não tinha nada a ver com a Red.

Eu não me considerava exatamente feia, talvez um pouco estranha, mas definitivamente sem nenhum resquício de popularidade. Na verdade, eu era uma das garotas mais apagadas do colégio. E não, não era um incômodo. Na verdade, eu até gostava de não ter atenção em mim… ser a garota menos popular tinha lá suas vantagens.

Mas Blue decidiu construir sua própria imagem sobre mim, e eu deixei, sem nunca desmentir o que ele havia imaginado, já que uma de nossas regras era não contar como éramos fisicamente.

E claro, assim como ele, eu também tinha uma imagem sua na minha cabeça. Para mim, Blue era um garoto comum, nerd até. Pela caligrafia madura, diria até que se parecia comigo. Também o imaginava com óculos de grau altíssimo, daqueles que se pareciam com fundo de garrafa. Entretanto, bonito, com cabelos castanhos, olhos azuis, da minha altura, magro e extremamente educado.

Esse era o Blue. O meu Blue.

Talvez tenha sido de tanto imaginar sua aparência que acabei me apegando demais. Na verdade, me apegando muito.

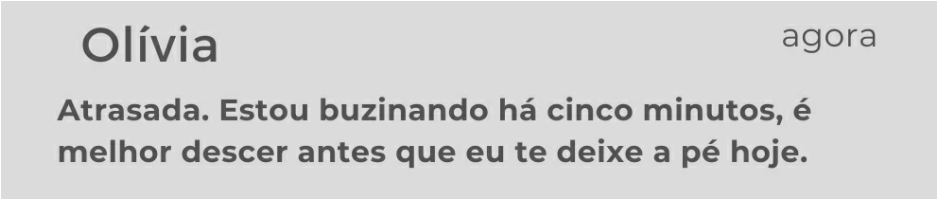
Há quatro anos, me vejo completamente apaixonada por esse “desconhecido”. Ele era literalmente o único garoto que eu já havia passado tanto tempo conversando, talvez isso não tenha facilitado as coisas para o meu lado, mas aconteceu.

Às vezes sinto o mesmo em relação a ele, talvez ele goste realmente de mim, talvez também passe noites imaginando minha aparência, até mesmo nós dois juntos…

— Ele provavelmente vai te odiar assim que te conhecer… — sussurro, caindo em mim.

Dobro o papel, abaixando logo em seguida para puxar a enorme caixa que guardava debaixo da minha cama e retirar sua tampa. Antes de deixar aquela carta com as outras milhares que guardo ali, deixo um beijo no envelope em minhas mãos e finalmente a deposito lá, colocando-a na ordem numérica que eu seguia antes de pensar em relê-la mais uma vez.

Coloco a tampa de volta e confiro se realmente a fechei do jeito certo, logo em seguida, empurro a caixa para o seu esconderijo e me levanto. Ouço meu celular apitar com a chegada de uma nova mensagem, passo meus olhos no aparelho em cima do criado mudo e o pego.




Não me preocupo em responder, mas busco por minha mochila de forma apressada. Quando dou de cara com o enorme espelho na parte lateral do meu quarto, encaro meu reflexo mais uma vez, ajeito meus óculos e respiro fundo.

O uniforme da Lexington era formado por uma blusa social branca, uma saia quadriculada azul, com linhas brancas e cinzas, e uma meia também azul que ia quase até os meus joelhos. Era um pouco… estranho, mas acabei me acostumando depois de um tempo.

Dou um pulo ao ouvir uma buzina impaciente vindo do lado de fora, checo minha aparência uma última vez e desço os degraus correndo, indo em direção à cozinha feito um furacão.

— Emília, volte aqui. — Ouço a voz dura da minha mãe antes de ter a chance de virar a maçaneta da porta de entrada.

Caminho de volta, porém com pressa. Eu estava mais do que atrasada, não só para a carona, mas também para o primeiro tempo de aula. Paro em frente a mesa e me deparo com minha mãe e minha irmã mais nova em um café da manhã completamente calmo e harmonioso

— Sim? — Abro um mini sorriso, ofegante pela maratona do meu quarto até aqui.

— Onde pensa que vai sem ter tomado o café antes?

— Eu estou atrasada, mãe.

— Sim, exatamente como todos os dias. Deveria passar a dormir mais cedo para acordar mais cedo, querida.

Me aproximo da mesa, pego uma maça e dou uma mordida logo em seguida.

— Eu sei, eu sei… — tento dizer de boca cheia. — Prometo dormir cedo essa noite, tudo bem?

— Impossível. Emília vira noites escrevendo para o seu amado

Blue. — Minha irmã mais nova fala, com um certo deboche no tom de voz.

— Cala a boca! — ralho. — E ele definitivamente não é meu amado, somos melhores amigos. É só isso.

Emory balança sua cabeça loira, com seus olhos semicerrados em minha direção, fingindo acreditar em minhas palavras. Minha mãe intervém antes de eu ter a chance de dizer mais alguma coisa.

— Eu não quero saber o que te faz ficar acordada até tarde, mas preciso que pare. — Minha mãe me encara. — Sabe o que isso pode te causar, não sabe? Ainda estamos trabalhando nisso. — Balanço a cabeça enquanto desvio o olhar da minha mãe. Não queria falar sobre esse assunto agora. — Pode se programar para escrevê-las mais cedo, não pode? — Confirmo mais uma vez. — Então faça.

Depois de alguns segundos em silêncio, o som da buzina de Olívia grita, mais uma vez, do lado de fora.

— Posso ir, chefe? — pergunto à minha mãe, em um tom sarcástico. Ela odeia quando a chamo assim.

— Some daqui, garota.

Corro em direção à porta, antes que ela tenha a chance de dizer mais alguma coisa, e saio logo em seguida.

Minha melhor amiga está com seu braço jogado do lado de fora do seu Jeep, com um óculos escuro no topo de sua cabeça e me encara de uma forma bem impaciente.

Entro e me sento no banco do carona, ela liga o motor enquanto me encara de uma maneira nada agradável.

— Ficou maluca? Hoje o primeiro tempo de aula é com o Sr. Taylor. Não posso me dar ao luxo de atrasar nem sequer um segundo, aquele homem me odeia. — Minha amiga bufa e começa a dirigir.

Olívia Martin era uma das minhas melhores amigas, quer dizer, minha única melhor amiga. Nos conhecemos desde a barriga de nossas mães, que, aliás, também são melhores amigas. Mas havia uma diferença gritante entre mim e Olívia, e não era só a aparência. Enquanto eu fazia de tudo para simplesmente ser invisível, Olívia era bastante conhecida pela escola. Bom, ser uma líder de torcida tinha, sim, seus atributos para quem os queria.

Ao contrário de mim, Olívia inocentemente conseguia chamar atenção por onde passava, mas não porque queria, era algo natural. Ela sempre foi muito bonita, seus cabelos negros, longos e brilhantes eram apenas uma parte de todo o combo. Seus olhos azuis eram de hipnotizar qualquer pessoa, sua

confiança ao andar, falar e até mesmo em suas atitudes a diferenciava muito de mim.

As pessoas não entendiam o motivo de sermos próximas, já que aparentemente parecíamos viver em mundos diferentes, mas, na verdade, não era algo complicado de se entender. Nós apenas éramos melhores amigas, não tinha nenhum tipo de mistério ou aposta por trás disso. Entendíamos uma à outra, e era apenas isso.

— Foi mal pelo atraso, dormi demais. — Lanço a desculpa.

— Dormiu demais ou não dormiu nada? — Ela me encara de lado, sem tirar os olhos da pista. — Essa sua insônia tem nome e cor.

Balanço a cabeça, expulsando um sorriso sem graça.

— Não.

— Sim.

— Não! E quer parar? Se concentre na estrada. Não estava atrasada para a primeira aula?

— Ah, fala sério, Emy… isso já acontece há cinco anos. Não acredito que ainda não se conhecem. — Ela bagunça meu cabelo, deixando os cachos fora do lugar de onde eu os queria.

Reviro meus olhos, alisando meu cabelo com os dedos de forma estratégica, eu sabia bem onde aquela conversa iria chegar.

Esse era o assunto preferido de Olívia. Na verdade, acho que ela não conseguia deixar de ser curiosa. Suas teorias sobre quem seria Blue nunca chegavam ao fim.

— Ollie, é sério. Não começa de novo com essas suas buscas, por favor. Fizemos um trato há anos sobre não revelar nossas identidades, e eu ainda me mantenho firme — bufei.

Apesar de não ter mudado de ideia, preciso confessar que às vezes penso nisso. Penso demais, na verdade. Blue sempre deixou claro em suas cartas que a decisão de acabar com todo aquele mistério sobre nossas identidades estava em minhas mãos. Às vezes, eu podia jurar que ele parecia tão ansioso quanto eu para que isso acontecesse.

— E eu ainda não entendo o porquê. Do que você tem medo exatamente? De ele ser feio? Bom, acho que, a essa altura, você não pode fazer muita coisa, já que está apaixonada. — Ela diz enquanto ri.

— Às vezes me arrependo de te confidenciar certas coisas — murmuro.

— Ah, qual é, amiga? — Suas mãos apertam o volante, o que

prende minha atenção. — Se fosse eu, já teria descoberto… na verdade, eu ainda tenho algumas teorias sobre ele e...

— Ollie, chega. Eu ainda quero manter isso em segredo, tá legal? Será que dá para ser uma boa amiga e respeitar minha decisão?

Ela dá de ombros, prendendo seus lábios entre os dentes enquanto segura uma risada.

— Tudo bem, *Red.* — Provoca — Não está mais aqui quem falou.

Viro meu rosto em direção à janela do carro, avistando de longe o colégio. A Lexington School é uma escola privada, apesar de nem sempre parecer, era estranho como todas as classes sociais pareciam se encontrar nesse colégio.

A grande maioria dos alunos, é claro, era filha dos maiores empresários do estado de Washington, e Olívia era uma delas. Enquanto a minoria tinha apenas os pais que se matavam de trabalhar para ter os filhos aqui. E era dessa classe que eu fazia parte.

Na verdade, meu pai era quem pagava todas as minhas mensalidades e os materiais. E, julgando o quanto ele vai bem do outro lado do país em seus pequenos e misteriosos negócios, talvez em breve eu não faça mais parte dessa minoria. O que, na verdade, nunca foi um problema para mim, nem vai ser, já que esse é o meu último ano no colegial.

O verdadeiro problema às vezes era falar sobre meu pai, me lembrar do passado, ser arrastada por ele durante noites e dias.

Meu pai nunca foi alguém que podia ser usado como exemplo, quer dizer, ele nos negligenciou quase a vida toda, mesmo morando na mesma casa. Mamãe viveu uma vida inteira de traições, desconfianças, abusos psicológicos e, por mais que eu nunca tenha realmente presenciado, acreditava que também sofria de agressão física. É, era algo duro demais para lidar, mas eu ainda cometia o erro de querer me torturar e lembrar daquele tempo.

Acabei desenvolvendo alguns… problemas devido à nossa convivência, o pouco controle da raiva foi um deles.

Emory ainda era bem pequena quando ele começou a descontar suas frustrações em mim. Me insultando por não conseguir me vestir direito mesmo quando eu só tinha sete anos, ou criando apelidos maldosos quando não tinha nada para fazer. Eu cresci vendo meu pai nos tratar como animais, e ainda, assim, naquela época, a vida não parecia disposta a querer puni-lo. Foi aí que minhas crises de raiva começaram, indo de palavras até agressões

físicas, e nunca mais me deixaram.

Depois de alguns anos, quando minha mãe decidiu intervir e o mandou embora, senti que não conseguiria ser mais a mesma, ou até mesmo demoraria a ser quem eu deveria. Quer dizer, por um longo tempo eu me acostumei a viver naquele ambiente, achava que aquela era a minha vida e ponto.

Depois de alguns anos, minha mãe conheceu um grupo de uma igreja, que logo fez o convite para um dos cultos. Parecia tarde demais para mim, que me encontrava cercada pelos meus próprios medos e defeitos, mas fui encontrada e resgatada de mim mesma. E foi um alívio, na verdade, ainda é; mas eu precisava confessar que o período de libertação e o tratamento, às vezes, me faziam querer desistir. Assim como Paulo[11], eu também tinha um espinho na carne, mas, graças a Deus, eu estava aprendendo a conviver com isso.

Passei anos me tratando com uma psicóloga, que confirmou o diagnóstico de Transtorno Explosivo Intermitente. Junto com um psiquiatra, que me receitou estabilizadores de humor, ela me ajudou a conquistar algum tipo de autocontrole, me ensinando técnicas de respiração e formas de não perder o controle. Não foi nada fácil; no início, eu tinha crises diárias, mas, com o tempo, passei a conseguir controlar esse lado. Quer dizer, na maioria das vezes eu conseguia.

Após estacionar seu Jeep em uma vaga perto da entrada, minha amiga e eu saímos do carro.

— A gente se fala no intervalo? — Ela diz, me encarando, enquanto caminha de costas em direção ao seu destino.

— Tudo bem. — Aceno e vejo minha amiga correr em direção ao corredor que a levaria diretamente ao Sr. Taylor, seu pesadelo.

Olívia e eu às vezes tínhamos aulas diferentes, o que não era nada bom para mim. Detestava ter que encarar sozinha esse mundo juvenil e cheio de hormônios que era o ensino médio. Na verdade, eu detestava essa coisa de grades de horário diferente.

A Lexington não só trabalhava com as matérias padrão, mas também oferecia aulas adicionais para quem quisesse, como música, teatro, jornal da escola, projetos de ciências, economia doméstica e muitas outras. Olívia estava matriculada em quase todas. Seus argumentos para isso era de que estava tentando se descobrir antes da faculdade, enquanto eu... bom, exceto pela natação, eu evitava ao máximo passar mais tempo do que o necessário

nesse buraco.

Respiro fundo, seguro as alças da minha mochila e começo a caminhar em direção às minhas aulas.




# Emília Fisher

*Problemas no paraíso?*

Depois de três longas aulas de toda aquela porcaria de matemática e suas tecnologias, que, meu Deus, eu detestava com todas as minhas forças, finalmente estava na hora do intervalo.

Assim que o alarme dispara, ecoando com força em minha mente, pego minha mochila em uma velocidade alarmante e a jogo sobre os ombros. Estava prestes a sair da sala quando o Sr. Finn, meu professor, pediu que eu esperasse.

Bufando, sentei-me novamente em meu lugar e apertei as mãos uma contra a outra, já prevendo o que ele estava prestes a dizer. Quando todos os alunos deixaram a sala, levanto-me mais uma vez e me aproximo de sua mesa, o encarando, até que ele finalmente resolve falar:

— Fisher, sei que tem tido dificuldade na minha matéria, mas, como sabe, nosso colégio não é muito tolerante com alunos com dificuldades ao extremo. Geralmente recomendamos uma aula de reforço, ou até mesmo uma bolsa em uma rede de ensino menos… qualificada.

Balanço a cabeça, permanecendo em silêncio. Eu queria sair daqui. Queria sumir, na verdade. Não era a primeira vez que ele falava sobre isso e, com toda certeza, não seria a última. Ele continua:

— Seria uma pena recomendar sua transferência para uma escola com ensino inferior. Você é uma aluna exemplar em todas as outras matérias, mas matemática é uma das disciplinas que mais valorizamos aqui. — Ele pega um papel e uma caneta na mesa. — Vou recomendar aulas extras para você — diz, enquanto faz algumas anotações. — Elas têm ajudado muitos outros alunos. Tenho certeza de que serão úteis para a senhorita também.

Ele me encara, erguendo o pequeno papel em minha direção. Solto o ar preso, encarando o Sr. Finn. Eu não podia fazer aulas extras, não havia tempo para isso.

— Senhor Finn, deve ter alguma outra coisa que eu possa fazer para complementar minhas notas, até mesmo em outras matérias… eu não sei. — Balanço a cabeça, confusa. — De repente compensar com alguma atividade extra?

Ele suspira, recostando em sua cadeira.

— Emília, eu não consigo mais te ajudar. No semestre passado, tivemos essa mesma conversa, lembra? Arrumei alguns trabalhos extras, e só Deus sabe como a direção não ficou sabendo, mas eu não consigo fazer isso novamente, não posso burlar as regras da escola todas às vezes. Só nos restam duas opções: as aulas extras ou a transferência.

Tento não parecer tão chateada com a situação quando pego o papel da sua mão. Mas a culpa realmente era minha. Por que eu tinha que ser tão ruim com números?

— Obrigada, senhor Finn. — Me despeço, saindo logo em seguida da sala.

Há meses eu estou indo mal nessa matéria. Eu sabia que uma hora o Sr. Finn não conseguiria mais me arrumar trabalhos extras, porém, essa esperança nunca morria. Mas apenas pensar em ter que fazer aulas de reforço…

Eu só conseguia ver os contras, desde as aulas em si, até meu trabalho de meio período na parte da tarde, que seria prejudicado. Eu teria que arrumar tempo para essas aulas, algo que eu nunca tinha de sobra. Minha rotina se resumia em escola, trabalho, casa e igreja, e eu definitivamente não tinha tempo para mais nada, principalmente nas noites de culto, que sempre eram as mais agitadas.

Como alguém que havia acabado de conhecer Jesus e todas as Suas maravilhas, eu ainda me sentia um pouco... enrolada com tudo. Ter disciplina nos eventos, constância nos devocionais e paciência na caminhada, tudo ao mesmo tempo, parecia impossível. Mas eu estava quase lá. Na verdade, eu precisava d'Ele muito mais do que conseguia imaginar, então tinha certeza de que chegaria onde Ele queria.

Caminho pelos corredores da escola, desviando dos milhares de alunos muito mais altos do que eu. Quando finalmente entro no refeitório, procuro por Olívia. Não demorou muito até que a visse, com o braço balançando no ar enquanto fazia sinal para mim.

Ela estava com algumas de suas colegas líderes de torcida em uma mesa próxima a alguns garotos do time de beisebol. Raramente eu me sentava

com essas pessoas, mas hoje eu realmente não estava a fim de encontrar um lugar melhor.

— Como foi a aula? — perguntei, sentando-me ao seu lado. — O senhor Taylor pegou no seu pé de novo?

— Por sorte, não. Cheguei bem em cima da hora, mas a tempo.

— Foi muito melhor do que eu então. — Pego uma de suas batatas fritas e enfio na boca. Ela revira os olhos.

— O senhor Finn te adora, apesar de você ser horrível na matéria dele. — Olívia me dá um tapa na mão quando faço menção de pegar outra batata. — E tira a mão da minha comida, por favor.

— Acho que mereço todas as suas batatas — murmuro e coloco o papel que o Sr. Finn me entregou em sua frente.

Ela o encara por alguns segundos, até decidir pegá-lo na mão.

— Deus… pode ficar com elas. — Ela responde enquanto passa os olhos no papel.

O bilhete era um comunicado aos meus responsáveis pelas notas baixas em matemática. Mas essa informação não era nada comparada com o parágrafo abaixo, onde dizia claramente que a aluna em questão, eu, seria designada a aulas extras com um dos alunos mais exemplares da Lexington. E tudo bem, sério, eu sei que precisava daquelas aulas se quisesse continuar nessa escola, mas tinha que ser exatamente com a pessoa que eu evitava a todo custo?

— Minha sanidade está prestes a acabar… — bufo.

Olívia ergue o papel em minha direção novamente, e eu quase, quase mesmo, desvio dele.

— Bom, pode não ser tão ruim. Ouvi dizer que o Alex, apesar de ser um pouco sem noção às vezes, é um ótimo professor de reforço.

É incrível como a menção de um nome pode te deixar de cabelo em pé. Eu não conseguia nem mesmo ouvi-lo sem sentir repulsa. Alex Campbell era definitivamente tudo o que eu queria evitar, mas, por incrível que pareça, o destino parecia não ligar para isso.

Precisei segurar a vontade de pedir demissão do trabalho de meio período no mês passado após vê-lo entrar com Anne, nossa gerente, pela cozinha. Eu não conseguia acreditar que Alex realmente trabalharia na mesma lanchonete que eu. Quer dizer, aturá-lo na escola era inevitável, mas no trabalho também?

Deus, era algo ao qual eu definitivamente não me sentia preparada.

Mas precisava do dinheiro, e o trabalho não era ruim, então aguentei. Na verdade, estou aguentando até hoje.

Alex e eu nunca nos demos bem. Ele era o único garoto de toda a Lexington que fazia questão, não só de me notar, como de mexer comigo. Enquanto eu vivia para ser invisível, Alex era um dos garotos mais notáveis da escola. E quando digo notável, era literalmente isso. Ele é do time de basquete, o que o faz bem popular.

A verdade é que ele tinha tudo para ser um cara legal, e há boatos de que ele realmente era, mas, comigo, as coisas pareciam ser bem diferentes. Bom, ele nunca chegou a fazer nada exatamente ruim, mas era completamente presunçoso e mexia comigo sempre que tinha a chance, e aquilo me irritava em níveis desconhecidos.

Desde que nos conhecemos, quer dizer, desde que ele me notou pelos cantos do colégio, nunca mais me deixou em paz. Nas aulas? Estava sempre procurando um jeito de se sentar ao meu lado, exclusivamente para puxar meu cabelo, manchar meus trabalhos ou, o pior, ficar me encarando o tempo todo com o único intuito de me desconcentrar. Aquilo era um problema gigante para mim, porque, às vezes, eu não conseguia controlar meus impulsos.

Alex Campbell tinha um problema comigo, e o motivo era simples: meu jeito parecia o incomodar. Precisei lidar com isso na escola, depois no trabalho e agora nas aulas extras? Não, isso não ia acontecer.

— Ele me odeia — declaro.

— E você o odeia de volta. Acho que tem um equilíbrio aí.

Reviro os olhos com força. Pensar nele me cansava, é verdade, mas eu não o odiava. Eu só passei a agir do mesmo jeito, respondendo-o na mesma altura. É, eu sei que é errado, ia contra todos os meus princípios como cristã, que inclusive ainda estava aprendendo, mas eu já havia tentado ser maleável antes e definitivamente não havia funcionado. Por isso, passei a não ligar e respondê-lo como ele merecia.

Mais uma vez, errada. Crianças, não repitam isso em casa.

— A Lexington não pode ter apenas um professor de reforço, não é possível — reclamo.

— E não tem.

Olívia e eu encaramos Abby, a capitã do time de líderes de torcidas, que nos encarava com um sorriso. Com seus olhos puxados e o cabelo extremamente liso preso em um rabo de cavalo. Abby era

definitivamente uma das garotas mais bonitas do colégio, e sua descendência coreana contribuiu muito para isso.

Até então nunca havíamos trocado uma única palavra. Bom, não até hoje.

— A Lexington tem pelo menos mais cinco alunos qualificados como Alex Campbell.

Olívia e eu nos encaramos.

— E como sabe disso? — perguntou Olívia, olhando para sua capitã.

Abby deu de ombros antes de responder:

— Eu sou um deles.

Eu me levanto tão abruptamente que assusto até mesmo as outras garotas que estão ao nosso redor e me aproximo de Abby, fazendo-a recuar em seu assento.

— Então pode me ajudar? — pergunto, praticamente implorando.

Ela hesita antes de falar, ainda assustada com o meu movimento repentino.

— Bom… não é tão simples.

Encaro minha amiga, depois volto meus olhos confusos à Abby.

— Como assim?

— Você não pode mudar seu professor de reforço por conta própria, existe uma quantidade de vagas disponíveis para cada um de nós… mas talvez consiga mudar conversando com o senhor Finn. Tenho certeza de que…

Eu não estava escutando mais. Na verdade, nesse momento, me encontrava caminhando em direção à saída do refeitório, deixando Abby e Olívia me encarando.

Era tão simples, por que não falei com o Sr. Finn assim que li o nome do Alex na recomendação?

Caminho tão depressa de volta à sala do professor, que nem ligo para os corpos no meu caminho. Esbarro em todos, focando apenas em chegar naquela sala de uma vez.

Seria praticamente a minha carta de alforria.

Sim, eu vou exagerar desse jeito.

Respiro aliviada quando, assim que abro a porta, vejo o Sr. Finn ainda sentado em sua cadeira. Ele me encara surpreso, porém, antes que tivesse a chance de dizer algo, eu começo.

— Tudo bem, o senhor precisa saber, antes de tudo, que eu

definitivamente não posso ter aulas com o Campbell. Além de ele ser completamente presunçoso, metido e se achar melhor que todo mundo, eu duvido que ele realmente seja capaz de conseguir me ensinar algo.

— Fisher…

— É sério, senhor Finn. Outro detalhe importante é que nós nunca nos demos bem. Já pensou em Alex e eu sozinhos em um lugar? Alguém com certeza sairia mal disso, e tem grandes chances de ser eu. — Aponto o polegar para mim, completamente desesperada. — O senhor não se preocupa com o bem-estar de seus alunos? Ele vai querer acabar comigo, me boicotar! O senhor sabe como somos dentro da sala de aula, já viu inúmeras vezes que não conseguimos nos manter civilizados nem por cinco minutos! — Passo a mão pelos cabelos, completamente nervosa. — Acabei de ficar sabendo que existem mais cinco alunos qualificados para isso, então por favor, me recomende a qualquer outro, é sério, pode ser qualquer um, menos Alex Campbell.

— Vamos com calma, Peixinho, não consigo lidar com tantos elogios de uma só vez.

Eu congelo ao ouvir aquela voz pronunciando aquele apelido ridículo que Alex havia inventado há anos atrás, por causa da natação e da familiaridade do meu sobrenome com a palavra “fish[12]”. Tentei fantasiar de que era algo da minha cabeça, mas era ele. Definitivamente era ele, bem atrás de mim.

Quando me viro, meus olhos pousam nos seus. Alex me encara, sentado na primeira fileira, com os braços cruzados na altura do peito, e um pequeno sorriso sustentando toda a presunção que ele emitia. Ele estava ali, e havia acabado de escutar metade das coisas que eu pensava sobre quem ele era.

— Pode continuar — diz. — Não se preocupe comigo aqui.

Ergo meu queixo, um pouco hesitante, mas ainda assim o faço. Não daria o braço a torcer.

— Não pretendo retirar uma única palavra sobre você. — Fecho meus punhos, sentindo um formigamento conhecido nas palmas.

Ele sorri enquanto abaixa a cabeça, encarando a mesa.

— Esperava que não.

Ele me encara novamente, sorrindo, enquanto eu, sem conseguir reagir de outra forma, mantenho as sobrancelhas franzidas em sua direção. O olhar entre nós parece durar uma eternidade, como um desafio silencioso,

esperando quem cederia primeiro e quebraria o contato. Foi então que o professor Finn interrompeu.

— Eu sei que vocês nunca se deram bem, e isso já dura longos e sofridos anos, mas eu não tenho o que fazer, Emília. Mesmo tendo outros alunos qualificados, posso garantir que Alex é o melhor dentre eles, e é exatamente do que você precisa agora. — Encaro o professor, quebrando o contato com Alex que, posso jurar, solta uma risadinha. — Acho que nossa conversa não foi clara o suficiente. Suas notas exigem urgência, Fisher, ou isso pode afetar suas chances de conseguir entrar em uma boa faculdade.

— Ou seja... — Alex começa, mas não me viro— Você precisa de mim, Peixinho. A menos que prefira colocar tudo em risco.

— Eu prefiro, na verdade — declaro, ainda encarando o Sr. Finn, que arregala os olhos em minha direção.

— Emília, não! É claro que não! Eu não posso deixar você fazer isso. Uma briga boba entre vocês não pode te fazer arriscar seu futuro.

Balanço a cabeça freneticamente.

— Eu não vou fazer isso com ele. Não posso! A menos que esteja interessado em me ver perder o resto da saúde mental que ainda me resta.

O Sr. Finn se aproxima e segura meus ombros gentilmente enquanto me encara.

— É o único jeito, Emília. Vocês não são mais crianças, esse é o seu futuro, não o jogue fora por pura teimosia.

Detestei ouvir aquilo. Detestei saber que possivelmente minha admissão em uma boa universidade dependia de Alex. O único garoto de toda a escola que eu evitava a todo custo.

— Ah, vamos lá, Emília… — ouço novamente sua voz. Aperto meus olhos com força, sentindo vontade de calar a boca dele para sempre. Em poucos segundos, Alex está à minha frente. — Prometo ser um ótimo professor. — Ele ergue uma das mãos, em direção ao meu cabelo, mas me afasto, cambaleando três passos de distância dele.

Ele sorri. Por que sempre estava sorrindo?

— Um ótimo professor? Você vai acabar de detonar minhas notas.

— Consigo separar nossa… complicada relação do profissionalismo, Emília. Quem parece não conseguir fazer isso é você.

Ele estava mentindo. Alex não sabia agir profissionalmente, e eu tinha provas disso pelo nosso trabalho na lanchonete.

— Fisher, você não tem tempo para isso. — O Sr. Finn declara.

Encaro o professor e, logo em seguida, Alex. Aperto a alça da minha mochila e respiro fundo, caminhando em direção à saída da sala.

— Eu vou dar um jeito — digo, virando-me para encarar Alex com todo o meu ódio assim que chego à porta. — Mas vai ser sem ele.




# Emília Fisher

*De inimigos para… inimigos.*

Quando me encarei pelo retrovisor do Uber, não imaginei que me depararia com uma imagem tão assustadora. Meus olhos pareciam fundos, com olheiras levemente marcadas, e um penteado, que eu nem lembrava como havia feito, estava armado em minha cabeça.

Eu estava acabada, essa era a palavra certa. Porém, o que mais se encaixava naquele momento era “atrasada”. Extremamente atrasada.

Meu turno no Joe's já havia começado há uma hora, mas, meia hora atrás, eu ainda estava babando no meu travesseiro após chegar cansada da escola. Somado a uma noite inteira tentando dormir, meu sono foi tão profundo que mal ouvi o despertador. Então, basicamente, fiz o que dava para fazer.

Pulei da cama, fiz uma oração suplicante a Deus pelo resto do meu dia, vesti o uniforme que encontrei limpo e saí de casa com a escova de dente ainda na boca, a garrafinha d'água na mão e a mochila nas costas assim que o Uber parou na porta.

Quando o carro estacionou em frente à lanchonete, saio tão depressa que quase esqueço de pagar a corrida.

Entro no Joe's pelos fundos, em uma tentativa de não ser notada por Anne, minha gerente. Guardo minha mochila no armário e tiro a mini gravata azul que faz parte do nosso uniforme.

Para falar a verdade, esse pedaço de pano era a parte que eu menos gostava. A calça preta skinny e a blusa branca social de manga curta não me incomodavam tanto, mas aquela gravatinha ridícula...

Andei até a cozinha da lanchonete, pegando um dos aventais que ficavam na parede e o coloquei, me dirigindo até o balcão logo em seguida, para ver como andavam os pedidos. Mas, assim que Anne bate seus olhos em mim, preciso abrir um sorriso na tentativa de convencê-la de que um atraso é

a coisa mais normal do mundo.

— Uma hora atrasada, Fisher. — Me repreende enquanto termina um pedido no computador que usamos como caixa.

— Eu sei, eu sei, desculpa. — Me aproximo, organizando os guardanapos que estão espalhados pelo balcão.

Ouço Anne bufar, mas, depois de uns segundos, percebo que não é por minha causa.

— Que droga de tecnologia! — Ela dá um soco leve na tela.

— Deus! — exclamo. — Anne… deixa que eu vejo isso para você.

Tomo seu lugar em frente a tela do computador, reorganizando os cinquenta pedidos que haviam perdido suas ordens.

— Acho que eu estou ficando maluca. O Joe está me deixando maluca.

Dou um pequeno sorriso sem olhá-la. Era engraçado vê-la irritada assim, já que isso era o oposto do que Anne realmente era. Normalmente, ela era a pessoa mais simpática entre todos que trabalhavam aqui. Bom, ela tinha seus temperamentos, era rígida quando precisava, mas, mesmo assim, costumava ser a pessoa mais calma dentre todos na equipe.

— Você ama trabalhar aqui.

— Já amei, verbo passado. Estou muito velha para ter que aguentar três adolescentes, seis adultos e um velho reclamão.

A lanchonete do Joe's não era muito conhecida onde morávamos, mas tínhamos clientes o suficiente para que, às vezes, uma fila se formasse na entrada. Por ser um restaurante pequeno de fast food, o Joe's tem apenas dez funcionários fixos, sem contar, é claro, o próprio Joe, que ainda insiste em trabalhar algumas vezes por semana, mesmo já tendo idade para se aposentar.

Alex, Clark e eu éramos responsáveis pela entrega dos pedidos e pelo caixa, os outros seis adultos que ela havia mencionado eram a equipe da cozinha. Como gerente, Anne nos monitorava e, claro, fazia um pouco de tudo ao mesmo tempo, menos mexer no computador que usávamos para anotar os pedidos, ela odiava lidar com tecnologia.

Passo os olhos pelo local, observando o movimento. Segundos depois, percebo Clark atendendo uma mesa cheia de garotas. Felizmente, não vejo Alex com aquele sorriso presunçoso, o que me deixa muito, muito feliz. Depois do que havia acontecido na escola mais cedo eu definitivamente não queria vê-lo por um bom tempo.

— O Alex não veio? — pergunto, querendo obter uma resposta que

faça o resto do meu dia alegre.

— Ele está na cozinha, e… nossa, acabei de me lembrar que o Joe mandou o Jack embora ontem, no final do expediente. — Anne suspira. — Preciso de um lava-pratos o mais rápido possível… — e então me encara, como se eu fosse uma espécie de salvadora. — Você pode ir para a cozinha hoje? Só para dar conta dos pratos. Posso ver se o Joe paga um extra por desvio de função.

Eu detestava ficar na cozinha, ainda mais sabendo que Alex estaria lá, e estava prestes a recusar quando Anne voltou a falar.

— Se fizer isso hoje, perdoo seu atraso e não desconto do seu cheque. — Ela abre um sorriso assustador.

— Tudo bem. — Suspiro, eu precisava desse dinheiro.

Caminho até a cozinha, parando na porta antes de entrar. Eu não queria ficar ali, e, se eu fosse bem sincera comigo mesma, estaria disposta a voltar e deixar Anne descontar meu pagamento inteiro se isso me poupasse de ter que ficar sozinha com Alex.

Passo a mão no rosto com uma certa força, um jeito totalmente ineficaz de me manter calma, e suspiro. Antes de eu ter a chance de entrar, ouço uma voz masculina cantarolar uma música que conheço bem. Na verdade, conheço tão bem que ouço ela pelo menos cinco vezes ao dia.

Enrugo a testa quando percebo ser a voz de Alex. Na verdade, tomo um susto ao constatar isso, porque, meu Deus, ele canta maravilhosamente bem.

Me esgueiro pela porta da cozinha, tentando convencer meus olhos de que era realmente ele ali, cantando um louvor.

Alex estava lavando pratos com um fone de ouvido enquanto cantava o hino. Aquilo me assustou de formas inimagináveis, pensar em Alex como alguém de fé era assustador. Quer dizer, não que ele não pudesse ser cristão, mas… ah, sei lá, é estranho, quase bizarro, na verdade.

Entro na cozinha de uma vez, decidida a parar com a espionagem antes que ele pense que eu faço isso de propósito. Ele não me notou de imediato, mas assim que me viu, parou de cantar instantaneamente.

Pego as luvas penduradas na parede e logo em seguida assumo minha posição atrás daquelas pilhas de pratos sujos, ignorando completamente sua presença na pia ao lado.

Depois de alguns minutos, a carta mais recente de Blue me vem à mente, e fico tão perdida em pensamentos que mal me lembro de onde eu

realmente estou. Eu conseguia ficar presa em minha mente quando o assunto era Blue. Quando me lembrava de todas as nossas cartas, das nossas vidas contadas um ao outro através daqueles papéis amarelados e canetas pretas.

Blue e eu passamos boa parte dos anos entre essas cartas falando mal dos adolescentes da nossa idade. Sobre como eles pareciam superficiais aos quatorze anos. Para falar a verdade, falar mal dos outros alunos da Lexington era um dos nossos assuntos favoritos. Afinal, Blue e eu somos da mesma escola, temos a mesma idade e, até onde eu sei, da mesma série também, eu presumi que ele convivia com as mesmas pessoas que eu, e acho que ele fez o mesmo.

E pensar nisso me deixava louca às vezes. É, eu sei que já deveria ter acabado com todo esse mistério há tempos, mas a real é que eu tinha um pouco de medo, até mesmo receio.

As dúvidas que me rodeavam eram perturbadoras, e uma delas, em especial, sempre me assombrou. Ele ter criado uma Red completamente diferente da pessoa que eu era em sua mente me deixava apreensiva, porque ele poderia se decepcionar e perceber que, na verdade, eu era a garota mais chata e sem graça de todo o mundo, e então, toda a fantasia que eu havia criado durante anos se transformaria em fumaça.

A verdade patética que eu sempre admitia para mim mesma era que, sem nem perceber, depois da chegada da primeira carta, eu havia, sim, começado a guardar meu coração para ele. Era como se eu, na época, tivesse decidido punir o meu eu do futuro.

Durante esses anos, eu também aprendi que, após me martirizar com meus próprios pensamentos e medos, pensar em todas as possibilidades boas que eu poderia ter na vida funcionavam para me tirar desse estupor em que eu sempre, sempre mesmo, me metia.

Sou tirada dos meus pensamentos quando sinto meu rosto ser atingido por algum líquido. Pisco algumas vezes, sentindo as gotas escorrerem pela minha face e, quando respiro fundo, percebo ser água. Meu sangue ferve e uma tensão toma todo o meu corpo. Meu primeiro desejo é gritar, colocar para fora toda essa raiva que cresce em mim a cada segundo, mas me contenho.

Fico parada e conto até dez várias vezes, tentando controlar minha respiração, uma técnica que havia aprendido na terapia para controlar meus impulso e, quando finalmente sinto minha pulsação diminuir um pouco, encaro Alex ao meu lado, assobiando, como se não tivesse feito nada, mas

continua segurando a mangueira da pia em suas mãos.

— Qual é o seu problema? — pergunto, ainda congelada no lugar, enquanto o encaro.

Ele vira o rosto devagar em minha direção, me passando uma expressão completamente inocente e perdida. Segundos depois, tira um lado do fone de seu ouvido.

— Falou comigo?

— É, eu falei, Alex. Qual é o seu problema? Por que fez isso? — Abro os braços e me analiso por alguns segundos, vendo onde a água atingiu, e então volto meu olhar para ele novamente. — Eu estou ensopada!

Sinto a pálpebra do meu olho pulsar quando vejo ele dar de ombros e, subitamente, minha mente começa a me bombardear com pensamentos nada agradáveis. A tensão volta para o meu corpo e sinto que posso explodir a qualquer momento. Por um segundo, penso em como seria fácil simplesmente atravessar a distância que me separa de Alex e enfiar sua cabeça embaixo daquela pia… mas contenho meu corpo, eu não sou mais essa Emília, não posso agir por impulso.

— Parece ter pulado o banho essa manhã. Só quis ajudar. — Ele diz e, para meu azar, ouvir sua voz só me irrita ainda mais.

— Eu vou te matar! — murmuro, rangendo os dentes.

— Calma aí, Peixinho. Temos muito trabalho ainda, deixa esse papo para o final do expediente, tá legal? Lave os pratos direito ou não vai receber o extra.

Balanço a cabeça, completamente perturbada com o fato de ele ser tão irritante. Deus, eu queria só… pular no pescoço dele e acabar com tudo. Essa é a minha provação? É isso?

Respiro fundo, controlando meus tremores e tento, mais uma vez, usar as técnicas de respiração que minha psicóloga havia ensinado, mas não parece funcionar.

Uma coisa que poucas pessoas sabem sobre o Transtorno Explosivo Intermitente é que, na grande maioria das vezes, basta apenas um mínimo estímulo para desencadear uma grande explosão de raiva.

Não era fácil lidar com isso. Só Deus, minha família e eu sabíamos como eu realmente ficava quando explodia, mas, graças à grande misericórdia d'Ele, junto com uma equipe terapêutica que, sério, só podiam ter recebido um dom divino para trabalhar de maneira tão eficaz, eu havia aprendido maneiras de me controlar sem os medicamentos.

Mas isso não significava que eu conseguia me conter sempre… na verdade, eu andava com um frasco de um desses remédios na mochila por precaução e, nesse momento, eu verdadeiramente cogitei usá-los.

— Em nome de sua própria segurança, é melhor não parar na minha frente nas próximas horas. — Rosno, nervosa, enquanto solto meu cabelo, na tentativa de secá-lo.

Alex fica me encarando enquanto eu enfio meus dedos entre as mechas. Faço isso por longos minutos, em uma rapidez que eu nunca havia feito antes. E acredite, aquele olhar presunçoso esteve em mim durante todo esse maldito tempo.

— Parece ter perdido alguma coisa aqui — digo, o encarando.

— Você fica ainda mais feia de cabelo solto, já te disseram isso? — Ele me encara enquanto cruza os braços e se recosta na pia.

Eu detestava ter os olhos de Alex em mim. Ter sua atenção era pontuar tudo o que eu não gostava em mim mesma, porque ele tinha esse poder. Alex conseguia tirar todo o equilíbrio do meu mundo, mesmo quando eu lutava para ele não conseguir. No final, ele sempre saía vencedor. Meus impulsos de raiva sempre chegavam perto do limite quando ele estava por perto, como agora.

— E você é feio sempre. Acho que temos um empate — retruco, enquanto torço meu uniforme. Por sorte, usamos camisas sociais, então em breve ela estará seca novamente.

Quando ergo novamente meu rosto, encontro seus olhos fixos nos meus, e a verdade é que eu havia acabado de mentir sobre sua aparência. Alex não tinha nada de errado, na verdade, ele não tinha sequer uma espinha no rosto, muito menos um fio de cabelo fora do lugar, e o sorriso dele… o sorriso que eu detestava com todas as minhas forças, infelizmente, não era algo horroroso de se olhar.

Tá legal, vocês querem me ver admitir sobre a beleza de Alex Campbell? Tudo bem. Alex era de longe um dos garotos mais bonitos que eu já tinha visto em toda a minha vida. Era horrível ter que admitir isso.

Aqueles fios de cabelo castanho escuro perfeitamente alinhado, as sobrancelhas escuras, o rosto marcado como se tivesse sido esculpido no útero da mãe dele, e aqueles malditos olhos de uma cor absurda de avelã… tudo era um combo terrivelmente bonito.

Eu nunca o vi com nenhuma garota, o que para mim era estranho, já que ele tinha... toda essa aparência, e andava pelo colégio, como se fosse o

dono do mundo.

— Entre nós nunca houve empate, Emília. Eu sou melhor, enquanto você apenas tenta.

— Quer saber? Tem razão. — Abro um sorriso forçado. — Você é realmente o melhor, Alex. — Ergo os braços, em forma de redenção. — Não vou argumentar sobre isso.

Ele estava sorrindo de novo.

— Obrigada. As coisas vão ficar mais fáceis se você…

— Quer dizer... — o interrompi com um sorriso, agora sincero. — Não posso competir com alguém tão presunçoso e idiota, não é mesmo? — Meu riso aumentou na mesma velocidade em que o dele vacilou. — Então, parabéns, você é realmente o melhor.

Alex franziu os lábios e abaixou a cabeça enquanto soltava um baixo riso pelo nariz.

— Sabe, Peixinho… É exatamente disso que eu gosto em você. Quando conversamos, sinto que o melhor da sua sinceridade vem à tona. — Ele me encara novamente. — Não perde tempo quando o assunto é me confrontar na mesma altura. As verdades saem da sua boca sem nenhuma hesitação. — Ele constata.

Se ele ao menos soubesse o quanto meus piores traços se despertavam ao lado dele… era tão estranho o jeito como ele falava dos meus próprios problemas, como se ele realmente os conhecesse.

Mas eu não gostava disso; na verdade, odiava esse meu lado. Já fazia alguns meses que eu havia me convertido, mas, mesmo assim, ainda me encontrava em uma luta constante contra os insultos que pareciam estar sempre na ponta da minha língua e as explosões de raiva que queriam me consumir.

Enrugo a testa violentamente quando Alex se coloca a minha frente, dando alguns passos até estarmos perto o suficiente para que eu conseguisse, finalmente, criar coragem, jogar a graça que foi me dada do céu no chão, e fechar minhas mãos naquela garganta.

As reações que se apresentavam em mim todas às vezes em que ele se aproximava eram de repulsa. Eu tinha raiva dele, infelizmente, até mesmo um pouco de rancor, que não me fazia nada bem. Alex e eu sempre nos estranhamos, e a causa disso era simples: ele conseguia me confrontar, despertar lados que eu detestava. Lados esses que, depois de alguns meses como nova convertida, eu ainda estava aprendendo a controlar. A mantê-los

em seu lugar, bem fundo dentro de mim.

Era isso o que eu sentia, sempre foi o que eu senti quanto a ele, mas o que sempre veio acompanhado disso era a maldita palpitação no canto do meu peito. Aquela coisa idiota só surgia quando ele se aproximava assim, mesmo quando eu sabia que ele estava prestes a me dizer coisas horríveis.

Cruzo meus braços, numa tentativa falha de criar um escudo entre nós. Ele percebe, porque assim que o faço, Alex encara meu movimento e então abre um sorriso. Mais uma vez, cogito ir até minha mochila e pegar um dos meus comprimidos, mas eu prometi que só os usaria em casos extremos e, mesmo que eu estivesse à beira de um colapso, ainda não era o suficiente, não depois de tanto tempo conseguindo ficar sem eles. Não, eu não cederia agora, não por causa dele.

A pior parte disso tudo era que, por mais que ele me desse evidências óbvias de que me detestava, Alex também parecia conseguir prever todos os meus próximos movimentos, na verdade, ele não só previa como também se divertia com isso.

— Acho melhor você não dar mais nenhum passo. — Ameaço.

— Ou o quê? — Me desafia. — Vai finalmente ter coragem de fazer o que quer?

— Você não sabe o que eu quero.

— É bonito da sua parte achar que não. — Ele havia se aproximado tanto que mal percebi seus dedos indo em direção à ponta do meu cabelo. Agarro seu pulso em reflexo antes que ele o fizesse.

— Fica longe de mim, por favor. — Empurro seu braço para longe.

Meu empurrão foi como um grande nada. Como se eu tentasse derrubar um muro de três metros.

— Longe? — Um vinco entre suas sobrancelhas grossas se forma, como se ele não tivesse realmente entendido minhas palavras. Então, como se não fosse nada, Alex põe suas mãos sobre as costas e dá um pequeno passo para trás.

— Longe, Alex! Quero pelo menos um metro de distância entre nós, seja aqui, ou no colégio. — Praticamente grito.

— Desculpa, esse é o mais longe que vai conseguir.

Balanço a cabeça, completamente frustrada. Após longos segundos o encarando como se ele fosse um ser de outro mundo, e nem um pouco capaz de entender um raciocínio básico, eu simplesmente desisto dessa guerra.

Eu não conseguia mais lidar com aquilo, não conseguia lidar com Alex sem querer mandar meu autocontrole para o espaço. Então, a única coisa que fui capaz de fazer foi voltar para a pia cheia de pratos novamente e me concentrar, com todas as minhas forças, em fazer o meu trabalho. Eu não podia fazer uma cena aqui, precisava me controlar e tentar ao máximo permanecer racional.

— Emília Fisher entregando os pontos? — Ele pergunta, falsamente surpreso. — O mar Atlântico está prestes a secar.

— Diferente de você, eu realmente preciso desse emprego. Não estou aqui porque meus pais decidiram me punir por afundar um iate ou por ter tirado minha mesada de meio milhão de dólares — digo, tão frustrada que me vejo descontando a raiva na esponja e no prato em minha mão. — Esse emprego é literalmente minha mesada, Alex. Então, por favor —, eu o encaro. — Me deixa em paz!

Me viro novamente para terminar o serviço que havia sido designado a mim. O que me impressionou foi que ele realmente, e pela primeira vez, ficou quieto. Minhas palavras parecem ter um efeito imediato assustador.

Eu nunca havia tocado nesse assunto, nem mesmo nas vezes em que brigávamos. Essa tinha sido a primeira vez, e infelizmente eu já estava pensando em usar esse tópico algumas vezes contra ele. Tá, tá bom… eu sei que isso não é legal.

A primeira vez que Alex entrou pelas portas do Joe's foi quando descobriu que eu trabalhava aqui. Antes desse dia, meu trabalho costumava ser um dos lugares que eu mais gostava de estar. Era estranho dizer que gostava de trabalhar, mas era a verdade. Por mais cansativo que fosse, eu amava estar em movimento, e é claro, pegar todas aquelas notinhas verdes nos fins de semanas.

Uma semana depois, Alex estava fazendo seu primeiro teste. Eu não entendia o porquê de um dos filhos da elite de Lexington estar atrás de um trabalho no fim do mundo, onde o Joe's ficava. Porém, como nada ficava oculto por tempo suficiente, Anne acabou me contando os motivos de Alex.

Aquele mimadinho estava sendo punido pelos pais por ter, não só afundado um iate da sua família, como mais outros três que estavam próximos. O prejuízo não seria pago com o salário ruim do Joe’s, mas Alex aprenderia algo com isso.

Minha primeira reação foi rir, porque, ok… aquilo era a coisa mais

improvável do mundo. Tínhamos um impasse e, de todas as milhares de lanchonetes da cidade, ele havia caído justamente na menor delas, onde, coincidentemente, eu também trabalhava. Logo após constatar isso, a segunda reação que tive foi ficar seriamente preocupada com minha estabilidade no trabalho.

A natação ainda era a única coisa que ele não havia estragado, e eu agradecia constantemente a Deus por isso, porque, sem ela, eu provavelmente estaria um passo mais perto de perder completamente o meu pequeno autocontrole.




# Emília Fisher

*Até você se render*

Faz exatamente quarenta minutos que eu estou encarando o resultado da minha prova de matemática. Não consigo reprimir a frustração que cresce em meu peito. Era inaceitável a maneira como eu conseguia ir bem em todas as outras matérias, menos nessa.

Ollie tentou me ajudar algumas vezes nas últimas semanas, e eu até pensei que talvez estivesse melhorando, mas, ao julgar a nota ainda menor do que a do mês passado que eu havia acabado de tirar, constatei que só tinha piorado.

Eu detestava números com todas as minhas forças.

A Lexington tinha algumas políticas de regras severas para os alunos, e eu, até hoje, tinha me adaptado a todas, menos a que dizia que, se um aluno tivesse dificuldade extrema em qualquer matéria, seria direcionado a aulas extras.

Bom, esse não era realmente o meu problema, eu não via nada de errado em fazer essas aulas, desde que melhorasse. A questão era a seleção do professor. Eles me queriam na cova dos leões.

Corrigindo, na cova de um leão somente, um bem específico, presunçoso e metido. Um leão pronto para acabar comigo sem nem pensar. Eu não era Daniel[13], na verdade, estava muito longe de ser como nova convertida.

Quando o sinal toca, me levanto o mais rápido possível, na tentativa de fugir do Sr. Finn. Coloco minha mochila nas costas e colo nos ombros de Alice, uma amiga de classe. A garota me encara por alguns segundos como se eu fosse louca, então sorrio para ela, tentando disfarçar meu comportamento suspeito.

Quando estou prestes a sair pela porta, ouço a voz do meu professor.

— Fisher.

Suspiro antes de voltar à sala novamente. Eu sabia que não conseguiria escapar dessa conversa, mas, pelo menos, ninguém poderia dizer que eu não tentei.

— Eu sei, eu sei… estou ainda pior e o senhor não pode fazer mais nada. Mas, professor, precisa haver um jeito. Eu não posso ser transferida. Meu currículo para a universidade vai ser afetado.

Ele cruza os braços.

— Fisher, eu já te ofereci todos os meios possíveis. A Lexington não trabalha de outras formas, e, se trabalhasse, eu já teria dito a você, acredite. — Ele respira fundo — O Alex é a sua única ajuda.

— Ele não vai me ajudar…

— Pelo menos tente. Se ele não ajudar, prometo arrumar outro jeito. Mas essa é uma situação séria, você pode até perder sua vaga na natação se continuar com essas notas.

Encaro o homem com esperança. Afinal, eu sabia que, por mais que tentasse com Alex, nada funcionaria. Então, o Sr. Finn teria pena de mim e, finalmente, encontraria outra solução.

— É sério? Meu Deus, muito obrigada, senhor Finn, eu…

— Ok, calma. Acho que você não entendeu. — Ele me encara, sério. — Vou dar um jeito, mas, antes, você precisa tentar com o Alex. Entre todos, ele é a sua melhor chance.

A esperança que eu tinha se esvaiu como o ar de uma bexiga furada. Percebendo que não havia outra opção além de tentar as aulas com Alex, deixo a sala ainda mais desorientada do que antes.

Na parte da frente da escola, fora dos prédios de Lexington, há um amplo pátio com grama, árvores e mesas de metal para os alunos. É um dos poucos lugares onde eu gosto de passar o tempo com Ollie.

Foi pensando nisso que meus olhos encontraram a cabeça da minha melhor amiga, enquanto ela a jogava para trás, dando uma risada tão alta que ecoou por todo o espaço aberto.

Ela finalmente me percebe quando chego perto o suficiente. E, ao me encarar, abre um sorriso largo.

— Emy! — Dá um gritinho animado. — Vem, senta aqui.

Ela bate no chão ao seu lado, bem embaixo de uma das enormes árvores do colégio. Jogo minha mochila de um lado e me deito do outro, bem ao lado de Ollie, enquanto bufo, completamente cansada.

— E aí, como foi a prova? Tiramos um A+? — Ela me encara com

expectativas, ansiosa para saber se suas aulas haviam surtido efeito.

— Sinto muito em dizer, mas parece que você é ainda pior do que eu em matemática. — Estendo o papel até seu rosto, sem nem mesmo encará-la.

Olívia pega a prova, analisando cada linha, pergunta e resposta.

— Fala sério, eu sou ótima em matemática. Talvez você não seja uma boa aluna.

Eu a encaro, incrédula.

— Fiz tudo o que você me ensinou. Se tem respostas erradas, a culpa é sua — acuso.

— Que droga. — Ela suspira.

— Pois é. — Reviro os olhos, e então me deito no colo de Ollie. — Eu não sei mais o que eu faço. — Tampo meu rosto em frustração. — Posso ter que sair da natação, Ollie. — desabafo, preocupada.

— Acho que chegou a hora de deixar o orgulho de lado. — diz, com delicadeza.

Levanto com rapidez, assustando Olívia com o movimento brusco, e a encaro novamente.

— Você também não! Por favor, quero minha melhor amiga de volta. — Choramingo enquanto ela sorri.

— É sério, Emy. Isso não é brincadeira. — Ela me encara, o semblante um pouco mais sério. — É nosso último ano, você não pode se dar ao luxo de escolher reprovar só por alguns mal entendidos com Alex. A gente planeja nosso primeiro ano de faculdade há anos, não quero ter que começar sem você. Além disso, você tem a natação. Não pretende ganhar uma bolsa?

E é verdade, Olívia e eu planejamos toda a nossa vida universitária há anos, até mesmo os cursos que iremos fazer. Mas tudo acabaria se eu, infelizmente, não me rendesse aquelas benditas aulas extras.

E a natação… Deus, eu realmente não podia me dar ao luxo de perder aquilo. Ainda era uma das poucas coisas que eu ainda gostava de fazer.

Pela primeira vez, eu me sinto uma idiota imatura por não aceitar a ajuda de Alex, eu destruiria anos de planejamento com Olívia, o que não era nada justo, fora minha carreira profissional na natação, e tudo isso por uma… birra? Eu podia me controlar, não devia ser tão difícil.

Além do mais, eu estava aprendendo a ser uma nova pessoa em Cristo, a amar e respeitar os outros, assim como Jesus ensinou. Se eu realmente queria seguir os ensinamentos da Bíblia, eu precisava aprender a conviver com Alex, talvez até perdoá-lo um dia. E eu queria muito, muito

mesmo, deixar a velha Emília para trás e andar conforme o evangelho que me salvou.

— Vale mesmo a pena ter meu cabelo puxado, cuspido e emaranhado por causa da minha melhor amiga? — Reflito em voz alta.

— Alex não faz mais isso com o seu cabelo há anos, Emy. Ele apanharia se fizesse, eu prometi isso a ele.

Uma risada escapa da minha garganta ao me lembrar das ameaças de Olívia no dia em que ela o viu puxando meu cabelo. Tínhamos treze anos, ele era muito mais alto do que nós duas, mas ela o enfrentou como se tivesse a mesma estatura corporal.

— Mas ele ainda é um idiota.

— Ele só encontrou outras maneiras mais saudáveis de te provocar — Deu de ombros.

— Saudáveis? Ele pode até não puxar meu cabelo daquele jeito, mas ainda toca nele e, quando quer, mancha meus trabalhos se eu não prestar atenção suficiente. — Bufo — Como você acha que eu vou sair viva disso?

— Na verdade, os dois são predadores. É difícil dizer quem é que vai sair vivo.

— Cala a boca, por favor. — Respondo com uma risada, balançando minha cabeça.

— E falando do mundo animal…

Encaro minha amiga, tentando entender o motivo de ela estar encarando o caminho por onde eu havia acabado de passar. Quando olho, desejo não ter feito.

— Posso conversar com você ou tenho que marcar um horário? — Alex pergunta com um sorriso sarcástico e repulsivo.

Detesto quando ele faz aquilo.

— Ai. Meu. Deus. Qual é o seu problema? — pergunto o encarando, esquecendo completamente a decisão que havia tomado há alguns segundos atrás. — Achei que tivesse sido clara o suficiente no trabalho. Um metro de distância, no mínimo.

— Eu só quero conversar — diz, erguendo as mãos em forma de rendição.

Encaro Alex por alguns segundos e, antes que eu me arrependa, me levanto para olhá-lo de frente.

— Você tem exatamente um minuto.

— Com você? — Ele ri. — Fisher, vou ter os minutos que eu quiser

da sua atenção, você sabe disso.

— Quarenta segundos, Alex.

Ele sorri. Droga!

— O senhor Finn me mandou. Disse que queria falar comigo. — Ele dá de ombros. — Então, estou aqui.

Ele me encara com um olhar que eu conhecia muito bem. Aquele olhar dizia: “Seu cerco está se fechando, e você precisa de mim muito mais do que imagina. Anda logo, pode implorar.”

— Eu não tenho nada para falar com você agora — respondo. Depois desse contato, eu estava considerando repensar a minha decisão de pedir sua ajuda.

Ele balança a cabeça com um pequeno sorriso.

— Imaginei, Fisher. Bom, então é isso — diz, me dando as costas enquanto caminha para longe. — A gente se vê por aí.

Antes que eu responda malcriadamente, sinto um beliscão em minha costela. Ollie me encara, de forma raivosa. Ela quer que eu quebre meu orgulho. Quer que eu aceite a ajuda dele.

— Eu não vou fazer isso. Vai aparecer outro jeito.

— Não, não vai, o professor Finn deixou isso muito claro para você. — Ela balança a cabeça — Acorda, Emília. Ele é a sua única chance.

Droga. Droga. Droga.

Ollie tem razão. Quem eu quero enganar? Não tenho mais nada, nenhum caminho novo para recorrer.

Mordo a parte interna da minha bochecha com tanta força que posso sentir o gosto de ferro invadir minha boca. Minhas unhas se movem violentamente contra minha pele, e meu peito se agita tanto que mal consigo respirar. Eu estava ficando irritada, e isso nunca era bom.

Enquanto vejo Alex se distanciar, decido ceder ao orgulho de uma vez, não havia outra opção, de qualquer modo.

Me levanto do chão e meus pés me obrigam a caminhar na direção do garoto. Eu estava indo atrás de Alex Campbell, e, para mim, isso era muito mais do que vergonhoso e humilhante, mas eu precisava; não havia outra saída.

Quando me aproximo o suficiente, grito, e Alex para, encarando-me logo em seguida com um sorriso.

— E então? — pergunta, segurando o riso.

— Olha só, quer me ouvir admitir? Tudo bem, eu me rendo. Preciso

da sua ajuda, tá legal? Vou aceitar suas aulas extras se isso realmente for me fazer melhorar.

Ele balança a cabeça, segurando os lábios entre os dentes, tentando não rir.

— Ok, Peixinho. Eu posso te ajudar, mas quero que faça algo antes.

Eu o encaro, desconfiada.

— Sem chances, eu não vou virar sua súdita.

— O quê? Quem você pensa que eu sou? Algum monstro insensível?

— Sim? — respondi, como se fosse óbvio.

— Você é… peculiar, sabia disso? — Ele balança a cabeça, e uma risada frouxa salta por seus lábios.

Bufo, enquanto cruzo os braços com força em meu peito. Por quanto tempo ele iria ficar me enrolando?

— Então o que é?

Alex estava se aproximando de novo. Sua altura me faz encará-lo de baixo, como se eu fosse sua presa, como se ele fosse mil vezes superior. Eu odiava ambas as coisas.

— Bom, o que eu quero…

— O que… você… — respiro fundo, sem nem conseguir completar minha frase. — O que você quer?

Eram assustadores os sentimentos que ele causava em mim. Um deles era raiva, eu sabia disso, mas o outro… devia ser raiva também. Só podia ser isso. Nada mais.

— Quero que peça por favor, Fisher. — As palavras convencidas deixam sua boca.

Pisco algumas vezes, tentando voltar para realidade. Me afasto dele, tentando recobrar a racionalidade que havia sido tirada de mim com sua proximidade. Eu sinto o sangue reverberar por meu corpo, consigo até mesmo ouvir as batidas do meu coração… eu sinto a tensão crescendo cada, mas essa é diferente da que eu sinto quando estou com raiva, essa é… estranha.

— Eu não vou implorar.

— Não estou pedindo isso, só quero que me peça com educação. Meu único desejo é que possamos ser civilizados um com o outro. Acha que consegue fazer isso?

Balanço a cabeça, um pouco perdida.

— Alex, não pode fazer isso. Já aceitei as aulas, não me faça implorar.

Ele me encara por alguns segundos, sem dizer uma única palavra. Logo em seguida, começa a caminhar, se afastando de mim.

— Até mais, Fisher!

Alex estava indo embora, e, junto com ele, minha única esperança de ter um bom futuro. Respiro fundo, a tensão em meu corpo diminui, sendo substituída exclusivamente por desespero. Pela primeira vez na vida, e por causa de Alex Campbell, me pego torcendo meu orgulho, embrulhando-o e colocando-o no bolso.

— Espera! — grito, e ele para. Solto o ar preso na garganta. — Por favor — digo, com um vinco entre minhas sobrancelhas.

Alex vira, ficando de frente para mim, e me encara.

— Eu não ouvi. Pode repetir?

— Eu não vou repetir nada! Já fiz o que pediu e, se não me ajudar, vou precisar falar com o senhor Finn! — Grito, mas me arrependo no mesmo segundo. Alex estava me fazendo um favor. Tudo bem, ele seria obrigado a isso, mas, de qualquer forma, ainda era um favor. — Por favor, Alex. Eu preciso de ajuda.

Ele segura a alça de sua mochila, e enfia a outra mão no bolso. Seus fios de cabelos castanhos e rebeldes caem sobre sua testa, e seus olhos, ridiculamente perfeitos, me encaram. Ele havia ganhado e sabia disso. Eu admiti que precisava dele, e isso era tudo o que Alex precisava ouvir de mim.

— Acho que teremos algumas aulas, Peixinho. — Ele volta a caminhar.

— Aonde está indo? Precisamos marcar os dias e o local. — Protesto, mas sou completamente ignorada.

Respiro fundo e solto um grito de frustração. O lado bom? Ano que vem provavelmente eu estaria a caminho da faculdade com Ollie. E o ruim? Bom… o lado ruim se chamava Alex Campbell.




# Emília Fisher

*Peixes socadores*

Encaro o teto aberto na área da piscina do colégio enquanto meu corpo flutua. Por muito tempo, esse lugar foi meu refúgio. Conseguia ouvir meus pensamentos debaixo d'água e adorava a sensação de cada minúscula dor invadindo meu peito após três minutos completamente submersa.

A natação é definitivamente o meu sonho desde que vi Katie Ledecky na televisão pela primeira vez, quando tinha sete anos. Me lembro de ter enchido o saco da minha mãe por um mês inteiro até que finalmente me colocasse em uma aula prática de natação. Bom, eu nunca mais parei depois disso.

Participei de algumas competições colegiais, ganhei quatro vezes em segundo lugar e uma única vez em terceiro. Para mim, não era algo ruim; estava satisfeita pelo que já tinha conquistado, mas, como uma boa competidora, precisava admitir que gostaria de sentir o gosto de ser a melhor, pelo menos uma vez.

Agnes, minha colega de equipe, era uma das melhores. Sua performance era incrível, e, sempre que a treinadora nos colocava para competir, eu não conseguia deixar de observar todas as técnicas impressionantes que ela usava no nado livre. A verdade é que eu a observava bastante. Ela realmente era incrível naquilo.

Os treinos já haviam terminado há pelo menos meia hora, e eu ainda estava boiando nas águas da piscina, perdida em meus pensamentos. Ouço algo do lado de fora, então levanto a cabeça e encaro a porta, mas estou sozinha.

Decido sair de uma vez, antes que tranquem a piscina comigo aqui. Pego minha toalha no banco de madeira e a enrolo no corpo. Em seguida, vou até a área dos armários, pego minhas coisas e, logo depois, sigo em direção ao banheiro para me trocar.

Minutos depois, quando estou caminhando em direção à saída, uma sombra surge atrás de mim, me fazendo pular. Encaro minhas costas, e a respiração pesada que sai de mim pode ser ouvida a quilômetros. Coloco a mão no peito, tentando regular a respiração, e então vejo Alex, me encarando com um sorrisinho idiota no rosto.

— Qual é o seu problema, Alex? É sério. Está tentando me matar?

Ele se põe ao meu lado, e, quando volto a caminhar, ele me acompanha.

— Não teria tanto sucesso. — Ele dá de ombros.

— Meu Deus, você sabe mesmo como encantar uma garota — digo com ironia, e ele me encara como se eu tivesse três cabeças brotando do pescoço.

— Desde quando você é uma garota para se encantar?

— Idiota… — resmungo, apertando meus passos. Queria sumir da visão dele. — Por favor, não me siga, ou eu juro que acerto um soco na sua cara — ameaço.

Por algum motivo, suas palavras me atingem mais do que eu gostaria de admitir. E, quando ele ri, sinto uma raiva descomunal tomar conta do meu peito. Tento respirar fundo e faço uma oração rápida a Deus, pedindo por mansidão. Meu dia foi cansativo o suficiente, e toda a paciência que eu tinha havia desaparecido depois da minha última interação com Alex.

— Peixes não socam, só nadam, Peixinho. Então, não faça promessas que não conseguiria…

Sinto a raiva crescer cada vez mais, como se eu estivesse prestes a explodir. Por alguns segundos, eu consigo controlar minhas emoções mas, quando Alex repete aquele apelido idiota, eu explodo de vez.

Em um impulso completamente louco, fecho minha mão direita com força e me viro em direção ao olho de Alex. Apenas quando vejo seu rosto virado para a direção horizontal, é que me dou conta de que havia mesmo criado coragem para socar a cara dele.

Mexo meus dedos na intenção de aliviar a dor que tomou conta da minha mão. Droga, aquilo doía, e muito. E, de repente, não consigo mais pensar, toda a minha mente foi tomada por uma completa irracionalidade e eu não faço ideia de quais serão minhas próximas ações.

Alex leva a mão ao olho e a deixa lá por alguns segundos, mas, logo em seguida, me encara.

— Você acabou de me dar um soco. — Ele murmura em um tom

surpreso.

— Quer mais um? — Desafio, encarando-o de igual para igual. — É só duvidar de mim mais uma vez, e seu olho roxo vai ganhar um par.

Volto a caminhar novamente, torcendo para que ele desistisse de falar comigo e me deixasse em paz. Eu estava cega de raiva, completamente enlouquecida, e minhas ameaças não eram em vão, eu realmente daria outro soco nele se precisasse.

— Acha que vai me dar um soco e simplesmente ir embora depois? — Um vinco entre suas sobrancelhas se forma quando me viro para encará-lo. — Não é assim que funciona, Peixinho. Seus pais não te ensinaram modos?

— Os seus te ensinaram? — devolvo com ignorância.

Faço menção de continuar meu caminho, mas Alex se põe em meu caminho mais uma vez.

— É melhor sair da minha frente — aviso, sentindo o resto da minha paciência desaparecer e minha raiva aumentar de intensidade.

— Ou o quê? Vai me acertar outro soco?

Sinto o ódio crescer em meu peito. Eu poderia lhe dar outro soco; na verdade, ficaria muito feliz em fazê-lo. Respiro fundo e fecho os olhos, tentando me concentrar e chamar o Espírito Santo para controlar minhas ações. Eu ainda não enxergava a situação de forma clara, mas sabia que bater novamente em Alex não era uma opção. Por isso, volto a caminhar em direção ao estacionamento. Tinha vindo à aula hoje com o carro da minha mãe, então abro minha bolsa, pego as chaves e destranco a porta logo em seguida.

Me viro em direção a Alex, que ainda está parado me encarando.

— Me seguiu para dizer algo importante ou só curte agitar minha vida?

— Nossas aulas começam amanhã, Fisher. Estarei te esperando na biblioteca às 10:00, durante a aula vaga.

— As 10:00? Durante a única aula vaga? Acho que não.

— Qual é o problema?

— O problema é exatamente você! Eu não vou ficar duas horas em uma biblioteca vazia, praticamente com a única pessoa que me odeia nesse mundo.

— O que foi, Fisher? Com medo de que talvez eu desconte minha raiva pelo soco?

Balanço a cabeça enquanto um sorriso pinta meus lábios.

— Seu olho já está começando a ficar roxo, acho que quem tem que ter medo aqui é você. Me preocupo com sua segurança, Passarinho. — Debocho, sem conseguir me controlar ao me lembrar dele cantando.

— Passarinho? — ele ri, enfiando as mãos no bolso. — Agora tenho um apelido também?

— Ah, tem… esse é um deles, mas idiota ainda é o meu favorito.

O sorriso ainda está estampado em meu rosto. Alex aperta sua mandíbula algumas vezes, e então tira seu telefone do bolso esquerdo, se aproxima e o estende para mim.

— Quero que anote seu número.

Encaro o aparelho, e, logo em seguida, olho para ele.

— É uma ordem?

— Se é o que você quer que seja, então sim.

Eu realmente cogito não pôr meu número naquele celular, mas a única perdedora nessa história seria eu. E foi pensando exatamente nas palavras do Sr. Finn que peguei o celular, anotando meu número logo em seguida. Antes de eu ter a chance de salvar, ele puxa o aparelho da minha mão.

— Boa tarde, Fisher. — Se despede, me dando as costas logo em seguida.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 9ac}}{2a}$$

Eu não conseguia parar de pensar naquele soco. E não era por me sentir orgulhosa pelo ato, mas sim por estar muito, muito arrependida. Passei quatro horas de joelhos no meu quarto, pedindo perdão a Deus. Eu detestava quando tinha episódios explosivos, nunca conseguia adivinhar quais seriam minhas reações, e todas as vezes eu me arrependia amargamente de cada uma delas.

"*Deus*", digo, em pensamento, "*por favor, tome conta das minhas ações, nunca mais me deixe fazer algo assim.*"

Alex me irritava, era verdade, mas eu sentia que aquele soco havia falado mais sobre mim do que sobre ele. Eu precisava me controlar, e tinha certeza de que conseguiria se minha melhor amiga me acompanhasse nas temidas aulas extras com Alex.

— Por favor, Ollie, vem comigo — imploro à minha amiga.

Havíamos acabado de sair da aula de economia. Olívia e eu estávamos no meio do enorme corredor enquanto eu tentava convencê-la de que ela precisava me salvar de Alex e de mim mesma. Faltavam apenas cinco minutos para o nosso encontro na biblioteca, e a última coisa que eu queria fazer era encarar duas horas com ele sozinha.

— Emy, eu não posso, tenho treino daqui a… — ela encara o relógio em seu pulso. — Na verdade, estou atrasada. Abby vai pegar no meu pé se eu não chegar nos próximos cinco minutos.

Suspiro, tentando não arrancar meus cabelos.

— Quer saber? Por que aceitei isso? Sabia que seria uma péssima ideia desde o começo, por que eu entraria nessa agora? Eu vou me trancar no banheiro, duas horas passam voando…

— Claro que não, Emília. — Ela segura meus ombros, enquanto me empurra na direção da biblioteca. — Prepare seu soco de direita mais uma vez, e se ele tentar qualquer gracinha, acerte-o bem no outro olho.

Ela estava rindo. Enquanto eu morria, ela estava rindo.

— Não tem graça, sabia?

Ela me empurra uma última vez e começa a correr na direção oposta.

— Mande uma mensagem daqui a duas horas se ainda estiver bem.

— Traidora!

— Eu te amo!

— Eu acreditaria nisso se estivesse indo comigo agora! — grito de volta.

Depois de uns segundos, me toco de que estamos em uma das áreas da Lexington em que geralmente sempre havia muitos alunos. Corro meus olhos em volta e me deparo com pelo menos trinta pares de olhos me encarando, exatamente como eu havia imaginado.

Respiro fundo, antes de abaixar minha cabeça e começar a caminhar em direção à saída, indo diretamente ao prédio onde fica a biblioteca.

Passo pela porta giratória da construção e, no mesmo segundo, sou embalada pela temperatura baixíssima do ar condicionado. Primeiro, percorro meus olhos pelas enormes prateleiras de livros, e, quando digo enormes, não é nem um pouco de exagero. Elas pareciam ir até o teto, de uma ponta a outra, seus corredores eram largos e longos, mesas de madeira com conjuntos

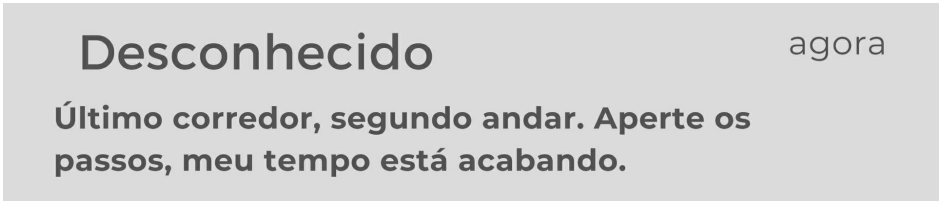
de cadeiras estavam espalhadas por todo o lugar. Alguns alunos estavam sentados com seus notebooks de última geração abertos em sua frente, outros possuíam dois ou mais livros abertos na mesa.

Viro meu rosto para o lado direito, vendo uma garota, que parece ter minha idade, atrás do balcão. A julgar pelo uniforme, tenho certeza de que é uma aluna da Lexington. Cogito ir até lá, talvez dar o meu nome, fazer algum tipo de registro caso eu decida pegar algum livro emprestado no final de tudo isso, ou até mesmo perguntar sobre Alex que, a propósito, eu não conseguia ver em canto nenhum.

Ah! Fala sério…

Tiro minha mochila das costas, abro o bolso da frente e retiro o celular dali. Antes que eu tivesse a chance de procurar o contato de Alex, acabo me lembrando de que só ele tem meu número.

Bufo, passeando meus olhos mais uma vez pelo local, e cogito novamente ir até a menina no balcão, mas sinto meu celular vibrar segundos depois. Quando encaro a tela, uma mensagem de um número desconhecido aparece.




Respiro fundo antes de começar a andar em direção ao meu cruel destino. Faço algumas súplicas repetitivas a Deus, pedindo fervorosamente pela minha vida, ou pela de Alex.

Dobro mais corredores e prateleiras, e quanto mais eu ando, mais minha boca se abre com a beleza do lugar. Acho que faz pouco mais de um ano desde a última vez em que vim aqui, já que passei a comprar os livros que eu queria de forma on-line, então, definitivamente, não me lembrava de ter visto as novas galerias na parte de cima.

Precisei de um tempo para admirar a arquitetura do lugar. O Pinterest parecia ter vomitado aqui. O que era bom, eu adorava perder pelo menos quatro horas do meu dia por lá.

Subo a primeira escada em caracol que vejo na minha frente, chegando logo em seguida no segundo andar. Depois de mais alguns passos até o último corredor, finalmente o encontro.

Alex está sentado em uma das mesas redondas de madeira, com

suas pernas cruzadas bem em cima dela. Sua expressão é a de uma pessoa completamente despreocupada enquanto lê.

Enrugo a testa, tentando virar a cabeça na tentativa de ver o título do livro, porque, sim, o livro está de cabeça para baixo. Mesmo de longe, consigo ver sua testa franzida enquanto finge ler. Ele coça a cabeça algumas vezes, encarando o livro.

Não é possível…

Caminho em direção à mesa, e em poucos segundos seus olhos se voltam para os meus. Tiro minha mochila das costas, me sentando logo em seguida, de frente para ele.

— Está atrasada. — Me repreende.

Aperto minha mandíbula, prendendo uma resposta malcriada entre meus dentes, até a engolir novamente e o encaro.

— Me desculpa — respondo, a contragosto.

Eu preciso ser educada e maleável, afinal, ele pode muito bem se recusar a me dar aulas.

Alex abaixa o livro, me encarando por trás dele, e então ergue uma sobrancelha. Posso ver o hematoma roxo em volta de seu olho e me arrependo mais uma vez por minha atitude. Engulo o orgulho ao pronunciar minhas próximas palavras, mas, como cristã, eu sabia que aquilo era o certo.

— E… peço desculpas pelo soco também.

— Ok, isso foi estranho, pode parar. — Ele diz e eu o encaro, confusa.

— O que foi estranho?

— Você me pediu desculpas. Essa coisa não rola entre a gente.

Fico em silêncio por alguns segundos, tentando entender. Ele estava certo, essa dinâmica não funcionava, mas eu estava disposta a mudar aquilo entre a gente… eu acho. Quer dizer, eu tenho certeza, não é, Jesus?

— Bom… — dou de ombros. — Seria legal se… — coço a garganta, tentando fazer aquilo sair em voz alta. — Se fossemos… não sei, amigos?

Sua indignação é tanta que consigo senti-la pela expressão de seu rosto.

— Tá legal, eu sei que pareço ser alguém super descolado e fácil de fazer amizade, e talvez eu realmente seja, mas isso não vai funcionar para você.

Deus, essa arrogância…

Sorrio de um jeito forçado, me aproximando dele logo em seguida.

— E por que não? Eu sou super legal também, sabia disso? Além do mais, foi você que pediu para que fossemos civilizados.

Ele me encara por alguns segundos, sem acreditar naquela conversa. Logo em seguida, Alex pega um enorme livro de matemática, juntamente com um de seus cadernos, e joga na mesa em minha direção.

— Comece pela página 56.

Seguro minha vontade de revirar os olhos e pego o livro.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

Após quarenta minutos apenas lendo toda a matéria e suas anotações, pude constatar que, de fato, Alex era um dos garotos mais inteligentes de Lexington. Eu me sentia extremamente burra ao ler suas explicações e respostas, eram coisas que meu cérebro nunca seria capaz de processar sozinho. Na verdade, talvez Alex fosse mesmo o melhor da escola.

Eu me sinto até um pouco confortável lendo sua caligrafia, que parece estranhamente familiar. Mas seria impossível, eu nunca havia lido nada que ele tivesse escrito.

Alex havia preparado algumas questões para mim, como um teste. E, após todo o estudo, me sinto até confiante em fazê-las. Após revisar minhas respostas, ele me encara.

— Você errou metade das questões, Peixinho.

— Então acertei a outra metade? — devolvo, curiosamente.

— Bom, sim... mas isso não é muito relevante agora…

— Como não? Metade do que acertei agora levei bomba semana passada na aula do senhor Finn.

— Então, você é mesmo péssima nisso. — Ele ri.

— Você não tem ideia. Uma vez, o senhor Finn ficou com tanta pena de mim que me deixou refazer a prova três vezes.

— Por errar metade?

— Por errar tudo.

Alex joga a cabeça para trás em uma gargalhada rouca. O mais estranho foi me pegar rindo com ele. Mas eu não conseguia parar; a risada dele estava me contaminando aos poucos. Limpo meus olhos das lágrimas que descem sem freio. Alguns alunos nos encaram com os rostos fechados, e

isso me faz rir ainda mais.

— Por favor, pare de rir. Não quero ser vista desse jeito com você, Alex — falo, ainda entre risos.

— Mas foi você quem começou.

Ele me encara com os olhos brilhando e um sorriso enorme e bonito pintando seus lábios. A ideia de ter achado aquela imagem bonita é tão forte que sinto meu subconsciente colapsar.

Nossas risadas cessam ao mesmo tempo. Prendo meus lábios um no outro em uma tentativa falha de me conter. Alex ainda está me encarando com um sorriso, como se estivesse admirando algo em mim.

— Eu não sabia que você conseguia sorrir desse jeito — comenta.

Assim que aquelas palavras são ditas, posso sentir meu rosto esquentar. Meu estômago se remexe e meus dedos dos pés se encolhem.

Mas o que…

— Eu sei sorrir, só nunca é para você, Alex.

— Acabei de me dar conta disso, Fisher — responde, me encarando.

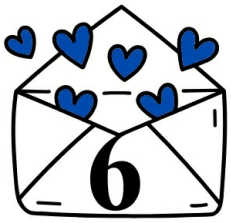
Ficamos em silêncio pelo que pareceram horas, mas tenho certeza de que só havia se passado um minuto. Então, eu coço a garganta e me ajeito na cadeira.

— Bom, acho que terminamos — falo, enquanto pego minhas coisas da mesa e as enfio de qualquer jeito em minha mochila.

Ele balança a cabeça, concordando. Eu estava mesmo tentando não o encarar diretamente, mas era difícil. Alex me puxava em sua direção sem dizer ou fazer nada, e isso era irritante.

Me levanto muito mais rápido do que pretendia. O encaro por alguns segundos e então me despeço e saio da biblioteca.

É apenas quando estou bem longe dele que percebo que, pela primeira vez, consegui ficar próxima de Alex sem sentir meu temperamento explosivo vir à tona.




# Alex Campbell

## *Conflitos de interesse*

*Uma semana depois*

Havia poucas coisas na vida pelas quais eu realmente me interessava de verdade. Na verdade, só havia três. A primeira delas tinha acontecido recentemente, mas conseguiu atingir o topo central da minha vida instantaneamente: minha recém-descoberta na fé, mais especificamente, no cristianismo.

Essa história é até um pouco engraçada, justamente porque eu não estava procurando por nada disso. A fé me abraçou quando eu menos imaginava precisar dela. Nunca fui um cara de igreja, muito menos minha família. Eu vivia exatamente como meus pais sempre sonharam. Como filho de uma grande cirurgiã pediátrica e de um empresário que controlava setenta por cento da cidade... bem, fui criado exatamente para isso: para a grandeza.

E, bom... até poucos meses atrás. Até o momento em que me vi completamente dependente de um Deus que eu não fazia ideia da existência por anos. Eu ainda não havia encontrado uma igreja para chamar de lar, mas estava procurando, incansavelmente.

A segunda coisa, definitivamente, era o basquete. Pratiquei o esporte por anos na infância, e agora faço parte do time da Lexington, e, se tudo der certo, ano que vem eu estarei no Tiger Ball, o time de basquete da universidade Westwood, a melhor de toda a região de Washington. Seria o início de um preparo para entrar de vez em uma das melhores ligas da NBA.

E o meu terceiro interesse, aquele que passou a me tirar noites de sono e roubar minha atenção nos piores momentos, não era uma coisa, mas uma pessoa. Uma pessoa bem específica, na verdade, com um nome que havia sido pregado em minha mente por anos.

Emília Fisher era alguém que não se podia esquecer, muito menos parar de pensar. Então, decidi mexer com ela, testar seus limites até que os

meus também fossem testados. Era estranho como aquilo me confortava. Ela era a única garota que não tentava puxar meu saco por causa dos meus pais, a única pessoa que parecia estar totalmente fora dos padrões que eu conhecia.

E eu sabia que ela fazia de tudo para não ser notada, ela detestava aquilo, mas infelizmente — para ela, é claro — havia sido exatamente isso que me fez prestar atenção naquela cabeça loira cacheada.

Era confuso dizer se eu realmente nutria algo por ela. Na verdade, a mesma raiva que ela sentia de mim, eu também conseguia sentir por ela. Era fácil, confortável e, principalmente, bom. Eu conseguia sentir nossas raivas entrarem em conflitos, sua atenção brigar com a minha e suas respostas afiadas me desafiarem. Quando ela gritava comigo, eu me sentia vivo. Eu precisava que sua atenção estivesse em mim e a maneira mais fácil de fazer isso era irritando-a.

É, eu sei, é estranho, mas não tinha nada mais chato do que lidar com pessoas que só se preocupavam em me agradar. Fisher era completamente diferente.

Durante a nossa primeira aula na biblioteca, fiquei um pouco assustado ao vê-la sorrir daquele jeito. Na verdade, extasiado seria uma palavra melhor. Era muito mais confortável do que vê-la irritada. Fiquei ainda mais impressionado ao notar sua bochecha corada e seus olhos brilhando com... curiosidade? Sim, talvez fosse esse o sentimento. Emília, pela primeira vez em uma conversa nossa, parecia não saber onde focar seus olhos.

Agora, depois de uma semana, eu não sabia explicar como, mas, de algum jeito, havíamos ficado mais tranquilos com a presença um do outro. Na verdade, uma semana de convivência nos trouxe diálogos um pouco mais civilizados, mesmo com toda aquela implicância que ainda estava ali. Era como se tivéssemos encontrado um jeito de fazer aquilo funcionar.

Depois da nossa aula na biblioteca, Emília, como sempre, caminhou depressa à minha frente, querendo sair logo dali. Na verdade, eu tinha a impressão de que ela evitava ser vista comigo, já que sempre fazia isso.

Essa distância me incomodava. Eu queria saber mais sobre ela, conhecer melhor aquela versão descontraída que eu via durante as aulas. Observo seus cachos loiros balançando ao redor do seu ombro conforme ela caminha, e então, meu corpo age antes que minha mente consiga processar.

— Emília! — chamo, antes que ela chegue à porta giratória.

Ela não parece me ouvir e continua andando, saindo da biblioteca logo em seguida, o que me obriga a caminhar mais depressa. Do lado de fora, alcanço seus passos e me coloco à sua frente.

— O que foi? — Ela pergunta, na defensiva — Eu esqueci alguma coisa?

Penso por alguns segundos antes de ter uma ideia, uma desculpa, qualquer coisa que justificasse meu súbito movimento.

— Na verdade, sim. — Abro minha mochila, tirando um dos meus cadernos de anotações de lá e a entregando.

Primeiro ela me encara, depois olha para o caderno com dúvida.

— Mas isso é seu.

— É, eu sei. Mas quero que fique com ele. Não quero que o senhor Finn encha meu saco depois por não ter te ajudado o suficiente. Quer dizer, você já é bem ruim de aprender, então é melhor levar minhas anotações para estudar em casa.

Ela me encara, enquanto balança a cabeça.

— Voltou a ser um idiota? — pergunta.

— É um problema para você? Porque funcionamos exatamente desse jeito, Peixinho. — Me aproximo dela, no mesmo segundo, meu coração decide acelerar. — A não ser que esteja entregando os pontos.

— Na verdade, estou aliviada. Prefiro me manter nesse habitat natural — responde, arisca.

— Habitat natural? Fisher, por acaso, está nos comparando com animais?

Ela sorri, de um jeito forçado, enquanto arranca de um jeito nada delicado o caderno de anotações da minha mão.

— Somos predadores, Alex. Eu sei exatamente como você é, assim como você sabe como eu sou, nenhum dos dois vai recuar ou entregar os pontos. Então, por mais que você tente, no fundo, sabe que eu não vou fazer isso. — Seu sorriso cresce. — Na verdade, eu acho que você gosta de receber esse tipo de atenção.

Eu a encaro, realmente fascinado. Que garota inacreditavelmente interessante…

— Na verdade, gosto mais do que deveria.

Como esperado, ela me encara com uma sobrancelha elevada. Era isso aí... Emília Fisher em um empate infinito comigo. Abro um sorriso de lado, sem conseguir me conter, enquanto nos encaramos.

— Sabe… — ergo minha mão, pegando uma mecha dos seus cachos loiros completamente no automático. Eu adorava isso, parecia um vício sentir a textura deles. — Acho que seria legal se, de repente, saíssemos um dia desses. O que você acha? — A pergunta sai de forma impulsiva, mas, caso ela aceite, seria um desafio para mim, e eu não iria reclamar.

Expressões de desconfiança e sarcasmo preenchem seu rosto.

— É, claro. E onde iriamos? Tiro ao alvo?

Trago uma mecha loira até meu nariz, cheirando-a, enquanto rio com sua pergunta. Essa garota me mataria algum dia.

— Pode ser tiro ao alvo, linda. Podemos até tirar um impar ou par para ver quem fica na frente do alvo primeiro, o que você acha? — pergunto, ouvindo-a rir segundos depois.

— Para ter feito essa proposta, deve estar confiante de que ganharia. — Ela se afasta abruptamente. Dou de ombros, tentando não parecer desconcertado com sua atitude.

— Ou, talvez, eu esteja disposto a viver isso de cabeça erguida caso você ganhe.

— Eu te acertaria.

— Sim… você sempre consegue me atingir em cheio — murmuro, então, aumento o tom de voz, voltando meus olhos para ela — E aí, o que acha? — insisto. — Conheço um aqui perto.

Ela balança a cabeça, parecendo se divertir com o rumo daquela conversa.

— Que papo estranho sobre encontro, Alex.

Franzo a testa.

— Encontro? Quem falou em encontro? Não acha que seria estranho pensar em Alex e Emília em um encontro? Seria praticamente o fim do mundo. Estou tentando te proporcionar um pouco de diversão. Parece nunca ter experimentado isso na vida.

— Ah, eu já experimentei diversão, pode acreditar. Só que na minha cabeça isso não funcionaria com você.

Bufo, enfiando minhas mãos no bolso. Essa garota conseguia contornar tudo.

— É só uma saída rápida e inofensiva, Fisher. Além do mais, talvez seja útil para liberar um pouco dessa sua… raiva constante.

Ela cruza os braços, seus fios de cabelos entre eles. Aqueles olhos azul mar me encarando de uma certa distância, completamente na defensiva.

— Sim… talvez eu tenha uma raiva constante. Quer dizer, tenho certeza de que essa manhã você encarou seu olho roxo no espelho antes de vir.

Solto um riso, me lembrando o estado em que meu olho se encontrava, mesmo dias depois do ocorrido.

— É, você é perigosa, eu já entendi… e meu olho também.

— E ainda quer sair comigo? — perguntou.

Por mais que Emília e eu tivéssemos mais farpas para trocar do que qualquer outra coisa, eu ainda me sentia estranhamente seguro para dizer qualquer coisa a ela. Respiro fundo, a encarando.

— Pode parecer estranho, mas gosto de como consegue ser sincera comigo. Geralmente não recebo esse tipo de… tratamento. Seria interessante sair com alguém que me odeia o bastante para me dizer verdades.

Ela balança a cabeça, em confirmação.

— Então, você quer sair comigo porque gosta de me ouvir te insultar?

— Quero sair com você porque, diferente de muita gente, é a única que consegue prender toda a minha atenção enquanto me insulta.

Ela ri, incrédula.

— Você deve ter algum problema, Alex.

— Te busco às 19:00 amanhã? — pergunto, torcendo para que, de alguma maneira, ela diga sim.

— Nem pensar! Cara, eu não quero ser vista com você em uma espécie de encontro, mesmo que negue ser isso.

— Todo mundo quer ser visto comigo, Fisher. Olha para mim. — Passo a mão em meus fios escuros enquanto a encaro.

Ela faz uma cara estranha, a exata expressão que eu sabia que ela ia fazer.

— Eca. — diz, enrugando aquele narizinho perfeito.

— Eca? Seria mais vergonhoso para mim ser visto com você, e, mesmo assim, estou disposto a ignorar esse fato. Já se olhou no espelho?

Uma mentira descarada sobre sua aparência. A verdade, amigos, é que Emília Fisher era infinitamente mais bonita do que qualquer descrição que eu pudesse dar. Claro, meu interesse não estava ligado a isso, mas era impossível não notar cada uma de suas feições.

Ela podia não ter se dado conta disso, já que sempre foi alguém que preferia não ser notada, mas eu tinha percebido, e muito, ao longo dos anos.

— Você é um idiota mesmo, meu Deus! Não consigo me acostumar com isso. — Sorrio com seu desabafo.

— Isso é um sim? — Insisto.

Ela revira os olhos, violentamente.

— Nunca!

Emília me dá as costas, caminhando para longe de mim.

— Nunca diga nunca, Peixinho — falo alto.

— O soco mexeu com sua cabeça. — Ela grita em resposta, virando em minha direção e encarando-me por segundos enquanto andava. Um pequeno sorriso pinta seus lábios, enquanto seus cabelos invadem seu rosto de um jeito estranhamente bonito.

Em segundos, eu estava sentindo tudo de novo. Todo aquele aperto no peito, aquele ar frio na espinha, a frequência cardíaca perigosamente desregulada… droga… eu não podia sentir aquilo por Emília.

Precisava afogar isso, esquecer essa informação. Geralmente, eram nos treinos de basquete que eu conseguia sufocar meus pensamentos, mas não estava mais funcionando como antes. Quanto mais eu tentava não pensar nisso, mais isso consumia minha cabeça.

Eu estava ficando completamente louco.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 9ac}}{2a}$$

Me apoio nos meus próprios joelhos quando ouço o apito do treinador Wells soar pela quadra.

Já haviam se passado duas horas desde o começo do treino e ele não nos deixou fazer pausas, o que, para mim, havia sido bom por um tempo. Eu não conseguia me livrar daquele rosto contornado por fios de cabelos loiros, mas estava com dores o suficiente nos músculos para desejar uma pequena pausa.

— Entrou em alguma briga que não estou sabendo? — Kayden, meu colega de time, e único melhor amigo, pergunta, enquanto encara meu rosto com um sorriso quando o treinador finaliza o treino.

— Não com um cara. — Sorrio ao me lembrar dela.

— A nadadora? De novo, Alex. Meu Deus, você vai virar saco de pancadas daquela menina.

— Que nada. — Dou de ombros e ele me encara, assustado.

— Cara, essa garota te ataca sempre que tem a chance. Primeiro, a bandeja de comida do refeitório, depois, a mochila na sua cabeça, um estojo cheio de canetas… você quer que eu continue? — Pergunta, com sarcasmo.

Era engraçado vê-lo assustado daquele jeito. Kayden e eu tínhamos a mesma altura, estatura corporal e idade. A diferença entre nós era apenas a cor de pele. Kayden era negro, o cabelo raspado, em um corte que ele dizia ser brasileiro, e uma personalidade um pouco mais reservada e menos aventureira.

— Também teve o molho de chave que ela acertou na sua cabeça no dia em que você rabiscou o trabalho dela inteiro e aí foram parar na diretoria. — Lembrou. — Vocês foram obrigados a limpar duas salas depois das aulas. — Ele ri. — Aquilo foi engraçado, pelo menos.

Eu estava rindo, porque era verdade. Emília e eu tínhamos alguns impasses e mais da metade do colégio tinha esse conhecimento.

— Acho que eu mereci daquela vez — respondo, rindo.

— Na verdade, você mereceu todas, Alex. Mas a questão aqui é que fico preocupado com onde essa guerra vai parar.

Caminhamos em direção ao vestiário. Eu estava precisando de um banho frio o mais rápido possível para aliviar a tensão e as dores do meu corpo.

— Não vai acontecer nada, tá legal. — Abro meu armário, pegando minha toalha. — Mas agradeço sua preocupação.

Fecho meu armário, encarando meu amigo logo em seguida. Kayden segura meus ombros, enquanto me encara nos olhos.

— De nada. Quando precisar de mais realidade na sua cara, é só me chamar.

Sorrio para o meu amigo, me lembrando de que na verdade, eu tinha outra pessoa pra fazer isso.




# Alex Campbell

## *Colisão*

*Duas semanas depois*

Emília e eu pareciamos ter realmente encontrado um jeito de conseguir estudar. Quer dizer, pelo menos por um tempo. Durante essa semana, eu havia a ajudado por pelo menos uma hora e meia por dia na biblioteca, o que foi até tranquilo, julgando pelo impasse que tínhamos.

Na verdade, ele ainda estava ali, entre a gente, mas agora era mais como um ímã que insistia em nos unir.

Depois da biblioteca, precisei ir direto para o treino, como praticamente todos os dias, a diferença é que hoje, graças ao bom Deus, era o meu dia de folga da lanchonete. No começo, esse trabalho era algo realmente difícil, mas, depois de um tempo, foi se tornando o que eu precisava, algo diferente do mundo em que eu vivia.

Agora, eu precisava cumprir uma escala, lavar pratos, atender pessoas, e tinha meu próprio dinheiro, que era suado e realmente merecido. A verdade é que eu gosto de trabalhar, nunca imaginei que um dia diria isso, mas é a verdade.

Kayden me achava maluco, mas eu não o julgava, quer dizer, minha família tinha dinheiro para me cobrir com tranquilidade, mas era exatamente esse o problema. Eu não sentia que esse dinheiro era, de fato, meu. É claro que eu tinha uma quantia exuberante trancada em uma poupança para ser usada depois da faculdade, mas, ainda assim, eu não havia me dedicado por ele, trabalhado por ele.

O salário no Joe's era de seiscentos dólares por semana, mas eram os meus seiscentos dólares. Eu havia me esforçado por eles.

Kayden e eu saímos do vestiário depois de duas horas de academia e três de treino e caminhamos em direção à saída. No estacionamento, cada um foi em direção ao seu carro. Ele abre a porta do motorista e me encara antes

de entrar.

— Você não está indo para casa, não é? — pergunta.

Solto uma risada, abrindo a porta da minha caminhonete.

— Não gostei dessa risada, Alex. Tenha amor à sua vida, por favor. — Ele volta a falar. — Não quero procurar outro melhor amigo depois da sua morte.

— Fica tranquilo, Kayden. — Entro no carro, fechando a porta logo em seguida.

Ela estava trabalhando, eu sabia disso porque sempre conferia a escala da semana, e nessa, seu nome estava no dia da minha folga. Encaro o relógio no mini televisor do carro e constato que só faltam dez minutos até o fim do seu turno.

Ligo o carro, saindo do estacionamento logo em seguida. As ruas da cidade já estavam começando a se iluminar conforme a noite chegava. E o céu nublado ameaça uma grande chuva.

Chego ao Joe's antes do que havia planejado, então dou uma volta no quarteirão, até finalmente vê-la sair da lanchonete. Emília atravessa a porta, abrindo um guarda-chuva duvidoso logo em seguida. Ela mexe no telefone por alguns minutos, e eu, aproveitando sua distração, paro o carro ao seu lado.

Quando ela ergue o rosto, abro um sorriso, e vejo seus olhos revirarem em uma velocidade impressionante.

— Entra aí, Peixinho. Te levo em casa.

— Não, obrigada. Não costumo pegar carona com estranhos. — Ela se afasta, caminhando para longe de mim, mas continuo a acompanhar com o carro.

— Vai pegar um resfriado — aviso.

— Eu não ligo.

Solto uma respiração pesada, tentando pensar em formas de convencê-la a entrar no carro. Mas, antes que eu pudesse agir, um trovão ecoa pelo céu e gotas de chuva começam a cair rapidamente. Um vento forte sopra, virando seu guarda-chuva ao avesso, até que ele se quebra e escapa de suas mãos.

— Droga! — resmunga, olhando o objeto voar pelos ares.

Seguro a risada que ameaça explodir da minha garganta e a encaro.

— O convite continua valendo, Fisher. Sei que você gosta de água, mas essa chuva parece que não vai ter um fim tão cedo. — Ergo o queixo

para o céu, extremamente escuro e carregado. — E a sua casa continua longe, não é? — insisto. — Acho que não vai ser tão fácil chamar um Uber.

Emília para de andar, resmungando alguma coisa completamente inaudível, e então me encara. Ela já estava completamente encharcada, seus fios loiros estavam mais escuros pelo contato com a chuva, seus cachos já pesados sobre seus ombros.

Sem dizer nada, abro a porta do passageiro, esperando por ela.

— Anda logo, Emília. Pode me agradecer depois, vou te poupar da humilhação hoje. — Sorrio.

Quando ela finalmente cede e entra no carro, preciso apertar minha mandíbula para não sorrir vitorioso.

Ela bate a porta com força e me encara logo em seguida com… raiva? Ignoro e dou a partida no carro, tentando ir em uma velocidade mínima, com a desculpa da chuva.

— Não vou para casa — murmura. Fico em silêncio, esperando que continue. — Vou para a igreja, hoje é dia de culto.

Olho para ela, surpreso. Não sabia que Emília era cristã.

— E onde fica a sua igreja?

— Vire a próxima direita, é bem no início da rua. — Ela diz, suspirando. Emília se recosta no banco e fecha os olhos, respirando profundamente, como se estivesse tentando se controlar.

— Está tudo bem? — pergunto, e faço a curva que ela orientou, dando de cara com um grande prédio branco com uma placa escrito “Ministério Esperança Viva”.

Ao primeiro olhar, a igreja parece… aconchegante, na verdade. Olho em volta, observando, e como eu ainda não congregava em lugar nenhum, fiquei especialmente interessado em conhecer mais sobre esse ministério… talvez as coisas estivessem prestes a mudar.

Sem me responder, Emília abre a porta do carro, saindo logo em seguida. Não espero nem um segundo antes de ir atrás dela. Olho para as minhas roupas, uma calça jeans e uma blusa, e me convenço de que elas estão adequadas para um culto.

— Onde pensa que vai? — Ela pergunta, me olhando com raiva.

— Vou assistir ao culto com você. A igreja é pública, certo?

— Para com isso. — Ela fala de repente, me deixando confuso.

— Parar com o que exatamente?

— De agir como se fosse meu amigo.

— Mas eu não estou fazendo isso.

— É claro que está. Pensa que não vi seu carro circulando a lanchonete mais cedo?

Ótimo, ela tinha me visto.

— Tá legal, você realmente acabou de cogitar isso? Acha mesmo que eu estaria debaixo dessa chuva, te espionando e esperando que você saísse do Joe's? — Solto uma risada — Dá uma segurada, Fisher. Tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar à toa por aí.

Ela bufa, parecendo irritada e, sem me responder, se vira e entra dentro do templo. Vou atrás dela, cumprimentando a todos que falam comigo e, assim que a encontro em um dos bancos, me sento ao seu lado.

Nos primeiros minutos, a tensão é palpável entre nós, mas, assim que o primeiro louvor começa, me desligo completamente do ambiente. Agora, eu não sou Alex, o garoto prodígio e odiado pela única menina que chama sua atenção. Eu sou Alex, filho e servo, ansiando por um encontro com meu Deus.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

Assim que o culto acaba, me levanto e espero por Emília ao lado do carro. Ela aparece alguns segundos depois, com um sorriso no rosto e conversando com algumas garotas. Ela parecia… leve, como se um peso tivesse acabado de sair de suas costas.

Ela me olha, hesitante, mas acaba vindo em minha direção. Abro a porta do carro para ela, que entra sem reclamar. Dou a volta no veículo, entro e dou partida, começando a dirigir logo em seguida. O silêncio entre nós é constrangedor, e, depois de alguns minutos, não consigo evitar e encaro seu perfil sério.

— A quanto tempo é cristã? — pergunto.

— Alguns meses… ainda estou… em processo.

— Eu também… — confesso. E então, uma ideia surge. — Sabe, como recém-convertido, acho que minha maior dificuldade é ter constância nos devocionais e, você sabe, ser justo e paciente como era Jesus. — Ela solta uma gargalhada, o que me faz rir junto. — O que você acha de separarmos alguns minutos de nossas aulas para ler a Bíblia? Poderíamos estudar juntos.

— Seria bom… eu acho. — Ela concorda e, mais uma vez, o silêncio

se instaura.

— Já pensou sobre o meu convite? — Lanço a pergunta. Eu queria que ela falasse comigo, precisava, na verdade.

Ela cruza os braços antes de responder. Tenho quase certeza de que esse movimento é uma forma que tem de se proteger.

— Já sim. E você sabe a minha resposta. Quer ficar em frente a um alvo? Não precisa, me dê um arco e flecha e eu te acerto sem precisar de um encontro para isso.

— Assim não tem graça, Fisher. — Sorrio, feliz com sua resposta atravessada.

— Você gosta de pôr sua vida em risco.

— Quando é você que ameaça? É claro que sim.

Ela balança a cabeça negativamente por alguns segundos e decide ficar quieta durante o resto do caminho, mesmo quando tento puxar algum assunto. Emília demora a perceber o caminho, mas quando nota, me encara séria.

— Onde exatamente está me levando, Alex?

— Relaxa, Fisher. Eu sei onde você mora.

— Como? — Ela pergunta, surpresa.

— Sei muita coisa sobre você — respondo. — Sua casa é apenas um detalhe.

Provavelmente Emília não sabia, mas Kayden era seu vizinho, o que me fazia conhecer perfeitamente o caminho de sua casa, já que eu estava sempre por perto.

Paro em sua porta alguns minutos depois. Emília suspira e olha para mim, parecendo em dúvida sobre o que fazer agora.

— Acho que deveríamos ser amigos — declaro, sendo sincero.

Ela me encara por um instante antes de começar a rir, uma risada inesperada e genuína que ecoa pelo carro.

— Qual é a graça? — pergunto, franzindo a testa, intrigado com sua reação.

— Eu e você? Amigos? — Ela balança a cabeça. — Alex, que loucura.

— Não faço o seu tipo de amizade?

— Tipo de amizade? E isso existe?

— Se não existe, eu acabei de inventar. — Dou de ombros e ouço sua risada novamente. Era a segunda vez nessa noite.

— Não somos amigos. Dificilmente seremos — diz.

— E por quê?

Ela parece pensar, por tempo demais para o meu gosto, e então solta um suspiro, cruzando os braços enquanto desvia o olhar para a janela.

— Você… — ela hesita, e então respira fundo. — Você seria o meu fim.

Uno minhas sobrancelhas de forma violenta. O que ela queria dizer com isso?

— Acho que não entendi.

— Não é da sua conta, e eu nem deveria te dizer isso, mas… — ela coça a garganta, na tentativa de aliviar algum nervosismo. — Eu tenho Transtorno Explosivo Intermitente, Alex — revela, o que me deixa um pouco surpreso. — Não posso lidar com… — ela gesticula entre nós dois com o dedo indicador. — Isso, ou o que quer que seja, entende? Mesmo que eu esteja melhorando, acho melhor não colocar meu temperamento à prova.

Balanço a cabeça algumas vezes, tentando processar as informações. A verdade é que eu não fazia ideia de quase nada sobre esse transtorno. Tinha apenas ouvido poucas coisas por alto.

— Então você sente… raiva? — Ela revira os olhos.

— É, Alex, eu sinto raiva. — Bufa. — Sinto raiva ao ponto de tremer, agredir fisicamente alguém, querer gritar… — desabafa. — Entre muitas outras coisas. Mas uso medicamentos, e… bom… — ela dá de ombros. — Deus tem me ajudado de formas que nenhum remédio ajudaria, então, dá para dizer que estou vivendo um dia de cada vez.

— Isso é bom… mas não explica o motivo de não podermos ser amigos.

— É exatamente por isso, por essas perguntas, esse… jeito. Você me irrita, Alex. Sei que pode ser brincadeira na maioria das vezes, mas acaba mexendo em algo explosivo em mim, entende?

Balanço a cabeça, tentando entendê-la.

— O que te fez desenvolver isso? É claro, se não for muito invasivo.

— Na verdade, é sim, muito invasivo, se quer saber.

Levanto minhas mãos, fazendo um gesto de rendição. Os minutos seguintes se passam em completo silêncio. Eu quero falar, mas decido deixá-la em paz por pelo menos alguns minutos.

— Eu ainda quero entender o motivo da carona.

Dessa vez, sou eu quem revira os olhos.

— Meu Deus, você é sempre tão chata, querendo saber de tudo. Fisher, eu só queria conversar com você.

Agora ela me encara, como se eu tivesse três cabeças no lugar de uma.

— Tá legal, por que você está agindo desse jeito, Alex?

— De que jeito?

— Desse jeito. — Ela aponta para mim. — Como se estivesse apaixonado, ou algo assim. Desde que aceitei suas aulas, você tem agido diferente. Está sempre por perto, dizendo coisas estranhas como essas, querendo se aproximar de mim, me pedindo para ler a Bíblia com você... — Ela balança a cabeça, nervosa. — Por favor, volte a ser o Alex de antes. Eu não sei lidar com essa versão.

Engulo a seco, sabendo que ela tem razão. A verdade é que estava ficando cada vez mais difícil manter o que nos distanciava. Eu queria ela perto, sorrindo e conversando comigo, sendo uma constante em minha vida.

— Apaixonado? — Franzo minha testa com força. — Fisher, eu definitivamente não estou apaixonado por você.

— Ué, se não for isso, você deve ter alguma dependência emocional em maus tratos.

Solto uma risada, abaixando a cabeça.

— Isso é ridículo — resmungo para mim mesmo.

— Bom, eu também acho. Mas vou continuar acreditando nisso até você conseguir me convencer do contrário.

— Você sempre foi assim? Sempre querendo ter o controle de tudo? Saber o detalhe de cada mínima coisa? — Eu a encaro. — Você me deixa maluco às vezes, sabia?

Ela ri, de forma incrédula, enquanto me encara.

— Bom, bem-vindo à minha vida, Alex. Você me deixa maluca sempre! E agora também quer me confundir. Isso parece te divertir, mas não tem graça, tá legal?

— E o que quer que eu faça? — pergunto, impaciente. — Eu só estou tentando me aproximar de você!

— Então para! Por favor! — Ela grita, me encarando. — Eu odeio tudo o que você me faz pensar, falar, e até mesmo querer! — Emília passa os dedos em seus fios, de forma agressiva. — A gente sempre se odiou, é mais fácil assim. — Ela vira seu rosto em direção à janela.

Balanço a cabeça, entendendo tudo o que ela está sentindo, porque eu sinto as mesmas coisas.

— Eu não consigo te entender. A semanas atrás era você propondo se aproximar. Por que está dando chilique agora?

— Eu odeio você. É só nisso que eu deveria focar. — Ela sussurra, voltando a me encarar novamente.

Se em algum desses últimos dias eu tive dúvidas quanto aos sentimentos de Emília, hoje eu tenho a certeza de que eles são tão confusos quanto os meus. Porém, em outros momentos, tão claros quanto qualquer outra coisa.

— Deveria? — pergunto — Então, não é o que está fazendo?

— Eu odeio você — afirma, porém, sinto que, dessa vez, não é para mim.

— Quer saber? — falo, a encarando — Eu te odeio também, Fisher.

Ela balança a cabeça e, de repente, aquilo havia se tornado um ringue.

— Ótimo! — grita, parecendo satisfeita.

— Muito mais do que isso, na verdade. Você é confusa, dona da razão… eu não aguento nem te olhar por muito tempo!

— Não aguenta me olhar por muito tempo? Alex, eu não aguento nem mesmo te ouvir! Sua arrogância e presunção me irritam ao ponto de eu querer acertar outro soco no seu olho! Você me faz te odiar de propósito!

— Eu te faço me odiar de propósito? Emília, nessa vida nem tudo é sobre você, tá legal? Você definitivamente não é o centro do mundo.

Ela respira fundo por diversas vezes, vejo suas mãos tremerem antes de agarrar sua mochila e arremessar em minha direção, por diversas vezes, enquanto grita de raiva. Não tenho outra reação além de proteger meu rosto de suas mochiladas.

— Eu te odeio! — grita, mais uma vez, enquanto bate a mochila com força em mim.

Com esforço, consigo contê-la, segurando seus braços no lugar, enquanto volto a encará-la.

Ela se debate, irritada com meu aperto em seu braço. Emília está tão brava que vejo seu rosto ganhar um tom avermelhado, enquanto seus cachos loiros se embolam na tentativa de se livrar de mim.

Eu não saberia dizer exatamente em qual segundo eu cogitei fazer isso, mas antes que eu tenha a real noção de minha atitude, avanço contra Emília, colando meus lábios nos dela de forma abrupta e mal pensada.

Nossas respirações se entrelaçam, a explosão dentro do meu peito ficando cada vez mais alta. Consigo sentir meus batimentos cardíacos no ouvido.

Sei que deveria afastá-la de mim, mas, ao invés disso, o que faço é soltar seu pulso, levando minhas mãos até os dois lados do seu rosto, aprofundando o beijo.

Pensar no quanto eu queria aquilo me assustou de formas inimagináveis.

Emília não me afasta, muito menos recua, ela só permanece com seus braços no lugar, enquanto inconscientemente retribui.

Por mais louco que seja, aquilo tinha sido a única coisa capaz de acalmá-la. Emília não estava mais tentando me bater, ou me matar. Seus movimentos estavam paralisados. Aperto meus olhos com força ao me pegar pensando em querer congelar aquele momento para sempre.

Me afasto, segundos depois, quando ouço algo cair no chão. Abro meus olhos para encará-la, e suas expressões seriam até engraçadas se eu não estivesse quase do mesmo jeito. Porém, o prejuízo maior estava dentro do meu peito. Seguro bem acima daquela área, tentando controlar um ataque cardíaco.

Mas o que é isso…

Quando volto meus olhos para Emília, percebo que ela continua com as mesmas expressões. Sua boca ainda entreaberta e seus olhos totalmente arregalados enquanto me encara, assustada.

Abro a boca uma vez, mas não sai nada, então respiro fundo, tentando concentrar minhas palavras.

— Me desculpa, eu…eu não… quer dizer, não era… — gaguejo sem conseguir formar uma frase.

Ela encara a rua à frente do parabrisa, ainda em choque e assustada com o que havia acontecido. Ficamos em um silêncio barulhento, pelo o que parece uma eternidade. Minutos depois, Emília pega sua mochila no chão do carro, e, de forma completamente automática, abre a porta, anda lentamente até a porta da frente de sua casa, tira um molho de chaves do bolso e abre a porta, sumindo da minha visão logo em seguida.

Suspiro alto, batendo no volante algumas vezes, refletindo sobre o quanto aquilo foi… precipitado. Por mais que eu quisesse, e até mesmo que tivesse pensado nela dessa forma por um tempo, não éramos um casal, nem nada do tipo. Eu não tinha o direito de simplesmente beijá-la como se fosse

algo completamente normal.

Aperto minha mandíbula com força enquanto pressiono meu peito. Aquele sentimento ainda estava aqui, ainda doendo, mas de um jeito bom, ainda tentando me consumir.

Fecho meus olhos, jogando minha cabeça no banco do carro, respiro fundo e, instantaneamente, tudo o que havia acabado de acontecer começa a se repetir sem parar em minha cabeça, me fazendo dar voltas infinitas ao redor de todas aquelas sensações.

Passo a mão na boca, lembrando-me de que, alguns minutos atrás, Emília Fisher e eu estávamos nos beijando. Tento não pensar nisso, mas, se tivesse a chance, voltaria atrás para sentir tudo de novo.

Solto uma risada, desacreditado ao constatar aquilo para mim mesmo. A verdade, é que era fácil odiá-la, ou, talvez, fingir esse sentimento, mas… gostar de Emília Fisher ao ponto de não conseguir mais esconder em algum momento?

Aquilo me assustava.

Antes de dar partida, encaro o assento onde Emília estava, e vejo um de seus cadernos de anotações. Penso em bater na sua porta, ou mandar uma mensagem, mas sei que já fiz estragos demais para uma única noite. Então, apenas dirijo para o mais longe que posso.




# Emília Fisher

*Sentimos o que sentimos?*

Assim que fecho a porta da minha casa, me jogo contra a madeira, e encaro um ponto cego na sala de estar. Lidar com meu coração nesse momento era muito mais difícil do que eu imaginava.

A confusão em que Alex me deixou era perturbadora. Meus sentidos estavam mudos, eu estava completamente em choque e consumida.

O que foi aquilo?

Alex Campbell havia… me beijado. E não tinha sido algo qualquer, eu senti algo sendo dito através daquele gesto, mas eu estava consumida demais pelo choque para tentar decifrar toda essa confusão agora.

Levo os dedos lentamente aos meus lábios, lembrando-me da sensação do beijo, de como estávamos mais próximos do que nunca, e da sensação avassaladora e aterrorizante que invadiu meu peito.

Aquilo definitivamente não deveria ter acontecido, era um fato. Mas… tinha acontecido. Eu ainda conseguia sentir. O fato de Alex ter sido meu primeiro beijo era…

— Ai, meu Deus! — constato aquilo, completamente aterrorizado, enquanto tampo a boca.

Pisco algumas vezes, voltando a mim e percebendo que ainda estou na sala de estar. Agarro minha mochila e simplesmente corro o mais rápido que posso em direção ao meu quarto. Por sorte, minha mãe e Emory não estão à vista, facilitando ainda mais minha vida essa noite.

Quando fecho a porta do quarto, jogo minha mochila em algum canto, tiro o casaco pesado e úmido e, em seguida, me deito de barriga para cima na cama, encarando o teto, ainda indignada com o que minha vida havia se tornado.

Como eu deixei ele…

Me viro, enterrando meu rosto no travesseiro e solto um grito tão

raivoso que sinto minha garganta arranhar. Grito por raiva de mim, por raiva de Alex, por perceber que o que eu mesma havia me prometido tinha sido quebrado, e principalmente, porque havia percebido que, se pudesse, eu voltaria cinco minutos no passado para sentir aquilo novamente.

Deus! Ainda tinha o Blue…

Como eu escreveria para ele depois disso? Após sentir o que havia sentido? Culpa e vergonha me corroíam de dentro para fora. Meus sentimentos por Blue não mudariam, eu tinha certeza disso, mas o Alex… era constrangedor admitir para mim mesma que eu…

Como eu me deixei chegar ao ponto de nutrir sentimentos por duas pessoas completamente diferentes? Como eu me permiti trilhar esse caminho?

Pulo da cama, na mesma velocidade em que me joguei nela, e me agacho para alcançar a caixa que eu mantinha ali embaixo com todas as cartas de Blue. Eu precisava provar para mim mesma que o amava o suficiente ao ponto de estar enganada sobre o que eu, talvez, sentisse por Alex.

Pensando nisso, reviro suas cartas, procurando uma das minhas favoritas. Uma em que Blue me disse pela primeira vez que conversar comigo fazia seus dias serem diferentes.

E, por mais que eu leia e releia essa carta diversas vezes, eu não consigo afogar o turbilhão de sentimentos que me atropelam sem pena alguma.

Antes de enlouquecer de vez, puxo o celular do bolso da minha calça e corro meu dedo direto para a lista de chamada. O nome da minha melhor amiga começa a soar em poucos segundos. Sei que está tarde, mas tenho certeza de que Olívia irá atender, ela nunca recusa nenhuma das minhas ligações.

— S.O.S. na linha, no que posso ajudar? — Ela atende, em um tom de brincadeira.

— O Alex me beijou! — falo, quase gritando, como se estivesse prestes a explodir.

Aquela frase sai da minha garganta com tanta força, que na mesma hora sinto um pequeno alívio.

— O quê? — Ela gritou. — Como isso foi acontecer?

Aquela pergunta era ótima, mas, ao mesmo tempo, muito difícil. Como tinha acontecido? Como ele chegou a cogitar uma coisa dessas? Era

como se ele sentisse algo por mim O que era completamente sem nexo, já que eu nunca me senti atraída por ele. Nunca, nunquinha… nem mesmo quando ele cheirava meu cabelo, ou quando me encarava com um daqueles sorrisos… Deus, aquele sorriso…

Nunca mesmo, Emília? — Meu subconsciente questiona.

Balanço minha cabeça, percebendo o rumo catastrófico que minha mente estava me levando.

— Eu não faço ideia, Olívia. Aconteceu, em um piscar de olhos, a boca dele já estava na minha.

Do outro lado da linha, ouço movimentos agitados, como se ela estivesse se levantando, até mesmo mexendo em roupas e abrindo zíperes.

— Quer saber? Fica bem paradinha aí, não quero nem que você respire. Chego aí em vinte minutos. — Ela fica em silêncio, como se estivesse pensando. — Na verdade, até antes. — E então, desliga na minha cara.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

— Ok, mas você bateu nele antes ou depois do beijo? — Minha amiga indaga, com os olhos completamente focados em mim.

Ela havia chegado há quinze minutos, e estava me fazendo contar tudo de forma detalhada, sem me deixar pular nada.

— Claro que foi antes, depois daquilo eu não consegui nem olhar para a cara dele, Ollie.

Ela pôs a mão no queixo, enrugando a testa, como se estivesse pensando na coisa mais importante da vida dela.

— Tá me dizendo que ele te beijou depois de ter apanhado com uma mochila? — perguntou novamente.

— Sim.

— Então, ele é mesmo louco, exatamente como eu havia imaginado. — Ela murmura para si.

— Olívia, quer voltar para o que importa? Para de viajar.

— Tudo bem, mas… o que importa exatamente?

— Como assim, o que importa? Ele me beijou!

— E…?

— E foi errado! Ele não deveria ter feito aquilo.

Ela balança a cabeça, enquanto me encara.

— Se eu não te conhecesse o suficiente, diria que parece mais incomodada com o que você sentiu do que de fato com o que ele fez.

Um riso completamente culposo e trêmulo escapa da minha boca.

— O quê? Você deve estar louca, Ollie. — Balanço a cabeça. — Eu não senti nada, apenas… raiva.

Ela estreita os olhos em minha direção, me deixando completamente inquieta.

— É mesmo? Raiva? — Ela traz seu tronco para perto. — Estranho… eu ainda não ouvi nada sobre sua raiva até agora. — Olívia inclina a cabeça, como se estivesse intrigada com suas próprias palavras.

— Mas que doideira você está sugerindo, Ollie? Que gostei, é isso? Eu não gostei, tá legal? Aquilo foi… — faço um esforço imenso para não lembrar dos detalhes. — Foi… terrível. Sim, terrível!

Ela ri, me deixando ainda mais angustiada.

— Mas eu não sugeri nada. Quem tocou no assunto sobre ter gostado ou não foi você — diz, como se fosse inocente. — Mas cara, que loucura tudo isso. Apesar de tudo, eu nunca imaginaria algo assim acontecendo com vocês, muito menos partindo dele a iniciativa. Quer dizer… vocês se odeiam desde o primário. — Ela lembra.

Começo a roer minhas unhas, um hábito ruim que há muito tempo eu não fazia mais. Porém, sinto que, de hoje para amanhã, não sobrará nem um requisito de unha nos meus dedos. Eu não sentia raiva, estava apenas… confusa.

Eu estava enlouquecendo quanto a absolutamente tudo, e, por mais que eu tentasse me lembrar de todos os momentos que me fizeram odiar Alex, o único que ainda permanecia era o de minutos atrás, quando, por segundos, toda aquela raiva foi posta debaixo de um tapete e esquecida logo em seguida.

— Digamos, hipoteticamente, que, eu tivesse gostado do beijo… o que exatamente eu diria à Blue na próxima carta? — pergunto, tentando ser casual.

Olívia arregala os olhos lentamente.

— AI. MEU. DEUS!

— Não. — Protesto, me arrependendo de minhas palavras.

— É claro que sim!

Balanço a cabeça, freneticamente.

— Impossível. Eu não posso. — Me levanto da cama, completamente inquieta.

— Emy, você gosta do Alex! — Constatou, mais surpresa do que eu.

— Eu amo Blue. Não posso gostar do Alex.

Ela se levanta, segurando meus ombros para me fazer parar de andar de um lado para o outro.

— Você gostou do beijo. Foi equivocado da parte dele? Claro que foi. Mas você não odiou de verdade. Você gosta do Alex.

Mas que… como? Como eu me enfiei nisso? Nesse sentimento maluco? Cresci com um único garoto em meu coração… como até isso o Alex conseguiu estragar?

O sentimento era de me virar do avesso. Completamente maluco, insano…

— Odeio isso — desabafo. — Quero arrancar meu peito fora por simplesmente ter me permitido sentir algo desse tipo, Ollie. O que eu vou fazer?

— Bom, para começar, eu diria que você e o Alex precisam conversar, mas… acho que tive uma ideia melhor.

— Eu aceito, se não for me expor ao ridículo.

— Se encontre com Blue. Escreva para ele dizendo que não quer mais manter esse segredo entre vocês e marque um encontro.

— O quê? Ficou louca? Como que eu vou me encontrar com ele e dizer tudo isso pessoalmente se não criei coragem nem mesmo para escrever?

Ela empurra meus ombros até que eu esteja sentada na cama novamente, com ela à minha frente.

— Pensa. É o único jeito de saber o que você realmente sente por Blue. Se realmente o ama, vai esquecer Alex de forma instantânea. Não vai ser nenhum problema.

Balanço a cabeça.

— Isso é loucura.

— Pode ser que sim, mas talvez seja exatamente o que você precisa para parar de se culpar desse jeito.

Era irritante a maneira com que, às vezes, eu me via sendo convencida pelas maluquices de Olívia. Mas talvez ela tivesse razão. Talvez toda aquela bagunça chegasse ao fim se eu tomasse coragem o suficiente e me encontrasse com Blue.

Sem nem pensar, me levanto e vou em direção a mesa do

computador, completamente convencida pela loucura de Olívia, com uma caneta em mãos e um dos papéis amarelados que costumo usar para escrever a Blue.

Quando chego na metade, enrolando o assunto principal, paro por um instante ao me dar conta de que já faz pelo menos três semanas desde a última carta de Blue. Elas sempre chegavam dois dias depois de as minhas serem enviadas. Ele simplesmente não estava me respondendo, e eu estava tão distraída com essa coisa de aulas extras que nem sequer percebi.

Por que ele não estava me respondendo?

A carta, que antes seria escrita com um tom calmo e carinhoso, aos poucos se tornou uma avalanche de questionamentos. Por que ele ficou em silêncio depois de todos esses anos? Ele desistiu de mim? Conheceu outra pessoa?

Eu queria respostas, e o mais rápido possível. E foi pensando nisso que criei coragem para finalizar aquela carta do único jeito possível, pelo menos, era o único para mim.

***"... Eu realmente queria entender o motivo do seu sumiço, mas quero saber pessoalmente. Como você sabe, amanhã acontece o início do festival de inverno no Lanes Parker, quero que me encontre lá às 20:00. Mais especificamente, na roda gigante. Talvez eu esteja esperando em frente com Ollie, minha melhor amiga, e, como ainda não nos vimos pessoalmente, vou deixar detalhado as roupas que estarei vestindo ao fim desta carta. Mas por favor, Blue, vá.***

***Com carinho, Red."***

Encaro minha assinatura no final, e penso que, se realmente estávamos prestes a finalmente nos ver, queria que ele soubesse meu nome. O meu verdadeiro nome. Então risco a última parte e a substituo.

***"Com carinho, Emília Fischer"***




# Emília Fisher

## *Verdades incertas*

Eu parecia uma louca pelos corredores da escola, encarando com atenção literalmente todos os meninos da minha idade.

No início, quando Blue e eu começamos a trocar cartas, confesso que isso era algo que eu fazia com frequência. No entanto, depois do nosso acordo, passei a controlar melhor essa curiosidade. Mas, agora, era impossível esconder minha ansiedade e, mesmo orando e pedindo o direcionamento de Deus, ainda era difícil descansar completamente e entregar tudo em Suas mãos.

Além disso, depois de escrever aquela carta e colocá-la na caixa de correios ontem, mal consegui pregar os olhos. A situação piorou ainda mais ao vê-la sendo recolhida pelo carteiro. Por morarmos perto, havia uma grande chance de Blue já tê-la recebido, o que tornava meu surto completamente justificável. Afinal, ele poderia estar me observando nesse exato momento.

A verdade é que eu meio que me arrependi de ter colocado meu nome no final daquela carta. Eu havia entregado o que restava de mim. Minha identidade agora não era mais um mistério para Blue; ele sabia quem eu era. Se algum dia criou uma versão idealizada de Red em sua cabeça, o mundo dele provavelmente desabou ao descobrir a realidade. Ao perceber que a garota de quem ele um dia gostou não era nada do que ele esperava.

Ao invés de uma garota confiante, segura, bonita e extremamente popular, Blue receberia uma garota com todas as inseguranças possíveis e que morria de medo do novo. Alguém que não era nada popular.

Neste exato momento, ele poderia estar me encarando completamente decepcionado.

Tiro meus óculos e esfrego os olhos enquanto continuo andando. No entanto, no mesmo instante, esbarro com força em alguém. Rapidamente, coloco os óculos de volta, já me preparando para pedir desculpas… até

perceber que é Alex.

— Cuidado por onde anda, Peixinho.

Me afasto, como se o contato com ele me causasse choque. Preciso controlar a tensão que ameaça sair. Ele não me veria desse jeito, não de novo.

— Eu… quer dizer… — coço a garganta, completamente constrangida. — Tchau. — Me despeço, tentando fugir. Mas, para o meu desespero, Alex começa a me seguir.

Caramba, qual era o problema dele?

— Será que a gente pode conversar? — pergunta, ainda atrás de mim.

Não respondo e continuo meu caminho, desesperada, até minha amiga. Eu nem mesmo sabia onde ela estava, mas precisava encontrá-la, caso contrário, me trancaria no banheiro até ele desistir de falar comigo.

— É sério? Vai agir como alguém de dez anos, Emília? — Ouço sua risada. — Aquele beijo…

Me volto para ele, rapidamente.

— O que você está fazendo? — falo quase em um sussurro, o cortando antes que as pessoas ao nosso redor escutem. — Cala a boca.

— Não até você falar comigo.

— Alex, a gente não tem nada para conversar.

Ele franze a testa, em confusão.

— Não? Nem sobre ontem? Sobre aquele beijo? — questiona, se aproximando.

— Que beijo? Ficou maluco? Não aconteceu nada. — Olho ao redor, completamente angustiada, não queria que as pessoas ouvissem sobre aquilo, não queria ser a menina que havia sido beijada por Alex Campbell. Blue estuda nesse colégio, eu não posso deixar que minha imagem seja declinada desse jeito.

— Eu me desculpei, tá legal? Foi… sem pensar, e acredite, se eu pudesse voltar e nunca fazer aquilo, eu faria.

Eu o queria longe de mim, mas, mesmo assim, ouvir que nunca teria me beijado, se pudesse, me machucou de formas que eu nunca imaginei serem possíveis. Em um piscar de olhos, percebi, finalmente percebi, que a única coisa que Alex seria capaz de sentir por mim era raiva.

— Quer saber, Alex? Eu também queria voltar no tempo, para quando aceitei suas aulas. Talvez eu não estivesse vivendo esse pesadelo com você. Aquele beijo foi definitivamente a pior coisa que você fez comigo.

Por breves segundos, penso ter visto um resquício de decepção em seu rosto, mas ele já havia voltado ao seu normal. Alex não sentia nada por ninguém, muito menos por mim. Nunca por mim. E ele estava certo, talvez eu também devesse sentir isso em relação a ele, não mais ódio ou raiva, apenas… indiferença. Me aproximo.

— Então, por favor, não fale mais sobre algo que nunca aconteceu.

Ele me encara por um tempo, longo demais para o meu gosto, depois balança a cabeça em confirmação.

— Nunca aconteceu, tem razão.

Antes que um dos dois tome a iniciativa de ir embora, minha atenção é puxada para uma figura masculina ao meu lado. Abandono os olhos de Alex e encaro o garoto parado ao meu lado, que me observa atentamente

Ele é mais ou menos do meu tamanho, curvilíneo, loiro, usando um óculos de grau tão forte que cogito se ele realmente enxerga sem eles. Quando ele sorri, demoro alguns segundos para retribuir.

— Então, você é a famosa Emília Fisher? — pergunta ele, com um sorriso curioso nos lábios.

Alex se afasta, nos dá as costas e vai embora. Encaro seus passos por alguns segundos, mas logo volto meus olhos para o garoto.

— Sou sim. E você é…? — Estendo propositalmente a última palavra, torcendo para que ele entenda e se apresente. Sinceramente, eu nem o conheço, mas já me sinto completamente desconfortável com sua abordagem

Antes do garoto ter a chance de responder, reparo na folha com uma das provas da escola em suas mãos. Não me surpreendo, afinal, havíamos chegado ao fim dos testes mensais, então praticamente todo mundo nesse corredor segurava uma daquelas. Mas… quando encaro com mais atenção a caligrafia dele, um pânico toma conta do meu peito.

Quando o encaro novamente, tento afastar o pensamento que se forma na minha mente. Será que ele… talvez ele fosse… meu Deus, quem eu estava tentando enganar? Reconheceria essa letra em qualquer lugar.

Blue está literalmente diante de mim. Me encarando com um sorriso tão grande, bonito e… e então me lembro de que isso não deveria estar acontecendo aqui, em um dos corredores do colégio.

— Você… — aponto em sua direção, parecendo uma idiota. — Você é o…

— Sim, sou eu. — Ele sorri, sem graça. — Não achei que me

reconheceria tão fácil. Quer dizer, acho que a gente nunca se esbarrou pelos corredores... não que eu me lembre, pelo menos. — Ele coça a cabeça, nervoso.

— Hãm... pois é… — coço a garganta. — Eu… quer dizer…

Droga! Eu tinha planejado esse encontro no festival, não aqui. Não desse jeito. Eu não fazia ideia do que dizer a ele agora. E, vendo-o tão sem graça quanto eu pela minha reação, decido adiar essa conversa e seguir com o planejado.

— A gente se vê hoje no festival? — pergunto, abrindo um sorriso para ele.

Blue enruga a testa, talvez confuso ao perceber que eu preferia nos torturar com o silêncio ao invés de acabar com todo o mistério aqui mesmo.

Antes que ele tivesse a chance de responder, começo a me afastar. Queria que ele entendesse o quão importante seria se aparecesse no festival hoje. E parece funcionar, já que ele balança a cabeça.

— Bom, tudo bem. Estarei lá — responde.

Não espero nem mais um segundo antes de sair daquele corredor igual a um trem desgovernado à procura de Olívia.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

Depois de muita procura, encontro Olívia no estacionamento do colégio me esperando. Conto todos os detalhes sobre meu encontro com Blue, descrevo sua aparência com perfeição, compartilhando tantos detalhes que ela associa na hora quem ele é.

O nome dele é Erik Nash, e está em quase todas as matérias de Olívia. Segundo minha amiga, ele é um garoto muito reservado, quase invisível na turma.

Era ele. O meu Blue. Exatamente como eu havia imaginado. Eu estava tão ansiosa… e assustada ao mesmo tempo. Não fazia ideia de qual pergunta faria primeiro. Na verdade, talvez eu devesse ir devagar, já que é tudo novo para ele também.

Após uma longa conversa com Ollie, ela me deixa em casa. Corro direto para o banheiro, tomando um banho demorado. Logo em seguida, escolho uma roupa. Sei que havia falado na carta que estaria com peças específicas para que ele me reconhecesse, mas, como já havíamos nos visto

mais cedo no colégio, decido mudar, escolhendo uma calça um pouco mais justa, um suéter rosa folgado e um par de tênis branco. Seco meus cachos como o habitual, deixando que se arme um pouco. Passo uma maquiagem básica, encaixo meus óculos no rosto e, por fim, me encaro no espelho, completamente satisfeita.

Meia hora depois, Olívia estaciona em frente ao Lenes Parker, o lugar onde está sendo realizado o Festival Anual de Inverno da cidade. E a decoração estava exatamente como a do ano passado.

Milhares de barracas estão montadas de forma estratégica, tão variadas que chego a ficar zonza: comidas típicas, orgânicas, internacionais, gincanas, exposições de artes… também há um enorme palco bem no centro do festival para as atrações, como bandas, peças, concertos de músicas clássicas, e, é claro, não posso deixar de mencionar a enorme roda gigante. Era realmente incrível. Eu simplesmente amava esses festivais.

— Santo Deus… que frio. — Olívia reclama ao meu lado, assim que saímos de seu carro.

Encaro minha amiga com um sorriso, mas ela o retribuiu revirando os olhos.

— Não consegue nem disfarçar a ansiedade, não é? — pergunta.

— Disfarçar? Está brincando? Eu estou prestes a explodir

Caminhamos pelo lugar de braços dados, minutos depois, Ollie para em frente a uma barraca de cachorro-quente. Nos sentamos em uma mesa com cadeiras disponíveis e esperamos. Depois de passar os olhos pelo ambiente, encaro minha amiga.

— Esse lugar está cheio.

— Sim. Parece um formigueiro. — Ela ri. — Mas e você? Já preparou o coração?

— Para falar a verdade, não. Eu fiquei tão ansiosa depois que o encontrei no colégio que não consegui fazer mais nada.

— E o Alex?

— Quem? Não conheço. — brinco, tentando disfarçar o efeito que aquele nome ainda tem sobre mim.

A verdade é que eu ainda não havia superado toda a história com Alex, e pensar nele doía, e muito.

— Engraçadinha. Mas é sério, Emy. Mesmo que esteja feliz por finalmente conhecer Blue, ainda precisa resolver o que aconteceu com Alex.

— Mas eu já resolvi.

— Não mesmo. Dizer para ele esquecer tudo o que aconteceu não é resolver, Emília. É simplesmente fugir. — Joga na minha cara — Não pode fazer isso. Sei que ainda há um pedaço daquilo guardado aí dentro, não pode ignorar, precisa resolver. De verdade.

— Eu não sei o que quer que eu faça, Ollie. Alex é um idiota. Não ama nem a si mesmo. Acha que vou me rastejar atrás dele só para ser ainda mais humilhada? É claro que não. Então, se eu posso escolher entre algo sólido e algo incerto, eu claramente irei escolher o sólido. Nesse caso, Blue.

Ollie balança a cabeça enquanto levanta as mãos em um gesto de rendição.

— Tudo bem. Vou te apoiar no que quiser fazer.

— Obrigada. — Agradeço, convencida de que havia ganhado a discussão.

Comemos nossos lanches enquanto conversamos e observamos as pessoas andando pelo festival. Ollie encontrou algumas amigas do time de líderes, o que foi bom para me distrair da ansiedade, que já me dominava. Quando o horário do encontro se aproxima, Olívia e eu caminhamos até a roda gigante.

Ficamos encantadas com as novas luzes desse ano, porque, sim, todo ano eles conseguiam nos impressionar com o show de cores.

— Tá legal. — Minha amiga começou, aumentando ainda mais minha ansiedade. — Pronta?

— Não. — Aperto os olhos com força. Olívia segura meus ombros com carinho, me forçando a olhar para ela.

— Precisa estar, só faltam seis minutos para o horário combinado. E, como vocês já se conheceram, acho que talvez seja melhor você esperar ele na roda gigante de uma vez. Evitaria o constrangimento do silêncio na minha frente. — Ela ri.

— De qualquer jeito, sei que vai estar rindo daqui de baixo.

— Com toda certeza, mas não vou poder atrapalhar vocês. — Dou um tapa de leve em seu braço. — Ok, mas é sério. Toma aqui. — Ela me entrega o ticket que havíamos comprado na entrada. — Boa viagem, minha amiga Red. — Deixa um beijo em minha bochecha, me vira em direção à roda gigante realmente imensa e me empurra.

Cambaleio em direção a ela e, quando começo a caminhar, não deixo de olhar para trás, em direção à minha amiga. Eu estava em pânico. Meu coração sairia pela boca a qualquer momento.

Depois de mais ou menos cinco minutos na fila, eu finalmente entro na cabine e me sento lá dentro. Analiso minha cabine por longos segundos, suas portas e janelas lacradas de vidro me darão uma ótima visão da cidade quando estivermos lá em cima.

— Senhorita? — O funcionário chama minha atenção, com a porta ainda aberta. — Posso fechar ou está esperando alguém? — Encaro o relógio no pulso, constatando que Blue já está sete minutos atrasado. Será que não virá? — A tolerância é de um minuto para iniciarmos o brinquedo, infelizmente, já se passaram trinta segundos.

Abro um sorriso sem graça, prestes a dizer que poderia fechar a porta, quando vejo Blue/Erik do lado de fora, correndo em direção à cabine onde eu estou.

Solto o ar que estava preso na garganta no mesmo segundo, aliviada com sua chegada.

— Me desculpe pelo atraso — diz, agradecendo o funcionário logo em seguida.

Ele entra na cabine, se sentando ao meu lado. As portas são fechadas e, segundos depois, a roda estava se movendo, nos levando para cima.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Dava para ver que ele estava com tanta vergonha quanto eu. Eu precisava acabar com aquilo.

— Morro de medo da altura, mas amo a vista.

Ele enruga a testa, me encarando.

— Você tem medo de altura, mas, mesmo assim, vem na roda gigante? — Ele ri. — Não faz muito sentido.

Estranho um pouco a resposta, afinal, ele já sabia disso e tinha me entendido perfeitamente no último festival, quando trocamos cartas. Mas ignoro, talvez ele tivesse esquecido desse detalhe.

— Bom, vale a pena o sacrifício. — Sorrio, nervosa.

Ele balança a cabeça, com os lábios franzidos. Parecia completamente desinteressado, mas também decido ignorar aquilo. Ele só devia estar nervoso, assim como eu.

— Eu…

— Emília, eu…

Falamos ao mesmo tempo, o que nos faz rir..

— Tudo bem, pode falar. — Ele diz.

Na verdade, tudo o que eu queria perguntar parecia ter evaporado

da minha mente. A roda gigante já estava completando sua terceira volta, a quarta seria a última. Em um ato de desespero, faço uma pergunta completamente desinteressante.

— Você veio muito aqui nos últimos cinco anos? Quer dizer, você sabe, durante as cartas…

Ele faz uma cara de confusão, mas responde mesmo assim.

— Bom... sim. Na verdade, Lizzie e eu passamos a vir desde o ano passado, mas, antes dela, eu vinha com meus amigos.

— Lizzie? Quem é Lizzie? — pergunto, enquanto sorrio em completo nervosismo.

— Minha namorada. — diz, e abre um grande sorriso.

Namorada? Mas o que… aquilo havia me deixado ainda mais confusa. Então, decido ir direto ao ponto, deixando meu nervosismo ir para o ralo quando uma dúvida brota em meus pensamentos.

— Desculpe, mas... — hesito por alguns segundos — Você, por acaso, é...?

— Seu novo professor nas aulas extras. — Ele completa ao ver que travei. — Alex me procurou. Ele disse que você precisava de aulas extras e não queria mais ficar com ele. Na verdade, eu nem tinha mais vagas para este ano, mas, como ele sempre foi um cara legal comigo e eu devia um favor a ele… decidi atender ao pedido.

Solto o ar preso em minha garganta, tentando não ficar tão decepcionada com aquela notícia. Não era ele… aquele não era Blue.

— Ah… — tento falar. — Eu… me desculpa, acho que acabei te confundindo com outra pessoa. — Coloco a mão na testa, tentando disfarçar minha vergonha.

— Tudo bem. Realmente foi estranho quando me disse que nos encontraríamos aqui, mas vim assim mesmo. Achei que quisesse conversar sobre o início das aulas.

Eu o encaro por alguns segundos, e então me recosto no banco, enquanto encaro o céu, me sentindo a pessoa mais tapada do mundo.

Deus!

Eu não queria pensar demais, mas isso só poderia significar uma coisa. Blue ainda não tinha lido minha carta. Tento não deixar minha decepção transparecer tanto, afinal, quem havia criado as expectativas tinha sido eu.

Depois da última volta, a porta da nossa cabine é aberta pelo

funcionário. Erik sai primeiro, logo em seguida, o funcionário ergue a mão, mas sou impedida por uma voz que conheço bem, muito bem, na verdade.

— Para onde pensa que vai, Fisher? — Ergo minha cabeça, encarando-o.

Alex estava parado bem ao lado do funcionário, me olhando, enquanto tira mais de cinco tickets do bolso de seu casaco e os entrega ao garoto.

— Quero que me garanta que não vou ter nenhum tipo de incômodo pelo tempo que eu quiser. — Ele diz ao funcionário, mas seus olhos ainda estão fixos em mim.

— O que você está fazendo? Ficou maluco? — Pergunto, sentindo a raiva familiar começar a tomar conta do meu corpo. Tento passar pela porta, mas seu corpo bloqueia a passagem. — Me deixa sair, Alex.

Ele ignora meu pedido, tira de sua carteira algumas notas de cem e entrega ao funcionário, que nos encara como se estivesse assistindo alguma novela.

— Tudo bem. — o garoto finalmente responde, fecha nossa cabine e volta para o controle do brinquedo.

Alex me faz recuar para dentro da cabine novamente, entrando logo em seguida.

— Qual é o seu problema? Eu não vou ficar presa aqui com você. Preciso encontrar alguém mais importante.

Tento me levantar, mas ele segura meu braço.

— Você quer encontrar Blue?

Sinto meu corpo levar um choque quando ouço ele pronunciar aquele nome. Como ele sabe?

— Eu… — gaguejo. — Como você…

Alex se vira para mim, com aqueles malditos olhos castanhos, e sorri de um jeito completamente novo para mim.

— Você acabou de encontrá-lo, Emília. — Ele suspira — Eu sou o Blue.

Encaro Alex por alguns segundos, logo em seguida tento processar suas palavras, ficando completamente imóvel. E então a roda gigante começa a se movimentar, me obrigando a sentar e encarar uma realidade que estava fora de todos os planos que um dia fiz para a minha vida.




# Emília Fisher

*Todas as nossas cartas de amor*

Alex me encara como se esperasse pelo meu surto. E ele está certo sobre essa possibilidade. Minha cabeça parece querer explodir com o que ele acabou de falar, a tensão praticamente grita em meus ouvidos.

— Isso… isso é mentira… eu… — balanço a cabeça em negação. Ele não era Blue. Não poderia ser. — Por que está fazendo isso? — indago, a raiva começando a aflorar. Isso era alguma brincadeira? Algum tipo de pegadinha? — Isso não é divertido, Alex. Não se meta na minha vida assim.

Sem argumentar, ele tira um papel amarelado do bolso e o traz em minha direção. Ele quer que eu pegue o papel, mas não o faço. Estou ocupada demais, orando a Deus e pedindo para que tudo aquilo seja uma grande mentira.

— Pegue — insiste.

— Eu não vou pegar nada! Quero sair daqui. — Ele suspira, apertando a mandíbula.

— É a prova que você precisa para acreditar no que eu estou dizendo.

Encaro seu rosto por alguns segundos e então resolvo ceder, completamente vencida pela curiosidade. Que droga…

Assim que abro o papel, reconheço a caligrafia. É a minha letra, com tudo o que eu havia escrito ontem. Levanto meu rosto em sua direção, completamente transtornada com aquela avalanche de revelações vindo em minha direção sem pena alguma.

Alex era Blue. Esse tempo todo…

— Você pode ter roubado isso de alguém. — Jogo a carta em seu rosto com raiva.

— Eu não fiz isso — nega. — Emília, você manda cartas para a Rua Cove Street, número oito, há exatos cinco anos. Para minha casa. É onde eu

moro — constata, me encarando com uma intensidade absurda.

— Você também pode ter conseguido essa informação. — digo, me negando a acreditar nele.

Alex guarda a carta, me encarando logo em seguida.

— Você tem uma cicatriz na sola do pé direito de quando acidentalmente pisou em um prego durante as férias na casa de praia da Olívia, da época em que os pais dela estavam reformando a casa. — Fico em silêncio, então ele continua. — Você odeia filmes de ação, prefere as séries mais clichês possíveis; não gosta quando gritam com você; tem medo de altura, mas todo ano vem nessa roda gigante pra ver a cidade de cima. — Ele se aproxima. — Se apaixonou por Blue um ano depois de conhecê-lo. — Faz uma pausa. — Você se apaixonou por mim um ano depois de me conhecer.

Tento me convencer de que é tudo uma farsa, mais um jogo de Alex, mas… Ele está bem ali, dizendo todas aquelas coisas que eu só havia contado para uma única pessoa no mundo.

— E eu me apaixonei por Red depois da primeira carta com seu nome — confessou.

— Ok, para! Por favor, Alex. — Me afasto dele. — Eu não quero mais ouvir nada. Preciso respirar, longe de você.

— Sei que pode parecer loucura, mas eu estou tentando ser o mais sincero possível, Emília. Também não quero que pense que escondi isso de você por anos, na verdade, eu só descobri na última noite, quando seu caderno caiu no meu carro, depois que você me atacou com aquela mochila. Eu… desconfiava, na verdade, mas só tive certeza depois que vi sua letra naquelas páginas.

Balanço a cabeça em confusão. Tento me controlar, mas aquilo está caindo sobre mim de um jeito muito mal. Não sou forte para tentar frear as lágrimas que mancham meu rosto. Porque eu estou chorando? Eu nem ao menos consigo sentir raiva, apenas… decepção. Uma profunda e dolorosa decepção.

— Como você pôde esconder isso de mim?

— E o que queria que eu fizesse, Emília? A gente sempre se odiou. Éramos nós. Se eu contasse você provavelmente me odiaria ainda mais.

— Odiaria mais? — sussuro, o ódio evidente em minha voz. — Depois do que me disse? Depois de me beijar e tratar aquilo como se não fosse nada? Mesmo depois de me dizer que voltaria atrás e corrigiria aquilo?

Aquele beijo completamente errado?

— Isso foi depois de você tratar a situação de forma ainda pior, Emília. Eu me desculpava enquanto você queria enterrar tudo o mais rápido possível. Já tentou entender o meu lado? Pensou em como eu fiquei? — diz, completamente frustrado.

Solto uma risada, sem acreditar em suas palavras.

— Em como você ficou? Você tá de brincadeira? — Me volto contra ele — Olhe pra mim, Alex. Eu não consigo acreditar em você, essa história de que descobriu agora não cola pra mim, você sabia! Você escolheu brincar comigo depois de descobrir tudo. Sabia sobre os meus sentimentos, sabia sobre tudo, sobre os malditos cinco anos! E… meu Deus! Você se aproximou de mim, me fez te contar sobre meus problemas, sobre minha saúde e… você já sabia de tudo aquilo. Foi engraçado para você? Me irritar até que eu explodisse?

— Emília…

— Eu não quero escutar. Por favor, só… cala a boca! — Aponto meu dedo em sua direção, sentindo raiva e decepção ao mesmo tempo.

"*Deus… por favor, me dê a paz que excede todo o entendimento… eu preciso dela ou cometerei um homicídio!*", clamo, em pensamento.

Respiro fundo tentando controlar a agitação que se encontra em meu peito.

— Eu não me arrependo de ter te beijado. — Ele diz, o que me irrita ainda mais.

— Cala a boca, Alex.

— Não. Você vai me escutar. — Ele se aproxima e encosta em meu ombro, me virando para encara-lo. — Eu não me arrependo nem um pouco do beijo. Foi algo sem pensar, mas, ainda assim, eu o quis, desejei aquilo. Me desculpa por ter te feito pensar que não foi nada para mim, quando, na verdade, eu simplesmente não consegui dormir naquela noite.

Ele para por um segundo, suspira e, então, continua:

— Eu amei cada parte, cada segundo… acha que eu não queria te contar? Conversar pessoalmente com a garota que rouba meu sono há cinco anos? Saber que a menina anônima era, na verdade, Emília Fisher, meu Peixinho, aquela que eu sempre quis a atenção mas nunca soube como conseguir, foi uma transição de mundo para mim. Era fácil te fazer me odiar, tão fácil que acabou se tornando um vício para mim, até eu me ver completamente atraído pela garota que tinha me dado um soco. — Ele ri. —

Você acha mesmo que eu entrei no Joe 's porque meus pais queriam me punir? — Ele balançou a cabeça. — Eu já estava completamente apaixonado por você muito antes de saber toda a verdade, Emília. Eu estava louco por você muito antes de saber que você era a garota que eu sonhei por cinco anos. E quando eu descobri.. eu… eu me apaixonei ainda mais, mesmo não fazendo o certo, que era te contar a verdade no segundo em que descobri.

Abaixo a cabeça enquanto choro ao ouvi-lo dizer todas aquelas coisas. Tudo parece tão… irreal. Alex, Blue… os dois diziam me amar, os dois estavam aqui, bem na minha frente, confrontando tudo em mim. Mas, ao mesmo tempo, eles não eram a mesma pessoa para mim.

— Eu odeio você — sussurro, chorosa. Mas ele sorri, a essa altura, provavelmente sabia tanto quanto eu que aquilo era uma mentira.

Sinto suas mãos alisarem meus braços de forma totalmente carinhosa.

— Eu sei.

— Você me machucou. — Ele segura meu queixo, levantando meu rosto em sua direção.

Nesse momento, eu nem mesmo me importava com minha aparência. Alex passa seu dedão pelas minhas bochechas para secar meu rosto, em seguida, levanta meu óculos até os posicionar em meus cabelos.

— Sei disso também.

Seus dedos passeiam sobre meu rosto. Alex me encara profundamente por longos segundos, e, segundos depois, se aproxima do meu rosto, deixando um beijo quente e leve em minha bochecha.

— Eu errei, tenho consciência disso. Mas quero que saiba que estou disposto a passar o tempo que for necessário para corrigir tudo.

Respiramos o mesmo ar quando a porta da nossa cabine é aberta, me fazendo cortar nosso contato. Passo a mão de um jeito desajeitado pelo rosto a fim de secá-lo, posiciono meus óculos e me preparo para fugir dali o mais rápido possível, preciso ficar longe dele, preciso pensar em tudo o que aconteceu. Porém, antes que eu consiga, Alex segura minha mão. Dessa vez, de forma suplicante.

Ele tira outro papel do bolso e o coloca em minha palma.

— Quero que leia isso quando estiver pronta para me perdoar. — Ele alisa meu cabelo e me encara com os olhos brilhando. — Eu nunca odiei você, nem sequer um pouco. Quero que registre isso aqui… — ele aponta para o meu coração. — E aqui. — Aponta para minha cabeça.

Pisco algumas vezes, na tentativa de dissipar aquela névoa em meus olhos, e então, finalmente, reúno a coragem necessária e saio dali.

$$X\frac{1}{2} = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

*1 MÊS DEPOIS*

— Nate Archibald é o homem que eu peço a Deus todos os dias em oração. — Minha melhor amiga declara em voz alta enquanto assistimos Gossip Girl pela trilionésima vez, me fazendo rir.

— Sem chances, ele gosta de loiras. — retruco.

Ela fez um biquinho, insatisfeita.

— Nada que uma tinta de cabelo não resolva. — Suspira.

Ollie e eu estamos no meu quarto, jogadas em minha cama. É uma daquelas noites de meninas. Emory tinha ido para casa de uma amiga do colégio e minha mãe estava trancada no quarto trabalhando. Eu amava esses momentos com Ollie.

— É estranho como a gente termina a série e recomeça ela de novo — digo.

— Me recuso a deixar o Nate. Não dá. E eu amo essa série, sério. — Ela gargalha, me fazendo rir junto.

— Eu sei. Ela é realmente ótima. Lembra quando fiz Blue assisti-la? — Relembro.

Ollie me encara com um riso vacilante.

— Estamos prontas para falar sobre ele? — ela pergunta, e é aí que eu me toco de que fazem semanas que eu não menciono aquele nome.

— Não. — Suspiro. — Quer dizer, eu não sei.

Parar e pensar nesse assunto ainda é como um ato de coragem para mim, e eu, nessa história, sou a mocinha covarde. Não me orgulhava de nada, na verdade, estava ainda mais inquieta do que de costume, só não disse nada a ninguém.

Depois do episódio na roda gigante, Alex e eu nos trombamos pelos corredores do colégio e na lanchonete, mas cancelei nossas aulas com uma mensagem de uma única linha. Depois daquele dia no festival, Alex e eu tivemos poucos encontros, porque eu me dediquei a isso.

No trabalho, eu evitava ao máximo os setores onde ele ficava. No

colégio, passei a sair ainda mais cedo do que o normal. Eu não conseguia encará-lo. Não depois de tudo o que havia me dito.

Eu ainda não conseguia conversar com ele. Mas tudo aquilo me resultou em pelo menos um lado positivo. No começo, eu não tinha me dado conta, mas Alex e suas provocações acabaram trabalhando em um lado meu ao qual eu não gostava de lidar. Depois de um tempo, acabei percebendo que toda aquela provocação, na verdade, acabou me ajudando com meu transtorno.

É claro, eu ainda estava em um processo, ainda tinha um caminho a percorrer, mas eu realmente senti algo acontecer em mim contra toda aquela raiva.

— Eu não entendo por que se tortura desse jeito, é sério. — Reviro os olhos com força, estávamos prestes a voltar nessa conversa mais uma vez.

— Eu não estou me torturando, Ollie. Só preciso de um tempo.

— Um mês não foi o suficiente para um perdão? Sério? Jesus ensinou a perdoar, você não acha que deveria colocar isso em prática? O cara está te esperando, Emy. Como consegue dormir sabendo disso?

Ela estava muito enganada sobre isso. Se tinha algo que eu mal conseguia fazer, era dormir, principalmente quando me lembrava dele. Antes que eu tivesse a chance de argumentar, Olívia se levanta, indo em direção à gaveta do meu criado mudo. Eu sabia exatamente o que ela estava retirando dali.

— Faz um mês que ele te entregou isso e até hoje você não teve coragem de abrir. — Ela levanta o papel.

— Só não quero lidar com isso agora, Ollie. É coisa demais para mim, tá legal?

— Quer saber? Isso me decepciona. Eu sei que não deveria me meter, mas não consigo me conformar. Achei que tinha alguém corajosa o suficiente como melhor amiga. Mas parece que me enganei.

— Não é nada disso, você sabe, eu só…

— Você não consegue, Emy. Não consegue perdoá-lo. O que é injusto, depois de tudo o que ele falou, depois dos milhões de pedidos de desculpas… — ela faz uma pausa. — Quer saber, já que não pretende ler, deixa que eu mesma faço isso.

Olívia começa a rasgar o lacre da carta, o que me faz levantar em um pulo da cama e tomá-la de sua mão.

— Ok, eu vou abrir. Satisfeita? — Ela sorri, vitoriosa. — Mas quero que me deixe sozinha. — Vejo sua animação ir embora no mesmo segundo em que termino de pronunciar aquelas palavras.

— Não é justo.

— Se quiser que eu leia, vai ter que sair.

— Tudo bem, tudo bem… estou indo — reclama, mas, um tempo depois, eu estou realmente sozinha.

Encaro a carta em minha mão, sentindo medo de cada palavra que pode estar naquele papel. Olívia não sabe, mas, na verdade, eu já perdoei Alex, o problema é o medo do que eu sinto por ele. O medo de ver um lado de Alex que talvez eu não esteja preparada.

Respiro fundo, me sentando na beirada da cama. Segundos depois, tiro o lacre, abrindo finalmente a carta.

***“ Querida, Emília.***

***Se está lendo isso, é porque provavelmente me perdoou, ou, pelo menos, está pensando nisso. Então, quero usar as primeiras linhas desta carta para te pedir perdão mais uma vez, aproveito para dizer que pedi a um amigo para ser seu novo professor, sei que não vai querer olhar para mim por um tempo e não quero que se prejudique.***

***Escrevo essa carta duas horas depois de descobrir sobre você. Não foi minha intenção, durante a nossa briga no carro, você deixou seu caderno de anotação cair e eu o peguei. Foi assim que descobri, quero deixar claro. O que aconteceu foi obra totalmente do acaso… na verdade, acho que preciso reformular essa frase, desde que te conheci, deixei de acreditar nisso, no acaso. Depois de você, passei a acreditar em um Deus real, um totalmente perfeito.***

***E como não acreditar quando a garota que sempre fui completamente apaixonado veio carregada da essência dEle mesmo quando está na cara que ela luta contra algo?***

***Eu não quero prolongar essa carta, porque eu sei que, se eu tive coragem de entregá-la, é porque antes eu consegui te olhar nos olhos e te dizer sobre os meus sentimentos, sobre eu ser o Blue.***

***Não menti sobre minha personalidade, muito menos sobre como eu me sentia em relação a todos. Eu sou exatamente o que você conheceu durante esses cinco anos, sem tirar nem pôr, a diferença é que apenas você sabe disso. E é exatamente o que faz tudo entre nós ser especial.***

***Se eu tivesse que falar sobre a coisa mais incrível que aconteceu na minha vida, eu com certeza falaria sobre o dia em que trocamos a primeira carta. Quando eu conheci você, a garota dos meus sonhos. Porque você é, essa é a verdade, sempre foi.***

***Então, eu não sei como deixar isso ainda mais claro, mas eu amo você. Eu quero você. Só você. Todos os dias da minha vida. Não importa o que aconteça, cada parte minha continua sendo loucamente apaixonada por cada parte sua, mesmo quando digo te odiar. Mesmo quando você acha que tento te tirar o pior, quando, na verdade, eu só estou disposto a estar perto de você, independente da situação. Independente do que você enfrenta. Fiz isso por anos, e o emprego no Joe's, as aulas de matemática, as cartas trocadas, não foram diferentes.***

***Ainda tenho diversas coisas para aprender, defeitos para corrigir, coisas para viver. Eu sei que tenho, mas espero e desejo, profundamente, que eu viva e aprenda tudo isso com você ao meu lado, porque te ver lutar contra seu antigo eu e se dedicar a se tornar uma cristã exemplar… isso me faz querer não desistir também.***

***Porque metade de mim é amor, e a outra metade também.***

***Metade de mim são pedidos de desculpas, e a outra também.***

***Metade de mim é Emília Fisher, e a outra também.***

***Com amor, Blue… ou Alex.***

***Quem você quiser que eu seja."***

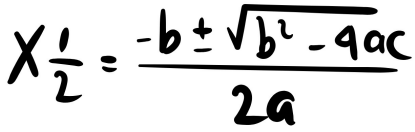
Quando termino a carta, mal consigo enxergar pela enchente que ameaça escapar dos meus olhos. É extremamente louco pensar em Alex Campbell como um garoto capaz de escrever e sentir esse tipo de coisa, ainda mais por mim.

Depois de ler isso, é como se os medos que me impediam tivessem desaparecido por completo. E era exatamente o que eu precisava para me dar conta de que o que eu queria estava bem ali, na minha frente, enquanto eu só adiava por um mês inteiro. Um mês!

Quando Olívia entra no quarto, ela me encara com um mini sorriso. Nem preciso dizer nada, ela já sabe o que estou prestes a fazer.

— O treino dele acaba em quinze minutos. É tempo suficiente para chegarmos lá.

Sem dizer absolutamente nada, começo a trocar de roupa.



Olívia estaciona o carro em frente a Lexington dezessete minutos depois. Encaro minha amiga para, enfim, tomar coragem.

— Vai lá. — Incentiva

— Obrigada.

Saio do carro no mesmo instante, em um nervosismo alarmante. Caminho em direção ao prédio onde fica a quadra de basquete em passos incertos. Meu coração parece trovejar a cada segundo que me aproximo.

A porta é aberta com força, e, logo em seguida, seus amigos de time, ridiculamente altos como ele, saem de lá. Congelo em meu lugar, sem conseguir dar um passo.

Quando Alex finalmente sai por aquela porta, sinto meu coração criar passagem em minha garganta. Tudo em mim treme, mas, dessa vez, é de um jeito bom.

Quando Alex finalmente me nota, parece não acreditar. Ele também permanece congelado no lugar, nossos olhos vidrados um no outro. Respiro fundo, antes de tomar a iniciativa de ir até ele.

Vendo isso, Alex também dá seus passos em minha direção. Caminhamos rumo a um destino totalmente certo. Eu sabia disso, e ele também.

Quando finalmente paramos perto o suficiente um do outro, Alex me encara com receio e, ao mesmo tempo, um tanto de esperança. Troco o peso dos pés algumas vezes antes de criar coragem para falar.

— Oi... — digo, tímida, Alex sorri.

— E aí, Peixinho.

Sorrio com o apelido estúpido e ergo sua carta em minha mão.

— Eu li sua carta — declaro e Alex se aproxima, com um sorriso ainda mais largo.

— Ah, leu? — Balanço a cabeça em confirmação. Eu estou tão nervosa que podia cair dura nesse chão a qualquer momento. — E o que achou?

Fecho os olhos por alguns segundos, completamente perdida em todas aquelas sensações e sentimentos que Alex consegue causar em mim.

— Bom… — abaixo a cabeça, criando coragem o suficiente para

dizer a ele pela primeira vez o que sinto. — Eu quero que saiba que cada parte minha também é apaixonada por cada parte sua. Eu quero isso, quero viver isso, Alex. E talvez eu tenha demorado para me dar conta, mas… — levanto meu rosto, criando coragem de dizer, olhando em seus olhos — Eu realmente quero toda essa loucura com você. — Respiro aliviada, sentindo todas as minhas barreiras serem derrubadas. — Porque, sinceramente, isso tudo entre nós é loucura.

Alex sorri, me encarando profundamente por alguns segundos. Logo em seguida, traz sua mão até a parte de trás do meu pescoço e me puxa de forma delicada até estarmos abraçados. Ouço as batidas do seu coração ao mesmo tempo em que ele cola seus lábios no topo da minha cabeça.

— Que bom, porque é exatamente o que eu quero — sussurra.

Ele nos afasta, procurando pelos meus olhos. Sinto seu carinho em minha bochecha no mesmo segundo em que ele sorri.

— Então esse é o fim das nossas guerras? — pergunta.

Abro um sorriso ainda mais largo do que o dele enquanto nos encaramos, totalmente ligados um ao outro, não só pelo abraço, mas por tudo o que ainda estávamos prestes a viver.

— De jeito nenhum… ainda teremos muitas. Também quero que você continue me dando aulas, preciso do meu professor.

Quando ele cola nossas testas enquanto compartilhamos sorrisos, me dou conta de que metade de mim também havia se tornado Alex Campbell.



# Agradecimentos

Respiro fundo enquanto escrevo essa primeira frase dos agradecimentos, porque só Deus sabe a batalha que foi conseguir entregar essa obra, que, por mais que tenha sido curta, também foi extremamente difícil de escrever.

Emília e Alex surgiram completamente do nada. Eu não tinha história, não tinha roteiro, não tinha absolutamente nada, mas eles conseguiram tomar conta da minha imaginação fértil por exatamente um mês e meio, onde orei, busquei e falei com o Senhor sobre eles.

Então, meu primeiro agradecimento sempre será para Deus, Ele me sustentou até aqui, e continua fazendo isso mesmo quando não mereço, e eu nunca mereço. Obrigada, Jesus!

Também quero agradecer às meninas desse projeto por me incentivarem a continuar, mesmo quando quis parar tudo. Débora, Mayara e Larissa, vocês foram especiais em um nível extremo, quero que saibam que esse conto é de vocês também, obrigada pelas noites mal dormidas, pelas histórias compartilhadas, pelos risos e pelas pessoas que vocês são. Muito obrigada, eu amo vocês!

Agradeço também a Nati, simplesmente por ter estado comigo nesse projeto, além de ser a revisora mais braba, e minha amiga, foi a única beta que eu escolhi e confiei o suficiente para essa história durante o processo de escrita. Obrigada Natália, por jogar na minha cara e pontuar tudo de errado, você é a melhor sim! Amo você!

E por último, mas não menos importante, agradeço a vocês leitores, que chegaram até aqui. Obrigada por lerem minha obra, de verdade. Amo vocês!

Com amor, Letícia Araújo.

# Debaixo do Mesmo Céu

# Debaixo do Mesmo Céu

Larissa Eufrázia

Para aqueles que já se sentiram sozinhos,
o amor de Deus sempre te alcançará
até na mais profunda escuridão,
Ele sempre segurará em suas mãos.




## *A escuridão*

**Dias Atuais**

Hoje se completam 7 anos desde que a minha vida saiu do vale da sombra da morte para um verdadeiro milagre. Costumamos dizer que a vida é mais difícil para uns do que para outros, mas a verdade é que ela é difícil para todos. O que realmente importa é aprendermos a enfrentar as consequências de nossas escolhas, sejam elas boas ou ruins.

**Julho de 2007**

— Dona Zípora, estou em casa! — Meu grito ecoou pela casa enquanto eu jogava a mochila no sofá e corria para a cozinha, sentindo aquele cheirinho bom da típica comida brasileira de vó.

Dona Zípora tinha cabelos ondulados, sempre cortados em camadas até a nuca, unhas feitas e olhos castanhos que contrastavam com sua pele alva. Ela era a senhorinha mais gentil, amável e simpática que eu conhecia — pelo menos, quando gostava da pessoa. Se mãe tem sexto sentido, vó Zípora parecia ter até o décimo, talvez por ter assumido a posição de mãe e avó para mim.

No dia em que meus pais faleceram, ela foi o abraço que me confortou e me mostrou que eu não estava sozinha. Apesar de ser somente uma menina de 10 anos, receber a notícia de que meus pais não voltariam para casa me colocou em um universo solitário. Porém, através do seu cuidado, eu pude me sentir segura.

Logo criamos uma grande amizade e nos tornamos cúmplices das melhores aventuras. Pelo menos foi assim até eu conhecer o Eduardo. Não que nosso relacionamento tenha mudado, mas, sempre que eu mencionava o nome dele, era como se o céu se fechasse e tudo escurecesse.

Quando entro na cozinha, vejo-a cortando pepino e observando as

panelas no fogão ao mesmo tempo. Aproximo-me e dou um beijo em sua bochecha. Como sempre, ela está preocupadíssima com o almoço.

— Já chegou, menina? O almoço está quase pronto, deixa só eu cortar esses pepinos para fazer uma salada!

— Hum, o cheirinho está bom, o que temos para hoje, meu amorzinho? — pergunto, me escorando na pia.

— Bife acebolado, arroz, feijão e salada — responde, sem me dar muita atenção, mas logo para o que está fazendo e me encara com um olhar desconfiado. — Por quê de tanto carinho e esse "meu amorzinho"?

Dona Zípora não gostava de rodeios, então, com um sorriso maroto, fui direto ao ponto.

— Posso assistir um filme com o Eduardo hoje à noite? — Ela bufou.

— Esse Eduardo de novo, Bárbara? — disse, me encarando e, dessa vez, com uma das mãos na cintura. Eu já sabia o que ela iria dizer, mas se eu demorasse para falar e depois citasse o nome do Eduardo, a situação seria bem pior. — Já falei que não gosto de você com esse menino…

— Eu sei, eu sei…, mas é só um cinema. O que tem demais nisso? — respondi, fazendo uma carinha triste para tentar convencê-la, mas só recebo palavras afiadas como resposta.

— Me pergunto Bárbara, o que esse menino tem para você se interessar por ele e achar que ele quer algo sério com você.

— Já disse, vó, é só um cinema. — Insisto, pegando os pratos e copo para arrumar a mesa, tentando aliviar a tensão que esse assunto deixou no ambiente.

Mas ela me chama pelo nome e sobrenome.

— Barbara Peres? — Olho para ela, dando a atenção que ela pediu ao pronunciar meu nome. — De um cinema podem acontecer muitas coisas, mas já conversamos sobre isso e, se você quiser ir, pode ir. A escolha é sua.

Odiava quando ela finalizava a conversa com essa frase: "A escolha é sua". Parecia que ela sabia nitidamente o efeito reflexivo que causava em mim.

Eduardo era meu melhor amigo desde o segundo ano do ensino médio. Digamos que sou uma pessoa de poucos amigos e nunca gostei de me apegar às pessoas que pareciam passageiras em minha vida, mas saía ocasionalmente com colegas para passeios em parques, lanches e também íamos à minha casa para fazer trabalhos.

Dona Zípora sempre tratava a todos com muita cordialidade, mas,

quando estávamos a sós, ela não deixava de fazer um relatório detalhado sobre cada um da minha roda de amigos. Vovó tinha uma percepção afiada e sempre, sempre mesmo, acertava.

Eu não me sentia mal com isso, na verdade, achava até divertido, pois quando ela via algo incomum sempre dizia: “Cuidado com essa garota, de onde ela veio, eu já fui e voltei.”

Eu só sorria, adorava o cuidado que ela sempre tinha comigo, até o dia em que marquei de fazer um trabalho em casa e ela conheceu o Eduardo. Ela o recebeu de forma acolhedora, até preparou um almoço especial para ele, que transcorreu perfeitamente, apesar das inúmeras perguntas de Dona Zípora. Eduardo respondeu a todas com muita educação e desenvoltura, enquanto eu o observava, achando tudo aquilo uma graça.

Eduardo chegou em Venâncio no segundo ano do ensino médio. Ele morava na cidade vizinha com sua mãe, mas resolveu terminar o colégio morando com seu pai, Sr. Luiz, o mecânico. Infelizmente a fama do pai não era boa na cidade, mas Eduardo parecia ser bem diferente.

No seu primeiro dia de aula, ele estava completamente perdido, sem saber onde ficava a sua sala. Me encontrou na biblioteca, meu esconderijo nada secreto, porém silencioso. Costumava chegar cedo para adiantar as leituras dos meus dramas policiais e conversar com Glória, a bibliotecária da escola, que adorava me chamar de Barbie por causa do meu rosto fino, que destacava minhas maçãs do rosto, sempre rosadas, além dos olhos e cabelos ondulados castanhos. Todos diziam que eu era a réplica da minha mãe, e tudo isso combinava perfeitamente com a pele alva, como a de vó Zípora.

Naquele dia, como de costume, eu havia chegado cedo para adiantar minha leitura. Podemos dizer que isso era terapêutico e já havia se tornado um hábito que eu considerava muito bom.

Faltando apenas cinco minutos para a entrada, corri para a sala. Ao me virar em direção ao corredor, esbarrei em um rapaz. Por impulso, dei um passo para trás e ele me puxou pelos ombros para que eu não caísse. Ficamos por alguns segundos tão próximos um do outro que meu coração acelerou, e, por um instante, perdi o ar.

Aquele foi meu primeiro contato com Eduardo, e eu senti meu coração errar as batidas. Eu o ajudei a encontrar sua sala, que era a mesma que a minha e, desse dia em diante, nossa amizade foi crescendo, assim como sua popularidade.

Ele era totalmente o oposto de mim: comunicativo, extrovertido e

fazia piada de tudo, sempre cheio de amigos e amigas. Amava esportes, e seu maior sonho era viajar o mundo com a seleção de futebol de Portobello, a cidade mais populosa, considerada uma metrópole. Portobello era o sonho de todos os jovens, pois possuía as melhores oportunidades.

Eduardo tinha uma beleza única, não muito diferente dos garotos de Venâncio, mas seus olhos caramelos favoreciam seus cabelos castanhos ondulados, que sempre estavam penteados para trás e sua pele corada. Receptivo e educado, era o sonho de todas as meninas, e por um tempo isso nunca me afetou, até porque sempre fazíamos praticamente todos os trabalhos escolares juntos. Porém, no terceiro ano, ele resolveu trocar de dupla e realizou o trabalho com Clara, sobrinha da diretora e recém-chegada na cidade.

Clara, com seus longos cabelos loiros e lisos, olhos esverdeados e pele clara, era bem comunicativa, super inteligente e bem independente. Sempre com suas festas e rolês, nos quais eu nunca estava presente. Foi nesse momento que percebi o quanto Eduardo tinha despertado sentimentos que eu me negava a declarar a alguém.

Mas, passado um mês, nos encontramos na saída da biblioteca devido à minha pressa, por novamente ter perdido o horário devido à leitura na biblioteca.



*— Opa, senhorita. Atrasada como sempre!*

*Ele só poderia estar de brincadeira. Aquele jeito cheio de graça dele passou a me irritar, então dei a volta e, sem emitir nenhum som, segui andando pelo corredor. Até que sinto ele segurar meu braço e, me puxando, diz:*

*— O que está acontecendo? Por que você está diferente, Bárbara?*

*Minha mente estava a mil, e, sinceramente, não queria fazer ele entender o que estava acontecendo porque não queria explicar e admitir todo aquele sentimento, ainda mais percebendo que os gostos dele eram bem parecidos com os de Clara. Mas a resposta à pergunta veio impulsivamente:*

*— Distante? Eu? Sério mesmo que sou eu que estou distante? — Bufei e segui andando, gritando ao mesmo tempo. — Como se você se importasse com essa distância! Esquece, não estou a fim de ficar do lado de*

*fora da sala por sua causa!*

*Quando menos espero, Eduardo segura novamente meu braço, colocando-se à minha frente.*

*— Você vai me dizer o que está acontecendo, não me importa se isso te fizer ficar do lado de fora da escola.*

*Apesar de não querer dar o braço a torcer, eu queria uma explicação, queria estar perto dele.*

*— Vai para alguma festinha depois da aula? — perguntei.*

*— Não, por quê? — Ele arqueou as sobrancelhas.*

*— Então, depois da aula a gente conversa! — Dei as costas para ele, seguindo em direção a sala.*

*Durante a aula, Eduardo me observava, e eu fazia de tudo para evitar que nossos olhares se cruzassem, o que era inevitável, considerando a forma como a professora Lilian arrumava as carteiras. Segundo ela, organizadas em círculo, ela poderia caminhar entre os alunos e criar uma conexão.*

*Após a aula de Geografia, eu corri para o portão. Confesso que não queria conversar, então fugir parecia uma boa opção. Não sei como, mas Eduardo já estava escorado no portão, cumprimentando os amigos que passavam e me avistou de longe.*

*— Oi, donzela, tentando fugir? — disse, com aquele sorriso de canto que, nos últimos dias, não saía da minha mente. — Vamos, te acompanho até em casa. Dona Zípora vai adorar me ver! — Ele sempre se gabava por ser amado por todos.*

*— Não mais! — digo asperamente.*

*Desde o dia que Eduardo se afastou, segundo Dona Zípora, meu temperamento também tinha mudado. Estava áspera, com o semblante fechado e sem minha alegria de sempre. Até então, eu não tinha dito nada a ela, mas um belo dia, quando voltava de sua visita mensal à casa de Dona Flora, sua amiga da hidroginástica, ela avistou Eduardo e sua turma em uma festa no bar do posto da cidade e não gostou do que viu. Ela nunca detalhou o que tinha visto, mas eu sabia que Clara estava na festa. Ela era dona dos "melhores" rolês. E, desde então, Dona Zípora queria ver todos em sua frente, menos Eduardo.*

*— Como assim? O que está acontecendo, Bárbara? — disse, segurando meu braço, fazendo com que eu voltasse minha atenção a ele.*

*— Eu que pergunto, o que está acontecendo, Eduardo? — digo, encarando-o. — Você mudou do dia para a noite depois que a Clara chegou.*

*Eu não sei se rola algo entre vocês e, mesmo assim, não é da minha conta...*

*— Entendi, isso é tudo ciúme.*

*Nesse momento, não consegui conter minhas emoções e soltei todas as palavras sem nem perceber o que dizia.*

*— Ciúme? Você só pode estar brincando comigo. Se você queria viver livremente em festas, bebidas, rolês aleatórios, por que me fez de idiota, acreditando que tudo isso entre nós poderia durar? Que ridícula! Logo eu, que nunca me apeguei, fui sentir falta justamente da pessoa que não merece um pingo dos meus sentimentos…*

*De repente, Eduardo me puxou para perto. Tentei me desvencilhar, mas estávamos tão próximos que podia sentir as batidas aceleradas do meu coração. Quando seus lábios tocaram os meus, foi como se o mundo ao redor se dissolvesse, deixando apenas a intensidade do momento entre nós.*



E assim se iniciou o nosso relacionamento, contra a vontade da Dona Zípora. Foram cinemas, encontros e dates que me renderam muitos sermões. Mas, mal sabia eu que logo descobriria que todos os sermões fariam falta, até porque todos os cuidados de Dona Zípora sempre foram mais sinceros do que todo o amor que entreguei a quem, de fato, não merecia.




## *Solidão*

**Julho de 2007**

Olhava para Eduardo, não acreditando nas palavras que saía de seus lábios. Não reconhecia mais a pessoa que estava à minha frente. Ele me encarou, sentou-se ao meu lado e, segurando uma de minhas mãos, disse:

— Bárbara, não temos condições de sermos pais agora. Temos um futuro pela frente ainda!

Levantei da cama, tirando suas mãos das minhas, e, furiosa, o encarei.

— E você quer que eu faça o quê? Responde! — Dei uma pausa, ainda o encarando, mas, quando ele permaneceu em silêncio, senti a raiva crescer em meu peito. — E mais, quando você contaria sobre a seleção, que iria se mudar?

Ele não respondeu, mas era nítido que não planejava me contar.

— Então era isso? Você só iria embora…

Sou interrompida pelo som do meu celular tocando. Puxei minha bolsa, que estava na mesa de centro, e atendi a ligação. Do outro lado, reconheci a voz ofegante de Dona Flora, que tentava falar.

— Bárbara? — disse ela com dificuldade. — É a sua avó... eu sinto muito!

— O que houve, Dona Flora? — Questionei, sem saber o que tinha acontecido, mas já sentindo um aperto no coração. — O que tem a vó Zípora? Me diga!

— Bárbara, é que... — Ela faz uma pausa. — A sua avó…

Dona Flora explicou detalhadamente o ocorrido, mas de tudo que ela falou, a única coisa que fez meu mundo parar foi ouvir que minha avó tinha sofrido uma parada cardiorrespiratória e não aguentou chegar ao hospital.

Em desespero, andando de um lado para o outro, comecei a gritar no celular:

— Como assim não aguentou? Isso não é verdade! Eu vou ver a

minha avó agora!

Peguei minha bolsa e, trêmula, comecei a caminhar em direção à porta da casa de Eduardo. De longe, ouvi sua voz.

— Bárbara, o que aconteceu? Espera, onde você está indo?

Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo, mas sua voz soava como se estivesse muito distante. Meu mundo estava desmoronando aos poucos, e a única coisa que eu conseguia pensar naquele momento era que precisava ir até o hospital.

No caminho, eu não conseguia prestar atenção em nada ao meu redor. Silenciei tudo e todos, precisava apenas ver minha avó e saber que ela estava bem, que aquilo não passava de um susto.

Entrei no hospital apressada, com um misto de medo e preocupação. Meus passos ecoavam no corredor silencioso. Então avistei Dona Flora e os médicos e corri em sua direção.

— Cadê minha avó? — Meu coração batia descontroladamente.

— Calma, Bárbara, o médico vai lhe explicar...

— Quero ver minha avó, não quero explicação!

Segurei Dona Flora pelos ombros, a impedindo de terminar, não queria ouvir nada. Naquele momento, eu só precisava ver minha avó. Em minha mente, ela estava bem. Ela tinha ficado bem quando eu saí de casa hoje cedo.

— Minha menina, fique calma... — eu neguei com a cabeça, andando de um lado para o outro.

Um dos médicos se aproximou, levando-me educadamente até a cadeira da recepção, enquanto a enfermeira trazia um copo de água.

— Eu não quero água, eu quero vê-la. Eu tenho direito, eu sou neta dela! Ela é a única família que eu tenho!

A última frase soou tão alta que senti minha alma se despedaçar. Sem conseguir controlar, as lágrimas começaram a rolar lentamente. Cobri o rosto com as mãos e senti o abraço de Dona Flora.

Alguns minutos depois, ainda sem acreditar, levaram-me até ela. Quando a vi deitada daquela forma, naquele lugar frio, não consegui sequer chegar perto. Eu não queria lembrar dela assim. Era difícil entender e raciocinar que tudo aquilo estava acontecendo. Em um ato de impulso, saí correndo daquele lugar em direção à saída.

Eu não conseguia respirar. Queria chorar, queria gritar, mas nada saía. Sem saber para onde ir, comecei a caminhar pelas ruas, tentando entender o

que estava acontecendo. Primeiro foram meus pais, depois Eduardo, que simplesmente escolheu não ficar, e agora minha avó. Será que esse era meu destino? Viver sozinha?

Quando me dei conta, já escurecia, e eu estava chegando à praça de Venâncio. Em meio a um ambiente cheio de paz e natureza, tudo o que eu conseguia sentir era uma enorme solidão. Nem com tantas lágrimas aquela dor passava. Como alguém sem rumo, sentei-me embaixo de uma árvore e, com a cabeça baixa, permiti-me chorar. Olhei para o céu, me perguntando se um dia existiria alguém que pudesse preencher esse vazio.

Foi então que escutei o som de um violão. Encolhi-me para que não fosse vista, não queria que ninguém visse meu estado, mas a pessoa começou a cantar uma música:

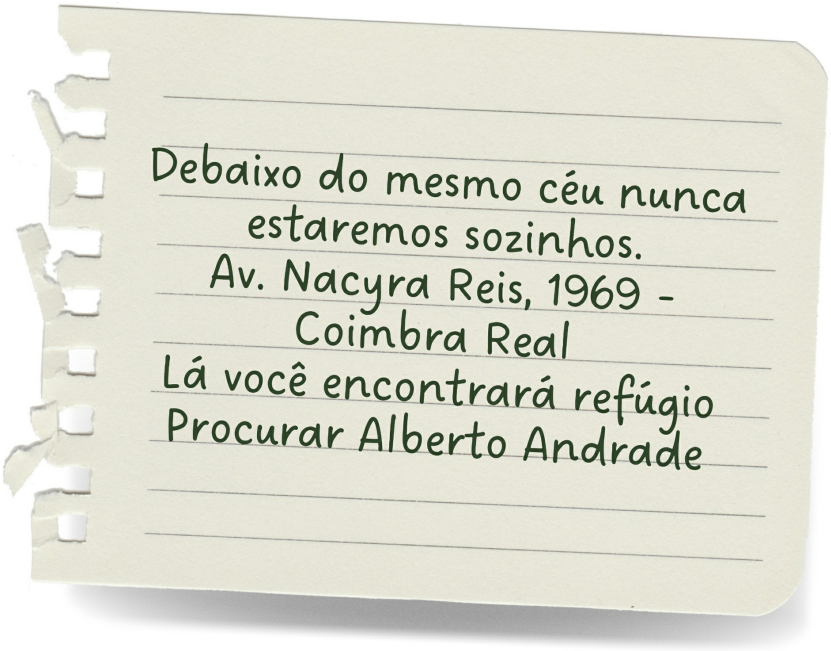
*Eu não conheço você, nem sei tua história*
*Se algum problema te assola agora*
*Fale com Jesus, fale com Jesus*

*Se a escuridão da angústia tomou tua estrada*
*Você faz de tudo, luta e não vê nada*
*Ele é a luz, Ele é a luz*

*Pode pedir que Ele está aqui*
*Pode chorar que Ele vai consolar*
*Ele entende teu pranto e atende, pode acreditar*

*Pode estender suas mãos para o céu*
*Ele é amigo, Ele é justo e fiel*
*Faz o impossível se tornar possível pra te abençoar*
*Só Jesus pra te ajudar*
**(Fale com Jesus - Jó de Souza, cover Shirley Carvalhaes)**

Logo após finalizar a música, eu só conseguia chorar. Entre soluços e lágrimas, um garotinho chegou bem devagar e me entregou um bilhete.




Quem será que mandou o endereço de um dos bairros mais nobres da cidade? Só pode ser pegadinha… e como essa pessoa sabia que eu me sentia sozinha?

Levantei e fui em busca do menino que me entregou o bilhete, mas ele saiu correndo logo após deixá-lo em minhas mãos. Não o vejo em lugar nenhum, e ficou ainda mais difícil procurá-lo com os chuviscos que começaram a cair.

Guardei o papel no bolso e resolvi voltar para casa. Depois daquela música, confesso que me sentia mais aliviada. Mas a dor ainda estava ali e eu só pensava naquela letra falando do nome de Jesus. Soltei um sorriso de lado, desacreditada.

— O que alguém que nunca vi na vida pode fazer por mim? Se Ele existisse mesmo, eu não estaria nessa situação! — Resmunguei em voz alta.

Caminhei com um só objetivo, chegar em casa. Não observava nenhuma paisagem e nem pessoas ao redor, pois tudo que eu queria era ficar sozinha e quieta, com a expectativa de que amanhã tudo isso acabaria, mesmo sabendo que não passaria.

Foi exatamente o que fiz. Cheguei em casa, tomei um banho relaxante, mas não senti fome, então não comi nada. Deitei e esperei que o sono chegasse. Felizmente, ele veio rapidamente. Então eu dormi, desejando desaparecer do mundo ou, quem sabe, que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo e, ao acordar, tudo estivesse como antes.



Naquela noite, não sonhei com nada, foi só um sono de fuga. Acordei ouvindo batidas na porta e, ao abrir, Dona Flora entrou sem pedir licença, falando desesperadamente, minha cabeça doía tanto que eu não conseguia entender nenhuma palavra.

— Dona Flora, a senhora pode, pelo amor de Deus, falar mais devagar, minha cabeça está estourando de dor! — digo, caminhando em direção ao sofá para sentar.

— Menina, o hospital já te ligou diversas vezes, temos que resolver o fúnebre da sua avó. — Ela diz, se sentando ao meu lado no sofá.

— Fúnebre? — perguntei, encarando-a. — Dona Flora, eu nem sei o que isso significa e também não sei onde está meu celular! — Me inclinei, apoiando a cabeça nas mãos. Até a luz do sol estava me incomodando.

— Bárbara? — diz, chamando minha atenção, então levanto a cabeça e lhe encaro. — Eu sei que toda essa situação é muito dolorosa, mas agora você precisa ser forte. Sua avó foi um grande exemplo de força e determinação. Você sempre foi o orgulho dela e sei que será muito mais do que ela foi.

Ela segurou minha mão, e aquele toque era como o da vó Zípora. Tudo me lembrava dela. Como eu poderia achar que seria melhor que ela? Ela se foi, e eu a decepcionei, não seguindo seus conselhos. Ela me avisou tantas vezes.

— Eu não chego nem aos pés dela e talvez eu já tenha deixado de dar orgulho há muito tempo — digo, soltando a mão de Dona Flora e lembrando que ainda carrego um bebê dentro de mim. Me levanto, a encarando. — Como fazemos essa parte de fúnebre?

— Tenho um amigo que pode nos ajudar, ele trabalha em uma funerária, mas precisamos saber o valor de tudo. — Ela abre a bolsa e pega o celular.

— Valor? Meu Deus, Dona Flora, onde vou encontrar dinheiro para esse enterro?

— Calma, menina, sua avó não tinha nada guardado?

— Tem sim — digo, me lembrando do dia em que minha avó abriu uma poupança para mim no último ano do ensino fundamental. Ela dizia que um dia eu precisaria para a faculdade. — Sei como conseguir!

Combinei com dona Flora de me arrumar e lhe encontrar no endereço da funerária do seu amigo.

Vestida com a mesma roupa de ontem, pois foi a primeira que vi no quarto, corri no banco e, como a conta era no meu nome, consegui sacar tudo que tinha e logo cheguei na funerária. Fiz toda a tratativa com a ajuda de Dona Flora e seu amigo e, após assinar os papéis, chegou o momento de dar adeus à única pessoa que eu tinha.

Essa seria nossa última caminhada juntas, e eu sinceramente não queria dar aqueles passos, porque, depois disso, precisaria começar a andar sozinha. Fiquei lembrando dos nossos momentos cozinhando, fazendo compras no supermercado e até arrumando a casa.

Depois daquilo, eu entendi que eu não tinha mais ninguém, estava literalmente sozinha no mundo, e meus dias passaram a ser resumidos em choro. Eu não conseguia andar naquela casa sem me lembrar da minha avó. Em cada cômodo que olhava, me lembrava dela. Tudo que eu queria era voltar no tempo e abraçá-la a cada segundo do dia para mostrar o quanto a amava.




*Lâmpada*

**Setembro de 2007**

— Está indo aonde, mocinho? — Gritou Dona Elô da cozinha assim que me ouviu descendo as escadas.

— Vou ali conversar um pouco com o Pai — respondi, depositando um beijo em sua testa enquanto ela fazia seu delicioso pudim. — Mas não se preocupe, logo estarei de volta para comer essa delícia!

— Cuidado, Driel, o tempo está com cara de chuva!

Dona Elô sempre foi mais do que uma governanta. Com seu uniforme preto, os cabelos castanhos claros sempre presos em um coque impecável e aquela expressão séria, ela parecia impenetrável. Mas, para mim, ela era como uma mãe. Com seu coração de manteiga, foi ela quem cuidou de tudo em casa após o falecimento dos meus pais.

Ao entrar no carro, liguei o som na minha playlist favorita e deixei "Até que a casa esteja cheia", do Rodolfo Abrantes, preencher o ambiente. Para mim, dirigir sem música é como pilotar um avião sem asa. A música me transporta para outra dimensão e, quando é do Senhor, me eleva ainda mais para perto Dele.

No caminho, vim pensando no dia em que fiz minha inscrição para o vestibular. Lembro que coloquei duas opções, direito e medicina. Naquele tempo, eu confesso que não tinha certeza da minha decisão, isso se via pela escolha das duas áreas totalmente diferentes. No fundo, uma parte de mim ansiava pelo direito, mas acabei passando para medicina. Digo sempre que eu não escolhi ser médico, foi Deus quem me escolheu para essa profissão.

O processo acadêmico não foi fácil, pensei em desistir várias vezes, mas, hoje, eu compreendo todos os caminhos que tracei até aqui. O agir de Deus sempre ocorre quando menos esperamos. E por mais que você venha tentar entender, acredite, você não entenderá até que se concretize.

Ouvir o ide de Deus nunca foi algo difícil para mim. Cresci em um lar cristão e sempre tive prazer em servir ao Senhor. Porém, desta vez, foi

diferente. Com meu coração carregado de preocupação pelo meu avô, entender que eu precisava ir tornou-se um desafio.

Sr. Alberto, no auge dos seus 74 anos e com seus cabelos grisalhos, é um homem admirável em sabedoria e conhecimento. Desde os meus 10 anos, quando perdi meus pais em um acidente de carro em uma viagem missionária, passei a viver com meu avô. Ele sempre me fez entender que meus pais finalizaram sua missão, cumprindo com êxito o que lhes foi designado por Deus. O que fez crescer em mim o amor por missões.

Aos 25 anos, já participei de diversas viagens missionárias, sendo a última para Mandonia, onde passei um tempo servindo ao Senhor e anunciando Seu amor. Após dois anos de missão, recebi um recado de Dona Elô sobre a saúde do meu avô. Decidi, então, retornar a Venâncio para cuidar dele de perto, com a intenção de me dedicar exclusivamente à minha família. No entanto, percebo agora que minha missão está apenas começando! Fui chamado para uma obra missionária em Cazibá, uma cidadezinha no interior de outro país.

Quando Deus me direciona a algum lugar, eu não costumo pensar em recusar, mas, dessa vez, meu coração ficou apertado ao pensar em deixar Vô Alberto sozinho novamente.

Então, resolvi conversar com o Pai em um lugar especial. Aqui em Venâncio, há um parque chamado Vale da Luz, um dos meus refúgios favoritos quando estou na cidade. Peguei o violão no banco de trás e segui para um fim de tarde tranquilo. Apenas eu e Deus.

Ao chegar no parque, procuro um lugar para estacionar. Com o violão em mãos, meu bloco de anotações e minha Bíblia, sigo em busca de um cantinho tranquilo.

O parque Vale da Luz é um lugar especial, com um pequeno lago rodeado por árvores que preenchem o ambiente com um ar puro, daqueles que só a natureza pode oferecer. O tempo estava chuvoso e o vento soprava forte, mas encontrei abrigo sob uma das árvores mais escondidas e distantes do parque. Sentei ali, peguei o violão e comecei a dedilhar suavemente suas cordas. Com os olhos fechados e o vento acariciando meu rosto, iniciei uma conversa sincera com Deus.

Logo me vem à mente um hino antigo que meu avô sempre gostou de tocar, então começo a dedilhar e cantar a linda melodia.

Meu avô sempre diz que cantar também é uma forma de ministrar sobre vidas, inclusive sobre a minha, mas não conseguia entender, naquele

momento, o porquê de ter sido impulsionado a cantar aquele hino. Ele não estava relacionado ao meu momento, porém, eu o cantei, obedecendo o direcionamento Dele

Ao finalizar, ouvi gemidos e soluços, e, de canto de olho, percebi que, sob uma árvore próxima à minha, alguém também se abrigava. Pelos longos cabelos caídos sobre os ombros, deduzi que era uma moça. Naquele momento, tudo fez sentido, e compreendi o motivo daquele hino que eu tocava.

Ao me levantar para ir ao encontro da moça, meu celular toca, era dona Elô.

— Oi, Dona Elô, aconteceu algo com o vô? — Atendo, já preocupado.

— Calma, Driel, seu avô está bem, só insiste em lhe ver o quanto antes, pois soube da sua viagem missionária.

— Ok, Dona Elô. Diga a ele que estou indo. Até logo!

Encerrei a ligação e olhei para a árvore onde vi a moça. Ela ainda estava lá. Eu sabia que precisava fazer algo por ela, mas algo me impediu de ir até sua direção. Então, peguei meu bloco de anotações, escrevi um bilhete e pedi para um garotinho que vendia balas no parque entregá-lo. Eu não sabia quem era aquela mulher, mas sabia exatamente quem me pediu para ajudá-la.



Retorno ao local onde estacionei e, guardando minhas coisas, fico pensando na moça sob aquela árvore.

— Que aquele bilhete seja um refúgio no momento de angústia, Senhor! — digo, ao entrar no carro.

Depois de fazer esse pequeno pedido a Deus, sigo para casa, despreocupado com a moça, mas preocupado com meu avô. Primeiro, porque ele não devia saber da viagem naquele momento. Vô Alberto é exigente quanto ao chamado de Deus, e eu sabia que, se ele soubesse, não aceitaria minha decisão de recusar a missão, principalmente se eu dissesse que era para ficar perto dele.

Estaciono o carro, entro em casa e, sabendo exatamente onde encontrá-lo, dou três batidas na porta do seu escritório antes de entrar.

— Estava esperando por você. — Ele me olha de soslaio enquanto me

sento na poltrona à sua frente.

— Diga senhor Alberto, quais são seus conselhos sobre essa missão? — pergunto, já sabendo sobre o que seria a conversa.

Toda vez que eu era escalado para uma nova viagem missionária, meu avô reunia todos os conselhos mais admirados e sábios, e me dava uma verdadeira aula, de no mínimo 4 horas. Isso porque, depois de um tempo, eu ficava com fome e pedia uma trégua, já que, se dependesse dele, duraria muito mais. Eu amava todos os seus conselhos, pois sempre se renovavam e vinham com tanto discernimento que se encaixavam perfeitamente no momento que eu estava vivendo.

— Soube de sua viagem, já orou por essa nova missão?

— Sigo orando, nada confirmado da minha parte ainda. — Eu o encaro, com os olhos cerrados, não quero demonstrar preocupação com essa decisão.

— Já disse e repito: não precisa se preocupar comigo. — Ele tira os óculos. — Posso me cuidar muito bem e tenho Eloise, que sempre está por aqui!

— Não tem nem como esconder uma preocupaçãozinha se quer do senhor…

— Te conheço como a palma da minha mão, menino — diz com um sorriso de lado. — E a Eloise me falou também!

— Entendi… então, ela é sua cúmplice! — Sorri. — Já lhe disse, dessa relação de vocês poderia surgir um grande romance!

— Você me respeite, menino, que Dona Eloise é uma grande amiga e muito profissional — responde sério, enquanto eu gargalho. — Agora, você que deveria estar se preocupando com isso, Adriel, já está passando da idade — diz, se levantando e batendo de leve em meus ombros. — Quero bisnetos, essa casa anda silenciosa demais.

— Muito engraçadinho… o senhor sabe muito bem o que diz Eclesiastes 3:1.

Eu o encaro com um sorriso e o guio até a cadeira para que ele se sente novamente.

— Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. — Juntos, citamos o versículo.

— Muito bem, mas por mim já pode viajar e voltar casado! — Gargalhou alto.

— Sei que a conversa está boa, mas o jantar já está na mesa! —

Somos interrompidos por Dona Elô batendo na porta.

— Já estamos indo, Eloise, muito obrigada! — respondeu vovô e então se voltou mais uma vez para mim. Me aproximei para ajudá-lo a se levantar. — Antes, quero que entenda que não serei pedra de tropeço para que você não faça o Ide de Deus — disse, se apoiando em meu braço. — Eu já estou terminando minha carreira e quase guardando a fé, mas a sua caminhada só está começando, meu menino. Vá em paz, que minha bênção já está sobre você!

— O senhor está mais para impulsionador do que pedra de tropeço — digo, sorrindo e deposito um beijo em sua testa. — Obrigado por ser esse grande exemplo para mim!



**Outubro de 2007**

A vida missionária sempre esteve presente em minha vida. Meus pais tinham o coração em chamas por missões e com muito amor serviram ao Senhor. Levo suas histórias como referência. Desde cedo, aprendi a olhar para todos com o olhar de Jesus, para que soubessem que são amados por um Pai. Afinal, estamos neste mundo com a missão de mostrar que todos são merecedores do amor e da graça de Deus.

Mas toda missão tem seu processo, e todo processo tem suas etapas, com altos e baixos. Existem renúncias a serem feitas para viver um chamado, e, por mais doloroso que seja, sabemos que vale a pena ser fiel.

Arrumando minha mala, olho para as fotos na estante e as lembranças vêm instantaneamente. Em uma delas, estou com meu avô, no dia em que ganhei minha primeira medalha no campeonato de xadrez. A saudade é o que mais pesa na bagagem das viagens missionárias. Às vezes são meses, outras, anos, tudo depende do querer de Deus.

— Esse dia você estava elétrico por conquistar sua primeira medalha — diz Dona Elô ao entrar no quarto, trazendo algumas toalhas. — E seu avô, coruja como sempre, transbordava orgulho ao te ver.

— Tudo isso veio dos meus aprendizados com ele Dona Elô — respondi, pegando o retrato e colocando-o na mala.

— Adriel, sabe que vou cuidar dele, não se preocupe! — Dona Elô senta em minha cama, ao lado da bagagem.

— Eu sei Dona Elô, disso eu não tenho dúvidas… — digo sentando ao seu lado. — Mas mesmo assim meu coração fica apertado, vovô não está mais com idade de dirigir a igreja e a instituição.

O Instituto Ágape é uma organização sem fins lucrativos que meu avô resolveu fundar após a morte dos meus pais. Era o sonho da minha mãe ter um lugar onde pudesse oferecer educação e alimentação às famílias carentes. Hoje, o Instituto beneficia mais de 200 famílias, oferecendo aulas de reforço para crianças, alfabetização e cursos profissionalizantes para jovens e adultos.

— Eu não queria deixar isso tudo somente em suas costas, é muita cobrança — digo, suspirando de preocupação.

Segurando uma de minhas mãos e me olhando com o olhar carinhoso que só Dona Elô tem, ela diz:

— Sei que seu plano era ficar e dirigir todos os negócios e ministérios com seu avô… mas parece que os planos de Deus são diferentes dos seus.

— Verdade, mas depois de tantas viagens, eu orei muito para que dessa vez não fosse. Porém, parece que ainda não terminou. Não estou reclamando, só…

— Só não está confiando no Deus que te mandou ir.

Aquelas palavras acertam em cheio o meu coração, é exatamente isso que eu estou fazendo. Não estou depositando confiança no cuidado de Deus.

— Esqueci que a senhora sempre tem as palavras mais certeiras e afiadas… até mais do que meu avô. — Ao ouvir isso, ela sorri. — Mas não conta pra ele que falei isso. — Abaixo o tom de voz, sussurrando. Dona Elô gargalha.

— Lancem sobre Ele toda a sua ansiedade, porque Ele tem cuidado de vocês. — Ela se levanta, indo em direção a porta

— 1 Pedro 5:7 — respondo em seguida, e ela se vira em minha direção. — Obrigada, Dona Elô. — Agradeço, dando uma piscadela. — Vou depositar a ansiedade em minhas orações.

— Muito bem. Se precisar de ajuda com essa mala, vou estar na cozinha preparando algo para você e seu avô jantarem. Que horas será seu voo amanhã?

— Às 16:30, mas pretendo sair mais cedo, tenho um local para visitar antes — respondo, já imaginando a rota que farei para conseguir passar nesse lugar antes de embarcar.

— Perfeito! — respondeu, já se retirando

— Ah Dona Elô!

— Sim…

— Perdão, tinha esquecido de lhe avisar que talvez alguém possa chegar aqui em casa procurando ajuda — digo, me lembrando da jovem. Não tenho certeza se ela virá, mas oro para que Deus guie seus passos.

— Alguém? — respondeu, semicerrando os olhos e cruzando os braços — Posso saber quem?

— Até poderia, se eu soubesse quem é! — Falei abrindo um largo sorriso e cruzando os braços também

— Menino, você literalmente vive o seu chamado… — ela descruza os braços e coloca uma das mãos na cintura. — Como vou saber quem é, Adriel?

— Dona Elô, a senhora acabou de me dizer para confiar em Deus. — Pego em seus ombros e lhe encaro. — Então, agora lhe digo o mesmo, confie em Deus que Ele lhe mostrará quem é a pessoa!




## *Decisões*

**Outubro de 2007**

Já haviam se passado alguns dias, e tudo o que eu fazia era me trancar no quarto para tentar esquecer tudo o que aconteceu, mas era em vão. Não conseguia comer nada, e minha barriga, aos poucos, começava a crescer. Então, comecei a usar roupas mais largas.

Dona Flora já tinha vindo me ver umas cinco vezes e, nas duas últimas visitas, eu fingi não estar em casa. Sei que sua intenção era boa, mas ninguém conseguiria resolver tudo o que eu estava passando, mesmo que quisesse.

Numa segunda-feira, ouço um carro chegando e, ao olhar pela janela, vejo uma moça trajando um vestido tubinho azul-marinho e saltos Scarpin se aproximando da porta. Corro para abri-la assim que ouço as batidas.

— Olá, bom dia! — diz a moça, assim que me vê.

— Bom dia, em que posso ajudar? — respondo, curiosa.

— Sou Cíntia, tudo bem? — Ela estende o braço para me cumprimentar. Aperto sua mão. — Dona Zípora Cândido se encontra?

— Não — respondo de maneira seca. — Ela… ela faleceu. — Sinto um nó na garganta ao pronunciar as palavras. — Sou Bárbara, a neta dela.

— Sinto muito, Bárbara, não tinha ciência do que tinha acontecido com dona Zípora. Acho melhor eu vir em outro horário.

— Não, não! Pode falar, se eu puder resolver!

— Bom, sou diretora do Banco Fingyn. Será que podemos entrar para eu te explicar melhor? — responde, me encarando. Eu a convido a me acompanhar.

Ao entrarmos, a direciono até a cozinha, o cômodo da casa que eu menos visitava, pois me lembrava demais de dona Zípora. Volto com um copo de água para a moça e, ao nos acomodarmos na sala, ela me explica que, há três anos, minha avó penhorou a casa e vinha pagando as taxas desse

penhor, mas já havia muitas em atraso. Se eu não pagasse, teria que sair da casa em menos de um mês.

Eu não sabia nem o que responder à Cíntia naquele momento, nem conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ela percebeu o estado em que fiquei e tentou me acalmar, perguntando se eu tinha parentes ou amigos próximos que pudessem me ajudar. Mas eu não conseguia falar nada, apenas mexia a cabeça em negativa. Ela segurou minha mão e disse para eu tentar procurar um lugar em um mês.

Um turbilhão de pensamentos começou a tomar conta de mim: primeiro, descubro que estou grávida; no mesmo dia, perco minha avó; e agora, tenho apenas um mês para encontrar um lugar para morar.

Ao me despedir de Cíntia, eu corro para o banheiro e coloco para fora o miojo que almocei, abro o chuveiro e fico ali sentada, querendo que aquelas gotas que escorrem sobre mim levem toda a tristeza e desespero que sinto.

Quando achamos que não pode piorar, a vida vem e escreve com caneta de ouro o gran finale da situação.

Será que só nasci para sofrer?



Amanheceu e eu só me lembrava de ter trocado de roupa e me jogado na cama. O mundo parecia estar caindo ao meu redor e eu não tinha noção do que fazer.

Liguei para Dona Flora e contei a ela sobre a visita de Cíntia. Ela gentilmente me ofereceu seu quartinho, mas eu não pude aceitar. Dona Flora morava com seu esposo, que já estava debilitado, e não tinha muito espaço. Então, ela me aconselhou a tentar encontrar um emprego onde eu pudesse ter uma renda e conseguir um lugar para mim.

Resolvi seguir o conselho de Dona Flora. Me arrumei com uma blusa formal azul, uma calça pantalona social preta, e fui caminhando pelos quarteirões do bairro e pelas ruas do centro da cidade. No entanto, ninguém aceitava uma menina que nem tinha finalizado o ensino médio. E eu não chegava a comentar nada sobre a gravidez, o que tornava a situação ainda mais difícil.

Após percorrer várias ruas e ir de porta em porta perguntar nas lojas sobre possíveis vagas de emprego, chego ao parque da cidade e me assento

em um dos bancos. O céu é lindo no parque Vale da Luz no final da tarde.

Ao redor, observo famílias fazendo piquenique, crianças brincando com seus cachorros e as mães se divertindo junto. Lembrar que, daqui a alguns meses, eu seria mãe… não era isso o que eu imaginava aos 19 anos, e pensar nisso me deixava mais aflita e desesperada. Eu, que sempre sonhei em estudar e ser uma grande professora, agora teria que ser mãe e, sinceramente, não sabia nem por onde começar para exercer essa função.

Ultimamente, eu evitava me olhar no espelho. Não conseguia, e nem queria, imaginar o tamanho que essa barriga ficaria. Por um momento, pensei em dar um fim nisso, mas eu não conseguiria. Minha avó ficaria decepcionada. Levanto e caminho pelo parque, tentando afastar esses pensamentos. Sinto a brisa daquele lugar invadir minha alma por um momento, fecho os olhos e me recordo de alguns dias atrás, quando ouvi alguém cantar uma música.

— Jesus? — pronunciei olhando para o céu. — Se você existe mesmo, poderia pelo menos me mostrar o que fazer, já que você levou todos embora.

Minha avó tinha uma fé inabalável, mas não chegamos a frequentar igrejas, cultos ou missas. Ela falava de Deus e de Jesus Cristo e me contava histórias quando pequena, mas nunca cheguei a me aprofundar no assunto. Era estranho acreditar que existia alguém que você não poderia ver, mas que criou o mundo e que observava tudo o que existia.

O mais estranho era tentar entender por que Ele permitia tanta coisa ruim acontecer. Que Deus é esse que deixa todo mundo morrer e larga alguém sozinha, sem casa para morar? Por que Ele deixou todo esse caos acontecer? Se estava observando tudo, parecia não se importar com meu sofrimento. As pessoas dizem que Ele é o Deus do amor, mas, quando olho ao redor, para o que minha vida se tornou, não consigo ver esse amor.

Volto para casa sem nenhum pingo de esperança e com todos esses questionamentos em mente. Eu não tinha fome e tudo me enjoava, mas tentei comer um sanduíche natural com suco. Olhando ao redor, vi o quanto a casa estava de cabeça para baixo.

— Dona Zípora ficaria furiosa ao ver essa bagunça — digo em voz alta com os olhos cheios de lágrimas prestes a cair. — Melhor limpar isso tudo. — Seco as lágrimas e começo a organizar, indo da sala até os quartos, mas tudo me lembrava ela.

Ao encarar a porta do quarto da vovó, eu não consigo mais segurar

toda a tristeza que havia dentro de mim. Não poderia entrar naquele quarto, não naquele momento. Me sentei em frente à sua porta e, por alguns minutos, me permiti colocar para fora toda a dor que me consumia.

— Por que a senhora teve que ir? A senhora sabia que eu não tinha mãe nem pai… eu nunca tive ninguém, e agora não tenho nem a senhora! — disse, soluçando em choro. — O que eu vou fazer agora? Me diz, o que vai ser de mim agora?

A dor era tão grande que parecia que meu coração ia parar, e eu pedia para que ele parasse mesmo, para nunca mais sentir tudo aquilo. Eu queria arrancar toda a dor e tristeza de dentro de mim e acabar com tudo de uma vez por todas, mas eu só conseguia chorar e chorar.

Depois que as lágrimas cessaram, me levantei, me recompus, e fui ao meu quarto, o local onde atualmente eu mais ficava, já que nem na escola eu conseguia ir.

Logo meu celular toca com algumas mensagens de colegas e professores, mas não queria responder, não tinha o que dizer. Eu ia responder o quê?

— Sente muito? Sente muito pelo quê? — digo, empurrando o celular na cabeceira da cama. — Quem está sentindo essa porcaria toda sou eu! — Me deito na cama e me encolho, acabo adormecendo.



Horas depois, desperto com o barulho de mais mensagens chegando, desligo o celular e, verificando que já havia finalizado toda a limpeza, peguei algumas roupas sujas para lavar.

Dona Zípora fez questão de me ensinar a usar sua preciosa máquina de lavar e lembrar disso já fazia meus olhos lacrimejarem, mesmo assim, fui colocando as roupas peça por peça dentro da máquina, sempre tendo o cuidado de tirar tudo e qualquer papel que ficasse no bolso.

— Já te falei para tirar os papéis do teu bolso Bárbara — digo, imitando a voz da vovó com um leve sorriso. Abraço a última peça de roupa que tenho nas mãos. — Vovó, o que vai ser de mim sem a senhora? Eu estou sozinha agora! Queria pelo menos encontrar uma luz em meio a todo esse caos!

Limpei as lágrimas e conferi a última calça jeans que tinha em mãos.

Não havia nada nos bolsos da frente, mas, ao verificar os bolsos de trás, encontrei um papel. Logo me recordei: era o bilhete do garotinho do parque. Confesso que, ao ter aquele bilhete em mãos novamente, me senti arrepiada, pois lembrei das palavras que ali estavam. Naquele momento, era exatamente o que eu mais precisava: ajuda.

— Será essa a minha luz em meio ao caos?



Passei a noite olhando para o bilhete que deixei na cabeceira da cama. Me intrigava não saber quem tinha me enviado, mas o que mais me assustou foi ver que agora eu precisava mesmo de ajuda. Procurei no Google para ver onde ficava esse lugar e, segundo as pesquisas, era uma mansão enorme.

— Ou está desatualizado, ou de fato estão brincando com a minha cara… — digo em um tom irônico. — Do jeito que está a minha vida, só pode ser a segunda opção! — Continuo encarando o bilhete e refletindo. — Mas e se não for brincadeira? — Levantei e guardei o bilhete na minha bolsa. — Chega! Eu vou dar um jeito, não preciso da ajuda de ninguém!

Me deito na cama para tentar pegar no sono, esse momento é o mais difícil, pois quando o sono não vem, os pensamentos tristes invadem.

E, como uma missão quase impossível, consegui dormir às 4 da manhã. Passei a noite com a mente agitada, tentando pensar em uma solução para encontrar um emprego, imaginando como seria criar uma criança, chorando com saudade da vovó e, ainda com aquele bendito bilhete na cabeça.

Às 08:00, acordo com o despertador que coloquei para sair cedo em busca de alguma vaga de emprego. Após um bom banho, escolho uma blusa polo, uma calça jeans e calço um tênis branco. Procuro ir confortável, pois ando muito cansada, não sei se é por toda essa situação ou pela gravidez em si.

Preparo um sanduíche de presunto e queijo e faço um Nescau gelado para acompanhar. Enquanto me sento à mesa para comer, busco nas redes sociais por vagas de emprego e encontro duas oportunidades que não exigem experiência. Com um pingo de esperança no coração, lavo a louça, pego o celular, coloco na minha bolsa e, com a ajuda do Google Maps, saio em direção aos endereços dos anúncios.

Confesso que fiquei bastante desconfortável ao entrar no local do primeiro anúncio. Apesar de ser um restaurante, também era um bar, e essa informação já me mostrava que haveria mais clientes homens. O horário de funcionamento era de domingo a domingo, das 14h às 22h, com uma folga durante a semana. Como eu não tinha nada para fazer e precisava de dinheiro, me coloquei à disposição para uma entrevista.

Ao sair do bar, havia a outra oportunidade, que ficava no setor Coimbra Real. Era uma instituição contratando uma auxiliar infantil. No anúncio, não havia muitas informações, então segui para o ponto de ônibus em direção ao próximo endereço.

Depois de dois ônibus, cheguei ao Instituto Ágape. Rodeada de muros bem altos e coberta por folhagens que davam um ar elegante, a instituição ficava localizada em um dos bairros mais nobres da nossa cidade. Me direcionei ao portão branco, que também era enorme, e apertei o botão do interfone.

— Bom dia, em que posso ajudar? — Uma voz feminina logo surgiu no interfone.

— Bom dia, sou Bárbara, vim saber mais informações sobre a vaga de auxiliar infantil — respondo com a voz meio trêmula de nervosismo.

— Ok, Bárbara, a vaga já foi preenchida. Mas você pode deixar seu currículo na caixinha ao lado do portão que iremos colocar em nosso banco de dados. — A moça responde e suspiro desacreditada, até porque nem currículo tinha levado.

— Entendi, muito obrigada. — Com uma voz tristonha, respondo.

— Ou também pode nos enviar por e-mail se preferir. Pode anotar? — Um pingo de esperança surge.

— Claro, só um minuto… — abro a minha bolsa para pegar uma caneta e papel. — Pode falar, moça!

Anoto o e-mail, peço que ela repita para não ter erro e agradeço à simpática moça.

Sem sucesso nessa oportunidade, que para mim parecia ser a melhor, fico admirando aquele local lindo e enorme. Ao guardar minha caneta, notei que o papel que utilizei é o bendito bilhete do parque, acabei anotando no verso.

De repente, analiso a mansão ao lado da instituição e leio novamente o endereço do bilhete. E surpresa, olho para a placa que indica o nome da rua e o bairro.

— Só pode ser brincadeira? — Olho pasma para a placa. — Esse é o lugar do bilhete!

Eu estava completamente sem reação, comecei a perder o ar e ficar tonta. Segurando nas paredes para não cair, comecei a escutar, bem distante, alguém dizendo:

— Moça, está tudo bem?

Mas, quando tentei olhar para ver quem era, apaguei.



Ao abrir os olhos, ainda um pouco atordoada, percebo que estou em um quarto com paredes brancas e bege, longas cortinas e um lençol macio e aconchegante. Um susto percorre meu corpo ao perceber que não reconheço o lugar e dou um sobressalto para me levantar.

— Acho melhor continuar deitada. — Ouço uma voz feminina e me viro instantaneamente em sua direção. Vejo uma senhora de coque elegante e roupa formal azul, segurando uma bandeja dourada.

— Onde estou? — pergunto nervosa.

— Calma, filha, sente-se que eu lhe explico. — A voz da senhora transmitia tanta paz que até me senti um pouco mais tranquila. Me sento novamente. — Você desmaiou aqui em frente, por sorte eu estava chegando com as compras e lhe avistei. — Ela deposita a bandeja na cômoda ao lado da cama. — Eu sou Eloísa, mas pode me chamar de Dona Elô. Você está melhor?

Envergonhada, apenas confirmo com a cabeça.

— Eu sou Bárbara, me desculpe o incômodo, não sei o que aconteceu — digo, mas, na verdade, eu sabia que era a gravidez que havia causado isso.

— Tudo bem, mas acho que ainda precisa descansar um pouco e comer algo. — Ela diz com ternura. — Você tem alguém para lhe buscar?

— N-não — gaguejo, temerosa — Mas consigo voltar sozinha, não precisa se incomodar.

— Não é incômodo algum, se recomponha e tome essa sopa com suco — disse, trazendo a bandeja em minha direção, mas de imediato eu nego, não quero dar mais trabalho do que já estou dando.

— Não precisa!

— Olha, precisa sim. — Ela disse em um tom de repreensão. — Para

uma moça bonita como você desmaiar por aí, só pode ser porque não se alimentou bem. Então, coma!

Confesso que realmente estava com muita fome. Não tinha almoçado e havia passado o dia inteiro andando. O pouco dinheiro que tinha era reservado para a passagem de ônibus.

— Obrigada — digo com um sorriso envergonhado.

— Fique à vontade. Logo retorno para ver como você está e se comeu tudo! — A mulher se retira e fecha a porta.

Agradeci pelo alimento; eu não comia tão bem desde que minha avó se foi. Quando Dona Elô retornou, eu já estava me preparando para ir para casa.

— Já terminou, querida? — perguntou.

— Já, sim, estava uma delícia. Muito obrigada! — respondo calçando meu tênis. — Já estou indo!

— Tem certeza de que irá embora sozinha a essa hora da noite? — Ouço a preocupação em seu tom de voz. — Onde você mora?

— No setor oeste, não é tão longe — digo, já me posicionando para ir embora.

— Não é mesmo… — responde ela. — Mas não posso deixar você voltar sozinha nessa escuridão. Seu Alberto jamais me perdoaria!

— Seu Alberto?

— O dono da casa. Ele me pediu para acomodá-la.

— Entendo, mas…

— Mas você pode ir com nosso chofer ou dormir nesse quarto aconchegante e partir para sua casa amanhã. — Uma voz suave, mas firme ao mesmo tempo, me interrompe. Olhei para a porta e vi um senhor alto, vestindo uma camisa branca e calça azul em estilo social, com um largo sorriso no rosto.

— Bárbara, esse é o Seu Alberto de quem lhe falei. — Apresenta Dona Elô. — Seu Alberto, essa é Bárbara

— Prazer, Bárbara. — Ele diz, e ergue a mão para me cumprimentar.

— Prazer, senhor Alberto — respondo sem jeito, apertando sua mão. — Me perdoe pelo incômodo que causei.

— Incômodo nenhum. Você se sente melhor?

— Sim, por isso já estou voltando para casa, como eu dizia à Dona Elô. — Abri um sorriso. — Muito obrigada por todo cuidado!

— Disponha… mas acredito que esteja tarde para uma jovem como

você voltar sozinha para casa — falou, preocupado. — Posso pedir ao Bartolomeu para lhe levar.

— Eu acho melhor não incomodar mais do que já incomodei…

— Não será incômodo! — disse o senhor com a voz mansa e cheia de paz. — Vamos fazer assim, você volta com o nosso chofer Bartolomeu e, enquanto vou falar com ele, a Dona Elô separa sua janta para levar para casa, pode ser? — Sugeriu com um sorriso no rosto.

— Pode sim…. muito obrigada. — Agradeço com um sorriso tímido

— Vamos descendo. Vou separar tudo direitinho na cozinha, vem comigo! — disse Dona Elô, sinalizando para que eu a acompanhasse.

Enquanto seu Alberto vai comunicar ao chofer sobre minha partida, Dona Elô me apresentou um pouco da casa enquanto caminhávamos para cozinha. Eles eram bem receptivos para uma família tão nobre, isso me deixou impressionada. Que coração bondoso do dono em aceitar uma estranha dentro de casa.

— Uau, que lugar enorme. — Eu dizia enquanto descia a escada e admirava cada espaço.

— É mesmo, minha menina, mas essa é somente uma parte dessa casa.

— Existe outra parte ainda? — Ela solta uma risadinha ao ver minha admiração.

— Existe sim. E ao lado temos uma instituição, que também não é nada pequena.

— O seu Alberto também é dono da Instituição Ágape? — pergunto boquiaberta.

— Sim, antes era a casa de sua filha e do seu genro. Mas, depois do falecimento de ambos, ele construiu a Instituição.

— E o que seria a instituição? — perguntei curiosa. — Vi que tem aulas para crianças.

— Isso mesmo, é uma organização social de educação que busca levar educação às crianças, adolescentes e adultos. Aulas de reforço, cursos técnicos e profissionais e até alfabetização. — Fico admirada, não fazia a menor ideia sobre o objetivo lindo dessa instituição.

Chegando na cozinha, Dona Elô começa a organizar toda a comida enquanto continuo admirada com os utensílios dourados, pratos de porcelana e taças lindíssimas.

— Mas me diga, você veio aqui à procura de alguém? — Ela

pergunta. Volto minha atenção para ela.

— N-não não — digo nervosa. — Vim em busca de emprego na instituição

— Que incrível! — Falou radiante — Então, conseguiu?

— Não… a vaga que vi no anúncio já foi preenchida. — A tristeza é evidente em meu tom de voz.

— Entendo… mas você tem experiência em alguma área?

— Não — digo cabisbaixa. — Procuro uma vaga que não precise de experiência.

— Você me parece muito novinha, mas lhe parabenizo pelo esforço. Sua família deve ter orgulho de você.

Não respondo e me viro para observar pela janela o lindo jardim com arbustos bem podados e rosas brancas e vermelhas que a casa possuía. Não poderia chorar ali. Respirei fundo para impedir que as lágrimas caíssem ao lembrar que eu não tinha ninguém pra ter orgulho de mim.

Me viro quando Dona Elô chama minha atenção dizendo que está tudo pronto e logo o chofer chega, um senhor de paletó e gravata.

— Bárbara, esse é Seu Bartolomeu, nosso chofer. — Dona Elô apresentou-o. — Seu Bartolomeu, essa jovem é a Bárbara, o senhor vai acompanhá-la até sua residência. Ela irá lhe mostrar o caminho.

O senhor confirmou com a cabeça, me cumprimentando logo em seguida

— Pode me acompanhar, senhorita — disse Bartolomeu erguendo uma das mãos para que eu me segurasse.

— Obrigada. — Dou um sorriso de lado e aceito sua mão.

Ao chegar na entrada da casa, me lembro novamente que estou no endereço do bilhete. Isso aguça minha curiosidade.

— Muito obrigada Dona Elô, por todo cuidado comigo e, novamente, me perdoe o incômodo. — Eu a abraço, me despedindo.

— Já disse que não foi incômodo. Se cuide, alimente-se bem e, se precisar, estamos aqui. — Completou com tom de preocupação

— Ok — respondo com um sorriso. — Agradeça ao seu Alberto por mim!

Já me distanciando indo em direção ao carro onde Bartolomeu me aguardava, volto impulsivamente para sanar a dúvida que estava me corroendo

— Dona Elô? O seu Alberto costuma cantar?

— Cantar? — Ela olha para mim, semicerrando os olhos. — Não, seu Alberto é pastor, ele só ministra a palavra. Por que a pergunta?

— Nada, era só uma curiosidade boba. — Sorrio, tentando disfarçar a vergonha. — Até mais, Dona Elô — digo me despedindo e correndo para o carro.

Depois de explicar meu endereço ao Seu Bartolomeu, sigo a viagem refletindo sobre tudo o que aconteceu. Como eu pude parar justamente no endereço do bilhete? Eu falei que não precisava de ajuda desse endereço e fui praticamente empurrado pra lá. E como tive a coragem de fazer uma pergunta daquelas para Dona Elô?

— É claro que não seria ele, a voz era diferente Bárbara! — falo com tom de indignação

— Pois não, senhorita? Disse algo? — Perguntou Bartolomeu, curioso

— Não, não era nada Seu Bartolomeu! — respondo sorrindo envergonhada

Chego em casa, agradeço a Seu Bartolomeu e, ao entrar, vou direto para o quarto. Deitando na cama, olho para o teto e suspiro.

— Que dia foi esse?



**Novembro de 2007**

O dia está chuvoso e estou na janela do quarto decidida a esperar para ver o que vai acontecer. Já estou cansada de tentar fazer algo dar certo.

Minha busca por emprego se tornou mais um dos momentos frustrantes que só minha vida proporciona, foram dias e dias andando nas portas de empresas e enviando currículo por e-mail, mas não era aceita em nenhuma vaga. Já tinha se passado um mês e meu prazo para sair de casa tinha acabado. Eu não sabia mais que caminho seguir.

As lágrimas caíam como gotas de chuva e, pelo cansaço de sempre tentar ser forte, eu não queria mais contá-las.

Sentei-me na cama, me encolhi, abracei meus joelhos e as lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto, enquanto soluços sacudiam meu peito. Me curvei, escondendo o rosto, e meu corpo tremia com o choro. Era incontrolável, como se todas as minhas emoções reprimidas finalmente tivessem encontrado uma oportunidade para sair.

Era um choro desesperador. Eu não estava chorando apenas pela perda, mas também pela dor acumulada ao longo desses dias.

Depois de alguns minutos, finalmente consegui controlar as lágrimas. Enxugo o rosto com as mãos e olho em volta, buscando orientação em meu mundo que havia sido virado de cabeça para baixo.

Meu celular toca, e eu tento encontrar minha bolsa para ver quem estaria ligando a essa hora. Avisto a bolsa na cômoda, ao lado da minha cama, e, sem sair do lugar, puxo a alça. Com o movimento, tudo o que está dentro dela cai e se espalha pelo chão, inclusive o celular, que não para de tocar.

— Porcaria! — digo, indignada por ter que me levantar.

Logo pego o celular e vejo que é Dona Flora, que com certeza quer saber se já estou trabalhando. E, como não tenho mais respostas para suas perguntas, não atendo e vou pegando os papéis, canetas e documentos que caíram da bolsa. De repente, me deparo novamente com o bilhete.

— Me nego a ir nesse lugar de novo! — falo, olhando para o pedaço de papel. — Mesmo que tenham sido bem receptivos comigo... — paro, refletindo sobre o quanto foram bondosos enquanto estive lá, mas sou interrompida pelas batidas na porta. Guardando o bilhete na bolsa, desço para verificar quem seria.

— Boa tarde, Bárbara — diz Cíntia, a gerente do banco. Nesse momento, sinto como se meu mundo estivesse realmente prestes a desmoronar.




## *Escolhas*

**Novembro de 2007**

Com o coração apertado, convido Cíntia a entrar. Sentada no sofá, explico que fiz o que pude, mas não consegui arrumar o valor necessário. Antes que ela diga qualquer coisa, peço por mais tempo. Eu estou desesperada, não sei mais o que fazer.

— Sinto muito, Bárbara, eu queria muito poder lhe ajudar, mas infelizmente o banco é rígido com seus prazos — diz ela, me olhando com compaixão, quase pena, e eu odiava esse olhar. — Você não tem nenhuma amiga ou conhecido que possa lhe acolher por um tempo até você ter condições de custear um local para morar?

Balanço a cabeça negando e, no mesmo instante, me recordo de Dona Elô e do bendito papel com aquele endereço.

— Até tenho pessoas que me ofereceram ajuda, mas… — interrompo a frase, levantando-me e caminho até a janela. Olho para fora, tentando organizar os pensamentos, buscando entender por que essa era a única opção que eu tinha e se realmente deveria segui-la.

Estava tudo tão confuso e embaralhado em minha mente que eu não conseguia decidir nada; era como se todas as possibilidades estivessem fora do meu alcance, e eu não enxergasse nenhuma solução para o que estava acontecendo ao meu redor.

— Mas? — Cíntia me tira dos meus pensamentos, esperando uma resposta.

— Eu os conheci por acaso, nunca os vi antes em toda a minha vida. São pessoas agradáveis e gentis, mas… — suspiro profundamente, tentando liberar as emoções que insistiam em ficar presas. No fundo, algo me dizia que aquele bilhete talvez não fosse apenas obra do acaso, mas, ao mesmo tempo, não conseguia evitar a sensação de que era loucura acreditar nisso.

— Bárbara, nada é por acaso. — Cíntia me encara, como se tivesse

ouvindo meus pensamentos. — Existem situações em nossa vida que nos forjam para uma estação melhor. Quem sabe essas pessoas não foram enviadas para lhe ajudar a caminhar nessa nova estação? Você sente que eles são pessoas boas? Como se sente com eles?

— Me sinto... — hesito ao lembrar do momento que estive com eles. Não tinha parado para pensar que, de fato, eu me sentia bem naquela casa. Mesmo não me conhecendo, eles se preocuparam comigo, e a paz que aquele lugar transmitia era diferente. — Bem, eles cuidaram de mim quando eu tive um mal-estar em frente à casa deles.

— Se eles demonstraram ser confiáveis, então por que não dar o braço a torcer e aceitar a ajuda de quem quer cuidar de você? — Ela segura uma de minhas mãos e completa. — Não sei se você acredita em Deus, mas Ele não nos fez super-heróis para enfrentar tudo sozinhos. Às vezes, Ele tira tudo para nos mostrar a direção certa.



As palavras de Cíntia martelavam em minha mente. Talvez ela estivesse certa; eu deveria dar o braço a torcer e aceitar a ajuda que me ofereciam. Eu não tinha mais escolha, nenhuma outra opção além daquela que eu teimava em rejeitar: pedir ajuda ao endereço do bilhete.

Peguei minha bolsa e, deixando meu orgulho de lado, saio debaixo de chuva. Eu me sentia um fracasso por ter que pedir ajuda, principalmente para estranhos, mas tudo apontava para essa decisão.

Gotas de chuva batiam em meu rosto, misturando-se com as lágrimas de desespero. A rua parecia deserta, como se todos tivessem desaparecido. Eu me tremia de frio e de medo, com os cabelos grudados no rosto e os olhos inchados de tanto chorar. Estava pálida e molhada. Com os dedos congelados, toquei a campainha, torcendo para que, ao menos desta vez, tudo desse certo.

— Bárbara? — disse Dona Elô, assustada, ao abrir a porta. — Menina, entre logo! — Completou, me puxando para dentro da casa. — Jucélia traga duas toalhas, depressa! — gritou para a moça que estava na cozinha. — O que houve, Bárbara? Por que está andando nessa chuva?

Ela ergue meu queixo delicadamente, permitindo encontrar meus olhos inchados. Eu não conseguia responder, não conseguia fazer nada.

— Venha comigo, você precisa tirar essa roupa molhada — disse, me levando para a cozinha, onde encontramos a moça vindo com toalhas e um roupão. — Vista isso para se esquentar. Jucélia, prepare um quarto, Bárbara ficará conosco.

Ao ouvir isso, senti meus olhos marejaram e eu não consegui emitir nenhuma palavra. Com delicadeza, Dona Elô me ajuda a vestir o roupão e me guia pela casa, me acomodando cuidadosamente no quarto preparado.

— Dona Elô, também deixei preparadas algumas mudas de roupa — disse Jucélia, deixando as peças dobradas em cima da cama onde eu me encontrava sentada.

— Obrigada Jucélia. — Agradeceu dona Elô. — Finalize o jantar que logo descerei. — E então ela se volta para mim. — Bárbara, tome um banho e se troque. — Ela aponta para o banheiro da suíte. — Você precisa tirar logo essas roupas encharcadas.

Assenti com um breve aceno de cabeça. Dona Elô logo sentou ao meu lado, segurou minhas mãos e me fez encará-la.

— Daqui a pouco eu volto para lhe trazer algo para comer e, se quiser, conversamos — disse, em um tom preocupado, afastando uma mecha de cabelo molhado do meu rosto com carinho. — Não se preocupe, menina. Seja o que for que estiver acontecendo, Deus está no controle de tudo. — Então ela saiu, me deixando sozinha.

Naquele quarto, me vi envolvida pela solidão, eu me sentia sozinha e perdida. Todo esse misto de sentimentos era um peso esmagador que me sufocava, era como se eu estivesse navegando sozinha e perdida no meio do mar. As lágrimas inundavam meu rosto, meus ombros sacudiam com cada soluço. A dor em meu peito era uma pontada que não parava, como se meu coração estivesse sangrando sem cessar.

Quando meus soluços diminuem, seco os olhos, respiro fundo e, pegando as peças de roupa ao meu lado, segui em direção ao banheiro. Debaixo daquele chuveiro, eu me senti afogada em meu próprio desespero, chorei até não ter mais lágrimas.

Ao terminar de me vestir, ouço três batidas na porta e logo vou abrir.

— Oi, minha querida. — Dona Elô sorri, com uma bandeja dourada em mãos. — Trouxe sua janta, você precisa se alimentar! — Ela entra no quarto e coloca o objeto em cima da cômoda, bem ao lado da cama.

— Obrigada, Dona Elô, mas eu não estou com fome.

— Você precisa se esforçar para comer, está mais branca do que as

paredes dessa casa. — Dou um sorriso de canto. Ela segura minha mão e me leva até a cama para sentar. — Eu sei o quanto a vida é difícil. E, pelo visto, desde muito nova você já está percebendo isso, mas tudo passa. Há tempo para tudo debaixo do céu, tempo de chorar e tempo de se alegrar, há tempo de plantar e de colher. Pode as ondas do mar se agitarem, mas Deus sempre nos dará escape.

— Parece que Deus não quer me dar o tempo de se alegrar, muito menos o escape — respondo em um tom áspero.

— Não diga isso, talvez seu caminho até essa casa esteja sendo seu escape — disse com ternura no olhar e eu a encaro, lembrando do bilhete. Às vezes parece que ela sabe de algo. — Agora coma, pois só irei sair daqui quando esse prato estiver limpo. — Completou, dando três batidinhas em minhas mãos.



Despertei cedo no dia seguinte. Naquela noite, eu finalmente consegui dormir em paz, mas, antes de pegar no sono, fiquei refletindo no que Dona Elô me disse. Será que o caminho até essa casa não seria mesmo meu escape?

Dona Elô falava tanto sobre Deus que comecei a me questionar se Ele realmente existia. E, se existisse, por que permitia tanto sofrimento em minha vida? Todos diziam que Ele cuidava, protegia e guardava, mas nada disso fazia sentido para mim. No entanto, uma coisa eu podia afirmar com certeza: aquela casa transmitia uma paz que eu não conseguia explicar. Não era pela riqueza ou pela aparência, havia algo ali que era diferente, algo que tocava minha alma de uma maneira única.

Dona Elô bate na porta, me arrancando de meus pensamentos. Ela pergunta se estou melhor e me convida para tomar o café da manhã.

— Dessa vez, não levei café no quarto para você pois achei que seria melhor você sair um pouco de lá — disse ela, enquanto descíamos as escadas. — E também porque alguém lhe espera para tomar café…

— Alguém?

— Você acha mesmo que eu lhe deixaria tomar café sozinha, senhorita? — Me viro, reconhecendo a voz.

— Olá, Seu Alberto — digo com um sorriso sem jeito.

— Olá, Bárbara, como está se sentindo hoje?

— Bem melhor, agradeço pela preocupação… e pela acomodação também.

— Pode ficar à vontade. — Ele abre um sorriso largo e logo indica a mesa farta à sua frente. — Vamos tomar café?

— Sente-se Bárbara. — Dona Elô me direciona a uma das cadeiras da mesa.

Ao longo do café da manhã, o Sr. Alberto compartilha a história da casa com um sorriso nostálgico. Ele fala sobre como conseguiu conquistar a sua linda casa dos sonhos junto com a falecida esposa, detalhando cada passo da jornada deles, as dificuldades enfrentadas e os momentos felizes que viveram ali.

— Essa é uma das bênçãos que Deus nos deu, mas a maior de todas foi nossa família — diz o Sr. Alberto, com brilho nos olhos. — Mas, me diga, você tem família? — Seu Alberto pergunta e sinto meu coração acelerar. Ele abre um sorriso acolhedor ao notar meu desconforto. — Se não se sentir bem, não precisa responder.

— Não, tudo bem. É só que… — digo, me preparando para contar. — Meus pais faleceram quando eu tinha 10 anos de idade. A minha avó era a única família que eu tinha, mas... — segurando as lágrimas que ameaçavam cair, prossigo. — Ela teve uma parada cardíaca há um mês e... faleceu.

— Eu sinto muito Bárbara, que Deus conforte seu coração. — Sr Alberto diz, com um olhar de compaixão e, antes que eu pudesse agradecer, ele pergunta. — Por acaso, você tem onde ficar?

— Não, não tenho. — Levanto a cabeça e o encaro, as lágrimas começando a escorrer.

— Sabe, Bárbara, eu entendo que essa situação é muito dolorosa. Mas, no futuro, acabamos compreendendo o propósito de Deus para cada acontecimento em nossas vidas. Sei que, muitas vezes, nos sentimos perdidos e tentando entender, mas descanse seu coração. Deus aplaina nossos caminhos, mesmo que, ao longo do percurso, venhamos a cometer erros.

As lágrimas quentes escorreram no meu rosto e eu não consigo controlar. As palavras do Sr. Alberto são como uma faca que vai de encontro a minha alma aflita.

— Mas fique tranquila, pode ficar conosco. — Ele me entrega um lenço de pano. — Foi por isso que veio em busca do emprego na instituição ?

— Sim — respondo, me recompondo — A casa que morávamos foi hipotecada pela minha avó e eu não sabia o que fazer então eu…

Pensei em falar sobre o bilhete, mas não sabia como explicar o que realmente havia acontecido. Às vezes, me perguntava se tudo aquilo era uma simples coincidência ou se eu estava ficando louca, mas decidi guardar para mim. Fiquei com medo do que as pessoas poderiam pensar, afinal, até eu mesma achava tudo aquilo uma grande loucura.

— Eu resolvi pedir ajuda das únicas pessoas bondosas que conheci — digo com um sorriso envergonhado

— Que bom que veio, e é muito bem-vinda. A casa, como já viu, é enorme e cheia de quartos, então será um prazer tê-la conosco. A propósito será uma ótima companhia para nós, a única pessoa mais nova aqui era meu neto, mas ele está em missão, então fique a vontade — diz com seu jeito acolhedor. — Acredito que nesse momento você precisa descansar e depois conversamos sobre trabalho, pode ser?

— Mas quero logo encontrar um emprego para...

— Nesse momento, sua mente só precisa desacelerar. Não se preocupe, somente descanse que o mais o Senhor fará. — Completou sorrindo



O dia passou bem rápido, e posso dizer que fiquei muito feliz em ser útil. Dona Elô coordena toda a casa então, eu pedi a ela para ajudar no que precisasse.

Auxiliei a Jucélia na cozinha cortando as verduras e secando as louças. Ela era muito simpática, sempre uniformizada e possuía uma beleza singela marcada pelos olhos cor de mel.

Também aprendi a montar uma mesa posta com Dona Elô e depois fomos fazer as compras com Bartolomeu, que sempre era prestativo e cordial. Seu Alberto passou o dia em seu escritório e depois saiu para atender algumas pessoas na igreja. Ele de fato amava ser pastor, pelo visto.

No finalzinho da tarde, resolvi dar uma volta no jardim. A casa do Seu Alberto era lindíssima, mas o jardim… com cascata, orquídeas e rosas adornando os canteiros, aquele lugar era um refúgio de paz. Fiquei admirando cada cantinho verde daquele lugar.

— É um ótimo lugar para visitar depois de finalizar mais um dia. — A voz da Dona Elô soa atrás de mim

— Sim, que lugar cheio de… — reflito, buscando a palavra — Paz!

— Às vezes venho aqui para orar. — Ela diz, olhando para o céu. — Por falar nisso, amanhã temos culto na igreja que o senhor Alberto é pastor, você está convidada

— Obrigada. Mas nunca pisei em uma igreja.

— Será bem-vinda para aproveitar essa primeira experiência — diz carinhosamente

— Acho que é melhor eu descansar, mas pode ficar para a próxima.

Naquele momento, eu não estava muito aberta a novas experiências, especialmente quando se tratava de Deus. Não que eu não acreditasse, mas era difícil aceitar a ideia de um Deus bondoso que permitia que coisas ruins acontecessem na vida das pessoas. Se fosse para ser assim, eu preferia viver sozinha.

— O convite ficará sempre aberto para você.

— Obrigada Dona Elô, acho que vou indo dormir. — Agradeço, me despedindo

— Boa noite, Bárbara.

— Boa noite, Dona Elô.



No dia seguinte acordei com uma enorme dor de cabeça e muita dor no corpo, como se vários caminhões tivessem passado por cima de mim. Eu nem conseguia me levantar da cama.

— Bárbara? — Ouço chamarem na porta

— Oi Dona Elô. — Me esforço para conseguir levantar e abrir a porta.

— Menina, o que houve? — diz espantada ao se deparar com meu semblante pálido e fraco. — O que você tem? Por que não me chamou? — Ela me guia até a cama, colocando-me lá com cuidado. — Bárbara, você está queimando em febre! — Se desespera ao colocar a mão em minha testa. — Fique aqui que vou chamar um médico para…

— Não! — digo de imediato interrompendo-a. — Não precisa Dona Elô, eu vou ficar bem!

— Bárbara você precisa de um médico ou de um hospital, não pode ficar desse jeito!

Dona Elô sai do quarto sem dizer uma palavra, me deixando em total desespero. Eu não havia dito nada sobre a minha gravidez e agradecia pelas roupas largas que me deram quando cheguei, assim conseguia disfarçar a barriga. Mas a ideia de ir ao hospital e até a de trazer um médico me aterrorizava, pois era um risco de descobrirem tudo e de ser rejeitada, expulsa daquela casa. Mais uma vez, o meu erro me perseguia e poderia acabar com a única solução que eu tinha, a de pelo menos ter um lugar para morar.

Me encolhendo na cama com o rosto entre as mãos, sinto o medo me consumir. Além da forte dor de cabeça, comecei a sentir um nó no estômago, como se algo estivesse me apertando. Minha mente estava em turbulência com milhões de pensamentos negativos se multiplicando.

Dona Elô adentra no quarto junto com Jucélia, carregando uma bacia com água e lenços nos ombros. Sentada ao meu lado, ela começa a molhar o pano na água da bacia e aplica cuidadosamente na minha testa.

—- Isso deve diminuir sua febre — dizia Dona Elô enquanto Jucélia colocava o termômetro embaixo do meu braço. — Obrigado Jucélia, acredito que já pode se retirar.

Jucelia saiu do quarto fechando a porta e um silêncio gritou naquele quarto enquanto dona Elô aplicava o pano molhado em minha testa e pulsos.

— Se sente melhor?

— Sim — digo abaixando o olhar. — Obrigada por não chamar o médico.

Ela retira os panos e, colocando-os dentro da bacia, me encara, afastando com delicadeza alguns fios bagunçados do meu rosto.

— O que de fato está acontecendo, Bárbara? Eu sei que muita coisa você não quer contar, mas, para lhe ajudar, precisamos conhecer suas dores — diz, unindo minhas mãos e segurando-as. — Confie em mim!

Era difícil falar sobre minhas dores, já que eram tantas. A gravidez, era  uma delas, uma que me mostrava um erro, um erro que eu tinha tudo para evitar, mas que, de algum modo, eu permiti que acontecesse. Dizer isso em voz alta seria como admitir o quanto fui fracassada e irresponsável com o meu futuro.

Sempre me cobrei demais, não para ser perfeita, mas para fazer tudo de forma correta e lutar por um futuro brilhante. Ser vulnerável nunca esteve nos meus planos. Eu nunca mostrei que precisava de alguém, muito menos que dependia de alguém. Mas, ao me apegar ao amor de uma pessoa, acabei me tornando dependente e, pela primeira vez, cometi um erro que iria

repercutir por toda a minha vida.

Mas agora que o erro estava ali eu não tinha como esconder, até porque logo a barriga ia aparecer. Era isso, eu precisava aprender a lidar com os erros e decisões mal tomadas.

— Bárbara…

— Eu estou grávida — digo imediatamente.




## *Bênçãos*

**Novembro de 2007**

Eu já esperava o pior, como ser expulsa daquele lugar e acabar na rua. Porém, dessa vez, tudo aconteceu de forma tão diferente que me surpreendi.

Ao contar para Dona Elô sobre a gravidez, ela revelou já desconfiar, devido aos meus enjoos e desmaios constantes. Então, ela me envolveu em um abraço apertado que transmitia calor e segurança. Aquele abraço foi como um bálsamo, acalmando meu coração. Após todos os momentos difíceis que estava enfrentando, eu finalmente pude me sentir protegida e amada.

Contei o quanto eu sabia que aquele erro me seguiria para o resto da minha vida e, ainda me abraçando, ela diz:

— Menina, muitas vezes Deus permite que algumas situações aconteçam para que possamos vivenciar o grande amor que Ele tem por nós. O ser humano precisa de um empurrãozinho para perceber quem realmente comanda a vida. E mais... — ela me solta do abraço e me encara com um olhar suave. — Filhos são bênçãos de Deus. Você chegou aqui sozinha, e agora carrega em seu ventre alguém que será sua companhia por um bom tempo. Acredite, se Deus te deu esse presente, é porque Ele sabe que você tem capacidade de cuidar. Tenho certeza de que esse bebê veio com um propósito maior.

Sorrindo, agradeço Dona Elô com mais um abraço. Ainda não tinha parado pra pensar que de fato agora teria alguém que seria meu, que seria o meu filho. As palavras de Dona Elô me fizeram ver que de fato eu tinha ganho um presente.

No outro dia, ainda de cama, mas já melhorando da gripe, recebo a visita do médico da família e do Sr. Alberto acompanhados pela Dona Elô.

— Bom dia Bárbara — diz o Sr. Alberto com seu sorriso acolhedor de sempre.

— Bom dia Sr. Alberto — respondo esboçando um sorriso envergonhado e rapidamente ajustando as cobertas.

— Esse é o Doutor Ricardo Damasceno, clínico geral e grande amigo da nossa família. Dona Elô me contou sobre seu estado e trouxemos ele para lhe examinar. Tudo bem por você? — pergunta com educação e concordo com um sorriso silencioso e um sútil aceno com a cabeça

A verdade é que eu não sabia como encarar o Sr. Alberto. Ele parecia ser um homem tão íntegro e prudente. Claro, ele também era pastor de uma igreja, mas não era só por isso, talvez ele fosse realmente um homem de Deus. E eu, diante de tudo, me sentia envergonhada pelo meu erro. Sentia que não merecia tanto cuidado e zelo da parte deles. Eram tão bondosos que isso me constrangia profundamente.

— Acredito que seja mesmo somente um resfriado — dizia o doutor examinando minha garganta e pescoço. — A temperatura no momento está estável — completa ao tirar o termômetro que tinha colocado embaixo do meu braço. — Vou olhar a sua pressão… também preciso saber se você está fazendo pré-natal.

Com medo, troco olhares com Dona Elô e ela, com um sorriso singelo, dá um aceno com a cabeça. Não sei porque, mas aquele gesto me trouxe confiança.

— Não, nem sei dias ou meses…

— Então acho que ela já pode iniciar, Doutor Ricardo — diz o Sr. Alberto

— Ela deve, Pastor. — O doutor retira de sua bolsa um bloco de receituário. — Senhorita Bárbara, vou lhe encaminhar à uma obstetra que é uma ótima profissional. Mas sou suspeito para falar, pois é minha esposa. — Sorri em seguida, dando uma piscadela para mim

— Posso acompanhá-la, Doutor Ricardo? — pergunta Dona Elô.

— Claro que pode, Irmã Elô — responde lhe entregando minha receita e encaminhamento. — A senhora sabe que Helena vai amar ter sua visita no consultório dela!

Depois que o médico foi embora, Dona Elô logo se encarregou de marcar minhas consultas. Durante todo esse tempo, com tudo o que estava acontecendo, eu não havia parado para refletir sobre o fato de estar carregando uma criança dentro de mim. Agora, eu seria responsável por outra vida. As palavras carinhosas de Dona Elô sobre ter recebido um presente de Deus ainda ecoavam em minha mente.



Na primeira consulta, eu fiquei com muito medo de como tudo estava se encaminhando. Mas, com toda a alegria e entusiasmo da Dona Elô e de Seu Alberto, começou a crescer um sentimento diferente dentro de mim, minha ansiedade começou a se misturar com esperança e expectativa.

A doutora Helena realmente se mostrou uma excelente profissional, sempre me acalmando e fazendo com que eu me sentisse a mulher mais rica do mundo por carregar um bebê. Aos poucos, tudo foi se tornando mais leve dentro de mim.

A sala de exames se transformou em um santuário de esperança e alegria. Descobri que estava com 4 meses de gestação, e ao ver pela primeira vez a imagem do meu bebê, meu coração acelerou. Não era um sentimento ruim, mas um sinal de que, a partir daquele momento, uma nova história se escreveria em minha vida. Depois de tanto tempo de lágrimas, finalmente pude sorrir de verdade. Aquele bebê era, para mim, uma promessa de felicidade.

Minha felicidade aumentou ainda mais quando o Sr. Alberto me apresentou ao Instituto Ágape. Ele era o diretor geral e coordenava a instituição com o apoio de uma equipe dedicada, além de contar com patrocinadores, que eram irmãos da igreja. Seu neto, quando não estava viajando em missões, também fazia consultas na instituição, pois era médico.

— Que lugar incrível, senhor Alberto — digo maravilhada ao entrar na sala de reforço escolar infantil. — Por que o senhor decidiu construir algo voltado para a educação?

— Eu era professor, e fui criado por professores. Então, podemos dizer que o prazer de educar está em meu DNA — diz sorrindo. — Mas a ideia não foi minha. Ana, minha filha, também era apaixonada por educação. Se formou em língua portuguesa, amava escrever e tinha um coração totalmente voltado para missões. — Ele se senta em uma das mesas da sala.

— Mas o que houve com ela? — pergunto instantaneamente, mas logo me envergonho de minha atitude. — Desculpa senhor Alberto, eu não devia me intrometer assim, não precisa dizer nada.

— Ana viajava o mundo em missões, e não adiantava tentar contê-la. Ela já conhecia o seu chamado e a voz de quem a chamou. — Ele sorri, olhando pela janela. — Ela encontrou um ótimo rapaz, que logo se tornou

meu genro, e me presentearam com meu neto. Juntos, faziam o que amavam: levar Jesus para o mundo. Em sua última viagem, ao pegar a estrada à noite para retornar à base missionária, o carro colidiu com outro veículo que vinha em alta velocidade. Minha filha e meu genro não resistiram e faleceram…

— Eu sinto muito, senhor Alberto — digo entendendo a dor que ele carregava ao ver seus olhos marejados.

— Não estou chorando de tristeza, mas de saudade. Sinto falta deles, mas sei que logo nos veremos novamente na glória de Deus — diz com seu largo sorriso. — E sou grato a Deus pela filha que me deu, porque, além de ser uma moça prudente e com enorme coração, ela me deu meu maior presente, meu neto Adriel. Que sobreviveu ao acidente e hoje é um dos nossos patrocinadores e vice-diretor do Instituto.

— Fico feliz por não ter ficado sozinho e ainda ter seu neto — digo com um nó na garganta ao lembrar que perdi todas as pessoas importantes da minha vida.

— Nunca estaremos só Bárbara. — Ele me dá um olhar singelo. — Venha comigo. — Sr. Alberto se levanta e eu o acompanho até chegarmos no parquinho das crianças na área externa do Instituto. — Olhe para o céu — diz apontando para cima. — Entenda uma coisa, debaixo desse céu imenso, nunca estaremos sozinhos.

Paraliso ao ouvir aquelas palavras, essa frase me soou tão familiar que o encaro fixamente, sem piscar. O Sr. Alberto sorri ao notar que o olho.

— Está tudo bem?

— Sim… — digo, ainda lhe encarando perplexa. — Isso que o senhor disse sobre não estarmos sozinhos debaixo desse céu está na Bíblia?

— Não, querida. Por que a pergunta?

— Nada, só me pareceu familiar — respondo, reflexiva, ao me lembrar das palavras do bilhete. Mas não quis questionar mais a fundo sobre de onde ele as conhecia. Esse bilhete ainda é um mistério bem maluco para mim.

— Sabe, eu estava orando por você esses dias e pensei que seria bom te ter trabalhando conosco nesse projeto — diz o Sr. Alberto, me acordando do transe em que me encontrava por ter ouvido aquelas palavras. — Mas claro, se for do seu interesse, e respeitando seus limites, pois logo seu bebê chegará e precisará de repouso.

— Eu? — Paro por alguns segundos, sem acreditar no que ele dizia.

— Sim, pensei que poderia ajudar na aula de reforço do infantil. Seria

um salário mínimo e muitos benefícios.

— Mas… achei que vocês não cobrassem pelas aulas, como conseguem dinheiro para bancar os funcionários?

— E não cobramos, mas todo trabalhador é digno do seu salário. Temos patrocinadores que arcam de bom grado com essas despesas, entendemos que gerar trabalhos para as famílias também é algo fundamental — responde, de forma educada e sábia. — Então, aceita?

— Claro que aceito, senhor Alberto! — digo radiante. — Vai ser um enorme prazer ajudar, não tenho experiência, mas sempre sonhei em ser professora.

— Então foi uma proposta vinda do trono de Deus mesmo! Mas quero que continue seus estudos, pelo que eu soube, você parou o ensino médio. — Arqueia a sobrancelha e me encara.

— Sim, pretendo continuar com toda certeza. — Lhe respondo com convicção.

Sempre gostei de estudar e durante esses dias pude conversar com Dona Elô sobre meus estudos, planos e objetivos. Ela estava sendo uma grande amiga e conselheira juntamente com Seu Alberto, que sempre me ensinava algo novo ou me mostrava boas oportunidades. Eu sabia que, com eles, eu teria a ajuda necessária para me erguer novamente.



**Janeiro de 2008**

— Já está pensando no chá revelação? — perguntou Lúcia enquanto arrumamos a sala de aula, antes das crianças chegarem.

— Estava pesquisando algumas ideias — digo com um sorriso no rosto, já estava com seis meses e cheia de planos para a chegada do meu bebê. — Pensei em algo com tema de ursinho dourado.

— Já amei, pensei até no meu look e no da Pietra!

Já haviam se passado dois meses desde que comecei a auxiliar Lúcia no reforço infantil, e estava sendo uma experiência única. Lúcia, formada em pedagogia e professora de uma creche pública, dedicava suas tardes à instituição de forma voluntária, sem remuneração. Ela sempre dizia que a

educação é a porta da libertação e que queria dar gratuitamente aquilo que Deus lhe deu a oportunidade de aprender.

Ela também frequentava a mesma igreja onde o Sr. Alberto era pastor e foi uma das primeiras voluntárias da Instituição. Lúcia era casada com Joel, o amor da sua vida, como ela sempre se referia a ele. Joel era um advogado renomado que fazia tudo pela sua família, especialmente pela filha Pietra, de 4 anos. Era uma família admirável, e eu amava ver os três juntos. Aqueles momentos me enchiam de esperança, fazendo-me pensar que, quem sabe um dia, eu também poderia construir uma família assim.

— Estou planejando fazer daqui uma semana, em um domingo — digo olhando o calendário na parede. — Dona Elô está me ajudando!

—- Irmã Elô, sempre maravilhosa. Ela e o Pastor Alberto sempre comentam sobre você em nossos encontros da igreja, acho que já estão mais animados do que você para a chegada desse pequeno ou pequena.

— Estão mesmo, me ajudam até na escolha do nome — digo com um sorriso radiante. — Acredita que já ganhei presentes e nem sei qual o sexo ainda? Eles compram tudo o que veem pela frente. — Dou uma gargalhada.

— Eles são maravilhosos — diz, gargalhando também. — Mas já tem nome?

— Se for menina será Lia e, se for menino, será Miguel. — Toco em minha barriga já grande

— Que lindos, e bíblicos também, que bênção! Falando nisso… quarta teremos um encontro de mulheres na igreja, por que não aparece lá?

— Que legal… — digo com um sorriso forçado. — Mas eu não me sinto muito confortável indo a um lugar tão certinho. Eu sou toda errada, Lúcia!

— E você acha que eu sou perfeita Bárbara? — Ela se põe à minha frente e coloca as mãos na cintura, me encarando. — Eu sou até mais imperfeita do que você, porque às vezes ainda erro, mesmo conhecendo o certo.

— Vou ver se consigo ir. — Corto o assunto, não gostava de conversar sobre essas questões de Deus e igreja.

— Oi tias! — Uma voz surge na porta, chamando nossa atenção.

— Boa tarde, Dudu! — digo ao vê-lo com seu sorriso radiante e sua mochila nas costas.

Dudu era um dos nossos alunos do reforço. Ele vivia com a avó e, além de ser um menininho muito inteligente, era também muito habilidoso.

Cada aluno tinha sua própria história de vida, e a de Dudu não era diferente. Ele havia sido abandonado na porta da casa daquela senhora, que o acolheu e o adotou como neto.

— Olá Dudu, chegou cedo — diz Lúcia. — Pode entrar que vamos só esperar os outros chegarem.

Eu ficava admirada com a maneira como Lúcia dava suas aulas e com a desenvoltura que ela tinha com cada criança. Todos amavam seu trabalho, e eu adorava aprender a cada dia sobre aquele universo no qual, um dia, sonhava viver.



Depois de uma semana de planejamentos, o dia do chá revelação finalmente chegou. A decoração resplandecente dos ursinhos dourados trouxe um toque de magia ao ambiente. As cores pastéis, combinadas com o dourado, criaram uma atmosfera encantadora. A mesa estava repleta de detalhes em ouro, com ursinhos decorativos espalhados por todo lado, tornando o cenário ainda mais especial.

Não adiantou me maquiar, já que as lágrimas escorreram pelo meu rosto ao ver aquela decoração. O ponto focal da festa era um balão dourado enorme que escondia o grande segredo que só Dona Elô sabia. Menino ou menina?

Meu vestido, modelo midi de linho na cor dourada, parecia brilhar sob a luz suave do ambiente. Dona Elô dizia que ele combinava perfeitamente com a cor da minha pele. Completei o look com uma sandália de tira e salto bloco baixo, também dourada, que ganhei do Seu Alberto. Naquele dia, eu irradiava gratidão, abraçando cada convidado com um sorriso no rosto e um coração cheio de emoção.

O momento mágico da revelação aconteceu em uma explosão de cor azul que preencheu o ar, acompanhada de gritos e júbilos de todos ao redor. Era como se o tempo tivesse parado por um instante, e eu soube, naquele momento, que estava anunciando a chegada de um menino, o meu menino. Meu Miguel.



**Maio de 2008**

No dia 09 de maio de 2008, Miguel finalmente chegou ao mundo. A dor do parto foi intensa, mas minha mente estava focada apenas no momento de tê-lo nos braços. Quando finalmente pude segurá-lo, as lágrimas de felicidade escorriam sem parar. O amor foi instantâneo, como se meu coração já o conhecesse antes mesmo de ele nascer.

A maior alegria era de Dona Elô e Seu Alberto, que estavam radiantes por ter uma criança em casa novamente. Tentei convencê-los a procurar um lugar para morar assim que Miguel crescesse um pouco, mas todas as minhas tentativas foram impedidas. Mesmo com os choros de madrugada que acordavam todos da casa, Miguel se tornou a verdadeira alegria daquele lar. Dona Elô passava os dias ao meu lado, me ajudando e me ensinando a lidar com as situações que surgiam, enquanto Seu Alberto, sempre que podia, passava no quarto para ver como estávamos. A presença deles me dava uma sensação de proteção e acolhimento que eu nunca havia experimentado antes.

— Esse rapaz está crescendo muito rápido — diz Sr. Alberto, com meu bebê adormecido em seus braços.

— Está mesmo, já tem até roupinha que não cabe mais — digo sorrindo enquanto dobro as roupinhas de Miguel.

— Miguel será um grande missionáriozinho.

— Como sua filha e seu neto? — O questiono. Eu ainda não entendia muito sobre que tipos de missões eram essas que todos sempre citavam.

— Sim. — Confirma. — Ou, talvez, fará uma missão muito maior.

— O que é um missionário, senhor Alberto?

— Ser missionário é um chamado, um propósito que Deus nos concede. — Ele me olhou com um sorriso sereno. — Todos nós temos a missão de propagar a mensagem transformadora do evangelho de Cristo. Alguns são chamados para compartilhar a palavra de Deus em terras distantes, em outros países, estados ou cidades. Outros, no entanto, têm a tarefa de levá-la à sua própria comunidade, à vizinhança, aos amigos e até mesmo à família. A missão vem de Deus, e nós apenas seguimos Seu comando, levando o "Ide" para onde Ele nos direcionar e a quem Ele nos

enviar.

— Que lindo… — digo, dando um sorriso envergonhado por não entender muito sobre o assunto.

— Estava pensando em algo — diz Seu Alberto enquanto coloca Miguel no berço. — O que você acha de apresentarmos Miguel na igreja?

— Apresentar? — pergunto confusa e ele percebe isso

— Sim, deixa eu lhe explicar. Apresentar uma criança a Deus é um ato de reconhecimento de que Ele é nosso Criador. Como Senhor da vida, foi Ele quem te presenteou com esse príncipe, e ao apresentá-lo, você está dedicando esse precioso presente a Ele. É também um compromisso de sua parte, prometendo instruí-lo e guiá-lo no caminho correto, conforme os ensinamentos da palavra de Deus.

— Isso também significa que ele ficará protegido?

— Com toda certeza Deus sempre o protegerá. — Sr. Alberto responde com seu sorriso singelo.

Como mãe, tudo o que eu desejava era proteger Miguel e garantir sua felicidade. A paz e a alegria que aquela casa e aquelas pessoas transmitiam me davam a certeza de que aquele era o caminho certo. Foi então que, com o coração cheio de esperança, aceitei seguir por ele.

Assim, Seu Alberto apresentou Miguel a Deus, e essa foi a primeira vez que pisei em uma igreja e participei de um culto. As músicas eram belas, as pessoas acolhedoras, e as palavras de Seu Alberto carregavam uma sabedoria tocante. Ainda assim, eu não me sentia completamente à vontade para continuar frequentando regularmente. Mesmo com isso, os convites nunca cessaram, e, de tempos em tempos, eu aceitava e visitava a igreja, ainda que sem compromisso. Eles sempre compreendiam minha hesitação, mas jamais desistiram de mim.

O importante era que Miguel crescia em um lar cheio de paz, bondade e, principalmente, de Deus.




*Recomeço*

**Março de 2012**

— Mamãe, mamãe! — Miguel corria em minha direção. — Olha minha roupa nova!

— Miguel já lhe falei para não correr pela casa dessa forma. — Repreendo-o.

— Só queria lhe mostrar minha roupa nova de ir para culto! — Ele pula e roda, me mostrando a roupa nova que ganhou do Sr. Alberto de presente.

— Está muito lindo, tenho certeza que será um culto maravilhoso. — Arrumo alguns fios do seu cabelo castanho ondulado e dou uma piscadela.

Miguel crescia tão rápido que, num piscar de olhos, suas roupas e sapatos já não serviam mais. Olhar para aquele rostinho branquinho como a neve e o narizinho arrebitado, tão parecido com o meu, era como receber uma lição diária de força e perseverança. Ele me inspirava a ser melhor a cada dia, a me esforçar ao máximo para ser a mãe que ele merecia.

Com apenas 4 anos, Miguel já demonstrava ser um menino comunicativo e inteligente, conquistando elogios das professoras e de todos que o conheciam. Sempre disposto a ajudar quem precisasse, ele esbanjava simpatia e gentileza. Seu lugar favorito era a igreja, e sua pessoa favorita, para minha surpresa, não era eu, mas Jesus. Quando eu brincava perguntando se ele me amava mais do que qualquer outra pessoa, ele respondia com convicção e um sorriso: "Mais do que Jesus, não, mamãe."

— Você poderia ir conosco — diz dona Elô segurando sua Bíblia e a mão de Miguel.

— Verdade mamãe! — Miguel olha radiante para mim, dando pulos e pulos para me convencer.

— Sabe que a mamãe tem que estudar, filho — digo me abaixando para ficar da sua altura e dou um beijo em sua bochecha. — Mas ore por

mim.

— Está bem — diz com a voz tristonha.

— Vamos? — Chama Seu Alberto da porta, trajando seu paletó e gravata. — Olha, teremos uma visitante?

— Ela não vai, de novo — diz Miguel cabisbaixo.

— Ok, prometo ir — disse, levantando as mãos em rendição e encarando Miguel, Dona Elô e Sr. Alberto. Era impossível resistir aos pedidos do meu pequeno Miguel; ele sempre conseguia me convencer.

— Quando? — pergunta Miguel com as mãos na cintura.

— Um dia! — Dou um sorriso forçado.

— Bárbara, Bárbara… — diz Dona Elô, segurando na mão de Miguel. — Vamos, que já estamos atrasados!

Miguel, além de amar ir aos cultos, sempre gostou de participar de todas as programações. Eu não o impeço, pois ele gosta, mas fico com o coração apertado por não o acompanhar como ele deseja, até tentava, mas ainda considerava um lugar muito perfeito para uma pessoa tão errada como eu.

O trabalho e a faculdade consumiam grande parte do meu tempo. Depois do nascimento de Miguel, finalizei o ensino médio e finalmente ingressei na tão sonhada faculdade de pedagogia. Optar pelo EAD foi a melhor escolha, pois me permitiu estar sempre por perto do meu pequeno.

Já perto de me graduar, comecei a lecionar como professora no Instituto. Amava cada cantinho daquele lugar e, além das aulas, passei a ajudar Seu Alberto na gerência. Nos últimos meses, ele estava bastante debilitado e também preocupado com o neto, que há dias não dava notícias. Isso afetou sua saúde, mas ele nunca se permitia ficar parado, então estávamos sempre por perto para cuidar e oferecer apoio.



— Bom dia, Sr. Alberto — digo, me aproximando da mesa.

— Bom dia Bárbara! — responde com o sorriso radiante de sempre

Mesmo nos dias mais difíceis, ele mantinha a paz estampada em seu semblante, acompanhado de um sorriso enorme no rosto e uma fé que parecia inabalável.

— Como se sente hoje? E não venha me dizer que preciso parar de perguntar porque eu vou continuar perguntando!

— Estou bem. — Ele solta uma gargalhada. — Você, Dona Elô e o Miguel não me deixam em paz.

— O senhor jura que acha que é possível ter paz convivendo com o Miguel e com a Elô? — Agora ele solta a gargalhada ainda mais alto.

— Bom dia, mamãe! — Miguel aparece com dona Elô, já preparado para ir à aula e me abraça.

— Bom dia Príncipe! — Me abaixo, lhe pego no colo e devolvo o abraço.

— Nossa mãe, assim vou ficar sem costela. — Todos dão uma gargalhada com a reclamação de Miguel. — Mãe, mãe, mãe, preciso lhe fazer um convite! — diz segurando meu rosto com suas mãos.

— Convite? Me senti importante, qual seria o convite?

— Sábado, eu vou me apresentar e a senhora pode ir comigo?

— Claro que posso, meu amor — digo carinhosamente. — Na sua escolinha?

— Não, na igreja, mamãe — diz soltando meu rosto. — Eu vou ser o menino que ajudou uma multidão! — Começa a gesticular com as mãos e um brilho surge em seus olhos. — A senhora vai mesmo? — Me olha esperando ansiosamente minha resposta

Demoro um pouco para responder, mas não tenho como recusar. Seria a primeira peça de Miguel na igreja e ele estava radiante. Ele adora se apresentar, embora até então só tivesse participado cantando. Mesmo não o acompanhando frequentemente à igreja, eu amo ouvir cada detalhe que ele conta animado antes de dormir.

— Com toda certeza estarei lá com você — digo depositando um beijo em sua testa.

Miguel desce do meu colo e, sem pensar duas vezes, começa a correr e gritar pela casa.

— Ouviu gente? Ela vai, ela vai!



O grande dia finalmente chegou, e Miguel mal conseguia conter a

animação para apresentar a peça. Assim que chegamos à igreja, ele correu direto para a salinha onde as tias o aguardavam para ajudá-lo a se caracterizar. Nós chegamos cedo, garantindo bons lugares para que pudéssemos filmar a apresentação de um ângulo privilegiado.

Na verdade, era um musical em que encenavam a música “Cinco pães e dois peixinhos” da banda Quatro por Um.

Ao iniciar a música, Miguel começou sua encenação.

*Nem sempre se sabe.*

*Detalhes de um milagre*

*Mas eu vou contar*

*A história de um menino*

*Que um dia levantou bem cedo*

*E sua mãe lhe perguntou, com medo*

*Aonde é que você vai?*

*E o menino, então respondeu*

*O mestre está a me chamar*

*Uma multidão vou ajudar a alimentar*

*Sua mãe lhe disse: Isto é impossível!*

*O que tem aí neste cestinho?*

*E com muita fé, o menino disse*

*Cinco pães e dois peixinhos*

*Quem poderia imaginar*

*Que o menino ia ajudar, a alimentar a multidão*

*É assim que Deus faz, usa quem ele quer*

*Menino, homem ou mulher*

***(Cinco pães e Dois peixinhos - Quatro por Um)***

Não consegui conter as lágrimas, comecei a me lembrar do dia em que Seu Alberto disse que Miguel seria um missionáriozinho.

Naquele momento, uma sensação diferente começou a se formar dentro de mim. Apesar de não conhecer Deus tão bem e, em muitos momentos, tê-lo rejeitado por causa das aflições que enfrentei, percebi que Ele havia sido bondoso comigo. Ele me presenteou com Miguel, um presente que eu, no início, temi receber. Mas agora, entendia que essa jornada era exatamente o que eu precisava. Pela primeira vez, no meu íntimo, agradeci a Ele por esse presente precioso, reconhecendo que, mesmo nas dificuldades, havia propósito e amor em tudo o que vivi.

Após finalizar a apresentação, teve um momento de louvores e adoração e, de alguma forma, meu coração ansiava ficar mais naquele ambiente. Para finalizar, o Seu Alberto veio com uma palavra que se encontrava em Mateus 14:22-26 e explicou detalhadamente, com sabedoria.

— A verdade é que o medo nos paralisa. Nos impede de ver aquele que está bem pertinho de nós. Jesus quer que andemos sobre as águas. Problemas e aflições sempre existirão, mas, olhando para Ele, você jamais estará sozinho e nem afundará. Deposite sua fé Nele hoje. Ele pode quebrar as correntes de medo que há em seu coração e lhe dar uma nova vida. Ele pode arrancar esse fardo pesado, basta você lançar sobre Ele tudo que você ainda carrega e que lhe impede de viver a extraordinária paz de Deus. Se você sente que está prestes a afundar, que sua fé está pequena e quer lançar esse fardo pesado que você carrega há muito tempo sobre Ele, venha aqui na frente que iremos orar por você, e Deus trará renovação.

Depois do Miguel e de tudo que aconteceu em minha vida, o medo era um parceiro. Mesmo vivendo com pessoas tão cheias de Deus, no meu íntimo, eu ainda tinha medo de ficar sozinha de novo. Vivia relembrando do meu passado, meus erros e minhas aflições. Mesmo que estivesse rodeada de pessoas, eu ainda não me sentia segura. E de repente, começam a cantar um louvor e, quando chega no refrão, eu não consigo segurar as lágrimas.

*Não é todo mundo.*
*Que suportaria*
*Passar por tudo que você passou*
*Em nenhum momento você se entregou*

*Alguém, no teu lugar, já tinha desistido*
*Enfrentou tudo firme e forte, ainda sorrindo*
*Só que Deus sabe que por trás de tudo isso*
*tem um cansaço disfarçado de sorriso*

*Lança sobre Mim*
*Todo esse peso lança sobre Mim*
*Você tá indo muito bem, só tá cansado*
*Entrega tudo e seja renovado*

*Lança sobre Mim*
*Todo esse peso lança sobre mim*
*No mundo tereis aflições e isso é fato*
*Mas têm bom ânimo, Eu venci o mundo*
*Lança sobre Mim o fardo*

***(Lança sobre Mim - Dalete Hungria)***

Perplexa com a letra da música, impulsivamente me levantei e fui em direção ao púlpito, caindo de joelhos no altar. Eu estava tão cansada de me sentir tão sozinha. Vivia à espera de que tudo desmoronasse de novo porque, para mim, a única felicidade que existia era o Miguel e mais nada. Eu o protegia, mas sentia medo de não estar protegida.

Sem me preocupar com os olhares ao redor, sinto as lágrimas rolarem em meu rosto. Sem demora, sinto o abraço de Dona Elô e então levanto para retribuir o gesto. Naquele instante, parece que o peso que eu carregava por anos e me deixava triste e cansada saiu das minhas costas. Lágrimas de arrependimento e de alegria corriam pelo meu rosto, uma paz profunda começou a invadir meu coração.

Me levanto e decido, naquele mesmo instante, entregar minha vida nas mãos de Jesus. Era Dele que eu precisava, somente Dele!

Dali em diante, a obra de Deus começou em minha vida. Um amor inexplicável cresceu dentro de mim e tudo que eu queria era que todos conhecessem esse Jesus que torna seu fardo pesado em um fardo leve. Que

levou minhas dores para que eu fosse salva e que me perdoou e me adotou como filha.

A festa foi tão alegre e cheia de amor que, ao chegarmos em casa, o dia terminou com pizza. E, naquele momento, eu pude compartilhar da mesma paz que todos naquela casa experimentavam. Miguel, tão radiante, me olhou com seus olhos brilhando e disse que agora seria ele quem me ensinaria tudo sobre Jesus com sua Bíblia. Aquele gesto simples e puro de Miguel me tocou profundamente, e eu senti, pela primeira vez, que não estava sozinha na jornada. A paz daquela casa, o amor que nos cercava e o carinho de Miguel me mostraram que eu estava exatamente onde deveria estar.

Todas as noites, eu conhecia uma história bíblica nova e pelas manhãs fazíamos devocional, mãe e filho. Eu amava ouvi-lo cantar louvores e aprendia todos os dias a seguir os passos de Jesus como uma criança em sua inocência que vive na dependência do seu pai.

Agora, meus passos eram guiados por Ele!



**Alguns dias depois…**

— Por hoje é só — digo finalizando o dia de histórias bíblicas das crianças do Instituto.

Após aprender mais sobre Jesus, percebi que poderia levar Sua mensagem para todos ao meu redor por meio de pequenas atitudes. Então, comecei a adentrar a vida de algumas famílias do Instituto, compartilhando histórias bíblicas com as crianças nas sextas-feiras. Elas ficavam tão animadas e tocadas pelas histórias que, ao chegar em casa, mal podiam esperar para contar aos pais, espalhando a alegria e a esperança que estavam aprendendo.

— Já, tia? — diz Dudu, fazendo biquinho — Só mais uma!

— Nada disso, daqui a pouco seus pais chegam, então precisamos nos arrumar — digo me levantando. — Mas garanto que sexta que vem será a história do homem que sobreviveu dentro de uma cova cheia de leões! — digo, despertando a curiosidade deles.

Quando todos saem, nosso trabalho é deixar tudo organizado, porém

estou ficando até mais tarde para ajustar algumas burocracias do Instituto para o Pastor Alberto.

Já eram quase 20h da noite quando ouvi a campainha da porta da recepção tocar sem parar.

— Estranho, seu José não me avisou que tinha alguém chegando… — fiquei refletindo desconfiada, pois tínhamos nosso porteiro da noite que trabalhava há anos no Instituto. — Para ele ter deixado entrar, deve ser o Pastor já querendo trabalhar.

Sorrindo, saio da sala em direção à recepção. Girando a chave para abrir a porta, começo a dizer:

— Seu Alberto, o senhor é teimoso, já lhe disse para ficar... — mas logo me interrompo, fui tapeada pelas minhas deduções. O homem à minha frente não é Seu Alberto.



# Adriel Fernandes

## *O encontro*

**Março de 2012**

— Nisso concordo com você, Seu Alberto, quando quer, é muito teimoso — digo sorrindo, sentindo um impacto visual ao vê-la.

Aquela deveria ser Bárbara. Acredito que esse seja o nome que Dona Elô mencionou na última vez que conversamos por telefone. Ela era a moça que estavam ajudando e que agora fazia parte da família, junto com seu filho de 4 anos. Um arrepio de admiração e curiosidade percorreu meu corpo instantaneamente.

— Me perdoe, eu pensei que era... — começa, meio envergonhada.

— O pastor Alberto?

— Sim. — Confirma com um sorriso sem jeito. — Posso lhe ajudar com algo? Ou você gostaria de conversar somente com o pastor?

— Bárbara, certo? — Arrisco dizer o nome.

— Isso. — Ela me olha, um tanto surpresa.

— Prazer, sou Adriel, neto do Pastor Alberto — digo erguendo a mão para cumprimentá-la.

— Prazer, eu sou a Bárbara. Quer dizer, você já sabe. — Sorri timidamente, estendendo a mão para me cumprimentar. — Perdão, entre, por favor!

— Na verdade, Bárbara, assim como você se confundiu, eu também me enganei — digo com um sorriso desajeitado. — Vi as luzes acesas da instituição e imaginei que era meu avô trabalhando até tarde.

— Ele costumava fazer isso mesmo. Mas eu o convenci a me deixar organizar tudo e levar para ele analisar com calma em casa.

— Glória a Deus, alguém finalmente convenceu esse senhor a descansar! — Gesticulo e aponto para o céu. — Você tem toda a minha admiração de agora em diante.

— Ele não é tão difícil assim — diz gargalhando. — Só precisa usar bons argumentos!

— Ok, quero aulas — digo sorrindo e pensando em como chegamos a uma conversa tão descontraída. — Bom, então parece que minha surpresa será em casa mesmo. Você já estava saindo do Instituto?

— Sim, eu estava apenas organizando os papéis para levar ao Seu Alberto — responde ela, enquanto direciona o olhar para a pilha de documentos sobre a mesa ao seu lado.

— Então, já que estamos indo para o mesmo lugar, posso lhe acompanhar e você pode ser minha cúmplice nessa surpresa. O que acha? — Arqueio as sobrancelhas, sorrindo.

— Como sabe que estamos indo para o mesmo lugar? — Me pergunta, semicerrando os olhos e cruzando os braços. — E como sabe meu nome?

— Podemos dizer que Dona Elô é uma ótima informante.

— Imaginei — responde sorrindo. — Então, só irei buscar os documentos que irei levar, um segundo.

Observo Bárbara organizando a mesa e os demais documentos que levaria. Dona Elô sempre comentava que ela era uma moça muito prestativa e esforçada. Só esqueceu de dizer que era admiravelmente linda também.

— Pronto, podemos ir! — diz quando termina. — A propósito, seu avô vai amar essa surpresa!



**Bárbara – março de 2012**

— Cheguei! — gritei ao abrir a porta de casa.

O plano era Adriel ficar quietinho lá fora enquanto eu reunia todos na sala para que fossem surpreendidos.

— Mamãe, mamãe! — Miguel corre para me abraçar, como todos os dias.

— Oi, meu príncipe — digo, pegando-o no colo. — Onde estão o vovô Alberto e Dona Elô? — pergunto baixinho, só para ele ouvir.

— Dona Elô está na cozinha e o Vô no escritório dele. — diz cochichando, com a mãozinha cobrindo a boca para ninguém ouvir.

— Então você vai ajudar a mamãe a fazer uma surpresa — digo, enquanto ele arregala os olhos, que agora brilham radiantes. — Corre na cozinha e chama a Dona Elô, dizendo assim: "Mamãe tem uma surpresa para

contar lá na sala!" Enquanto isso, eu vou chamar o Vovô.

Enquanto Miguel sai em disparada pelos corredores chamando Dona Elô, sigo em direção ao escritório do Seu Alberto. Paro diante da porta de madeira escura e bato suavemente, esperando por sua resposta antes de entrar.

— Pode entrar — diz Sr. Alberto.

— Boa noite, Seu Alberto — digo ao abrir a porta. — Queria contar uma novidade, mas preciso que todos estejam lá na sala.

— Novidade?

— Vamos? — Abro um largo sorriso. — Acredito que irá gostar dessa surpresa.

Quando todos já estavam reunidos na sala, com olhares curiosos e atentos, tentei prolongar o suspense, mas não consegui me conter por muito tempo.

— Mamãe, diz logo o que é! — gritou Miguel, impaciente.

Me divertindo com a situação, aproximo-me da porta, e, ao abri-la, Adriel entra, trazendo consigo uma presença que iluminava todo o ambiente. Os olhos do Seu Alberto e da Dona Elô imediatamente se encheram de alegria e surpresa. Sem hesitar, levantaram-se rapidamente e, com os braços abertos, envolveram Adriel com tanta força que parecia que nunca mais o soltariam.

Me aproximei de Miguel e sentei ao seu lado no sofá, deixando os três curtirem o momento de reencontro.

— Mamãe, quem é esse? — Miguel, cochichando, pergunta.

— Esse é o neto do Seu Alberto.

— Aquele que estava em outro país salvando vidas para Jesus? — pergunta, radiante ao lembrar das histórias que Seu Alberto contava do neto.

— Esse mesmo — Sorrio e toco a pontinha do seu nariz.

Adriel era o orgulho da casa, então, por mais que a saudade fosse enorme, sempre estávamos ouvindo histórias de suas viagens. Seu avô fazia questão de lembrar cada momento especial do neto quando era mais novo, e de ressaltar que hoje ele tinha se tornado um grande servo de Deus.

Miguel amava ouvir cada história e ficava feliz quando Seu Alberto chamava-o de missionáriozinho, comparando-o com Adriel quando menor. De tudo que sempre ouvia pela casa sobre Adriel, já sabia que ele era muito inteligente, médico que amava a profissão e muito dedicado à obra de Deus.

Logo, Adriel veio cumprimentar Miguel. Estranhamente, sua presença

me deixava desconcertada, fazendo-me errar e gaguejar ao tentar pronunciar algumas palavras. Sua barba curta e bem cuidada lhe conferia um ar de autoridade, mas seu sorriso largo e acolhedor, tão parecido com o do avô, equilibrava isso com leveza. Seus olhos castanhos claros e cabelos pretos, sempre bem penteados, faziam meu coração errar as batidas.

— Você deve ser o famoso Miguel! — Meu menino abre um sorriso radiante.

— Sim, sou eu. Você que viaja por muitos lugares por Jesus? — pergunta curioso, sua animação é tão visível que todos sorriem.

— Sou eu mesmo — diz Adriel, se abaixando e se colocando na mesma altura de Miguel. — Muito prazer, Adriel! — Levanta a mão para cumprimentá-lo.

— Eu sou Miguel — diz Miguel erguendo a mão em resposta. Mas logo se volta para mim. — Essa é minha mãe, Bárbara.

— Sua mãe já virou minha cúmplice de surpresas. — Adriel me encara, sorrindo.

— Você tem mais histórias para nos contar?

— Claro que tenho, milhões! — responde dando uma piscadela. — Depois podemos comer e conto algumas aventuras das missões que já tive. — Miguel acena com a cabeça, radiante.

Após os cumprimentos, fomos jantar e ouvir algumas experiências de Adriel em suas missões.



**Adriel – março de 2012**

Ser missionário também tinha seu preço, e a saudade era um deles. Já deveria estar acostumado, mas isso nunca foi fácil de se acostumar. Suportar a distância de quem amamos é sempre um desafio, mas, com o tempo, aprendemos a confiar nos planos de Deus. Ele cuida de tudo nos mínimos detalhes, e eu sabia que, mesmo estando longe, minhas orações chegariam até meu avô. Poder abraçá-los novamente depois de todo esse tempo foi uma resposta de oração, um sinal claro do cuidado de Deus em minha vida.

Depois de um belo momento em família contando algumas histórias da missão, fui observar o jardim. Sempre tive o hábito de andar por aquele lugar antes de dormir, às vezes ficava horas conversando com Deus

lá

Logo, avisto Bárbara, sentada na mesa do jardim perto das rosas, lendo e estudando. Então me aproximo lentamente, porém resolvo recuar quando percebo que não é somente um estudo. Bárbara estava lendo e estudando a Bíblia. E confesso que aquela cena fez meu coração se aquecer, fazendo surgir um sorriso em meus lábios.

— Oi, tio. — Um cochicho surge, puxando minha blusa e me assustando.

Ao me virar, vejo Miguel com seu pijama de heróis abraçado a um tomate de pelúcia.

— Miguel, ainda acordado pequeno? — Me agacho para encará-lo.

— Não consigo dormir, tio, então vim atrás da mamãe — diz, olhando de soslaio em direção ao lugar onde a mãe estava e, para não incomodar Bárbara, penso em passar um tempo com Miguel.

— Quer tomar uma xícara de leite comigo? — pergunto e ele logo me confirma, acenando a cabeça. — Então, vamos sair devagarzinho, para não atrapalhar sua mãe, ok?

— Ok, tio.

Segurando sua mão, caminhamos quase que silenciosamente rumo à cozinha. Ao chegar, coloco Miguel sentado na bancada e começo a preparar nosso leite.

— Então quer dizer que você não está conseguindo dormir? — pergunto enquanto busco os utensílios e ingredientes.

— Sim. — Acena com a cabeça, enquanto balança os pés de um lado para o outro. — Mamãe diz que temos que orar quando não conseguimos dormir. Por isso, fui chamar ela, nós oramos juntos e depois ela me conta histórias.

— Interessante, que tipos de história?

— Da Bíblia! Ela já contou várias, mas sempre tem uma nova.

— Sua mãe é muito sábia e inteligente. — Termino os copos com a bebida e me volto para ele.

— E muito bonita também.

— Sim, ela é muito bonita mesmo — respondo dando o copo de leite para Miguel, lembrando do momento em que a vi pela primeira vez no Instituto.

— Tio, o senhor pode me contar uma história das suas viagens?

— Claro que posso. — Dou uma piscadela para ele. — Vamos tomar

nossos leites e depois iniciamos as histórias. — Ele acena, confirmando com a cabeça.

Então, quando tudo já estava devidamente limpo, nos acomodamos no sofá e comecei a contar um pouco da minha experiência no campo missionário de uma forma lúdica, tentando transmitir o que vivi de maneira leve e envolvente.

Na base, tivemos um módulo sobre como evangelizar crianças, e aprendemos a contar histórias de maneira atrativa para elas. Era lindo ver os olhinhos de Miguel brilhando em cada palavra dita, como se estivesse absorvendo cada detalhe.

Alguns minutos depois, percebi que Miguel acabou adormecendo ao meu lado. Enquanto o observava dormir tranquilamente, notei algumas manchas roxas em seus bracinhos. Não são muitas, uma aqui e outra ali, mas algo me diz que seria bom examinar mais de perto.

Sem perceber, eu acabo adormecendo junto com Miguel.




## *A descoberta*

**Março de 2012**

Os melhores devocionais são os que faço no jardim, é como se eu estivesse mais pertinho de Deus. E sentir a presença Dele lendo e estudando a palavra se tornou um hábito que jamais abandonarei. Na verdade, não é apenas um hábito, mas meu alimento diário, e eu ficava saciada.

Ao passar pela sala para ir ao quarto, me deparo com uma cena que facilmente seria considerada um quadro perfeito de amor e paz. Adriel dormiu profundamente no sofá, com Miguel aninhado em seus braços. Senti uma onda de amor e gratidão ao ver a conexão dos dois. Ficaria ali por horas contemplando aquela cena maravilhosa, mas precisava acordá-los.

Delicadamente, me aproximo dos dois. Sorrio ao ver Adriel dormindo, admirando os contornos do seu rosto, cada linha e cada curva. Senti meu coração acelerar, batendo forte no peito. Balancei a cabeça para aquele sentimento passar e sacudi gentilmente o ombro do homem.

— Adriel. — Chamei baixo, para não acordar Miguel.

Quando ele desperta, eu peço silêncio, colocando meu dedo indicador em meus lábios.

— Eu vou levar ele no colo até o quarto — digo, cochichando.

— Posso levar ele para você? — Quando concordo, Adriel se levanta e, gentilmente, pega meu menino nos braços.

Acompanho Adriel até o quarto e o vejo deitar Miguel na cama com cuidado, cubro-o com um cobertor e saímos silenciosamente.

— Me desculpa, tenho certeza de que ele tinha ido atrás de mim, sempre que perde o sono faz isso — digo a Adriel.

— Não precisa se desculpar. — Ele sorri. — Acho que ganhei um grande parceiro para contar minhas aventuras missionárias.

— Ganhou mesmo, Miguel ama ouvir tudo relacionado a Jesus.

— Quem bom que Miguel tem uma mãe sábia que lhe ensina o caminho que ele deve andar.

— Na verdade, foi o Miguel que ensinou o caminho que se deve andar para a mãe — digo com orgulho. — Mas isso é uma longa história, tenho certeza que já está cansado.

— Adoraria ouvir e acho que amanhã posso conhecer essa história. Passarei o dia no Instituto. — Ele diz, abrindo um sorriso encantador que ilumina o ambiente.

— Então, amanhã prometo lhe contar tudo sobre nosso pequeno missionário. Boa noite, Adriel. — digo indo em direção ao meu quarto.

— Boa noite, Bárbara. — Devolve, com um olhar singelo e um sorriso ainda maior.

— Ele poderia parar de sorrir tanto — resmungo, balançando a cabeça para que esses pensamentos saiam.

No dia seguinte, acordo cedo para preparar Miguel para a escola e depois ir trabalhar no Instituto. Me arrumo com uma pantalona bege, blusa branca e blazer branco e logo vou ao quarto de Miguel, que já está acordando.

— Bom dia, meu príncipe! — digo depositando um beijo em sua testa. — Vamos para a aula? — Ele confirma com a cabeça lentamente, ainda com sono.

Arrumo Miguel com seu uniforme e descemos para o café da manhã.

— Bom dia, Jucélia — dizemos eu e Miguel juntos.

— Bom dia, queridos — responde, arrumando a mesa. — Podem sentar e ir comendo!

— Bom dia, bom dia — Adriel surge, com um sorriso tão radiante que ilumina a casa inteira.

— Bom dia Tio! — Miguel praticamente grita, animado ao ver o homem. — O senhor vai comer aqui?

— Claro que sim. — Ele se senta ao lado de Miguel, que abre um sorriso de orelha a orelha. — Preparado para sua aula de hoje?

— Sim, hoje temos passeio!

— Miguel, já está pronto? — Dona Elô surge com as bolsas de Miguel para levá-lo.

— Até mais mamãe — diz Miguel correndo para me abraçar. — Benção?

— Até mais tarde meu príncipe. — Deposito um beijo em sua cabeça.

— Cuidado e que Deus te abençoe!

— Me acompanha no café? — Adriel ergue a xícara e sorri.

— Acompanho sim — digo, sorrindo de lado

— Acredito que hoje trabalharemos juntos.

— Que maravilha! Hoje temos muitos patrocinadores agendados.

— Conseguimos patrocinadores novos? Que incrível!

— Mapeei alguns possíveis patrocinadores e hoje iremos recebê-los para visita — digo, levando a xícara de café aos lábios, dando meu último gole.

— Podemos ir juntos para o Instituto e você pode me explicar mais sobre os possíveis patrocinadores. — Sugere Adriel. — Mas, antes, você precisa me contar como o seu filho ensinou a mãe o caminho que se deve andar. — Sem perceber, abro um sorriso cheio de felicidade, a presença de Adriel me fazia bem.

No caminho para o Instituto, pude contar meu processo de redenção e como Miguel foi o canal para que eu pudesse conhecer Jesus. Compartilhei sobre a apresentação da peça e como todo aquele cenário e atmosfera me impactaram.

— Então a missão do Miguel começou cedo… — diz Adriel, impressionado. — Já ganhando a sua mãe para Cristo!

— Isso mesmo. Até hoje, me emociono ao escutar a música “5 pães e 2 peixinhos” — digo, com um sorriso nostálgico.

O dia ao lado de Adriel foi produtivo e inspirador. Eu mostrei todas as mudanças, enquanto ele sugeria melhorias e me ajudava na organização das salas. Sua maneira de se importar com o bem-estar dos outros era evidente em cada gesto, sempre prestativo e cuidadoso, fazendo com que todos ao seu redor se sentissem valorizados. Eu não podia deixar de admirar sua capacidade de transformar um simples trabalho em algo com um propósito maior.

— Bom, vamos almoçar? — pergunta Adriel

— Vamos, Dona Elô já deve ter deixado tudo pronto.

— Ou… podemos almoçar no restaurante que fica aqui perto, o que acha? — Ele arqueou as sobrancelhas.

Embora não fosse muito de sair, a companhia de Adriel tornava tudo diferente. Sua presença era tão agradável que eu me via querendo ficar perto dele a cada segundo. Havia algo reconfortante e acolhedor em sua postura, algo que me fazia sentir segura e valorizada, mesmo que eu não soubesse

exatamente o porquê. Esse sentimento, embora novo e um pouco estranho, parecia me trazer uma paz inesperada.

Aceitei o convite para almoçar, mas, antes, pedi a Adriel que me esperasse enquanto eu ligava para Dona Elô. Queria confirmar se ela poderia preparar o almoço de Miguel. Sempre fiz questão de cuidar dessa refeição pessoalmente, principalmente para estar mais perto de meu filho. Além disso, as orientações da pediatra tinham sido claras: Miguel estava com a anemia bastante alta, e a médica havia sugerido que fizéssemos ajustes rigorosos em sua alimentação.

— Você sabe que será um prazer ter a companhia desse rapazinho só para mim, Bárbara — diz Dona Elô em um tom carinhoso. — Pode ir tranquila, eu fico com Miguel.

No fundo, ouço Miguel fazer milhões de perguntas: "É a mamãe, que está no telefone, Dona Elô? Ela não vem hoje? Queria mostrar meu desenho para ela! Para onde ela vai?"

— Esse rapazinho já está lhe enchendo de perguntas, deixe eu falar com ele rapidinho — digo, achando uma graça a curiosidade de Miguel.

— Oi, mamãe — diz com sua voz doce. — A senhora não vem hoje? Eu fiz um desenho para a senhora!

— Oi, meu amor. Mamãe vai almoçar com o tio Adriel, mas assim que a mamãe chegar, corro para ver esse desenho que deve estar lindo.

— Tio Adriel está aí, mamãe?

— Não, meu amor, ele já está me esperando no carro.

— Poxa… mas também posso mostrar meu desenho para ele quando vocês chegarem, não é? — pergunta eufórico. — Ele vai gostar porque disse que a senhora é muito bonita também! — Sinto meu rosto corar e ouço Jucélia e Dona Elô rindo no fundo da ligação.

— Está bem, filho, você nos mostra seu desenho.

— Tá bom, mãe, te amo, beijo! — Se despede, passando o telefone para Dona Elô.

— Bárbara, pode ir tranquila. — E então solta uma risadinha. — Posso dizer que sempre achei que Adriel tinha bom gosto.

— Dona Elô! — Exclamo com as bochechas ardendo de vergonha. — É só um almoço, e ele está me esperando, preciso ir, beijos!

Dentro do carro, conversamos sobre situações da vida, conto um pouco sobre minha história e a de Miguel e como seu avô e Dona Elô nos ajudaram. Quando chegamos ao restaurante, ainda estamos falando sobre

isso.

— Sou grata a Deus pela família que me acolheu e acreditou em mim — digo com os olhos marejados. — Raramente existem pessoas que abrem a porta da sua casa para ajudar aos que necessitam. Quando cheguei, eu me sentia sozinha e, em cada atitude que Seu Alberto e Dona Elô tinham comigo, eu me sentia cuidada e amada. Agora, conhecendo Jesus, reconheço que, mesmo que pareça que estamos sozinhos, nunca estamos só. Porque Deus sempre cuidará de nós nos mínimos detalhes. Ele sempre coloca as pessoas certas para nos ajudar. Hoje, meu filho tem um lar cheio de muito amor e da presença de Deus.

— Como diz em Isaías 49:15, Deus jamais se esquecerá dos seus escolhidos. E você é uma escolhida Dele, assim como Miguel. — Adriel sorri, e ele fica tão bonito assim que é difícil deixar de admirar.

— Dou glória a Deus por ter me colocado em seus caminhos, ou melhor, por colocar Miguel em seus caminhos e ele ter se esforçado em me fazer viver com Jesus.

— Falando no Miguelzinho — diz, dando uma pausa para receber nossos pratos que chegaram à mesa. — Gostaria de examiná-lo, se você me der essa liberdade, é claro. Ontem à noite, notei umas manchinhas roxas em seus braços.

— Pode examiná-lo, com certeza. Miguel faz tratamento para a anemia que tem, então mudamos nossos hábitos alimentares e ele faz uso de suplementação de ferro e vitaminas que a pediatra receitou.

— Ele já estava apresentando essas manchas antes de levá-lo à pediatra? — pergunta desconfiado.

— Sim, na verdade, ele sempre teve todos os seus exames em dia — digo, reflexiva. — Porém, essas manchas começaram a surgir e Miguel não é de cair muito. Por isso, voltamos à pediatra e ela pediu mais alguns exames que mostraram algumas alterações. Começamos o tratamento devido à anemia que constou.

— Entendo — diz seriamente, mas logo abre seu lindo sorriso. — Mas irei examiná-lo.

— Já fico grata pelo cuidado! — Sorrio  timidamente e abaixo o olhar.

— Agora, saindo daqui, gostaria de lhe mostrar um lugar muito especial. É aqui perto! — diz, tomando minha atenção novamente. Apenas concordo com a cabeça.



Finalizando nosso almoço, Adriel faz questão de pagar a conta e seguimos para o lugar especial que ele havia comentado ao som de “Até Sozim” de Marcos Telles.

Íamos cantando alto e nos divertindo, sem nos importar com quem estivesse ouvindo. Eu amava aquela música, e meu coração acelerou mais uma vez ao perceber que tínhamos gostos semelhantes. Pode parecer bobo, mas desde que comecei minha caminhada com Cristo, aprendi a viver intensamente com Ele, aproveitando as oportunidades que Ele me deu para ser feliz. Seja em um passeio, em um momento ou com as pessoas ao meu redor. Entendi que os planos de Deus são de bem, um futuro de paz, e por isso passei a confiar meus dias a Ele.

Sei que tudo o que acontece em nossas vidas tem a permissão de Deus. E desde o primeiro acelerar do meu coração ao ver Adriel, apresentei em oração cada sentimento que surgiu dentro de mim. Foi uma conexão rápida, mas eu não queria ser precipitada; só queria viver os planos de Deus. Apesar de amar a companhia de Adriel, continuava esperando uma confirmação da parte de Deus.

Ao estacionar, vejo que estamos em um lugar que não é especial só para ele, e um sorriso surge em meus lábios instantaneamente.



**Adriel – Março de 2012**

Admirar Bárbara não é difícil. Seu jeito quieto, porém sempre focado, revela uma personalidade moldada por Deus. É  lindo ver seu sorriso tímido em cada letra da música que cantamos juntos, quando ela cantarolava baixinho cada trecho. Ela encantava por ser quem era, por ser única.

Decidi levar Bárbara a um lugar que sempre foi meu refúgio, o Parque Vale da Luz e, chegando lá, notei que seus olhos brilhavam e surgiu um sorriso em seu rosto.

— Já conhece o Parque Vale da Luz? — pergunto curioso.

— Sim. — Me olha com um sorriso que parece um raio de sol. —

Acho que ele não é especial só para você!

— Então, acho que acertei ao lhe trazer aqui.

Descemos do carro e caminhamos lado a lado sem dizer uma palavra, ambos se sentiam à vontade para aproveitar a paz daquele lugar.

— Gosto de vir aqui para pensar e conversar com Deus — digo, quebrando o silêncio enquanto observo Bárbara caminhar ainda com um sorriso.

— Faz muito tempo que não venho aqui.

— Eu também. Vamos sentar um pouco? — Olho ao redor, procurando um lugar para descansar.

— Sim, acho que pode ser ali, embaixo daquela árvore. Que tal? — Aponta e olha fixamente para o local.

— Ótimo!

Ao sentarmos, noto que Bárbara admira o local, refletindo ou relembrando de algo. Então prefiro deixá-la com suas lembranças.

— É muito estranho retornar para esse local depois de tanto tempo e de ter mudado tanta coisa em minha vida — diz sorrindo, com os olhos marejados.

— Você esteve aqui antes de ter o Miguel?

— Sim… na verdade, Miguel já estava comigo. — Ela dá um sorriso de lado. — Eu tinha descoberto a gravidez, minha avó tinha falecido… aqui foi meu refúgio para tudo que estava acontecendo.

— Posso perguntar sobre o pai do Miguel? — Aquela era uma curiosidade que eu carregava desde que cheguei.

— Desde que contei que estava grávida, ele sumiu. Era um namorado do tempo do colégio… — diz relembrando. — Deve morar em outro estado, era o sonho dele. Eu nunca mais tive notícias.

— Deus e suas reviravoltas. Hoje, você é uma mulher forte e sábia — respondo, admirando-a mais ainda.

— Sim. Deus nunca deixou de cuidar de mim. E, mesmo que eu tenha duvidado de sua existência em algum momento, hoje sei o quanto Ele é real e vive em minha vida. Aquele dia eu me sentia tão sozinha, mas Ele sempre esteve perto, e sempre tentava me dizer que nunca estaria só. Naquele dia mesmo, Ele tentou me dizer de diversas formas. — Faz uma pausa, abaixa a cabeça e enxuga as lágrimas. — Debaixo do mesmo céu, nunca estaremos sozinhos!

A última frase faz meu coração acelerar. Começo a recordar da minha

última vinda ao parque antes da viagem e do bilhete que escrevi. Observo Bárbara sem acreditar. Então, começo a juntar as informações de que, há exatamente 4 anos, estávamos no mesmo lugar. Mas qual a possibilidade de ser ela?

— Vou ao carro buscar algo e já volto — digo, chamando sua atenção e ela faz um breve aceno com a cabeça.

Sem acreditar no que estava acontecendo, corro no carro e pego meu fiel escudeiro, meu violão. Voltando ao local, eu a observo de longe e me pergunto: qual a probabilidade de um louvor e um simples bilhete mudarem uma vida? Nenhuma, mas, quando eles são enviados na direção de Deus, mudam toda uma história. Todo lugar é um campo missionário. Até um simples dia no parque pode salvar uma vida se você se deixar ser instrumento de Deus.

Me abaixei devagar e, sentado, comecei a dedilhar o violão, iniciando o louvor que cantei há 4 anos nesse mesmo lugar.



**Bárbara – Março de 2012**

Quando ouvi Adriel dedilhando o violão, meu intuito inicial era admirá-lo e curtir o momento. Mas, ao ouvir a letra da música que ele começou a cantar, não foi difícil reconhecer a voz. Era ele, o bilhete era dele.

Entre lágrimas e outras mil emoções que me atingiam naquele momento, eu o olhei, perplexa.

Quando ele finaliza a música, impulsivamente o envolvo em um abraço apertado, sem acreditar na resposta que eu estava recebendo e na surpresa de Deus, que mais uma vez atingia minha vida. Aquele abraço era um gesto de eterna gratidão.

Quando somos guiados pelo Espírito Santo, vivemos na estrada da fé. Nós não vemos, mas continuamos, por acreditar Nele. Podemos dizer que fui empurrada por Deus para viver tudo que vivi hoje. Mas isso só é a prova do grande amor que Ele tem pelos seus filhos.




*O verdadeiro amor*

**2 anos depois - Tempo atuais**

Entender que Deus está nos momentos bons e ruins não é fácil, mas, como diz em Mateus 11:29-30 “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”

Todos os dias entrego as páginas em branco da minha história para Deus escrever cada trechinho. Saber que Ele está no controle de tudo me acalma, pois ser cristão não quer dizer que só teremos momentos bons, também teremos momentos ruins, mas, com Ele ao nosso lado, e depositando tudo em oração, o fardo se torna leve.

Estamos no Parque Vale da Luz comemorando as Bodas de Trigo. Depois que voltamos de uma viagem em missão, resolvemos comemorar no local que uniu nós três: Deus, Adriel e eu.

Logo que descobri que Adriel era o dono do bilhete, também descobri que ele era o dono do meu coração. Oramos juntos e fizemos propósitos antes de qualquer decisão, porém, no fundo, já sabíamos que Deus tinha nos abençoado.

A felicidade foi grande quando todos receberam a notícia de nossa união. E Miguel foi quem orou com muita alegria, agradecendo a Deus pelo nosso noivado.

Adriel arquitetou o pedido de casamento juntamente com seus cúmplices Miguel, Dona Elô e Seu Alberto. Em um belo dia de aula na instituição, meus alunos disseram ter uma apresentação para mim na área do parquinho. E, chegando lá, me deparei com Adriel e seu violão cantando “Dois corações” de Paulo César Baruk enquanto cada um dos meus alunos seguravam uma rosa-vermelha e Miguel um bilhete.

Naquele papel, estava escrito: "Deus sabia que um bilhete de um estranho mudaria sua vida. Que tal aceitar mais um bilhete? Dessa vez, de um

eterno apaixonado que quer te fazer feliz para o resto da sua vida. Quer casar comigo?"

Não aguentando a emoção e com os olhos marejados, praticamente gritei o “Eu aceito”. Cada bilhete que trocamos era o início de um novo capítulo que estava por vir.

Nosso casamento foi realizado quatro meses depois, no lugar onde Deus mudou minha vida. Cheio de paz, o Parque Vale da Luz se transformou em um jardim encantado. A decoração era um sonho de conto de fadas, com os cantos dos pássaros e a grama verde que servia de tapete para os convidados.

Como eu disse, a vida cristã tem seus altos e baixos, mas em todos esses momentos sempre terá Jesus. Agora sentados em uma roda, cantamos a música favorita de Miguel enquanto as lágrimas surgem em meu rosto.

*Quem poderia imaginar*
*Que o menino ia ajudar*
*Alimentar a multidão*
*É assim que Deus faz*
*Usa quem Ele quer*
*Menino, homem ou mulher*

Logo as recordações da voz de Miguel há um ano atrás surgem em minha memória.



*— Mamãe não chora, vai ficar tudo bem — disse ao acordar e me ver na beira da cama do hospital.*

*— Sim, meu amor, você vai melhorar logo — respondo, enxugando as lágrimas ao perceber que Miguel acordou.*

*— Agora, mamãe, a senhora vai descansar e nunca mais vai achar que está sozinha. — Ele toca em minhas mãos, as acariciando. — Hoje a senhora tem Jesus. — Deu uma pausa ao me ver sorrir e chorar ao mesmo tempo. — E o Tio Adriel também.*

*— Também tenho você, meu príncipe. — Ele sorri. — Te amo, meu amor, vou sempre contar a todos que você foi enviado por Deus para não me fazer desistir.*

*— Também te amo, mamãe. — Ele diz com um sorriso, ajeitando sua touca de sapinho verde que escondia a perda de cabelo. — A senhora lembra do desenho que fiz quando o Tio Adriel chegou?*

*— Lembro, filho, claro que lembro.Você desenhou a mamãe, o avô Alberto, Dona Elô e o seu tio Adriel de mãos dadas, não foi?*

*Ele confirma com a cabeça e pega o desenho debaixo do travesseiro.*

*— A senhora me deu para desenhar eu… — me entrega novamente o papel. — Mas não abra agora, só mais tarde quando tiver em casa. Promete? — Confirmo com a cabeça.*

*Quando chego em casa, ainda preocupada com Miguel, que tinha ficado com Dona Elô no hospital, abro o papel e vejo novamente o mesmo desenho, porém com mais dois bonecos novos no cantinho de cima do papel com os nomes Miguel e Jesus. Meus olhos se enchem de lágrimas no mesmo segundo.*

*Naquela noite, nosso missionáriozinho partiu, descobrimos que a anemia de Miguel era sintoma de leucemia. E, depois de muito lutarmos em tratamento, nosso guerreiro teve que voltar para casa.*



Quando engravidei de Miguel, me perguntei várias vezes por que isso aconteceu comigo. Mas, hoje, sei que Deus tem um propósito para cada situação que permite acontecer em nossa vida. Miguel foi o missionário que veio cumprir seu chamado e, ao finalizar, teve que voltar ao seu lar com o Pai.

Hoje, eu sigo fielmente o Jesus que Miguel me apresentou e, se possível, dou a volta ao mundo apresentando Ele a todos que, assim como eu, precisam perceber que, debaixo do mesmo céu, ninguém nunca está sozinho.

Após entender que Miguel precisava ir por ter finalizado sua missão, eu agradeci a Deus. Ele me deu, Ele levou, e o nome Dele sempre será bendito.

Hoje, nessa roda, comemorando mais um aniversário de casamento, aguardo também a chegada da minha Hadassa. Daqui a 8 meses vou poder contar a ela os milagres que sua mãe viveu e suas aventuras missionárias, começando pela missão de ser mãe, até porque a família é o primeiro e maior ministério que Deus nos dá.

Adriel finaliza a música, se aproxima, me abraça e, com um beijo gentil em meus lábios, diz:

— O autor da nossa história continua escrevendo nosso final feliz!



# Nota da Autora

## *Missionariozinho*



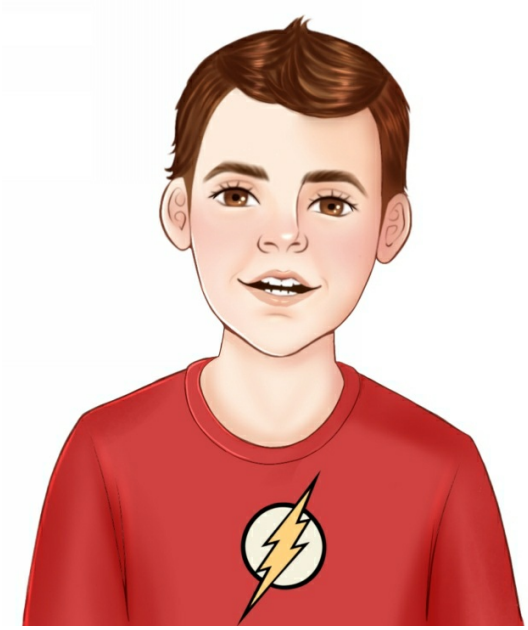
Eu sei que você deve estar se perguntando porque essa autora foi tão malvada ao ponto de dar esse fim ao Miguelzinho.

Miguel foi inspirado no meu irmão por parte de pai, José, mais conhecido como Zequinha, que foi diagnosticado com Osteossarcoma (câncer que se inicia nos ossos) aos 2 anos.

Ele faleceu em 2018 com 5 anos, mas me ensinou que todos viemos com um propósito, com uma missão nessa terra. Então, eu não poderia deixar de passar a real mensagem do nosso pequeno missionáriozinho.

Zequinha veio ao mundo, cantou 5 pães e 2 peixinhos e amava comer tomate. Passou por todo o processo da sua missão e, ao finalizá-la, se despediu e se foi, porque precisava voltar para o seu verdadeiro lar.

Todos somos missionários e temos um propósito, então, cumpra-o. Não importa como você vai embora desta terra, o importante é cumprir sua missão. E, acredite, Zequinha cumpriu a sua missão com excelência.



“Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade,”

Ef 1:4-5

# Agradecimentos

Hello Hello meus caros leitores, fico feliz em estar compartilhando a vida da Bárbara, do Adriel e do pequeno Miguel com vocês.

Não tenho como deixar de agradecer ao meu melhor Amigo, melhor Pai e melhor Professor, meu Deus. Que toda honra e toda glória sejam dadas somente a Ele, pois só nós dois sabemos o processo de escrita dessa história e cada vitória em meio às guerras e aflições. Se não fosse Ele, não teria conto e não existiria Larissa. Então, tem tudo a ver com Ele e tudo é para Ele.

Agradeço à minha mãe que, em todos os planos vindos do céu, ela é a minha maior intercessora.

Também não posso deixar de agradecer às amizades que Deus me presenteou, que me incentivaram e que se tornaram minhas betas, Sabrina Martins, Mayara Valesca e Silvânia Melo. Também sou grata à minha mentora de escrita, Luana Alves, que foi um canal de benção no início desse processo e à nossa querida revisora, Natália Maia, que é uma profissional maravilhosa.

E por último, mas não menos importante, a Letícia Araújo, Mayara Silva e Debora Silva, que abraçaram comigo essa ideia e depois me incentivaram a não desistir no meio do caminho. Foi difícil para todas, mas sei que esse desafio foi uma virada de chave para cada uma, mostrar que o que Deus tem planejado para cada uma é muito maior do que imaginamos.

E eu não poderia me esquecer de vocês, meu povo lindo, que estão finalizando essa leitura. Espero que Deus tenha falado grandemente com você através dessa história.

Larissa Eufrázia

---

[1] Provérbios 31:10: *"Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias."*

[2] "Appa" é uma palavra coreana que significa "pai" ou "papai".

[3] “Omma” é uma palavra coreana que significa “mãe” ou “mamãe”

*[4]* Trecho do louvor “O Lugar”, do Pr. Lucas.

[5] Chingus significa amigos em coreano.

[6] *Oppa* é um termo coreano usado por mulheres para se referirem a homens mais velhos que têm uma relação próxima ou de respeito, como um irmão mais velho ou um namorado. Pode expressar afeto, respeito ou familiaridade, dependendo do contexto.

[7] Ió (Eeyore): Personagem da série *Winnie the Pooh*, (Ursinho Pooh), criada por A. A. Milne

[8] Personagem de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, conhecida por arranjar casamentos para suas filhas.

[9] Colorado State University (Universidade Estadual do Colorado)

**[10]** Referência a série “Gossip Girl” (Garota do Blog, em português).

[11] Menção à Paulo, um dos apóstolos de Jesus.

[12] Fish, palavra americana que, quando traduzida, significa peixe.

[13] Referência a Daniel, um profeta bíblico conhecido por sua fidelidade a Deus, interpretação de sonhos e sobrevivência na cova dos leões (Livro de Daniel).

# Sobre o autor

## Mayara Silva



Mayara Silva é uma jovem cristã, residente no interior do Pará. Sua fé é o alicerce de sua vida, guiando suas decisões e ações.

É uma leitora voraz de romance cristão, encontrando inspiração nas histórias de amor, fé e esperança. Seu gosto por dramas coreanos reflete sua admiração pela cultura asiática.

Ama produzir conteúdo sobre livros, compartilhando resenhas e reflexões em suas redes sociais.

@mayescreveu

# Sobre o autor

## Débora Silper



Débora Silper é uma jovem cristã nascida e criada no interior do Pará, sonha em levar Jesus através das entrelinhas para os necessitados do amor do Pai.

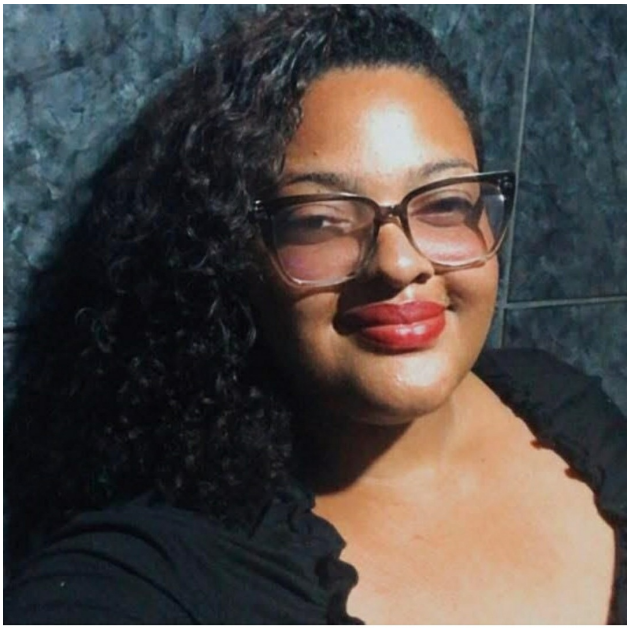
Conheceu a ficção cristã em dezembro de 2023 e desde então se apaixonou pelo universo literário, leitora assídua que é apaixonada pelo Escritor de sua vida.

Débora ouviu o chamado do Senhor em uma pequena igreja em 2019 e hoje em dia usa de sua juventude para servir a Cristo de todo seu corpo, alma e espírito.

@_deborasilper

# Sobre o autor

## Letícia Araújo



Letícia Araújo nem sempre escreveu especificamente ficção cristã, mas se encontrou na escrita muito antes de começar. Uma leitora assídua que ama contar histórias e é apaixonada por quase tudo que envolve arte.

Letícia mora no Rio de Janeiro com o seu marido, seu único filho, e serve em sua igreja, levando o amor, as palavras e exerce a pregação de sua fé.

@autoraleticiaaraujo

# Sobre o autor

## Larissa Eufrázia



Larissa Eufrázia, tem 28 anos, formada em gestão financeira, uma manauara que atualmente reside em Goiânia. Pentecostal até o tucupí que além da leitura ama louvar ao seu Mestre.

Larissa sempre foi apaixonada pelo mundo literário e conheceu a ficção cristã em 2020.
Carrega como missão levar Jesus em tudo que fizer e coloca seu coração em cada obra que Deus puser em suas mãos.

Comunicativa e sempre cheia de ideias atualmente divulga Jesus nas entrelinhas dos livros no Instagram.

@hobbydalarii

# Livros deste autor

## Entre Escudos E Rosas Vermelhas - Letícia Araújo

Aos dezenove anos, Cecília vive uma vida um tanto quanto tranquila. Como filha única de um casal de pastores, ela ama fazer atividades e projetos em sua igreja, é estudiosa e muito focada em seus objetivos. Sua vida poderia até ser considerada perfeita… quer dizer, pelo menos na maioria das vezes.
Seu único problema tinha um nome, sobrenome e pares de olhos insuperavelmente verdes como Esmeraldas. Victor sempre fez questão de deixar claro que seu maior prazer era irritá-la e, em meio a toda calmaria da vida de Cecília, ele era o único capaz de tirá-la de seu mundo sereno.
E agora, bem na época do Retiro Espiritual anual de sua igreja, Victor parece prestar fielmente o seu papel de criador do caos. Ele confessa ter algo a revelar caso ela decida ir dessa vez, o que mexe não só com a curiosidade da garota, mas também com seu coração, que parece não esquecer algumas relações mal acabadas.
Em meio a revelações, dúvidas e conflitos, Cecília estaria disposta a abaixar seus escudos e ouvir o que o menino tem a dizer, ou será que, mais uma vez, ele será mantido afastado pelas muralhas que cercam o coração da garota?